



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FERNANDA CEQUALINI FROZONI

**RETRATOS DO CRESCIMENTO URBANO:  
FOTOGRAFIAS DE OSWALDO LEITE E A REGIÃO CENTRAL  
DE LONDRINA (PR) NA DÉCADA DE 1950**

FERNANDA CEQUALINI FROZONI.

**RETRATOS DO CRESCIMENTO URBANO:  
FOTOGRAFIAS DE OSWALDO LEITE E A REGIÃO CENTRAL  
DE LONDRINA (PR) NA DÉCADA DE 1950**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social.

Orientadora: Professora Doutora Zueleide Casagrande de Paula.

Londrina  
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

F943r Frozoni, Fernanda Cequalini.

Retratos do crescimento urbano: fotografias de Oswaldo Leite e a região central de Londrina (PR) na década de 1950 / Fernanda Cequalini Frozoni. – Londrina, 2015. 193 f.: il.

Orientador: Zueleide Casagrande de Paula.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Leite, Oswaldo, 1921 – Teses. 2. Fotografia – Teses. 3. Crescimento urbano – Londrina (PR) – Anos 1950 – Teses. 4. Desenvolvimento social – Londrina (PR) – Anos 1950 – Teses. I. Paula, Zueleide Casagrande de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 981.622:77

FERNANDA CEQUALINI FROZONI

**RETRATOS DO CRESCIMENTO URBANO:  
FOTOGRAFIAS DE OSWALDO LEITE E A REGIÃO CENTRAL DE  
LONDRINA (PR) NA DÉCADA DE 1950**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Zueleide Casagrande Paula  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tania Regina de Luca  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

---

Prof. Dr. Rogério Ivano  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Moura Lima de Aragão  
Universidade de São Paulo - USP

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Eliane Parreiras Marques  
Martinez  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 05 de maio de 2015.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos funcionários e estagiários do Museu Histórico de Londrina, do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (CDPH-UEL) e da Prefeitura Municipal de Londrina por toda a ajuda prestada, por meio da cessão de importantes informações e documentos aqui utilizados.

Também agradeço aos professores doutores Rogério Ivano, Sonia Maria Sperandio Lopes Adum e Celia Regina da Silveira, por terem participado do processo de qualificação, dando orientações e dicas muito valiosas para o andamento desta pesquisa.

À fundação CAPES, instituição financiadora deste trabalho. Ao jornalista Lucas Martins, agradeço à discussão técnica sobre as imagens aqui trabalhadas. E também a Otacílio Leite, por ter aberto as portas de sua casa e compartilhado comigo algumas memórias sobre seu pai, fundamentais para esta pesquisa.

A Henrique, Maria Cláudia, José Luiz, Raquel e José Luiz Filho, agradeço por todo o apoio que me deram durante toda esta caminhada. E, por fim, agradeço à minha orientadora, professora doutora Zueleide Casagrande de Paula, por toda a orientação desde o meu Trabalho de Conclusão de Curso, em 2008; pelos conselhos e por todos os “puxões de orelha”; e pela ajuda em diversos momentos ao longo destes anos. Só posso agradecer a você!

FROZONI, Fernanda Cequalini. *Retratos do crescimento urbano: Fotografias de Oswaldo Leite e a região central de Londrina (PR) na década de 1950*. 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto e fonte o acervo do fotógrafo Oswaldo Leite, referente ao processo de transformação urbana na década de 1950, e que se encontra sob a guarda do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. Oswaldo Leite nasceu em Itu (S.P) em 1921, e veio para Londrina (P.R) na década de 1940. Pouco tempo depois de sua chegada, foi contratado pela Prefeitura Municipal, para trabalhar na Secretaria de Obras, onde permaneceu até se aposentar definitivamente. O objetivo na pesquisa é problematizar e produzir uma interpretação histórica acerca das transformações urbanas ocorridas na década de 1950, na região central da cidade de Londrina, a partir das fotografias selecionadas no referido acervo, concernentes a Saneamento e Logradouros. Visa-se apontar como estas mesmas fotografias proporcionam uma problematização sobre a história londrinense, e, sobretudo, oferecem uma compreensão acerca de como o fotógrafo registrou o crescimento desta região da cidade, naquele momento. Além do trabalho de pesquisa com as fontes, foi necessário um levantamento das obras produzidas a respeito da história local, assim como a sistematização de leituras sobre História do Brasil e dos referenciais histórico-metodológicos.

**Palavras chave:** Oswaldo Leite. Fotografia. Progresso. Crescimento urbano.

FROZONI, Fernanda Cequalini. *Pictures of the urban growth: Oswaldo Leite photographs and the central area of Londrina (PR) in 1950 decade*. 2015. 193 p. Dissertation (Master's in Social History) – State University of Londrina.

### **ABSTRACT**

This work has as object and source the collection of the photographer Oswaldo Leite, relative to the urban transformation process in 1950 decade, and which is under the custody of the Historical Museum of Londrina Padre Carlos Weiss. Oswaldo Leite was born at Itu (S.P) in 1921, and came to Londrina (P.R) in 1940 decade. A few months later, he was hired by the town hall, to work in the office works, where he stayed until his final retire. The intention in this research is discuss and produce a historical interpretation about the urban changes occurred in 1950 decade at the central area of Londrina, from the selected photographs in the referred collection, concerning to Sanitation and Public Places. The aim is to point out how these photographs afford a discuss about the history of Londrina, and above all, offered an understanding about how this photographer registered the growth of the central area, in the selected decade. In addition to the the research work with the sources, a survey of the works produced about the local history, as well as the systematization of readings about Brasil's history and the historical and methodological references was necessary.

**Key words:** Oswaldo Leite. Photograph. Progress. Urban growth.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Capítulo 1</b>		
<b>Imagem 1 -</b>	Praça Rocha Pombo.....	43
<b>Capítulo 2</b>		
<b>Imagem 2 -</b>	Vista parcial da Praça 1º de Maio.....	54
<b>Imagem 3 -</b>	Praça 15 de Novembro. ....	55
<b>Imagem 4 -</b>	Recepção a Milton Ribeiro Meneses.....	64
<b>Capítulo 3</b>		
<b>Imagem 5 -</b>	Mapa da região central da cidade de Londrina na década de 1950. ....	74
<b>Imagem 6 -</b>	Planta da cidade de Londrina .....	75
<b>Imagem 7 -</b>	Recorte da planta da cidade de Londrina, com enfoque na região central .....	76
<b>Imagem 8 -</b>	Mapa atual da região central londrinense.....	78
<b>Imagem 9 -</b>	Construção de obras de saneamento na Rua Acre, entre as ruas Quintino -Bocaiúva e Ceará. ....	78
<b>Imagem 10 -</b>	Trecho da Rua Paranaguá, entre as ruas Sergipe e Jataí.....	81
<b>Imagem 11 -</b>	Propaganda constante na planta da cidade de Londrina. ....	86
<b>Imagem 12 -</b>	Tanque flexível- cruzamento da Avenida Higienópolis. ....	89
<b>Imagem 13 -</b>	Tanque flexível- cruzamento da Avenida Higienópolis. ....	90
<b>Imagem 14 -</b>	Construção de Estação de Tratamento. ....	97
<b>Imagem 15 -</b>	Serviço de saneamento- Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina.....	100
<b>Imagem 16 -</b>	Ampliação da Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina.....	102
<b>Imagem 17 -</b>	Ampliação da Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina. ....	105
<b>Imagem 18 -</b>	Reservatório de Água da Avenida Higienópolis. ....	107
<b>Imagem 19 -</b>	Reservatório de Água da Avenida Higienópolis. ....	109
<b>Imagem 20 -</b>	Reservatório de Água da Avenida Higienópolis. ....	112
<b>Imagem 21 -</b>	Reservatório de Água e torre, obra paralisada.....	114
<b>Capítulo 4</b>		
<b>Imagem 22 -</b>	Prolongamento da Avenida Higienópolis.....	123
<b>Imagem 23 -</b>	Pavimentação da Avenida Paraná. ....	127
<b>Imagem 24 -</b>	Pavimentação da Avenida Paraná. ....	131
<b>Imagem 25 -</b>	Pavimentação da Avenida Paraná. ....	134
<b>Imagem 26 -</b>	Reconstrução do calçamento em frente à Prefeitura. ....	136
<b>Imagem 27 -</b>	Rua Sergipe, em preparo para asfaltamento. ....	139
<b>Imagem 28 -</b>	Asfaltamento na Rua Sergipe. ....	142
<b>Imagem 29 -</b>	Pavimentação asfáltica da Rua Sergipe.....	144
<b>Imagem 30 -</b>	Reforma do calçamento da Rua Benjamin Constant. ....	147
<b>Imagem 31 -</b>	Serviço de reconstrução de calçamento. Rua Benjamin Constant.....	150
<b>Imagem 32 -</b>	Construção do asfaltamento da Rua Mossoró. ....	152
<b>Imagem 33 -</b>	Rua Alagoas. Serviço de galeria.....	155
<b>Imagem 34 -</b>	Rua Santos antes do seu asfaltamento. ....	157
<b>Imagem 35 -</b>	Calçamento com paralelepípedo na Rua Belo Horizonte.....	161
<b>Imagem 36 -</b>	Rua Duque de Caxias antes do asfaltamento.....	164
<b>Imagem 37 -</b>	Construção da fonte luminosa da Praça Rocha Pombo .....	168
<b>Imagem 38 -</b>	Fase de construção da fonte luminosa da Praça Rocha Pombo/ Construção da fonte luminosa e passeio da Praça Rocha Pombo.....	171
<b>Imagem 39-</b>	Serviços preliminares para asfaltamento, Praça Marechal Floriano Peixoto.....	176

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	.....	6
<b>Capítulo 1</b>	OSWALDO LEITE: UM FOTÓGRAFO AUTODIDATA.....	13
<b>Capítulo 2</b>	CIDADE DE LONDRINA: O CRESCIMENTO URBANO NA DÉCADA DE 1950.....	45
<b>Capítulo 3</b>	O CRESCIMENTO URBANO CAPTADO PELA LENTE DE OSWALDO LEITE: SANEAMENTO .....	69
<b>1</b>	<b>Obras de Saneamento retratadas por Oswaldo Leite</b> .....	78
<b>Capítulo 4</b>	O crescimento urbano captado pela lente de Oswaldo Leite: Logradouros .....	121
<b>Considerações Finais</b>	.....	181
<b>Referências</b>	.....	185

# *Introdução*

Neste trabalho, pretende-se abordar o acervo fotográfico de Oswaldo Leite, referente à década de 1950, sob a ótica da interpretação de imagens urbanas produzidas sobre a cidade de Londrina por esse autodidata da fotografia<sup>1</sup>. A proposta aqui é analisar parte do referido acervo, que, apesar de ser muito utilizado em diversas pesquisas - como trabalhos de conclusão de curso e monografias de diversas áreas, que vão da arquitetura ao jornalismo -, ainda não conta com um estudo específico na área de História<sup>2</sup>.

Quanto ao período de análise, a década de 1950 foi escolhida por o acervo fotográfico de Oswaldo Leite trazer uma interpretação histórica sobre a época, de significativa importância para a história local.

Naquele período, a cidade de Londrina passava por diversas transformações em sua paisagem, perceptíveis por meio das constantes reformas e construções feitas, sobretudo, na região central. Isso ocorreu, em boa parte, devido ao crescimento econômico na região norte paranaense como um todo, impulsionado grandemente pelo cultivo de café. Tal crescimento atraiu muitos migrantes e imigrantes para a região, em busca de melhores condições de vida.

Com a chegada de um número considerável de novos habitantes, a cidade expandiu-se de maneira rápida e desordenada, gerando diversos problemas e agravando outros na estrutura urbana. Tal excedente populacional levará a urbe às transformações ocorridas naquela década. De sertão, como era conhecida no início de sua fundação nos anos 1930, Londrina vai, aos poucos, se constituindo como cidade, de fato, com todas as implicações que isso representa.

Foi justamente essa transformação que Oswaldo Leite captou em suas fotografias, ao registrar as obras que marcaram a paisagem da cidade, especificamente obras de infraestrutura urbana, como calçamento e saneamento.

Valer lembrar que, como afirma o historiador Peter Burke, em uma fotografia ou pintura é possível enxergar a “visão de mundo” do fotógrafo ou do artista, seus preconceitos, suas expectativas, sua estética, sua ideologia, enfim, autor e obra estão ligados. Da mesma maneira, o que as imagens oferecem de testemunho pode complementar um documento

---

<sup>1</sup> Oswaldo Leite não frequentou escola de fotografia. Seu domínio sobre a lente e a produção de imagens foi adquirido com o tempo, em exercício. Por isso a referência a ele como “autodidata”.

<sup>2</sup> Exemplos dessas pesquisas são: FROZONI, Fernanda C. *Bosque Marechal Cândido Rondon (1950-1970): Referência e Patrimônio londrinense?* 2010. Monografia (especialização em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina; BONI, Paulo César e SILVA, Sara Hermógenes. *Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60*. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2009. *Anais...* Fortaleza: 2009; UNFRIED, Rosana Reineri. *Muito Leite seria derramado: a história da recuperação de um dos mais importantes acervos fotográficos de Londrina*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

escrito, pois as imagens “oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam” (BURKE, 2004, p.233).

Portanto, uma fotografia pode documentar a maneira como o fotógrafo encara o mundo, mostrar suas ideologias e até seu estado de espírito, além de auxiliar no conhecimento do passado. Assim sendo, tais documentos não são algo neutro e, sim, o resultado de uma interpretação de quem os fez. Eles representam uma maneira de expressar, informar e comunicar uma realidade, a partir da visão de mundo do fotógrafo.

Nesse sentido, o historiador Marc Bloch (2001) contribui ao apontar quão vasto pode ser o leque de objetos passível de análise pelos historiadores. Uma imagem (seja ela pintura, gravura ou fotografia) é um objeto passível de análise, por falar muito sobre uma época, sobre uma sociedade.

O pensamento em questão nasce com a escola dos Annales, fundada justamente por Marc Bloch e Lucien Febvre. Sob a ótica de Bloch, portanto, o ofício de historiador não é algo simples. Muitas vezes ele envolve sentimentos e sutilezas. Além disso, há várias dificuldades para se analisar documentos históricos, que orientam e dão base ao trabalho do historiador. Afinal, como o conhecimento do passado só chega até o tempo presente em fragmentos, ele não pode ser algo pronto e acabado. É preciso estudar e interpretar os documentos a partir do momento em que foram produzidos. Com fotografias o processo não é diferente. Não se deve interpretá-las como simples imagens ou meras ilustrações. Elas devem ser tratadas como fontes, e analisadas a partir desse entendimento.

Assim, por meio desta pesquisa, além de apresentar parte do acervo de Leite, almejou-se produzir uma interpretação histórica a respeito da cidade de Londrina na década de 1950, a partir da lente desse fotógrafo e do diálogo estabelecido com historiadores e estudiosos de outras áreas, para entendê-la e interpretá-la.

De acordo com o comunicador social Paulo Boni (2014), Londrina possui um acervo fotográfico considerável, documentando toda sua história. Um dos motivos que propiciaram a formação de tal acervo foi a necessidade da então Companhia de Terras Norte do Paraná de fazer publicidade do empreendimento que implantava em Londrina. Para vender terrenos em diversas partes do país, a empresa utilizava fotografias como meio de convencer os futuros compradores em relação à fertilidade das terras e de oferecer uma garantia do investimento a ser feito no local.

Outro motivo foi que entre os diversos imigrantes recebidos em Londrina, no período de sua fundação, muitos já possuíam conhecimentos técnicos sobre fotografia, e aqui acabaram se dedicando a essa atividade, como *hobby* ou profissionalmente.

Destarte, Londrina contou com diversos fotógrafos documentadores<sup>3</sup>, que registraram o crescimento e o desenvolvimento urbano e que, a partir de suas fotografias, hoje recontam a história local e ajudam a preservar a memória da cidade.

Oswaldo Leite foi um desses documentadores. Sendo assim, a seleção das imagens que compuseram esta pesquisa se deu a partir de uma tematização, baseada no trabalho que Leite fazia após revelá-las, datando e legendando boa parte das fotografias.

O Museu Histórico de Londrina, onde as imagens encontram-se depositadas, também aproveitou a catalogação do autor e hoje, o acervo referente à década de 1950, utilizado nesta pesquisa, está dividido em 41 temas, sendo que alguns ainda apresentam subdivisões<sup>4</sup>.

Atualmente, 14.152 imagens de Oswaldo Leite já foram digitalizadas. Sua temática é, em boa parte, sobre inaugurações ou obras feitas pela cidade entre os anos de 1950 a 1979. No caso das imagens aqui utilizadas, as mesmas já haviam sido todas digitalizadas, e suas respectivas legendas transferidas a um DVD e a um programa de computador, encontrando-se disponíveis para consulta.

Outro ponto a se ressaltar é que, antes de chegar ao Museu, parte do referido acervo estava em poder de Otacílio Leite, e parte era guardado em um galpão da Prefeitura Municipal da cidade. Ambos repassaram as imagens ao Museu e a documentação foi submetida a um processo de higienização e restauro. Entretanto, as imagens digitalizadas até o momento correspondem somente às que foram repassadas pela Prefeitura Municipal<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Exemplos destes fotógrafos são Haruo Ohara, José Juliani, e Yutaka Yasunaka, que fotografaram a cidade de Londrina em diferentes momentos, desde sua fundação na década de 1930. Seus acervos encontram-se disponíveis no Museu Histórico de Londrina, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina e, no caso de Haruo Ohara, no Instituto Moreira Salles, em São Paulo.

<sup>4</sup> Os temas do acervo da década de 1950 são: Casa da criança, Associação Func. Municipal Londrina, Bairros, Biblioteca, Calamidades Públicas (subdividido em: Acidentes, Desmoronamentos, Erosões e Inundação), Comércio Geral (subdividido em Feira e Mercado Ribeiro), Componentes Paisagísticos, Comunicação, Distritos (subdividido em Guaravera, Irerê, Maravilha, Paiquerê, São Luiz, Selva, Tamarana e Warta), Educação (subdividido em Desfiles e Escolas), Energia/Usina (subdividido em Torre e Usina), Espacialidade (subdividido em Vistas Aéreas e Vistas Edifícios), Eventos (subdividido em Esportivo, Sócio-esportivo e Sócio-político), Ferrovia, Filantropia, Habitações (subdividido em Casas e Favelas), Indústrias (subdividido em Grande Porte e Pequeno Porte), Informações de obras, Infraestrutura urbana, Instituição federal, Lazer, Logradouros (subdividido em Alamedas, Avenidas, Estradas, Praças e Ruas), Monumentos (subdividido em Altar, Concha Acústica e Obelisco), Necrópole, Obras Urbanas (subdividido em Alargamento, Canalização, Construção, Demolição, Extração de Moledo, Informação Obras e Pavimentação), Paisagem de nível, Poder público (subdividido em Patrulha Mecanizada e Prefeitura), Política, Propriedade rural, Religião, Saneamento (subdividido em Abastecimento, Barragem Ribeirão Cafezal, Bueiro, Departamento de Lixo, Esgoto, Estação de Tratamento de Água, Galerias Pluviais e Reservatório de Água), Saúde/assistência (subdividido em Centro Saúde e Hospital), Segurança, Serviço público (subdividido em Artefato de concreto, Matadouro e Pedreira), Serviço urbano, Serviços em geral, Sócio-esportivo (subdividido em Clube e Estádio), Tipos humanos, Tráfego-estação (subdividido em Aeroporto e Rodoviária), Transporte, Utilitários (subdividido em Veículos de carga e Veículo de obras), Verde urbano (subdividido em Bosque e Igapó).

<sup>5</sup> Informação cedida pela funcionária Célia Rodrigues de Oliveira, responsável pelo setor de Imagem e Som “Eugênio Brugin” do Museu Histórico de Londrina, em 11 de novembro de 2014. As imagens deste acervo ainda

Todos os negativos originais estão preservados em pastas suspensas, dentro de arquivos deslizantes, devidamente acondicionados no Museu Histórico. Portanto, o contato com o acervo só se deu por meio digital. Não foram acessadas as imagens originais, a fim de melhor preservá-las.

Neste trabalho, contudo, fez-se uma seleção, a partir daquela elaborada pelo autor e apropriada pelo Museu. Serão analisadas somente algumas imagens dos temas *Logradouros* e *Saneamento*, cujos registros mostram parte das várias obras que ocorriam pela região central da cidade durante a década de 1950.

Antes de entrar no mérito da seleção realizada para a pesquisa, cabe comentar um pouco sobre a escolha dos temas *Logradouros* e *Saneamento*. A mesma foi orientada pela possibilidade de “mapear” a transformação sofrida na região central da cidade, no decorrer da década de 1950. Outra razão foi por haver, nesse bloco de imagens, maior possibilidade de levantamento de informações, caso necessário, em outros arquivos, como o da Prefeitura Municipal, e jornais da época (sobretudo o jornal Folha de Londrina, que consta com a coleção mais completa no Centro de Documentação e Pesquisa História da Universidade Estadual de Londrina), para confrontar as informações suscitadas por cada fotografia.

Também é preciso dizer que, no âmbito das imagens destes dois temas, serão discutidas somente: as fotografias relativas à região central londrinense, na qual se concentrava um grande número de reformas e construções, sendo capaz de indicar, por isso, as transformações vividas pela cidade naquela década; as que constam com datação de pelo menos mês e ano, além de descrição dada por Leite; e as que não tenham sido publicadas. Isso porque muitas das imagens do acervo referente a 1950 são extremamente similares, dado que Oswaldo Leite tirava várias fotos do mesmo local, e sob o mesmo ângulo. Outras não possuem descrição ou legenda atribuídas por ele, ou ainda não se referem à região central da cidade; e muitas imagens de Leite também acabaram sendo publicadas no jornal Folha de Londrina.

Tais recortes foram necessários devido à grande quantidade de imagens presente no acervo de Leite. Somente a década de 1950 conta com mais de 2.400 imagens digitalizadas, e os temas *Saneamento* e *Logradouros*, os mais numerosos, somam respectivamente 338 e 571 imagens. Portanto, seria inviável sua análise na totalidade.

Tendo os recortes definidos, foi preciso estabelecer, então, o que se considerava como região central da cidade naquele período e delimitar, de acordo com o nome de ruas

---

estão sendo digitalizadas pelos funcionários do Museu, sendo que as da Prefeitura Municipal ainda passam por este processo, e as de Otacílio Leite ainda não foram trabalhadas.

constantes nessa região, as imagens produzidas por Leite. Finalmente, a partir daí, definiu-se quais imagens comporiam a seleção final e as mesmas foram separadas no acervo. O resultado constituiu-se de 30 imagens, sendo 12 de *Saneamento* e 18, de *Logradouros*, que foram trabalhadas nos dois últimos capítulos.

No total, o trabalho foi subdividido em quatro capítulos, assim distribuídos: Oswaldo Leite: um fotógrafo autodidata; Cidade de Londrina: o crescimento urbano na década de 1950; O crescimento urbano captado pela lente de Oswaldo Leite: Saneamento; e O crescimento urbano captado pela lente de Oswaldo Leite: Logradouros.

No primeiro capítulo, buscou-se apresentar quem foi Oswaldo Leite, como e por quais razões ele iniciou seu trabalho fotográfico. Também se buscou traçar um panorama da década de 1950, em nível local e nacional, a fim de compreender melhor o momento em que esse homem começou a produzir suas imagens, e em que medida a época pode tê-lo influenciado.

Já no segundo capítulo, foram abordadas as mudanças ocorridas na área urbana de Londrina, visando ter uma melhor perspectiva do que era a cidade nos anos 1950, e a forma como Leite captou essa fase de transformação em suas imagens.

Por fim, nos dois últimos capítulos, foram discutidas as imagens selecionadas dos temas *Logradouros* e *Saneamento*, seguindo o critério de utilizar imagens que constem com datação de pelo menos mês e ano, e descrição dadas por Leite; que retratem a região central de Londrina; e que não tenham sido publicadas.

O objetivo, ao interpretar tais imagens, é indicar como Leite apresentou parte das obras realizadas no espaço aqui delimitado, apontando onde e como as transformações ocorreram na região central da cidade durante os anos 1950.

No entanto, nos quatro capítulos como um todo, buscou-se mostrar o crescimento da urbe, e a ideia de progresso, muito presente naquele momento em todo o país, e inicialmente difundido em Londrina pela elite local, com auxílio do poder público, para impulsionar uma imagem urbana de destaque para a cidade.

O orientador teórico desta pesquisa pautou-se em autores como Bronislaw Baczko, Kevin Lynch, Roland Barthes, Jacques Aumont e Jean-Marie Schaeffer. Já para a orientação histórica sobre Londrina na década de 1950, os autores mais trabalhados foram: Antonio Paulo Benatti, Eliane Candotti, Ana Cleide C. Cesario, Eder Cristiano de Souza, Paulo César Boni, Jorge Cernev, entre outros.

Para a documentação, utilizou-se o recurso de interpretação do acervo fotográfico de Leite no Museu Histórico, este como fonte principal. À medida do necessário também se recorreu ao jornal Folha de Londrina da década de 1950, constante no acervo do Centro de

Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, além das fontes documentais sob a guarda do arquivo do Museu Histórico de Londrina e informações contidas nos arquivos da Prefeitura Municipal de Londrina a respeito do referido fotógrafo.

Espera-se, com este trabalho, apresentar Oswaldo Leite e parte de suas fotografias, produzidas enquanto ele trabalhava para a Prefeitura Municipal londrinense, e, a partir delas, tecer uma compreensão histórica a respeito do que era a cidade de Londrina, mais especificamente sua região central, nos anos 1950, um período de tantas mudanças e tão significativo para a história local.

# *Capítulo 1*

## OSWALDO LEITE: UM FOTÓGRAFO AUTODIDATA

O objetivo do primeiro capítulo é apresentar Oswaldo Leite. O trabalho que esse “amante das lentes” desenvolveu na Prefeitura Municipal de Londrina (PR) durante os anos 1950, sobretudo sua atividade como fotógrafo, será o mote do texto a seguir, assim como sua contribuição histórica a respeito da cidade em registros fotográficos. Para tanto, será necessário contextualizar a referente década em âmbito nacional e local, a fim de compreender melhor seu tempo, quando produziu suas imagens, e como esse tempo também marcou, ou não, sua obra memorialística, a ponto de seu acervo merecer ocupar um espaço no Museu Histórico da cidade.

Portanto, descobrir e apresentar Oswaldo Leite constitui-se o problema central aqui. Não existem trabalhos específicos sobre ele na área de História, e suas fotografias começaram a ser estudadas há pouco em pesquisas acadêmicas<sup>6</sup>. As únicas fontes disponíveis sobre Oswaldo Leite são a memória de seu filho, Otacílio Leite; os documentos de registro do seu trabalho na Prefeitura Municipal; e suas próprias fotografias, que se encontram arquivadas no Museu Histórico Padre Carlos Weiss, em Londrina.

Hoje, seu acervo encontra-se devidamente acondicionado e, em boa parte, digitalizado. As fotografias digitalizadas são todas oriundas da Prefeitura Municipal. Já as doadas por Otacílio Leite ainda não foram digitalizadas e outras, que também fazem parte do acervo familiar, não foram repassadas ao Museu até o momento<sup>7</sup>.

Segundo Unfried e Boni (2014), as imagens em posse da Prefeitura Municipal por pouco não foram incineradas. O fotógrafo Hélio Silva, sucessor de Oswaldo Leite, percebeu a importância das imagens, e entrou em contato com o Museu Histórico para intermediar a doação das fotografias. Assim, em 07 de junho de 1990 foi assinado um convênio entre Museu e Prefeitura para a transferência do acervo ao prédio do Museu. A partir de então, concedeu-se a permissão de seu uso por tempo indeterminado, cabendo ao Museu Histórico a guarda, a conservação e o livre acesso ao material.

As imagens feitas por Oswaldo Leite têm negativos sempre em preto e branco, com formato 5.5x5.5 e 5.5x8.0 cm. No verso de algumas delas constam detalhes dados pelo autor acerca das fotos, como, por exemplo, o tema e a data em que foram feitas.<sup>8</sup> Tais informações

---

<sup>6</sup>Ver nota 2 em Introdução.

<sup>7</sup>As imagens utilizadas em todo o trabalho são oriundas da doação feita pela Prefeitura Municipal. Não foi utilizada aqui nenhuma fotografia doada por Otacílio Leite.

<sup>8</sup>Informações cedidas pela funcionária Célia Rodrigues de Oliveira, responsável pelo setor de Imagem e Som “Eugênio Brugin”, do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

foram transferidas para um programa de computador, conforme iam sendo digitalizadas pelos funcionários do Museu Histórico e, hoje, podem ser consultadas sem necessidade de recorrer aos originais.

O autor de tais fotografias, hoje consideradas históricas, Oswaldo Leite, nasceu em Itu, interior de São Paulo, em 28 de setembro de 1921, filho de Manoel Leite e Luiza Leite<sup>9</sup>. Seus pais eram pessoas de posse, donos de uma fazenda. Eles vieram de Muriaé, Minas Gerais, e posteriormente se instalaram em Itu. Como Oswaldo não gostava do ofício de administrar e cuidar da fazenda, acabou se dedicando a outros serviços. Trabalhou como açougueiro e serviu o Exército por dois anos (desde os 18 anos de idade), quando ainda morava no interior paulista. No entanto, Oswaldo nunca estudou, também não frequentou escola, mas sabia ler e escrever<sup>10</sup>.

Em conformidade com os relatos do filho do fotógrafo<sup>11</sup> sua vinda para Londrina ocorre por influência da então namorada, Maria Vizzi Leite, e de seus sogros. Seu sogro era pedreiro e ouvira falar sobre o progresso<sup>12</sup> da cidade e as oportunidades de emprego. Com isso, toda a família mudou-se para Londrina, inclusive sua namorada. Sendo assim, Leite também decidiu se mudar, casando-se com Maria em 03 de dezembro de 1941, já em terras paranaenses.

Oswaldo mantinha um bom relacionamento com os pais<sup>13</sup>. Ia todos os anos visitá-los. Quando o pai morreu, acabou trazendo a mãe para viver em Londrina também. E o relacionamento com sua esposa era igualmente tranquilo. De acordo com a perspectiva de Otacílio Leite, Oswaldo “sempre foi um pai presente, apesar de ter sido bastante rígido com os filhos na infância”<sup>14</sup>.

Para João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais, a criação dos filhos no Brasil era marcada por essa rusticidade e, muitas vezes, violência. Concomitantemente, os filhos eram estimulados a trabalhar, ao invés de estudar, sobretudo no meio rural, de onde Oswaldo Leite se origina:

---

<sup>9</sup> Informações obtidas em Ficha Funcional, disponível em Caixa Arquivo n.05 (não microfilmada) e Caixa Arquivo n.123 (microfilmada), do Arquivo Público Municipal de Londrina.

<sup>10</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 27 de março de 2014.

<sup>11</sup> Idem nota 5.

<sup>12</sup> Sobre progresso, ler: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (orgs.). *Dicionário do pensamento social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996; BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de Política*. 13ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007; BIS, Humberto José. Considerações gerais acerca da ideia de progresso. In: II ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, 2009. *Anais...* Mariana: 2009; DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. *Novos estudos*, edição 77, mar. 2007.

<sup>13</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 15 de maio de 2014.

<sup>14</sup> É preciso deixar claro que os conflitos não aparecem nos depoimentos de Otacílio Leite, mas fica perceptível a exaltação de Oswaldo como sendo um bom pai e bom marido.

Os pais podiam controlar os filhos apenas com os olhos. Mas empregavam-se, também, os castigos severos, a surra de relho, de vara, de correia. [...] As poucas crianças que frequentavam a escola, mal aprendiam a ler e a escrever. Não se julgava necessário; e era preciso trabalhar logo, auxiliar os pais” (MELLO e NOVAIS, 1998, p. 576).

A partir desses autores, é possível entender que Oswaldo Leite muito provavelmente reproduziu com os filhos a severidade com a qual conviveu na infância.

Mas é importante dizer, como revela seu filho<sup>15</sup>, que Leite não possuía a mesma ambição de seu sogro, ambição, aliás, bastante comum na época: vir para Londrina, uma nova cidade em franco crescimento, na tentativa de ganhar dinheiro. Segundo Otacílio Leite, ele veio, a princípio, somente por causa de sua namorada com quem acabou se casando.

Chegando em terras paranaenses, trabalhou na sacaria de café de Soiti Taruma e, posteriormente, conseguiu um emprego como pedreiro, acompanhando seu sogro nas obras do hospital da Santa Casa<sup>16</sup>. Pouco tempo depois, foi convidado a trabalhar na Prefeitura Municipal, onde assumiu um cargo na Secretaria de Obras e Urbanismo<sup>17</sup>. Segundo sua ficha funcional, foi admitido pela Prefeitura Municipal londrinense em 1º de fevereiro de 1942 - aos 21 anos, portanto - na função de fiscal de 3ª zona<sup>18</sup>.

De acordo com Otacílio Leite, o convite teria sido feito porque Oswaldo era um bom jogador de futebol e ajudaria a compor o time da Prefeitura Municipal. Sendo assim, ele ajudava o time de futebol local e ganhava um emprego em troca. Posteriormente, esse interesse de Oswaldo Leite por futebol lhe rendeu o cargo de administrador do estádio local Vitorino Gonçalves Dias (VGD)<sup>19</sup>. Uma matéria no jornal Folha de Londrina, datada de 28 de julho 1991, quando Oswaldo Leite foi entrevistado, explica melhor como ele chegou ao cargo de administrador do estádio de futebol:

Na primeira gestão do prefeito Milton Ribeiro Meneses (51 a 55), o estádio passou para o Município. E foi nomeado como primeiro administrador o professor Vitorino Gonçalves Dias. Com a morte do professor em 1954 (motivada por raiva, contraída com a mordida de um cachorro), uma Lei Municipal mudou o nome do campo para Vitorino Gonçalves Dias. E Oswaldo Leite passou a administrar o Estádio. Hoje ele lembra alguns detalhes e mostra algumas imagens captadas pela lente de sua máquina fotográfica (28 de julho de 1991, p.16).

---

<sup>15</sup> Idem nota 5.

<sup>16</sup> De acordo com Hoffmann e Piveta (2009), esse hospital foi planejado em 1936, e sua inauguração ocorreu em 1944. Ele foi o primeiro grande hospital da região, e representou, na época, independência na área da saúde para a cidade, que chegou a sofrer com um surto de febre amarela ainda na década de 1930.

<sup>17</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 05 de julho de 2012.

<sup>18</sup> Idem nota 4.

<sup>19</sup> Idem nota 12.

No entanto, é preciso dizer que, mesmo sendo um bom jogador de futebol, seria indispensável que Oswaldo Leite tivesse conhecido alguém com importância dentro da Prefeitura Municipal, para que conseguisse trabalho ali. Segundo Otacílio Leite, o convite teria sido feito pelo então prefeito da época<sup>20</sup>.

Para Mello e Novais, nos anos 1940 já existiam concursos para contratar funcionários públicos. Mas a maneira mais comum ainda era pelo convite, por meio da amizade com pessoas importantes: “Para entrar nas posições intermediárias do funcionalismo público, era necessário ‘conhecer gente importante’, políticos, altos burocratas, mas já haviam concursos com exigências difíceis de ser preenchidas, ler e escrever bem, saber datilografar, etc” (1998, p.615).

Assim, pela biografia de Oswaldo Leite pode-se compreender melhor uma época e seus costumes, assim como as técnicas fotográficas do período em que atuou, dados sobre a arte do seu ofício, além de permitir entender um pouco mais sobre a história local. Para Boris Kossoy, fotógrafos desconhecidos, ainda não estudados, como Oswaldo Leite, são muito importantes porque:

Basicamente [...] estes representam a massa dos artesãos da imagem, jamais mencionados por qualquer história. A investigação destes fotógrafos provoca avanços significativos tanto na área da fotografia em sua história própria, como no que toca à memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento do passado (2007, p.66).

Já durante os anos 1950, Oswaldo Leite passou a exercer as funções de escriturário e oficial administrativo dentro do D.O.P (Depto de Obras e Planejamento) na Prefeitura Municipal. É nessa época que inicia suas atividades fotográficas, tornando-se, de acordo com Otacílio Leite, o primeiro fotógrafo da Prefeitura Municipal londrinense<sup>21</sup>.

Durante essa década, a cidade de Londrina foi marcada por duas gestões: a do prefeito Milton Ribeiro Meneses, (1951 a 1955 e 1959 a 1963) e a de Antônio Fernandes Sobrinho (1955 a 1959). Segundo o site da Prefeitura Municipal<sup>22</sup>, em seu primeiro governo, Meneses realizou obras de saneamento e pavimentação, construiu praças e jardins públicos, fez a Casa

---

<sup>20</sup> De acordo com Zórtea (1975), em 1942 o então administrador municipal londrinense era o Capitão Miguel Balbino Balsi. Cabe salientar que no período compreendido entre 1937 e 1947 Londrina teve diversos prefeitos, todos nomeados, devido à situação política do país, que vivia a ditadura de Getúlio Vargas, quando não ocorriam eleições diretas para esse cargo, sendo seus detentores todos nomeados.

<sup>21</sup> A mesma informação pode ser encontrada no livro de memórias: NUNES, José Luiz Alves. *Londrina! Cidade de Braços Abertos*. O olhar de um pé-vermelho da segunda geração. Londrina: Ed. Do autor, 2010.

<sup>22</sup> Site da Prefeitura Municipal de Londrina:

<[http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=142&Itemid=867](http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=142&Itemid=867)>. Acesso em 12 de agosto de 2012, às 15:00h.

da Criança e o Horto Florestal. Em seu segundo mandato, deu continuidade às obras de saneamento, com a criação do Departamento de Águas e Esgoto e de um Código de Obras para a cidade, baseado no código de obras da cidade de São Paulo, feito pelo urbanista Prestes Maia.

Já Antônio Fernandes Sobrinho melhorou o ensino superior na cidade, construiu a Concha Acústica na região central, fez uma estação de passageiros no aeroporto, ampliou o serviço de água e esgoto para a população e também fez o Lago Igapó<sup>23</sup>.

O memorialista e suplente efetivado como vereador entre os anos de 1951 e 1955 em Londrina<sup>24</sup>, Alberto João Zórtea, em um livro comemorativo dos 40 anos da cidade, recapitulou o histórico de cada prefeito. Sobre Meneses, o memorialista diz: “Em ambos os governos, o Dr. Milton Ribeiro Meneses dinamizou a administração de forma inteligente e operosa, sendo causa de grande desenvolvimento na *urbs*” (1975, p.125). E sobre Fernandes Sobrinho, ele considera o seguinte:

Encetou uma obra gigantesca do represamento do Igapó, que foi combatida por muitos setores da opinião pública, mas assim mesmo declarou de utilidade pública grandes áreas circunvizinhas ao arroio Cambezinho e fez o represamento. Hoje, honra seja feita, é o único recanto de recreação de Londrina, constituindo um dos atrativos da cidade, pela grandeza e inovação (ZÓRTEA, 1975, p.126).

Percebe-se a partir dos relatos que o site da Prefeitura Municipal, já no século XXI, fez quase as mesmas considerações presentes no aludido livro. Também se confirma o grande número de obras realizadas em Londrina nessa década e que todos são bastante inflamados quando remetem aos prefeitos, exaltando as obras como grandes feitos dos seus governos.

Mas, segundo Ana Cleide C. Cesario (1986), tais obras tiveram início ainda na década de 1940, quando o município estava sob a administração de Hugo Cabral. Atendiam a antigos desejos dos londrinenses e tinham caráter diverso, mais voltado à infraestrutura urbana e à mobilidade, como pavimentação, galerias pluviais, novo terminal rodoviário projetado pelo renomado arquiteto Vilanova Artigas, construção de praças e escolas. Isso tudo acabou

---

<sup>23</sup> A respeito das obras nas gestões dos prefeitos citados, há diversos trabalhos e artigos acadêmicos, como: FROZONI, Fernanda C. *Praça Sete de Setembro (Londrina-PR): Memória e Patrimônio*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual de Londrina; LIMA, Fausto C. de. *Prestes Maia em Londrina: Moderno em que Sentido?* 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura/Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo; BORTOLO, Carlos Alexandre. *A produção do espaço livre público do lado Igapó no contexto urbano londrinense*. In <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/1281/bort>>. Acesso em 17 de dezembro de 2013, às 16h: 43min.

<sup>24</sup> Informação obtida no site da Câmara Municipal de Londrina: <[http://home.cml.pr.gov.br/home/legislaturas\\_2.aspx](http://home.cml.pr.gov.br/home/legislaturas_2.aspx)>. Acesso em 06 de setembro de 2013, às 8h: 30min.

influenciando a população a escolher seu correligionário de partido e presidente da Câmara de Vereadores, Milton Ribeiro Meneses, para a sucessão na administração municipal, em 1951.

Nessa eleição, Meneses candidatou-se pelo partido UDN (União Democrática Nacional). Sob essa perspectiva, é interessante perceber que, mesmo com a existência de partidos de representação mais popular em Londrina, a população acabava sempre elegendo candidatos das camadas média e superior da sociedade, em geral, profissionais liberais, grandes fazendeiros, comerciantes:

Embora já existissem, no município, partidos de tendências mais populares, como o PTB e o PSP, o eleitorado local, e mesmo o contingente de eleitores pertencentes aos segmentos menos privilegiados, votava maçoamente nos candidatos dos segmentos médios e superiores da sociedade local. Mesmo os eleitos pelo PTB [...] e pelo PSP, eram provenientes dos segmentos médios (CESARIO, 1986, p.373).

Ainda de acordo com Cesário, a administração de Meneses foi marcada por seguir uma linha modernizante. Ele continuou as obras pela cidade, iniciadas no mandato anterior e inaugurou um estilo de administração racional, marcado pela formulação de leis para regulamentar o crescimento da cidade, que se dava de madeira desordenada.

Nas eleições seguintes, de 1955, Meneses candidatou-se novamente, mas dessa vez ao cargo de vereador, pelo partido UDN, logrando êxito. O prefeito eleito para aquele período foi o empresário e proprietário rural Antonio Fernandes Sobrinho, pelo PSD (Partido Social Democrático).

Em seu mandato, Fernandes Sobrinho deu continuidade a algumas obras iniciadas por Meneses, como a nova organização do abastecimento de água, sendo o gerenciamento do sistema transferido da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) para a Prefeitura Municipal, com a criação do DAE (Departamento de Água e Esgoto). Também foram realizadas construções como o aeroporto e a barragem do lago Igapó.

Tais obras constituíram-se em verdadeiros símbolos da modernização vivenciada pela cidade naquele momento. No caso do aeroporto, este era basicamente utilizado pelos grandes fazendeiros e para a viagem de indivíduos ilustres, sobretudo políticos. Em poucos anos, ele se tornou um dos mais movimentados do país. Com isso, a inospitalidade da região diminuía, marcando um novo tempo para a cidade.

O gráfico do progresso sobe espetacularmente. Londrina que, em 1938, era apenas um montão de troncos de figueiras e perobeiras derrubadas a machado e fogo, dá hoje a impressão de uma capital regorgitante. Cerca de trinta casas bancárias tiveram de aí estabelecer agências para atender o volume dos negócios. Centenas de ônibus e aviões chegam e partem diariamente, sendo o aeroporto local o quarto do Brasil, em movimento (O Paraná de 1953 apud BENATTI, 1996, p.28).

Já em 1959, Milton Ribeiro Meneses volta ao comando do município, novamente pelo partido UDN. De acordo com Cesário, a UDN representava os grandes e pequenos proprietários rurais londrinenses, além dos trabalhadores em regime de colonato nas grandes fazendas:

[...] a maior base eleitoral da UDN encontrava-se no campo. Tratava-se de uma burguesia nascente (grandes e pequenos proprietários rurais) e de trabalhadores vivendo em regime de colonato. O colonato ligava-se às grandes fazendas, pois as pequenas e médias propriedades operavam com mão-de-obra familiar. Havia em alguns casos a parceria (CESARIO, 1986, p.394).

Em seu segundo mandato, Meneses continuou realizando obras de saneamento, pavimentação da área urbana e estendeu os serviços de água aos distritos de Irerê e Warta. Uma grande atenção era destinada a obras de saneamento e infraestrutura desde os anos 1940 e durante toda a década de 1950. A cidade, nesse período, estava crescendo e era necessário que tais serviços acompanhassem o crescimento, para continuar atendendo às necessidades da população.

Portanto, Londrina passava por diversas transformações em sua paisagem, com constantes reformas e construções, graças ao crescimento econômico na região norte paranaense<sup>25</sup> como um todo, principalmente pelo cultivo de café.

Assim, na década de 1950, muitos passam a vir para a região em busca de uma melhor condição de vida, como foi o caso dos próprios sogros de Oswaldo Leite. Inclusive ele se rende, posteriormente, à cidade em crescimento e passa a convidar diversos conhecidos e parentes de Itu (SP) para vir “tentar a vida” em terras londrinenses<sup>26</sup>. Muitos dos parentes acabaram sendo convencidos e também se instalaram na cidade, alguns anos depois da vinda de Oswaldo.

---

<sup>25</sup> O conceito de Norte do Paraná é uma construção elaborada por alguns historiadores paranaenses a partir do reconhecimento da região cujo processo de (re) ocupação foi realizado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), como sendo o Norte, segundo Tomazi (TOMAZI, Nelson D. *Norte do Paraná: História e Fantasmagorias*. 1997. Tese. Universidade Federal do Paraná).

<sup>26</sup> Idem nota 8.

Assim como o sogro de Oswaldo e seus parentes, muitos sujeitos vieram para Londrina nesta década com a intenção de tentar uma vida melhor. Esse amplo processo de migração acabou gerando um crescimento desordenado da cidade, além de criar e agravar diversos outros problemas, como a falência da primeira planta urbana, projetada no início dos anos 1930. A planta inicial definia os limites da cidade, mas, com tal crescimento, ela não mais contemplava o desenho e seu perímetro nos anos de 1950. Boa parte da expansão urbana se deu por meio das relações econômicas e sociais existentes em Londrina, e pelo aumento não controlado no número de loteamentos comercializados pela CTNP, que depois eram revendidos a terceiros:

[...] as relações econômico-sociais estabelecidas em Londrina e em grande parte do Norte do Paraná, foram tão dinâmicas, via pequena produção mercantil, que rapidamente o plano urbano foi ultrapassado, oriundo das primeiras incorporações de terra ao uso rural e urbano, por meio de loteamentos não controlados pela CTNP (FRESCA, 2007, p.150).

Para Tânia M. Fresca, Londrina foi planejada com o intuito de abrigar entre 20 e 30 mil habitantes, mas, na década de 1950, a população já era de 33.707 habitantes, segundo dados do IBGE (2007, p. 147, 159)<sup>27</sup>. Nesse contexto, a cidade de Londrina cresceu e se modificou durante os anos 1950 e sua área central também sofreu alterações. Os maiores sinais dessas mudanças foram as casas de madeira<sup>28</sup>, substituídas desde a década de 1940 por novas edificações, sobretudo, os prédios e as residências de luxo em alvenaria, ocupados pelos grandes comerciantes e donos das fazendas de café; as ruas que antes não tinham calçamento e que passaram a ser asfaltadas e pavimentadas; e as obras de saneamento:

Com apenas uma década e meia, o centro de Londrina já passava por uma renovação urbana, onde construções recentes eram precocemente superadas, dando espaço para novas edificações. Alguns registros destacam mudanças significativas a partir da metade da década de 40, quando inúmeras ‘casinholas de madeira’ [...] cediam espaço a novos e modernos prédios (LINARDI, 1995, p. 191).

---

<sup>27</sup> A ideia de que a cidade teria sido projetada para abrigar entre 20 e 30 mil pessoas também é discutida em: PAULA, Zueleide Casagrande de. *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)*. São Paulo: Editora UNESP, 2008; e PAULA, Zueleide Casagrande de. *Maringá: o coração verde do Brasil?* 1998. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis.

<sup>28</sup> Para maiores informações sobre as casas de madeira na cidade de Londrina, ler o artigo: “Casas de Madeira em Londrina”, de Antonio Carlos Zani. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Patrimônio histórico e cultural da cidade de Londrina – PR*. Londrina: LEDI, 2011.

De acordo com Antonio Carlos Zani, em estudo por ele realizado sobre as casas de madeira em Londrina, o número de construções em alvenaria na cidade, durante os anos de 1940 a 1959, mais que quintuplicou. Já as construções de madeira, apesar de ainda registrarem crescimento no mesmo período, pouco mais que dobraram. Basta observar a tabela abaixo:

<b>Ano</b>	<b>Madeira</b>	<b>Alvenaria</b>	<b>Mista</b>
1940	189	56	—
1945	258	135	5
1949	305	141	30
1950	402	131	35
1955	481	268	12
1959	425	314	70

(ZANI, 2011, p.47).

Com o crescimento da cidade, cresce também o número de habitantes. De acordo com André Camargo Lopes (2010), o aumento da população fez que subisse a demanda por espaços urbanos e, com isso, fosse aumentado o controle desses espaços. A partir da construção de novos bairros, o tecido urbano expandiu-se em direção ao norte e ao sudoeste da cidade, sendo seus direcionadores a BR-369, o aeroporto e o lago Igapó. Também passa-se a defender a necessidade de organizar a cidade, principalmente nas áreas mais nobres, como o centro. A cidade, assim, torna-se um verdadeiro canteiro de obras, e são criadas leis para que ela pudesse se “organizar e progredir”. Um exemplo disso foi a Lei 133, sancionada em 27 de dezembro de 1951, durante o mandato de Milton Ribeiro Meneses.

[...] paradoxalmente à medida que o município expandia e se modernizava, somava-se a ele um incontrolável contingente de pobreza em suas áreas periféricas. Esta relação de proximidade entre as camadas pobres e as camadas sociais mais abastadas, criou um mal-estar no município, exigindo do poder público (e a isto se soma a pressão diária dos jornais locais e das camadas mais abastadas) medidas de reordenação do espaço urbano. Em meio a esta situação conflitante entre a pobreza abertamente exposta como uma ferida no município e a utopia modernizadora da “cidade-progresso” surge a Lei 133/51, elaborada por Prestes Maia (LOPES, 2010, p.564) .

A Lei 133, portanto, foi orientada pelo renomado urbanista Prestes Maia, que em pouco tempo também realizou um plano urbanístico para a cidade, na tentativa de responder

ao seu crescimento desordenado. Além disso, tal planejamento trouxe uma nova maneira de se pensar e organizar a cidade. Fausto C. de Lima arrola alguns desses conceitos:

[...] introduziu na cidade novos conceitos de produção e de apropriação do espaço urbano. Devem ser destacados: os percentuais para áreas públicas; a hierarquia viária, a unidade de vizinhança; o bairro-jardim; a proteção à natureza e o cuidado com a paisagem; o zoneamento – zonas por tipo de uso desde a verticalização do centro, até a industrial; e um programa para habitação popular (LIMA, 2001, p.138).

É importante ressaltar que o urbanista contratado, Prestes Maia, já havia realizado planejamentos na cidade de São Paulo, como seu Plano de Avenidas, em 1930, chamado: “Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo”. O plano elaborado para São Paulo e o de Londrina tem vários conceitos em comum, dentre os citados acima. Talvez isto tenha ocorrido porque: “A cidade nova [...] adota o moderno como meta, o moderno como progresso, sendo São Paulo seu espelho, a imagem visível ao forasteiro pela verticalização, as grandes avenidas, a transformação” (LIMA, 2001, p.133).

São Paulo era, portanto, um exemplo de cidade que deveria ser seguido. Lá, o Plano de Avenidas nasceu entre as décadas de 1920 e 1930, quando, de acordo com Benedito Lima de Toledo, a cidade passava por uma crise de crescimento:

O Boletim do Instituto de Engenharia (outubro 1924/junho 1926) publicou uma série de artigos com o título ‘Um Problema Atual. Os grandes melhoramentos de São Paulo’. Seus autores, Francisco Prestes Maia e João Florence de Uihôa Cintra, elaboraram este trabalho ‘apenas como programa de estudo’, informam tê-lo posteriormente apresentado à Câmara Municipal e como ‘interessou a muitas pessoas, publicamo-lo’. Modesta justificativa para apresentar um trabalho cujo desdobramento seria o início de uma nova era no planejamento urbano em São Paulo, que naquele momento passava por uma ‘verdadeira crise de crescimento’ (1996, p.119).

O plano de Londrina, por sua vez, também fora elaborado quando a cidade passava por uma crise semelhante. Por meio dele, Prestes Maia objetivava dar maior organização e eficiência à urbe, com a divisão da cidade em várias zonas, cada uma destinada a um uso:

Prestes Maia assim o define: ‘*Zoning* é a divisão da cidade em zonas caracterizadas pela utilização, volume ou altura permitidos aos edifícios e visa a máxima organização e eficiência da *urbs*. Avalia que, por destinar ‘ de uma maneira justa e perdoável as áreas aos diversos usos, o *zoning* concorre para atenuar a especulação’. Com o zoneamento, o urbanismo tenderia, de maneira geral, à especialização dos bairros (TOLEDO, 1996, p.219-220).

As zonas em que foram divididas a cidade de Londrina somavam cinco, no total, e eram bem específicas: comercial, residencial, industrial, diverso e rural (ou agrícola), como mostram os artigos 80º e 83º da Lei Municipal de n º133:

Art.80º - Todo arruamento ou loteamento novo ou recente envolverá a sua classificação total ou por partes, em zonas urbanísticas. Essa classificação é orientada pelas “diretrizes” da Prefeitura, a que deverão ater-se o projeto e a utilização efetiva dos terrenos.

Art.83º - Os usos normais são: comercial, residencial, industrial, diverso (cívico-administrativo, escolar, hospitalar, ferroviário, aeroviário), e rural ou agrícola (LEI MUNICIPAL N.133, 1951, p.18-19).

Essa Lei foi o principal exemplo do conjunto legislativo implantado em Londrina, entre 1951 e 1955, com a finalidade de regular a vida municipal e ordenar o crescimento da cidade, de acordo com o historiador José Miguel Arias Neto (1998). Ainda dentro da mesma Lei, outro ponto interessante foi a preocupação com o saneamento básico e com a preservação e criação de áreas verdes, além da tentativa de embelezar a cidade, impedindo que construções irregulares fossem feitas dentro da malha urbana. Observa-se que quem pensou a Lei estava antenado às discussões higienistas em voga na década de 1950<sup>29</sup>, o que fica bastante claro no seu artigo 14º, com destaque para as alíneas a, c, g, h:

Art. 14º - Os planos de arruamento deverão:

- a) Garantir o escoamento das águas permanentes, pluviais e sanitárias, e resguardar os fundos de vale e rincões;
- c) Evitar, no traçado da malha urbana, irregularidades excessivas, que deem mais idéia de fantasia do que de um funcionalismo racional;
- g) Preservar ou criar pontos de vista e perspectivas interessantes, mantendo os bosques e exemplares vegetais notáveis, mesmo à custa de pequenas irregularidades de traçado;

---

<sup>29</sup> Sobre as teorias higienistas, ler: DAMASIO, Cláudia P. A construção e a imagem da cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século. In: SOUZA, C. F.; PESAVENTO, S. J (orgs.). *Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

h) Proteger os transeuntes e moradores contra aspectos desagradáveis, gases, maus odores, ruídos, etc., pela anteposição de parques e cortinas verdes (LEI MUNICIPAL No. 133, 1951, p.5).

Além disso, quando se decretou a Lei 133, os loteadores passariam a ter de arcar com os custos de urbanizar o espaço a ser loteado, como indicam os artigos 7º e 20º:

Art.7º - Se, para o bom aproveitamento de uma área e perfeita execução de um arruamento, convier fazer acessos e ligações de ruas, escoamentos e canalizações, ou estender linhas através de terrenos de terceiros, o proprietário-arruador poderá propor à Municipalidade a decretação, por esta, das referidas obras complementares, como de interesse público, correndo o custo por conta dos proponentes, total ou parcialmente.

Art.20º - São da responsabilidade dos proprietários-arruadores, além das de terraplanagem, escoamento pluvial, drenagem, regularização de cursos d'água, as despesas para obra e instalações locais complementares do arruamento, consideradas essenciais à habitabilidade dos mesmos, a saber: abastecimento de água, esgoto sanitário, pavimentação e guias, arborização e iluminação (LEI MUNICIPAL N.133, 1951, p.3 e 6).

Nesse caso, entende-se que se um arruamento necessitasse de ligações entre ruas, encanamentos e canalizações (água e esgoto), o proprietário deveria requerer à Prefeitura Municipal a decretação de tais obras como sendo de interesse público, mas seus custos correriam por conta do proponente, total ou parcialmente. Os arruadores teriam de arcar, ainda, com as responsabilidades de terraplanagem, escoamento pluvial, drenagem, regularização de cursos d'água, abastecimento de água, esgoto, pavimentação e calçadas, arborização e iluminação do local a ser "arruado". Sob essas condições, os loteadores se revoltaram e, em 1955, o prefeito Antonio Fernandes Sobrinho editou o decreto 35, que reduzia a infraestrutura exigida para a construção de novos loteamentos. Ação que contribuiu para a formação de bairros sem infraestrutura na periferia e promoveu uma distinção dos espaços para as classes desiguais que o compunham (LOPES, 2010, p. 563-564). Assim, a Lei 133 propiciou uma segregação no espaço urbano, além do desejo de se controlar e orientar seu crescimento<sup>30</sup>.

Afora todas as mudanças que ocorriam em Londrina, outro ponto relevante é que, em 1953, o Paraná completava 100 anos de emancipação política. Nesse contexto, é publicado o

---

<sup>30</sup> Sobre a segregação gerada pela Lei 133, ver: ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930/1960*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.

Guia Globo de Exportação e Importação do Paraná<sup>31</sup>, em 1953, em homenagem ao centenário. No Guia, Londrina aparece em destaque por dois momentos, sendo descrita em um deles como “A cidade nova do Norte” e, em outro, como “Londrina-onde a terra cheira a dinheiro”. Referências como essas a Londrina eram comuns naquele período e acabavam servindo como chamariz para que mais migrantes viessem tentar uma nova vida na cidade. Em ambos os textos, é ressaltado o progresso que podia ser notado na cidade, devido à construção de prédios, e pelo projeto de organização urbana, elaborado por Prestes Maia:

Aos poucos vão aparecendo as primeiras efetivações do Plano Regulamentador Prestes Maia, em vigor desde 1952. Medidas estético-urbanísticas nêle contidas implicam em notável melhoria no aspecto geral da cidade, novos atrativos daí decorrerão. [...] No seu estado atual, a cidade se evidencia quase exclusivamente pelas suas edificações e pela intensa movimentação em suas ruas. A edificação é, na área urbana, de tal forma densa que o valor aquisitivo dos terrenos da zona central, para conveniente retribuição econômica, exige a ereção de prédios de alguns pavimentos. Torna-se possível citar a existência de prédios com 08 e mais pavimentos, abstraindo-se outros de maior porte, em construção, inclusive um com 16 pavimentos. [...] As construções de prédios urbanos alcançaram, em 1951/1952, a média aproximada de 2.5 por dia, com tendência a aumentar (1953, p.77 e 359).

Já em âmbito nacional, não só Londrina, mas o Brasil como um todo ansiava passar uma ideia de país atrelado ao progresso e à modernização. Este período<sup>32</sup> foi permeado pelo final do mandato do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1950)<sup>33</sup>, o segundo mandato de Getúlio Vargas (1951-1954), e pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960)<sup>34</sup>.

Analisando agora um pouco de cada mandato, pode-se dizer que o governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) foi marcado, segundo Gawryszewski (2012), por ser uma

<sup>31</sup> GUIA Globo Paraná de Importação e Exportação (1953-1954). Porto Alegre: Clarim, 1953. Esse guia encontra-se disponível para consulta na biblioteca do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

<sup>32</sup> O período em discussão é igualmente conhecido pelo caráter nacional populista dos governos citados. No entanto, esta é uma discussão muito ampla para ser feita aqui. Para mais informações sobre esta questão ver: GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia M (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; GAWRYSZEWSKI, Alberto. *Agonia de morar: urbanização e habitação na cidade do Rio de Janeiro (DF) - 1945/50*. Londrina: Eduel, 2012; e ALMEIDA, Lúcio Flávio de. Não comprar gato por lebre – para um reexame da relação entre nacionalismo e antiimperilismo nos anos JK. *Lutas Sociais*, n. 15/16. São Paulo, NEILS, 2006.

<sup>33</sup> Para mais informações sobre o governo de Eurico Gaspar Dutra, acessar: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/eurico\\_gaspar\\_dutra](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/eurico_gaspar_dutra)>. Acesso em 05 de janeiro de 2014, às 14h: 48min.

<sup>34</sup> Para mais informações sobre o governo de Juscelino Kubitschek, acessar: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino\\_kubitschek](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino_kubitschek)>. Acesso em 17 de dezembro de 2013, às 17h: 15min.

espécie de continuação do primeiro mandato de Getúlio Vargas, já que a mesma elite continuava no poder, e, apesar de haver a intenção de se divulgar que a repressão dos anos Vargas havia acabado, esta continuou, e contra os mesmos setores: movimentos sociais e sindicais, e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tais atitudes denotam uma tentativa de mostrar que o Brasil estava ao lado dos EUA durante a Guerra Fria, e, ao se posicionar contra qualquer organização que pudesse lembrar o socialismo soviético, fazia jus a continuar recebendo seu apoio financeiro:

Dutra, ao perseguir comunistas, sindicalistas, estudantes, militares, etc. dificultou a organização dos movimentos populares. Ao adotar uma política de dismantelamento dos sindicatos livres, de arrocho salarial, de liberdade cambial e de importações, em um primeiro momento, procurou adotar uma proposta econômica, social e política que atendia a interesses internacionais. [...] Anticomunista histórico, como seu Ministro da Guerra, Canrobert Pereira da Costa, Eurico Dutra não se agradava da legalidade do PCB nem da existência de movimentos sindicais e populares. [...] Podemos, assim, considerar que encontramos neste período (1945-1951) um Estado repressivo, mas com caráter legal. Uma democracia burguesa, com os poderes independentes, com o Poder Legislativo eleito diretamente pela população brasileira. Não podemos nos esquecer que estamos falando de uma elite que conseguiu se manter no poder, mas montado em um “novo” Estado, igualmente repressor como o Estado Novo (1937-1945). (GAWRYSZEWSKI, 2012, p. 12, 33 e 36).

Durante o mandato de Dutra também há um crescimento industrial. Boa parte motivado pelo interesse do presidente em se vincular diretamente aos interesses da elite industrial, como observa Gawryszewski:

Estávamos em um período de crescimento industrial, que já vinha desde a década de 1930. Bresser Pereira (1976) apresentou-nos dados relevantes para comprovarmos isso: o crescimento médio anual no período da Segunda Guerra Mundial foi de 6.2%, aumentando para 8.9% entre 1946 e 1950, e para 8.1% no quinquênio seguinte. Vemos, portanto, que [...] o crescimento industrial foi indiscutível, mesmo se considerando as variações anuais e o crescimento de forma não homogênea entre os diversos setores industriais (2012, p.37).

Além da elite industrial, de acordo com Skidmore (1976), outra parcela que pensava e propunha o desenvolvimento do Brasil era a classe média urbana. Seus integrantes tinham uma vantajosa posição política, pois sua cooperação era fundamental para administrar o país e alcançar o sonhado desenvolvimento econômico. A classe média defendia a doutrina do “nacionalismo econômico”, muito propagada durante o segundo governo de Vargas, que dizia

que o Brasil precisava se modernizar e se industrializar, mas tendo o controle sobre a direção de sua própria economia. Em relação aos prós e contras dessa doutrina, Skidmore diz:

O nacionalismo econômico, portanto, poderia ser muito útil como meio de edificar um consenso popular. O nacionalismo era um sentimento que podia unir brasileiros de diversas classes e setores, dar-lhes um senso de comunidade. Como argumentavam os apologistas intelectuais do nacionalismo desenvolvimentista, a identificação com a nação em um esforço comum poderia ajudar a superar as tensões de classe produzidas por uma sociedade em desenvolvimento. Mas, a estratégia do nacionalismo econômico tinha também seus perigos. Era perigosa porque podia aprofundar a divisão política do país [...] os mais ativos instigadores políticos do nacionalismo eram também revolucionários internos, partidários da fórmula econômica do nacionalismo radical [...] não se sujeitavam a qualquer disciplina política ou intelectual. Suas doutrinas, dirigidas contra os investimentos estrangeiros e a política capitalista com relação ao Brasil, enquadravam-se numa estratégia mais ampla, que visava a reestruturar radicalmente o sistema econômico e social dentro do país (1976, p.143-144).

Quanto ao segundo governo de Vargas (1951-1954), o economista Sandro Roeser (2010) afirma que alguns escritores associam a estratégia econômica do período em questão, à construção de um capitalismo "nacional autônomo", buscando desenvolver o país com recursos internos, sem auxílio de capital estrangeiro. Tal associação é reforçada por algumas atitudes do governo Vargas, como: exploração de energia elétrica e petróleo sem auxílio de capital externo; discursos contrários a esse capital; preferência por empréstimos públicos externos ao invés de Investimento Externo Direto (IED). No entanto, durante boa parte do segundo governo de Vargas, o Brasil enfrentou uma crise econômica.

De acordo com Boris Fausto (1995), tal crise foi motivada, sobretudo, pela alta da inflação, originada, por sua vez, pelo aumento do preço do café nos mercados internacionais. Ao mesmo tempo, estimulava-se a industrialização brasileira por meio da concessão de créditos ao setor privado. Porém, com as deficiências existentes no setor de transporte e energia, os produtos nacionais acabavam tendo um alto custo. Além disso, Vargas não concordava que estrangeiros explorassem os setores naturais do país (energia, petróleo).

Assim, um dos produtos que ainda sustentavam a economia brasileira naquele momento era o café (SKIDMORE, 1976). Desde 1949 ele vinha registrando altas em seu preço, sendo que o dinheiro ganho com seu cultivo aumentava a receita cambial brasileira, e era utilizado nas importações. Pode-se considerar que esse foi, portanto, um dos motivos para o auge do cultivo cafeeiro na região norte paranaense no período. A tabela abaixo mostra a variação do valor de exportação do café brasileiro, entre 1949 e 1955:

Tabela - Índice de preço de exportação de Café (1950 =100)

1949	55.90
1950	100.00
1951	110.95
1952	113.23
1953	119.86
1954	127.56
1955	105.60

(ROEPER, p.18, 2010. Baseado em dados do IBGE).

O preço do café atinge seu auge em 1954, conforme mostra a tabela. No entanto, o Brasil passava por uma crise financeira, como já foi afirmado, o que acabou tornando evidente a necessidade de empréstimos com outros países, tal qual Vargas não desejava. Um dos motivos para essa crise foi o relaxamento com as licenças de importação, graças ao otimismo gerado pelo aumento do preço do café no mercado externo.

Ainda em 1954, por conta da grande demanda mundial, o governo baixou 10 libras no preço do produto. Mesmo assim, seu valor estava acima dos níveis do mercado. Os Estados Unidos, principal comprador do café brasileiro, não aceitaram o valor proposto, e começaram a investigar as razões de o preço estar tão alto. Por fim, acabaram deixando de comprá-lo, o que piorou a situação econômica do Brasil:

Este fracasso desastroso em aumentar a receita cambial em dólar através do principal produto de exportação do Brasil forçou o país a depender de financiamentos de curto prazo, quase sempre conseguidos sob condições muito desvantajosas, para cobrir o déficit do balanço de pagamentos. Também fortaleceu os nacionalistas radicais que lançaram a culpa do total desequilíbrio financeiro do país à má vontade dos estrangeiros (SKIDMORE, 1976, p.173).

Além disso, o café, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), passou por um déficit de produção em todo o mundo. Seu cultivo acabou sendo estimulado, principalmente pelos Estados Unidos, grande comprador da bebida. Ao mesmo tempo, isso se tornou uma das justificativas para a ânsia de conquistar as terras no norte paranaense, convencendo milhares de migrantes a se mudarem para a região:

Naquele pós-guerra, o ‘déficit mundial pelo café’ era argumento irrefutável para que a conquista e a colonização de terras se expandisse cada vez mais pelo fértil solo no norte paranaense. E a expansão dos cafezais se fazia acompanhar pelo exorbitante crescimento da população do Estado: se de 1949 a 1952 os cafeeiros jovens subiram de 56.207.000 para 121.326.000 milhões de pés, em dez anos (1940-1950) o recenseamento mostrava um crescimento de 1.200.000 para 2.150.000 milhões de pessoas no Paraná. [...] Talvez não soubesse o pequeno proprietário, mas o incentivo ao plantio devia-se aos norte-americanos e seu fabuloso gosto pela bebida: após a Segunda Guerra, eles compravam mais da metade do café produzido no mundo (IVANO, 2000, p. 91-92).

Cabe dizer ainda que, desde o início do século XX, os Estados Unidos eram grandes compradores da bebida brasileira. De acordo com Sevcenko (1992), produtos estimulantes ou energéticos combinavam com o modo de vida norte-americano, implantado por novas tecnologias que imprimiram um senso de movimento e rapidez muito grande à sociedade naquele momento. Homens e mulheres buscavam produtos que dessem mais energia, e os fizessem suportar as novas demandas de atividades e desempenho:

Nas economias dominantes, o afluxo dos produtos exóticos, basicamente estimulantes ou energéticos (chá, café, açúcar, cacau, tabaco), combinava a caráter com o modo de vida implantado pelas novas tecnologias, elas próprias constituindo aportes recentes e extravagantes. A principal afinidade entre os aparatos tecnológicos e os produtos coloniais consistia no seu efeito de aceleração. Aceleração dos transportes, aceleração da produção, aceleração dos movimentos físicos, aceleração da diversão e do prazer (SEVCENKO, 1992, p.160).

Mas, no caso londrinense, é preciso deixar claro que não só da cafeicultura vivia a população. Outras atividades agrícolas existiam; porém, a base da economia local ainda era o café.

Londrina, na década de 1950, era o município do norte do Paraná que apresentava o maior volume de exportação do café, superando, até mesmo, municípios mais antigos. Porém, a produção de café não prevaleceu totalmente na forma de monocultura [...] Nessa década, existiam outras atividades agrícolas significativas. Entretanto, a cafeicultura foi a base da economia local e regional (LIMA e ZARPELÃO, 2013, p.209).

O texto do Guia Globo de Exportação e Importação, de 1953, também explicita que as culturas de grãos e frutas tinham espaço na região, além das madeiras, de grande importância econômica em Londrina desde a década de 1930<sup>35</sup>:

Na agricultura praticada nos 2.358 km<sup>2</sup> de área do município reside a grande fonte do extraordinário surto econômico de Londrina. A cultura do café se destaca, com cerca de 13.500.000 pés da importante rubiácea frutificando. As do milho, do feijão e da mandioca vêm, em seguimento, com a última produção anual de 60.000, de 1.320 e de 18.000 toneladas respectivamente; as da batata doce, do arroz, da abóbora, da laranja (mais de 100.000 pés), da melancia, do tunge, da uva, da banana, do abacaxi e do mamão, por ordem do valor da produção, não podem deixar de ser mencionadas. Das matas do município se extraem para exportação grandes carregamentos de peroba, de pinho, de cedro, de cabriúva, de pau marfim, além de outras madeiras de marcenaria e carpintaria. [...] A maior exportação é, por excelência, a do café; vem, a seguir, a do feijão, a do milho, a de suínos, a de arroz pilado, a do algodão, a da madeira (1953, p. 79-80).

O que se percebe é que mesmo com o objetivo e as tentativas que ocorreram para que o Brasil como um todo se industrializasse, o país ainda se mantinha como exportador de matérias-primas, sobretudo café, devido ao momento mundial, de preparação para uma possível guerra, durante a Guerra Fria. O Brasil apoiava o capitalismo dos Estados Unidos, e não era do interesse norte-americano que indústrias se desenvolvessem aqui:

O Brasil [...] era visto como uma fonte de matéria prima para a preparação para a guerra e reconstrução da Europa. O desenvolvimento de indústria no Brasil não só não fazia parte dos planos dos EUA como o levaria a concorrer por recursos dentro de sua periferia [...] a reconstrução Europeia e a preparação para guerra com a União soviética exigiam o fornecimento barato de minérios e petróleo e com isso, a permanência da América latina e do Brasil em sua condição histórica de periferia. Daí as dificuldades na tentativa de industrialização acelerada naquela quadra histórica. Em um nível mais pragmático essas dificuldades se traduziram na necessidade de barganha por parte do governo Vargas para conseguir créditos, que nem se comparavam aos destinados ao Plano Marshall. No início, o governo Vargas contava com alguns trunfos, mas à medida que transcorria o mandato eles foram caindo. (ROEPER, 2010, p.25).

Ainda na da década de 1950, o governo de Juscelino Kubitscheck (1956-1960) também trouxe muito forte o discurso de progresso e modernização do Brasil. Desde sua campanha política, de acordo com Skidmore (1976), Kubitscheck insistia na aceleração industrial com a participação de setores públicos e privados; reforçava que era preciso haver

---

<sup>35</sup> Sobre a atividade das madeiras em Londrina, ler: “Casas de Madeira em Londrina”, de Antonio Carlos Zani. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Patrimônio histórico e cultural da cidade de Londrina – PR*. Londrina: LEDI, 2011.

investimentos nas áreas de energia e transporte, já que sem isso a industrialização, se ocorresse, seria muito precária. Ele ainda apelava à classe média, que vinha apoiando a industrialização e a modernização brasileira, para que fosse às urnas e o elegeisse.

Para Juscelino Kubitschek, o destino do Brasil era se desenvolver. E com o objetivo de estimular tal desenvolvimento foi pensado o Plano de Metas, que consistia em:

[...] um programa de industrialização e crescimento econômico muito influenciado por trabalhos precedentes de outros órgãos, como a Comissão Mista para o Desenvolvimento Brasil - Estados Unidos, o BNDE e a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina). Segundo o próprio JK, o Plano de Metas objetivava ‘acelerar o processo de acumulação, aumentando a produtividade dos investimentos existentes e aplicando novos investimentos em atividades produtoras’. O Plano estabelecia trinta metas, divididas em cinco setores, e mais uma meta síntese, que era a construção de Brasília (PIRES, 2006, p.114).

A viabilização de tal plano necessitava da entrada de capital estrangeiro no país. Portanto, nesse ponto, o governo de J.K foi diferente do de Vargas, uma vez que ele aceitava e procurava investimentos de outros países, enquanto Vargas tinha suas ressalvas a respeito. O sucesso do Plano de Metas acabou por gerar uma euforia na população:

A política do Estado, sintetizada no chamado Plano de Metas, foi um sucesso inclusive no que se refere a um aspecto no qual Vargas falhou: a atração de investimentos privados dos mais diversos países imperialistas, dos Estados Unidos ao Japão, para setores chaves da economia brasileira. [...] A indústria cresceu e se diversificou, com a instalação, no Brasil de um forte setor de bens de capital e de bens de consumo de luxo, este simbolizado principalmente pela fabricação de veículos motorizados. Some-se a isto a forte migração para as cidades; as mudanças na estrutura ocupacional, com a criação de novos postos na burocracia de Estado e nos altos e médios escalões das empresas estatais e particulares; a fundação da nova capital, Brasília; as rodovias que rasgavam o território brasileiro em todas as direções; o impacto simbólico da indústria automobilística; as inovações culturais como a Bossa-Nova, o Cinema-Novo e a arquitetura de Oscar Niemeyer; e – enfim! – a conquista, pela primeira vez, da Copa do Mundo de futebol... Realmente, parecia haver fortes razões para acreditar que, como afirmou Kubitschek, “o gigante acordou” e que o Brasil estava condenado ao desenvolvimento e – ainda mais – com democracia (ALMEIDA, 2006, p.84).

Também foi fato decisivo, para J.K, a maior parte do Congresso ser aliada a ele, o que permitiu a aceitação, pelo poder Legislativo, de quase todos os seus projetos. A maior prova disso, de acordo com Lúcio Flávio de Almeida (2006), foi o apoio dado à sua gestão pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que passou a acreditar no nacionalismo praticado por

J.K como "a expressão da frente única anti-imperialista no Brasil". O apoio do PCB, ligado aos movimentos de trabalhadores urbanos e aos camponeses, por outro lado, fez que esse nacionalismo adquirisse um caráter mais popular.

Outro ponto muito perceptível, segundo Pires (2006), e bastante discutido sobre o governo J.K, é que nestes anos o Brasil começa a deixar de ser um país essencialmente agrícola e passa a se industrializar de fato. O Plano de Metas teve muita responsabilidade nesse sentido. Ao mesmo tempo, em todo o mundo era sentida a expansão do “*American Way of Life*”, que alterou padrões de comportamento e consumo e por meio do qual o cliente passou a ser visto como um consumidor em potencial. Para isso, contribuiu o maior acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo, e a publicidade. Com tais mudanças, o Brasil passa a mostrar uma crescente taxa de urbanização. Ou seja, as cidades passam a “inchar”, devido ao número cada vez maior de migrantes que procuram uma vida melhor. Muitas vezes, portanto, a urbanização vem ligada à ideia de progresso, como foi o caso de Londrina nesse período.

Mas, apesar de todo o desenvolvimento e industrialização do governo de Kubitscheck, o Plano de Metas, que marcou sua gestão, trouxe consequências negativas para o país, como o aumento da inflação e das dívidas externas:

O Brasil sofria a metamorfose de um país essencialmente agrícola, com predomínio para a exportação do café, para outro industrializado. Tal evolução não seria alcançada tão facilmente. Um projeto de desenvolvimento e industrialização cobrou altos preços, como a inflação e o endividamento externo, principalmente após os três primeiros anos de seu governo. A obsessão por construir Brasília dentro do período de seu governo fez com que Juscelino mantivesse sua postura nada ortodoxa de emissão de moeda e gastos públicos [...] o mar de rosas de Juscelino com a economia começou a mudar em 1958, quando ficou evidente a impossibilidade de tantas realizações sem gerar inflação e endividamento [...] Com a aproximação do fim do governo - e o prazo para a entrega de Brasília – Juscelino acelerou os gastos e não conseguiu conter a desvalorização da moeda e a inflação. Esta fechara em 1956 com quase 25% [...] a inflação em 1959 ficou em 39.5% e a de 1960 fechou em 30.5%. A dívida externa nacional passou de 87 milhões de dólares em 1955 para 297 milhões em 1959. (PIRES, 2006, p.116-117, 126 e 128).

Quanto ao cultivo cafeeiro, Kubitscheck tentava amparar os produtores com apoio contínuo e medidas para frear o declínio mundial dos preços do produto. No entanto, não houve muito sucesso, na visão de Skidmore (1976). Uma das medidas foi prometer comprar os estoques excedentes de café. Porém, a compra acabaria gerando emissão adicional de

moedas e aumentando o déficit no setor público, além de elevar a inflação, recorrente durante esse mandato. Assim, o plano não foi posto em prática, revoltando os cafeicultores.

Em uma matéria do jornal Folha de Londrina, intitulada “Plano geral de ajuda da União ao Norte do Paraná”, veiculada em 18 de janeiro de 1957, nota-se que os cafeicultores, sobretudo os paranaenses, não foram prioridade nos investimentos do governo de Juscelino. A matéria informa sobre a chegada de um grupo de dez pessoas à cidade, ligadas ao presidente, entre elas o Coronel Walter Santos (secretário geral do Conselho Coordenador de Abastecimento), Benedito da Silva Queirós (membro do mesmo Conselho), e José Pires de Albuquerque (funcionário da carteira de crédito agrícola e industrial do Banco do Brasil). Além de visitas à zona rural, foram realizadas oficinas de merenda escolar e uma mesa-redonda entre os membros da comitiva e algumas personalidades londrinenses.

Na fala do então prefeito londrinense, Antônio Fernandes Sobrinho (1955-1959), durante a citada mesa-redonda, percebe-se claramente que o norte paranaense não estava recebendo auxílios suficientes do governo federal para a cultura cafeeira. Em seu discurso, ele apresenta uma comparação, tentando convencer o coronel Walter Santos de que as lavouras paranaenses são muito mais produtivas que as lavouras paulistas, recebedoras, no entanto, de maiores incentivos:

[...] Desde 1930, quando teve seu florescimento máximo, até hoje, a lavoura cafeeira vem sendo sugada em benefício de outras realizações. Chegamos a um ponto tal [...], que a lavoura agora está vivendo um período de angústias. São Paulo, o maior estado cafeeiro da Federação, com 1 billião e 400 milhões de pés de café, por causa desse déficit constante em sua economia, visando ao objetivo do equilíbrio financeiro do país, chegou à produção ínfima de 5 milhões de sacas de café, que multiplicados por, digamos, 2.000 cruzeiros, darão 10 bilhões de cruzeiros. Ora, todos nós lavradores [...] sabemos que, para manter uma lavoura em ordem, [...] não se pode fazer um custeio aquém de 14 mil cruzeiros por mil pés. Basta fazer a multiplicação desta importância pelo número de cafeeiros para verificar que a lavoura de café de São Paulo acusa um déficit tremendo. Isto não ocorreria no Paraná porque, enquanto São Paulo tem uma produção de 400 gramas de café por árvore [...], o Paraná tem a média de um quilo e meio por arbusto. As terras do Paraná são ainda riquíssimas de “humus”, o que não acontece mais com as terras de São Paulo (Folha de Londrina, 18 de janeiro de 1957, capa).

Além de pedir por mais investimento na cafeicultura, também foram discutidos na mesa-redonda temas como a abolição do confisco cambial, as erosões que atingiam o norte paranaense, a inflação da economia e a necessidade de mais fomento agrícola para a região. Na fala do prefeito Fernandes Sobrinho também é perceptível o que Almeida (2006) alerta como sendo uma das consequências do Plano de Metas: um dos objetivos do plano foi trazer

indústrias de outros países ao Brasil. Para isso, seria necessário remunerar tais “investimentos” estrangeiros. Entretanto, não havia dinheiro suficiente para sustentar a operação. As divisas do país dependiam do preço do café no mercado internacional, que estava em queda. Por sua vez, os grandes exportadores de café faziam pressão, como foi percebido com a fala de Fernandes Sobrinho, exigindo novos subsídios, os quais, aliás, eram altamente inflacionários. Pronunciando-se a favor do "homem do campo", contudo, eles acabavam conseguindo o apoio de boa parte dos fazendeiros. O mesmo discurso também pode ser notado na fala do prefeito Fernandes Sobrinho, igualmente um proprietário rural.

Toda essa situação concorreu para que, em 1958, ocorresse a Marcha da Produção, movimento organizado pela Sociedade Rural Brasileira, em conjunto com entidades regionais, entre elas a Associação Rural de Londrina. Por meio da Marcha, produtores de café e alguns proprietários rurais pretendiam pressionar o governo federal a melhorar os incentivos para a agricultura, sobretudo o cultivo cafeeiro:

A “Marcha-da-produção” [...] tinha como intuito, levar uma imensa massa de agricultores do Paraná, de São Paulo e de Minas Gerais, em marcha até o Palácio do Catete, sede do Governo Federal naquela época, para reivindicar maiores investimentos na política agrícola, isenção de impostos, e especial atenção à lavoura cafeeira (SOUZA, 2008, p.78).

O panorama da década de 1950 leva à percepção de que o discurso de progresso era muito recorrente naquele período em todo o país, e com Londrina não poderia ser diferente.

Segundo Mello e Novais (1998), entre 1950 e 1979, os brasileiros, de maneira geral, tinham a sensação de que o país caminhava rumo à modernidade. Mais especificamente entre 1945 e 1964, o Brasil passou por momentos decisivos para que ocorresse sua industrialização. Também caracterizaram esse momento a urbanização e as migrações internas: “Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganharam um ritmo acelerado” (1998, p.560-561).

Portanto, para Mello e Novais, os fenômenos da urbanização e da migração em massa, como ocorrido em Londrina nos anos 1950, não foram um caso isolado. Muito pelo contrário, eles caracterizaram esse período em todo o país.

E foi justamente o processo de urbanização de Londrina que Oswaldo Leite captou em suas fotografias. Pode-se dizer que ele registrou essa transformação porque a maior parte de suas imagens mostra as obras que foram concretizadas pela cidade e, justamente, as obras de

infraestrutura urbana, como calçamento e saneamento. Elas representam a maioria de suas imagens dentro do acervo do Museu Histórico.

Ainda é preciso dizer que o olhar de Leite era bastante metódico, ele não utilizava muitas técnicas na hora de fazer as fotografias. Seu interesse era fotografar as obras e fazer disso um registro para a posteridade. Para tanto, utilizava a máquina da própria Prefeitura Municipal, uma Yashica Mat. Leite também não teve nenhum mentor responsável por ensiná-lo a fotografar. Contava, no máximo, com a ajuda de amigos que já entendiam do assunto, como o proprietário da loja Foto Galante, local bastante conhecido da cidade e onde ele revelava boa parte das fotografias que fazia<sup>36</sup>. Sendo assim, duas coisas que o levaram inicialmente a fotografar foram a curiosidade e o interesse em facilitar seu trabalho dentro da Secretaria de Obras.

Durante os anos em que trabalhou na administração pública, Leite se aposentou e voltou duas vezes à atividade. Em 21 de fevereiro de 1967, há o primeiro registro de aposentadoria dentro de sua ficha funcional; no entanto, em 31 de dezembro de 1970, ele voltou a trabalhar, sendo nomeado em comissão para exercer a função de Assistente na Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação. Na mesma década, consta em sua ficha funcional, pela primeira vez, o registro como fotógrafo, em 1º de fevereiro de 1977, com oito horas de trabalho por dia, recebendo 16,67 Cruzeiros por hora<sup>37</sup>.

Já em 04 de novembro de 1986, há menção a um novo pedido de aposentadoria, dessa vez por idade. Seis anos mais tarde, em 1992, ele voltou a trabalhar na Prefeitura Municipal, reclassificado como oficial administrativo. Leite continuou trabalhando até 1995, quando faleceu, aos 74 anos de idade<sup>38</sup>. Durante sua vida de trabalho de mais de 50 anos (de 1942 a 1995), recebeu diversos elogios dos prefeitos, que constam em sua ficha funcional. Na década de 1950, por exemplo, Milton Ribeiro Meneses “determinou que ficasse constando, com o devido destaque, nota elogiosa pela maneira exemplar com que sempre se houve no exercício de suas funções” (Portaria n.367, 09/12/1955); e Antonio Fernandes Sobrinho “determinou que contasse dos assentamentos individuais, voto de louvor pela cooperação eficiente, maneira irrepreensível, competência, assiduidade, e zelo nos serviços a êle feitos” (Portaria n.399, 11/12/1959).

Sendo assim, Leite se mostrava um bom funcionário de acordo com a descrição feita pelos dois prefeitos da década de 1950, além de contar com certo prestígio em seu ambiente

---

<sup>36</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 01 de julho de 2014.

<sup>37</sup> Idem nota 4.

<sup>38</sup> Idem nota 4.

de trabalho, já que ele aparece, algumas vezes, listado para integrar comissões de inquérito que apuravam irregularidades de funcionários da própria Prefeitura Municipal, como consta em sua ficha funcional.

Outro ponto que atesta a boa reputação de Leite dentro da Prefeitura Municipal é a denominação de uma rua com o seu nome, em homenagem aos serviços que prestou por mais de 50 anos à municipalidade, feita pelos vereadores após sua morte. A referida rua está localizada no bairro Marajoara, em Londrina, e sua lei foi sancionada em 18 de junho de 1996<sup>39</sup>.

Pelos vencimentos registrados<sup>40</sup>, pode-se dizer que Leite recebia um salário sempre maior que os salários mínimos, durante os anos em que trabalhou como funcionário público<sup>41</sup>. Por exemplo, o vencimento de 5 mil Cruzeiros, registrado em 1952, é quatro vezes maior que o salário mínimo nacional daquele ano, que era de 1.200 Cruzeiros. Assim também ocorre com o salário de 19.500 Cruzeiros em 1960, dez vezes maior que o salário mínimo nacional do período, de 9.600 Cruzeiros. No entanto, é preciso levar em conta a inflação do período e o depoimento de Otacílio, afirmando que os rendimentos de seu pai nunca foram muito altos na Prefeitura e que ele se aposentou ganhando muito pouco. Por esse motivo, ele voltou a trabalhar por duas vezes após pedir a aposentadoria<sup>42</sup>. Mesmo no início de suas atividades, nos anos 1940, Oswaldo Leite fazia alguns serviços fora da Prefeitura, trabalhando em dois cinemas: Cine São José e Cineteatro Municipal, como bilheteiro, ou mesmo administrando-os temporariamente<sup>43</sup>.

Auxilia nessa compreensão a classificação feita por Mello e Novais (1998, p.596), onde os funcionários públicos de nível médio, como era o caso de Leite, entre os anos 1950 e 1980, pertenciam à classe média baixa; e a remuneração que recebiam, na maioria das vezes, não permitia uma vida de muitas regalias.

Vale observar, igualmente, que Oswaldo Leite conseguiu um crescimento real em sua carreira ao longo do tempo em que atuou na Secretaria de Obras: de fiscal, passou a escriturário, oficial administrativo e, posteriormente, a fotógrafo. Ele permaneceu a maior parte dos anos dentro da mesma repartição: a Secretaria de Obras e de Urbanismo, sendo lotado raramente em departamentos como o de Água e Esgoto, em 31 de dezembro de 1959, e

---

<sup>39</sup> Para maiores informações sobre a nomeação desta rua, ver a Lei Municipal londrinense n. 6.643, de 18 de junho de 1996.

<sup>40</sup> Idem nota 4.

<sup>41</sup> Sobre o valor dos salários mínimos para cada época, ver o site: <[http://www.gazetadeitauna.com.br/valores\\_do\\_salario\\_minimo\\_desde\\_.html](http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.html)>. Acesso em 20 de março de 2014, às 09h:25min.

<sup>42</sup> Idem nota 12.

<sup>43</sup> Idem nota 31.

mesmo assim, não deixava de prestar seus serviços ao Departamento de Obras e Planejamento (D.O.P.)<sup>44</sup>.

Isto denota, por fim, que sua função de fotógrafo não foi exclusiva durante a maior parte do tempo em que trabalhou para a Prefeitura Municipal. No entanto, segundo Otacílio Leite, Oswaldo sempre se interessou por fotografias e tinha a ideia de que era importante fotografar para documentar, tendo um registro para a posteridade. E foi exatamente o que fez: registrava o seu trabalho, tentando sempre legendar e datar as imagens que fazia, com o intuito de preservar uma memória. Logo, Oswaldo não nasceu fotógrafo, ele se tornou um, assim como milhares de outros profissionais da área. Sua formação fotográfica ocorreu de maneira amadora.

Pode-se dizer, então, que o “olhar fotográfico” de Leite sobre Londrina foi educado pelo meio em que ele cresceu e viveu. Foi a partir daí que tirou suas referências para as imagens que realizou da cidade.

Na sociedade de sua época, o olhar era guiado, por assim dizer, por imagens que vinham com as mesmas características desde o século XIX, quando surgiu a fotografia. Eram imagens panorâmicas, com um leve recuo, ou focadas, que buscavam retratar a cidade, seus habitantes.

De acordo com Íris Morais Araújo, muitos motivos levaram fotógrafos a retratar diversas paisagens. Após a Revolução Industrial inglesa, o deslocamento das pessoas pelo mundo, inclusive, foi facilitado, o que acabou instigando as viagens e o registro de novos lugares. Junto a isso, as cidades também se transformaram, em busca de uma nova aparência, mais moderna. Neste setor, o modelo a ser seguido pelo resto do mundo foi Paris, governada por Haussmann, que sofreu diversas transformações em sua paisagem.

[...] outro movimento, que iniciado na Europa, atingiu muitas cidades; em especial, aquelas que estavam relacionadas às transações econômicas prescritas pela expansão mundial do capitalismo. [...] Trata-se das transformações que buscavam garantir a formação de uma cidade moderna, e que tiveram na Paris de Haussmann o modelo para todas as demais. Sob o impacto dos ideais civilizadores da uniformidade, da regularidade e da grandiosidade que essas cidades deveriam exibir, partes inteiras dos núcleos populacionais foram destruídos e reerguidos. Em conjunto com tais modificações, que alcançavam esta capital como um todo e ainda as suas adjacências – como, por exemplo, o arrasamento de ruelas e cortiços e a constituição, em seus lugares, de largos e iluminados *boulevards* -, foi se construindo um novo modo de se assenhorear desses espaços; através da apropriação da imagem da cidade (ARAÚJO, 2006, p.114).

---

<sup>44</sup> Idem nota 4.

Portanto, tais modificações na cidade também acabaram se tornando uma maneira de a elite se apropriar de determinados espaços. Auxiliavam, nessa apropriação, as imagens veiculadas da cidade. Eram muito comuns, por exemplo, as vistas feitas por meio dos daguerreótipos e que atestavam a conquista do espaço urbano pela classe burguesa. Como aponta Solange Ferraz de Lima:

Se o retrato representou para a classe burguesa em ascensão a possibilidade de expressar sua individualidade (Gisele Freund), as vistas, por sua vez, expressam a conquista do espaço urbano: os edifícios destinados a abrigar as atividades e instituições da burguesia bem como as remodelações urbanísticas segundo a concepção burguesa poderão, graças à fotografia, serem eternizados e divulgados universalmente (1998, p.66).

Tais vistas urbanas ainda davam aos fotógrafos novas possibilidades de exercer sua linguagem fotográfica, o que acabava formando um novo padrão de visualidade. Conforme esse tipo de fotografia se incorpora ao cotidiano da cidade com exposições em ateliês e venda de cartões postais com as vistas, a familiaridade se torna maior, e “educa o olhar para o padrão de visualidade que no século XX dominará os meios de comunicação de massa” (LIMA, 1998, p.75). E é tal padrão, herdado dos meios de comunicação de massa, que se encontra presente nas fotografias de Oswaldo Leite de Londrina nos anos 1950.

Segundo Helouise Costa (1998), as fotografias vão adentrando no processo de industrialização e, conseqüentemente, de massificação, em todo o mundo, logo após seu surgimento.

Sobre o processo de massificação não só da fotografia, mas das artes de maneira geral, Walter Benjamin afirma que as obras de arte sempre foram suscetíveis à reprodução, afinal, “o que os seres humanos fazem pode ser imitado por outro” (2012, p. 10). No entanto, com o surgimento de técnicas como a litografia e a fotografia, no século XIX, a reprodução e a divulgação de imagens aumentam muito, fazendo que as mesmas percam o que Benjamin chama de “aura”, ou seja, o efeito provocado pelo aqui e agora, pela autenticidade da obra de arte: “O que desaparece na época da reprodução técnica da obra de arte é sua aura [...] Ao multiplicar a reprodução, ela substitui a existência única por uma serial” (2012, p.13).

Com o surgimento da fotografia, e a questão premente da reprodutibilidade técnica, a mesma passa a ser feita com o objetivo de ser reproduzida e divulgada: “A reprodutibilidade técnica da obra de arte a emancipa da existência parasitária como parte do ritual. A obra de

arte reproduzida torna-se cada vez mais a reprodução de uma obra de arte elaborada para ser reproduzida” (2012, p. 16).

No entanto, de acordo com Siegfried Kracauer (2009), as massas não pensam sobre tal processo de reprodutibilidade, de massificação das artes; ele ocorre de maneira intrínseca.

O ornamento não é pensado pelas massas que o realizam. É absolutamente linear: nenhuma linha emergindo das partículas da massa prevalece sobre a figura inteira. Nisto assemelha-se às fotografias aéreas de paisagens e de cidades, nos quais não emerge do interior dos elementos dados, mas aparece sobre estes (2009, p. 93).

Assim, forma-se e consolida-se um novo padrão de visualidade em todo mundo, veiculado, sobretudo, pelos meios de comunicação populares. Um marco dentro dessa nova visualidade, no Brasil, é expresso através das reformas e obras ocorridas em diversas cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, no final do século XIX. Naquele momento, as fotografias passam a veicular a imagem pretendida para a cidade, por conta de seu novo desenho urbano, pela arquitetura em transformação, e também ao mostrar a urbe como uma metrópole moderna, segundo Lima (1998).

Durante o século XIX, a fotografia ainda foi utilizada como um registro fiel e imediato de construções, expedições, realizações humanas as mais diversas. Tudo com a colaboração das constantes inovações no ramo da fotografia, que facilitavam cada vez mais a criação e o aprimoramento desses registros:

Como um processo que registrava de forma imediata tudo o que surgisse à sua frente, a fotografia satisfazia as necessidades de governantes, cientistas, historiadores e viajantes. Por esse motivo, foi logo aplicada a tentativas de mapear, catalogar e caracterizar tanto o mundo natural quanto as realizações humanas. Essas imagens eram geralmente usadas para apoiar administrações coloniais, oferecendo registros dos povos e regiões dominados. Em meados da década de 1850, avanços tecnológicos como o negativo de vidro e, posteriormente, o negativo de placa seca, tornariam a fotografia uma ferramenta ainda mais útil para projetos empíricos. O negativo de vidro possibilitava imagens mais precisas que o de papel, enquanto o método da placa seca significava que os fotógrafos não precisavam mais preparar e depois revelar suas placas no local das tomadas (LORD, 2012, p.92).

Na mesma época, ocorre a elaboração de fotografias de edifícios e construções. Para Carvalho e Wolff, os fotógrafos do período pretendiam apresentar, a partir de suas imagens, o objeto em foco, reproduzindo-o o mais fielmente possível, para apresentá-lo ao público. Tais

fotografias serviam, também, como ajuda aos relatórios das obras, para comprovar seu andamento e promover as ações do poder público, se fossem divulgadas:

As fotografias eram também vistas como úteis para comprovação, mais concreta do que relatórios escritos, das fases de evolução das obras, de outra maneira objeto de longas e minuciosas descrições. Esses registros, além de seu uso essencialmente técnico, permitiam uma comprovação justa do emprego do dinheiro público e, ainda, serviam como potencial elemento de promoção da ação oficial (CARVALHO E WOLFF, 1998, p.154).

Vale ressaltar que é ainda no século XIX que irá se iniciar, na Europa, a prática de administrações públicas encomendarem fotografias para o registro de obras em andamento. Assim, elas divulgavam tanto os modelos arquitetônicos e construtivos que estavam seguindo, quanto sua ação pública. No Brasil, as mesmas imagens passam a ser feitas após a segunda metade do século XIX, quando o ritmo de construções pelo país aumenta:

Prédios oficiais, fontes e chafarizes, praças, estátuas, novas avenidas, intervenções urbanas, demolições 'saneadoras', instalações de redes de transportes, tudo passou a ser registrado com frequência crescente, para culminar na virada do século numa intensidade proporcional ao ritmo das obras (CARVALHO e WOLFF, 1998, p.1654).

É perceptível que os motivos que levaram Leite a fotografar já haviam convencido diversos fotógrafos anteriormente. Esse tipo de imagem se tornou tão comum, tanto aqui quanto na Europa, segundo Carvalho e Wolff (1998), porque tais registros eram do interesse de todos. A população se identificava com a construção do moderno, do progresso; almejava viver e fazer parte de uma cidade que era retratada dessa maneira.

Além disso, igualmente corroborou para a formação do estilo fotográfico de Oswaldo Leite, a disseminação, no final do século XIX, do autodidatismo fotográfico. Ela se torna mais forte após a invenção da câmera Kodak, que não exigia do fotógrafo os equipamentos para revelar e imprimir suas fotos logo após tirá-las. Bastava fazer as fotografias almejadas e, após o filme de 100 posições que já vinha carregado na máquina terminar, a mesma era enviada à fábrica. As fotografias eram então reveladas e um novo filme carregado:

Durante as primeiras quatro décadas, a fotografia era uma atividade complexa, limitada a profissionais e amadores que tinham tempo e dinheiro suficiente para dominar a nova mídia. Porém, na década de 1880, avanços técnicos aumentaram sua velocidade, mobilidade e praticidade. [...] Contudo, [...] os fotógrafos ainda precisavam revelar seus negativos e imprimir suas fotos, o que exigia uma câmera escura e todos os equipamentos e conhecimentos necessários para isso. A necessidade de revelar e imprimir suas próprias imagens impedia que a fotografia se tornasse um passatempo popular. Então a câmera Kodak foi inventada pelo empresário americano George Eastman. Sua ambição era simplificar a fotografia, embora seu motivo fosse financeiro, e não altruísta. [...] Tirar uma fotografia com a Kodak era simples. Qualquer coisa a mais de um metro de distância ficava em foco e sua lente grande-angular dispensava a presença de um visor. Bastava apontar a câmera na direção certa e apertar o botão para ativar o obturador. A Kodak trouxe um novo espírito de liberdade e espontaneidade à fotografia, à medida que pessoas registravam suas vidas cotidianas sem se preocuparem com as convenções da mídia (HARDING, 2012, p.156-157).

Com a invenção da Kodak, as máquinas fotográficas tornaram-se mais simplificadas e baratas, permitindo a um número muito maior de indivíduos fotografar. Não era preciso mais ser um profissional, ter cursos, acesso a revistas especializadas, nem saber técnicas fotográficas ou ser membro de um “*photo club*”<sup>45</sup>. Aprendia-se a fotografar, fotografando.

Logo, o estilo fotográfico de Leite era algo presente na sociedade desde que ele nasceu e foi assim que ele teve seu olhar educado, o que referenciou, posteriormente, as fotografias que fez de Londrina.

O mérito das fotografias desse autodidata está na carga histórica que trazem, pois a partir das imagens de Leite da década de 1950, é possível ter uma visão diferenciada de um período tão importante para a história local, já que elas mostram uma ideia muito presente em diversos registros, que definia a cidade naquele momento: a de progresso, transformação e crescimento. Somando-se às informações que sua história pessoal oferece, pode-se entender, então, por que Leite começou a fotografar, e o que o movia a fazer tais imagens, hoje capazes de apresentar uma visão diferenciada da história local.

Por fim, é preciso ressaltar que, recentemente, as imagens de Leite vêm sendo empregadas em exposições locais, como a do Terminal Rodoviário, em um painel com diversas fotos que fica ao lado das esteiras rolantes, implantadas em 2009<sup>46</sup>. A proposta de apresentar ao usuário do Terminal Rodoviário fragmentos da história local passa a intenção de

<sup>45</sup> Sobre os *photo clubs* no Brasil, ver: PEREIRA, Adriana Maria Pinheiro Martins. *A cultura amadora na virada do século XIX: a fotografia de Alberto Sampaio (Petrópolis/Rio de Janeiro, 1888-1914)*. 2010. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>46</sup> Informação obtida no site do Jornal União: <<http://www.jornaluniao.com.br/noticias.php?editoria=&noticia=OTcy>>. Acesso em 20 de março de 2014, às 09h: 30min.

dar acolhida aos passageiros que chegam à cidade pela Rodoviária. Os viajantes podem ver fotografias de diversos autores, de diferentes períodos: desde a fundação de Londrina na década de 1930 até as mais atuais, revelando as muitas cidades que se encontram na memória e na história de Londrina.

A referida fotografia<sup>47</sup> que integra o painel do Terminal Rodoviário data de 22 de julho de 1969 e retrata a Praça Rocha Pombo, em primeiro plano, e a Estação Ferroviária (atual Museu Histórico Padre Carlos Weiss) ao fundo, como pode ser visto abaixo.

**Imagem 1** - Praça Rocha Pombo



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 22 de julho de 1969.

A praça que a fotografia retrata foi construída durante a década de 1950. Pode-se dizer que quase vinte anos depois, sua paisagem era composta por diversas árvores e plantas, uma fonte bem ao centro, bancos para descanso, e que estava muito bem cuidada. Chama a atenção, também, o plano de fundo da imagem, onde se veem várias casas, barracões, e a antiga Estação Ferroviária, de arquitetura diferenciada. Além disso, a rua à frente da Estação é asfaltada, e há um automóvel e alguns ônibus, devido à Rodoviária da cidade se encontrar

---

<sup>47</sup> A imagem em questão foi selecionada para integrar o painel da estação rodoviária de maneira aleatória. Portanto, não houve nenhum motivo em especial para que a mesma integrasse o painel, segundo Célia Rodrigues de Oliveira, responsável pelo setor de Imagem e Som “Eugênio Brugin”, do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

próxima, logo acima da praça retratada. Portanto, a Praça Rocha Pombo era uma espécie de divisória entre a Estação Ferroviária e a Estação Rodoviária na época.

Oswaldo Leite captou a fotografia de um lugar mais alto, talvez de algum edifício próximo, já que conseguiu enquadrar toda a praça na imagem. Também é notável sua qualidade, com luminosidade e definição apropriadas.

Além dessa imagem, em exposição permanente, também há o registro de duas exposições temporárias feitas no saguão da Prefeitura Municipal que contaram com fotografias de Oswaldo Leite. Uma, em 1992, em homenagem a ele; outra, realizada entre dois e seis de abril de 2012, e que versava sobre as escolas do município. Para a segunda exposição, vinte e duas imagens foram selecionadas, e nelas se podia ver reformas, desfiles, merendas, e outros assuntos do cotidiano escolar. A mesma exposição tornou-se itinerante e seguiu para a Biblioteca Pública Municipal, Câmara de Vereadores e Centro Cultural da Região Norte<sup>48</sup> da cidade de Londrina<sup>49</sup>. Ambas foram propostas pelo poder público municipal.

Portanto, as imagens produzidas por Leite têm essa abrangência e simbolizam a transformação urbana local. Elas também estão integradas à ideia de urbanização, modernização e progresso como se buscará apontar no capítulo seguinte.

---

<sup>48</sup> O referido Centro Cultural encontra-se na região norte de Londrina, popularmente conhecida como Cinco Conjuntos, cujo nome origina-se no fato de a área, criada nos anos 1970, ser composta inicialmente por cinco bairros. Com o tempo, a região se expandiu e atualmente abrange vinte e três bairros, tornando-se a mais populosa da cidade. Informação obtida em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/edicaoodia/conteudo.phtml?tl=1&id=1142828&tit=Com-41285-moradores-regiao-do-Cinco-Conjuntos-e-a-mais-populosa-de-Londrina>>. Acesso em 08 de janeiro de 2015, às 10h: 50min.

<sup>49</sup> Estas informações foram obtidas em: NUNES, José Luiz Alves. *Londrina! Cidade de braços abertos: O olhar de um pé-vermelho da segunda geração*. Londrina: Ed. Do autor, 2010. E no site da Prefeitura Municipal: <[http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14756%3Aprefeitura-expoe-acervo-da-secretaria-de-educacao&catid=108%3Adestaques&Itemid=288](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14756%3Aprefeitura-expoe-acervo-da-secretaria-de-educacao&catid=108%3Adestaques&Itemid=288)>. Acesso em 20 de julho de 2014, às 09h: 45min.

# *Capítulo 2*

## CIDADE DE LONDRINA: O CRESCIMENTO URBANO NA DÉCADA DE 1950

No capítulo anterior foi assinalado que, durante a década de 1950, o discurso sobre progresso em Londrina, e em toda a região norte paranaense, era algo muito presente, devido ao crescimento econômico na referida região, motivado principalmente pelo cultivo de café.

Tal crescimento foi amplamente divulgado, em jornais, revistas e também “boca a boca”, o que acabou cooperando para que muitos migrantes fossem atraídos à cidade em busca de uma vida melhor. Segundo Arias Neto (1998), será nesse momento que a população rural passará a ser menor que a urbana, pela primeira vez, desde a fundação de Londrina. No ano de 1948, por exemplo, a população urbana já era de 33 mil habitantes e a rural, de 25 mil. Em 1957, o montante será de 66.500 pessoas vivendo na área urbana e 52.180, na zona rural.

Portanto, os migrantes vinham tanto de outras cidades, como de outros estados ou até da própria zona rural do município, que sofrera com as geadas de 1953 e 1955<sup>50</sup>. A maioria desses indivíduos eram atraídos não para adquirir um lote de terras e ali viver, como nos anos 1930, na fundação da cidade. A expectativa agora se dava em relação à riqueza a ser conquistada, e que proporcionaria aos migrantes a oportunidade de uma vida melhor. Ou seja, eles eram atraídos pela riqueza que o cultivo do café trazia para a cidade:

Atraiu-se então, para Londrina, um novo e grande contingente migratório, que não vinha mais em busca de terras baratas para cultivar, mas sim, em busca de uma riqueza que era amplamente divulgada e que alimentava as esperanças de uma vida melhor para muitos migrantes pobres que depositavam suas economias e expectativas nestas terras (SOUZA, 2008, p.22).

Segundo Mello e Novais, as cidades atraem os migrantes porque eles se sentem movidos por tudo o que ela representa dentro da ordem econômica do capitalismo: “A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas, também, porque é considerada uma forma superior de existência. A vida no campo, ao contrário, repele e expulsa” (1998, p.574).

E Londrina representava tudo isso para os migrantes que a procuravam: uma nova forma de vida que poderia lhes trazer progresso e riquezas. Mesmo a cidade situando-se em uma região rural, que crescia graças, especialmente, à sua produção agrícola, os migrantes se sentiam motivados a procurar a área urbana e não a região rural, por conta desse ideal, ou

---

<sup>50</sup> Sobre as geadas que atingiram a cidade de Londrina em 1953 e 1955, ver: SOUZA, Éder Cristiano de. *Os excluídos do café: As classes populares e a transformação no espaço público de Londrina. 1944-1969*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

seja, que a cidade, teoricamente, traria mais oportunidades e chances que o campo de uma vida melhor. Sob essa perspectiva, o campo passava a ser sinônimo de atraso e estagnação.

Mas, desde sua fundação nos anos 1930, quando lotes ainda eram vendidos pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), havia a intenção de trazer um certo número de ocupantes para a região de Londrina. Segundo Richard Gonçalves André (2006), a CTNP atraía tanto interessados com posses, que podiam comprar um lote à vista, quanto os que possuíam menor poderio econômico e parcelavam as terras adquiridas de acordo com os êxitos de sua produção. Êxitos esses garantidos pela CTNP em suas propagandas, que falavam sobre o clima da região, ótimo para a agricultura; sobre a terra roxa e a inexistência de pragas, em especial a formiga saúva. Por outro lado, se a dívida estava ligada ao que os ocupantes dos lotes conseguissem produzir em suas terras, ela poderia se estender por longos anos.

E a CTNP, ao se utilizar das representações da natureza local, também propagava que esta deveria ser conhecida e dominada pelo homem, pois isso traria progresso e civilização. Tais elementos eram correntes no imaginário brasileiro e por meio de panfletos, propagandas em jornal e agenciadores, a CTNP vendia seus lotes na região, atraindo compradores de diversas localidades, brasileiros e estrangeiros.

Nesse contexto, a CTNP promoveu a (re) construção do conjunto de representações anteriormente sugeridas, isto é, da natureza maravilhosa que, comportando riquezas supostamente inexploradas, deveria ser conhecida e submetida às exigências humanas, calcadas, sobretudo, em conceitos como progresso e civilização. Dessa forma, não se procedia a uma simples criação de imagens, mas à apropriação de elementos correntes no imaginário brasileiro, ainda que existissem lentas transformações (ANDRÉ, 2006, p.82).

Nesse cenário é importante lembrar que, segundo Benatti, qualquer propaganda feita com um teor contrário ao que a CTNP veiculava era reprimida:

O discurso publicitário buscava não apenas revelar e disseminar os conteúdos maravilhosos de uma terra edenizada e rica, ordeira e progressista, como também velar e impedir a propagação daquelas representações contrárias à imagem positiva que se queria vender. Essa estratégia em dois flancos é, aliás, típica de qualquer propaganda. A CTNP buscou reprimir qualquer elemento contraditório ao seu discurso; qualquer imagem que pudesse funcionar como *mix-marketing*, quer dizer, que fosse ou viesse a ser um fator de arrefecimento da marcha povoadora e do entusiasmo coletivo quanto às vantagens do projeto para os seus clientes (1996, p.67).

Sendo assim, a propaganda realizada pela CTNP surtiu efeito, já que houve um vultoso crescimento populacional em toda a região norte paranaense desde os anos 1930. E 20 anos depois, indivíduos ainda eram atraídos para a região com o intuito de melhorar suas condições de vida.

[...] as imagens difundidas sobre as amplas oportunidades oferecidas pela "Nova Canaã Brasileira" serviram eficientemente para suprir a necessidade de força de trabalho a ser empregada na ação colonizadora como um todo. E só funcionaram nesse sentido, só foram "eficazes" porque iam ao encontro de necessidades, carências e esperanças mais profundas de uma legião de expropriados de todos os quadrantes, que vinham atraídos pela vaga promessa da propaganda. Os ditos informais que circulavam na década de trinta, mas principalmente nos anos quarenta e cinquenta, eram de que no norte do Paraná as condições de trabalho eram amplas e rentosas, que o dinheiro corria muito e solto, e quem não tivesse preguiça, ficaria logo rico (BENATTI, 1996, p.74-75).

No entanto, é preciso pensar como a ideia de "Londrina progressista" conseguiu se propagar e se tornar um discurso que acabava por representar toda uma cidade, convencendo cada vez mais interessados a vir tentar uma nova vida no lugar.

Para Éder Cristiano de Souza (2008), em Londrina, naquele momento, quem comandava a cidade política e financeiramente era a elite comumente denominada "burguesia cafeeira", composta pelos grandes cafeicultores, comerciantes e profissionais liberais, ligados ao cultivo cafeeiro, mesmo que residentes urbanos e não proprietários rurais. E será justamente tal parcela da sociedade a maior propagadora do discurso de cidade progressista nos anos 1950:

Utiliza-se o conceito de "burguesia cafeeira" para definir uma classe que se tornou hegemônica em Londrina a partir da segunda metade da década de 1940, mas não se tratavam simplesmente de cafeicultores, pois o entendimento é mais amplo. [...] Compreendemos que se formou, a partir do crescimento da produção cafeeira no final da década de 1940, uma classe que se distinguia no conjunto dos habitantes por toda a região norte do Paraná. Não falamos apenas de produtores de café, mas de todos aqueles que detinham os meios de produção e circulação de mercadorias na cidade e região, assim, o complemento "cafeeira" é uma alusão ao fato de que a grande maioria dos empreendimentos locais tinha um vínculo direto com a cafeicultura (2008, p. 13-14).

Também concorreu para que esse pensamento se difundisse o fato de que toda a região norte do Paraná passou por um processo de redefinição socioeconômica e político-ideológica entre os anos de 1937 a 1945, devido à conjuntura nacional e internacional. Portanto, o que

Londrina vivia era como um reflexo do que se passava no mundo e no Brasil: “[...] o discurso público quase obsessivo do poderio econômico regional encontrava eco e modelo na ideologia estatal desenvolvimentista dos anos cinqüenta, o que só fazia exacerbar ainda mais o pendor natural dos ideólogos do ‘norte do Paraná’” (BENATTI, 1996, p.45).

Tudo isso colaborou para que surgisse a ideia da cidade como terra da promessa, ou “Eldorado”, de acordo com a expressão utilizada pelo historiador José Miguel Arias Neto (1998), sinalizando a esperança de sucesso e de uma vida melhor àqueles que chegavam. Ao mesmo tempo, o progresso da cidade estaria, teoricamente, atrelado ao progresso dos seus moradores.

Tais ideologias referem-se à crença na fertilidade da terra, ao rápido enriquecimento público e privado, ao fácil acesso às propriedades agrícolas e à riqueza possibilitada pela agricultura. É a força inexorável e inevitável do progresso. Percebe-se que a representação do Eldorado e do pioneiro está vinculada com a ascensão do café no cenário do norte do Paraná. As elites cafeeiras dessa região e, mais especificamente, da cidade de Londrina, usavam esse discurso público em sua luta pela conquista e manutenção do poder (LIMA e ZARPELÃO, 2013, p.213).

O que se percebe é que a elite londrinense multiplicava o discurso do “Eldorado” para reforçar seus objetivos e interesses políticos e conseguir se manter no controle da cidade. Segundo Lima e Zarpelão, esse grupo conseguiu eleger em Londrina, sucessivamente, todos os prefeitos entre os anos de 1947 a 1969:

De 1947 a 1969, os cafeicultores mantiveram o controle político do município, por meio da Associação Rural de Londrina, já fundada em 29 de junho de 1946. Os objetivos dessa Associação eram muito claros: juntar e mobilizar forças para reivindicar seus interesses e conquistar seu espaço junto ao poder municipal e também estadual. Assim, a Associação Rural de Londrina, hoje conhecida como Sociedade Rural do Paraná, conseguiu eleger, seja pela União Democrática Nacional (a maioria deles) seja pelo Partido Social Democrata (uma vez apenas), todos os prefeitos de Londrina na época mencionada. Percebe-se, assim, uma clara e profunda ligação entre o café, seus fazendeiros e as idéias de Eldorado, Pioneiro e Terra da Promissão, em que a elite procurava justificar suas ambições de poder, através de um discurso ideológico montado sobre a atividade do café (LIMA e ZARPELÃO, 2013, p.213).

O mesmo grupo também passa a ter maior influência na cidade quando a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) transforma-se em Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), o que ocorre em meados dos anos 1940. Benatti explica melhor tal mudança:

O período que se estendeu de 1930 a meados da década seguinte é caracterizado como "a fase monopólica da Companhia". Durante esse tempo, a CTNP combinou o exercício do poder privado com uma grande influência no poder público, que na prática se embaralhavam em sua ação empresarial. Durante essa fase hegemônica, a prática discursiva atribuiu a essa empresa uma missão civilizadora, legitimando o exercício monopolístico do poder por meio de uma versão local de um mito fundador ou de origem. O poder político e econômico da Companhia foi mantido até 1944, quando, em virtude dos efeitos recessivos da Segunda Guerra e das dificuldades impostas pelo governo Vargas à exportação dos lucros acumulados, os ingleses retiraram seu capital e a CTNP foi nacionalizada. Depois disso, outros agentes se encarregariam de mitificar a atuação e o papel histórico da "maior empresa colonizadora a América do Sul" (1996, p.18-19).

O período em que a CTNP se transforma em CMNP, deixando de ser uma empresa inglesa e passando para a mão de capitalistas nacionais, é o momento em que ela começa a se desligar definitivamente de Londrina. E mesmo a compra da CTNP tendo sido realizada em 1944, ela só "sai das mãos" dos ingleses em 1949, de acordo com o livro de memórias feito em homenagem aos 50 anos da CTNP/CMNP<sup>51</sup>.

Após a transição, a CMNP se dedicará à fundação de outras cidades e também à diversificação das atividades da Companhia, que já não conseguia mais se manter somente como loteadora. A diversificação das atividades ganhou ímpeto no início dos anos 1950, devido à dificuldade em adquirir novos lotes de terra para comercialização, como está descrito no referido livro de memórias:

Percebendo que a progressiva comercialização de lotes rurais e datas urbanas acabaria por reduzir e até mesmo por fazer cessar as atividades da empresa, Gastão de Mesquita Filho cuidou de constituir reservas financeiras para adquirir outras glebas destinadas à colonização. Entretanto, esta compra se tornava a cada dia mais difícil, como consequência da valorização das terras e da crescente inflação. Diante destas circunstâncias, Gastão de Mesquita Filho considerou prudente aplicar essas reservas na aquisição de empresas industriais [...] Ao mesmo tempo, em 1950 [...] começou-se a organizar a exploração agropecuária das reservas de terras para culturas, no montante de milhares de alqueires. Em 1953, organizaram-se as duas primeiras fazendas de café (Mururê e Fartura) e em 1955 iniciou-se a criação de gado na fazenda Paranapanema (1975, p.197).

Além das fazendas, a CMNP também investiu em indústrias, que não eram necessariamente comandadas pela Companhia, pois algumas apenas eram apenas parceiras. Exemplos delas foram: Empresa Elétrica de Londrina, Companhia Agrícola Usina

---

<sup>51</sup> SANTOS, Rubens Rodrigues dos (Coord.). *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*. Publicação comemorativa do Cinquentenário da Cia. Melhoramentos Norte do Paraná. 1975.

Jacarezinho, Companhia de Cimento Portland Maringá, Cobrasma, Fornasa, Braseixos e Marítima Companhia de Seguros (1975, p.186).

A partir desse rol de empresas, percebe-se que Londrina ainda figurava dentro dos eixos de lucro da Companhia. No entanto, seu poder político e econômico sobre a cidade, já não era mais o mesmo. Os poderes, agora, estavam nas mãos da elite local, que era representada por partidos políticos como a UDN<sup>52</sup>.

Para entender melhor a relação entre a elite local e o poder londrinense, é preciso compreender que o Estado apoiava os grandes detentores de capital, porque eles operavam elos das cadeias mercantis, pagavam tributos e geravam dinheiro. Porém, os detentores de capital também buscavam apoio do Estado. A relação entre capital e Estado, é, portanto, uma “via de mão dupla”, já que o capitalismo nasce de uma camada superior, caracterizada por monopólios que geram lucro ao capitalista, e, para garantir tais monopólios, o capitalista (dono do dinheiro), relaciona-se com o Estado (dono do poder político). No caso de Londrina, parte desses detentores de capital controlava o dinheiro e a política.

[...] o Estado apoia seus capitalistas, pois eles operam elos das cadeias mercantis e pagam os tributos e geram as divisas que o Estado necessita para seus fins. Mas os capitalistas também buscam apoio do Estado para se favorecerem. [...] Então a relação entre capital e Estado é uma “faca de dois gumes”. [...] O verdadeiro lar do capitalismo não é a economia de mercado e sim uma camada superior caracterizada por monopólios que garantem o lucro extraordinário ao capitalista. Para garantir esses monopólios o capital (o dono do dinheiro) se relaciona com o estado (o dono do poder político) (ROEPER, 2010, p.04).

Para Éder Cristiano de Souza (2008), um marco da transição do poder político da CTNP para a elite local é a eleição do fazendeiro Hugo Cabral à prefeitura londrinense. A conquista do cargo deve-se à hegemonia que esse grupo tinha na cidade, pela alta influência política dos cafeicultores. Vale observar que tais cafeicultores não tinham interesses apenas rurais, mas também ligados às questões urbanas:

A eleição do fazendeiro Hugo Cabral, ao cargo de prefeito municipal em 1947, consolidou a hegemonia dos elementos ligados à cafeicultura no controle das decisões sobre a cidade ao final da década de 1940. Mas esta hegemonia não foi conquistada apenas através da organização em torno das alianças políticas, foi também resultante da alta influência política dos

---

<sup>52</sup> Sobre a influência do referido partido político na cidade de Londrina, ver: CESARIO, Ana Cleide Chiarotti. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira*. Um estudo de poder local: Londrina Pr. 1934-1979. 1986. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

cafeicultores, visto que nessa época a relação campo-cidade era intrínseca. Não se pode falar dos fazendeiros de café da época como uma classe exclusivamente rural, mas sim como agentes sociais diretamente vinculados às questões urbanas (2008, p.41).

Da mesma maneira, de acordo com Raymond Williams, a cidade e o campo sempre terão uma relação ativa e contínua, que não se limita somente a ideias e experiências, mas envolve igualmente situação e poder:

[...] sempre que penso nas relações entre campo e cidade, e entre berço e instrução, constato que se trata de uma história ativa e contínua: as relações não são apenas de ideias e experiências, mas também de aluguéis e juros, situação e poder – um sistema mais amplo [...] A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões. (2011, p.21).

As representações feitas sobre Londrina nos anos 50, como “cidade símbolo do progresso”, ligavam-se, em boa parte à riqueza do café, e, portanto, às perspectivas de progresso da elite local. Mas, tal discurso foi igualmente elaborado e difundido como algo que supostamente representava toda a cidade, por tocar em um sentimento muito caro à população: o desejo de progredir, de conseguir “vencer na vida”. E Londrina era divulgada como a cidade onde isso era possível. De acordo com Lima e Zarpelão, “Londrina torna-se o exemplo de tudo o que é moderno e civilizador, ou seja, um centro que espalha o progresso” (2013, p.217).

Segundo Paulo Benatti, Londrina foi, desde sua fundação, nos anos 1930, “palco das contradições do progresso e das tensões da modernidade que caracterizaram as ‘cidades do capital’ a partir do século XIX” (1996, p.02). As contradições, portanto, caminham juntamente com a transformação da cidade, em sua malha urbana, durante os anos 1950:

Muitas obras de melhoramentos e embelezamento marcam a década, a começar pela iluminação pública. Tem início os trabalhos de instalação de água e esgoto. O ferro e o concreto substituem, num ritmo acelerado, as toscas e modestas casas de madeira. A visão dos primeiros prédios de vários pavimentos contrastam, na lembrança de um passado recente, com os ranchos de pau-a-pique cobertos com tabuinhas de madeira. A expansão é também horizontal: os tentáculos da urbe avançam sobre as plantações de café que circundam a cidade; fazendas, sítios e chácaras são fatiados, dando origens às vilas da periferia. O subúrbio cresce na proporção das ondas

migratórias e aparecem os primeiros sintomas de favelização. A circulação de automóveis e a intensificação do fluxo migratório imprimiam ao movimento das ruas o ritmo agitado de "uma São Paulo mirim", como se dizia, na época, em tom de orgulho pelo progresso. [...] Ao lado da instalação da rede de água e esgotos e da melhoria da iluminação pública, o calçamento dos espaços privilegiados (as ruas centrais), foi um marco significativo no processo de modernização da cidade pioneira. As "passadeiras de asfalto" prometiam eliminar definitivamente a têz encardida da cidade, também ela incompatível com os novos foros de civilização. (BENATTI, 1996, p.50, 53).

A passagem de Benatti é bastante esclarecedora. Percebe-se, por seu conteúdo, que a cidade estava em transição e crescimento acelerado. Contudo, sua infraestrutura ainda era precária.

Com o grande número de migrantes chegando, era preciso que algumas obras fundamentais acontecessem, ou a cidade entraria em colapso. É nesse momento que se iniciam a ampliação dos encanamentos de água e esgoto para boa parte da cidade; o calçamento de ruas não pavimentadas, sobretudo na área central; e a implantação de serviços de iluminação em diversos locais. Mas os materiais e técnicas utilizadas para as obras em questão eram inovadores, com o objetivo de dar um ar mais moderno à cidade que crescia.

Ao mesmo tempo, alguns migrantes não tinham onde se estabelecer ao chegar. Não havia espaço ordenado para que todos pudessem ocupar, já que Londrina ainda não havia se estabelecido inteiramente enquanto cidade, naquele momento. Assim, começam a surgir vilas e ocupações irregulares na periferia, o que gerou diversos problemas, dentre eles o crescimento desordenado.

A partir disso, pode-se avaliar que o cenário posto aos olhos de Oswaldo Leite era o de uma Londrina em transição, com elementos do mundo rural e urbano convivendo lado a lado: casas de madeira e casarões suntuosos de alvenaria, ruas asfaltadas e ruas sem calçamento algum, charretes e automóveis. Todos convivendo dentro do mesmo espaço, formando e dando identidade a Londrina que se firmava enquanto cidade, com todos os problemas e contradições que isso representava.

Um bom exemplo, para mostrar como Leite retratava tais mudanças, pode ser visto na fotografia a seguir (Imagem 02), feita em abril de 1957, e que capta um detalhe da região central da cidade, mais especificamente a Praça 1º de Maio.

**Imagem 2** - Vista parcial da Praça 1º de Maio.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. Abril de 1957.

Nela vê-se, ao fundo, a Concha Acústica, construída no final dos anos 1950, e, em segundo plano, a parte de trás de um prédio, onde hoje funciona um centro de saúde. No plano de fundo da imagem também é possível ver alguns pontos de referência londrinenses, como o prédio do hospital Santa Casa, o Colégio Mãe de Deus e parte do Bosque Marechal Cândido Rondon. Tais pontos ainda eram visíveis porque a região não estava tomada por prédios, como hoje.

Do lado esquerdo, na esquina da avenida, nota-se um posto de gasolina, e, em primeiro plano, é possível ver um semáforo, com um guarda de trânsito sobre um caixote. Também chama a atenção a quantidade de carros e ônibus na imagem, somando 11 veículos. A rua é calçada com paralelepípedos, e há postes de energia.

Portanto, na imagem, são perceptíveis algumas das transformações que marcavam a urbe em consolidação naquele momento e que fortaleciam a ideia do progresso local: uma cidade com ruas amplas e calçadas, além de grandes construções, como um hospital e um colégio unicamente feminino; disponibilidade de energia elétrica e a presença de muitos carros (considerando-se o período e que Londrina era uma cidade do interior), mas de trânsito ordenado, com a ajuda de um guarda e do semáforo. Nada disso existia apenas duas décadas antes, quando a cidade havia sido fundada. A imagem de Leite permite, assim, inferir que a

cidade se encontrava em transformação, deixando para trás a época de sertão, e firmando-se como centro urbano na década de 1950.

Outra imagem que contribui para compreender o período é a que retrata a Praça 15 de Novembro sendo revitalizada (Imagem 03), em 20 de agosto de 1953. Nela é possível observar diversos veículos, entre carros, caminhões e caminhonete. No plano de fundo, do lado esquerdo, há uma charrete, e, em primeiro plano, do lado direito, é visível uma bicicleta. O chão da rua que circunda a Praça é calçado com paralelepípedos. Todos os meios de locomoção, presentes na imagem, mostram que a área retratada da região central era bastante movimentada.

Também há, em primeiro plano, postes de energia e um homem bem vestido caminhando pela rua. No centro da imagem, outros dois homens posicionam-se próximos a estacas de madeiras, fincadas no chão, sendo que um deles segura um papel nas mãos. Ambos vistoriavam as obras, ainda no início, já que a referida praça não contava com calçamento.

**Imagem 3** - Praça 15 de Novembro.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 20 de agosto de 1953.

Além da Praça 15 de Novembro, diversos outros logradouros foram revitalizados na década de 1950, como o Bosque Marechal Cândido Rondon, por exemplo. Segundo Viani, a referida Praça tinha uma localização privilegiada desde os anos 1930, situando-se entre as atuais Avenida Higienópolis e Rua Quintino Bocaiúva:

[...] A rua Quintino Bocaiúva, na década de 30, era o caminho natural de ligação entre Jatahy, atual Jataizinho, e Nova Dantzig, atual Cambé. Estabeleceu-se nesta rua uma sequência de praças, sendo a Praça 15 de Novembro a segunda no sentido centro-Cambé. Podemos considerar estas praças como complementares dentro da região projetada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, já que o seu desenho é sempre triangular, menos enfático e resultante da malha urbana, ao contrário das praças que rodeiam a catedral, onde o espaço público, ou seja, as praças, foram os agentes ordenadores do desenho da malha urbana. A importância principal destas praças, quanto ao desenho, está no conjunto formado pela sua sequência (2002).

A localização distinta explica a remodelação, que visava o calçamento da mesma. Ainda, a partir da imagem, é possível inferir que a preocupação das elites locais com o desenvolvimento se expressa na paisagem em transformação constante.

No entanto, o estabelecimento das praças em espaços públicos em Londrina ocorreu paulatinamente. De acordo com Humberto Yamaki (2006), a planta inicial da cidade não indicava nenhuma praça. Somente em dezembro de 1953 foi decretada a Lei 216/53, que reconhecia as praças londrinenses distribuídas pela região central, assim como suas denominações e limites oficiais.

Ao observar o plano de fundo da Imagem 03, é perceptível a existência de um comércio ao lado esquerdo, um casarão branco à frente, e diversos telhados de casas. Entre o casarão e o comércio, há uma casa bem mais simples, de madeira. O que indica, na região central da urbe, a convivência de dois períodos em um mesmo espaço: as muitas casas de madeira, símbolos da fundação da cidade, que começam a cair em desuso ao longo da década, e os casarões de alvenaria que passam a ser construídos e simbolizam a riqueza e o progresso da elite local. Também não há prédios na imagem, e várias árvores podem ser observadas. Entretanto, elas não mais lembravam a floresta nativa, existente poucas décadas antes. Representavam, agora, o domínio do homem, sendo um adereço da cidade.

Londrina, assim, buscava acompanhar o mesmo crescimento impingido ao país que marcaria os anos 1950. A cidade tinha ruas calçadas e automóveis; mas ainda mantinha seu ar interiorano, com as casas de madeira e charretes.

Por meio das fotografias de Oswaldo Leite, tratadas como fonte histórica<sup>53</sup>, é perceptível que, na mesma década, dentro do perímetro urbano, haviam ruas asfaltadas e com semáforo, como mostrou a Imagem 02, e elementos típicos do mundo rural, como foi visto na

---

<sup>53</sup> Sobre as fotografias enquanto fontes históricas, ver: BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004; e KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Imagem 03, revelando o rápido crescimento de Londrina. Devido à rapidez, o mundo urbano e o rural conviviam imbricados um no outro.

Sobre o ar rural ainda presente em Londrina nos anos 1950, Benatti (1996) afirma que, até a década anterior, a cidade era tipicamente do interior, pertencendo totalmente ao mundo rural, com suas ruas sem asfalto e casas de madeira. As imagens feitas por Leite sinalizam, dessa forma, uma memória registrada, impossível de se perder, pois os que viveram naquele tempo encarregaram-se de marcar a paisagem tanto em escritos<sup>54</sup>, como os memorialistas, quanto em imagens, como Leite. Embora não tenha sido o único<sup>55</sup>, ele está entre os primeiros a se preocupar com os registros de imagens da transformação urbana londrinense. Portanto, as mudanças dos anos 1950 mostram uma cidade em alteração, em transição de um mundo rural para um mundo urbano:

Na cidade, a breve era dos ranchos de palmito fora sucedida pela era das casas de madeira. Tudo era instável e provisório. Apesar da onda humana que começava a engrossar (e entornar) o caldo populacional, os movimentos da *urbs* tinham ainda muito daquele ritmo típico do mundo rural e das cidadelas interioranas. Assim também os flagrantes da vida cotidiana nas formas de lazer, que permitem essas mesmas analogias e correspondências. Alguns exemplos entre muitos: o *footing* na rua principal depois da missa domingueira, em que moças e rapazes passeavam de um lado para outro ao som do alto falante; os piqueniques em família às margens do ribeirão Três Bocas, as pescarias e as caçadas, as quermesses na igreja matriz, as serenatas, os bailinhos, os namoricos de banco de praça, o circo e o parquinho de diversão (BENATTI, 1996, p.49).

A transição também apontou, além do crescimento londrinense, a presença das ideias higienistas em algumas áreas da cidade. Ou seja, houve “o intuito de remodelar o espaço urbano através de medidas que viabilizaram a criação de espaços amplos, arborizados e desodorizados, afastando das áreas nobres da cidade os núcleos habitacionais deteriorados e precários [...] propiciando uma segregação sócio-territorial” (CANDOTTI, 1997, p.132-133).

---

<sup>54</sup> Dentre os memorialistas, pode-se citar o Professor Vicente Barroso (BARROSO, Vicente. *O Famoso Norte do Paraná - Terra onde se anda sobre o dinheiro*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1956), e Alberto João Zórtea (ZÓRTEA, Alberto João. *Londrina através dos tempos e crônicas da vida*. Edição comemorativa ao 40º aniversário. São Paulo: Juriscredi, 1975). E entre os fotógrafos, são exemplos: José Juliani, Carlos Stenders, e Haruo Ohara, todos homenageados com exposições de suas obras no Museu Histórico de Londrina, ente 2010 e 2012. No caso de Ohara, ele ainda contou com uma exposição no Instituto Moreira Salles (Rio de Janeiro) em 2013.

<sup>55</sup> Outros fotógrafos que registraram a transformação da paisagem londrinense foram: José Juliani e Yutaka Yasunaka. Sobre isso, ver: VIEIRA, Edson Luis da Silva (Coord.). *Revelações da História*. O acervo do Foto Estrela. Londrina: Midiograf, 2012; e ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Entre o mito e a técnica: Representações de natureza em fontes fotográficas (Londrina, 1934-1944)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

No caso das praças dentro da cidade, como mostra a Imagem 03, a definição higienista era uma espécie de resposta que ainda se configurava no período, explicitando-se por meio da preocupação em implantar praças para arejar a cidade. Por outro lado, também já estava posta nesse momento a ideia de lazer, pois se entendia a importância social de um espaço para recreação, onde os indivíduos pudessem esquecer da correria do dia a dia e relaxar (DAMASIO, 2008).

Especificamente em Londrina, o maior exemplo de higienização deu-se com a aprovação da Lei 133. Por ela, como já discutido, a cidade se ordenaria, e seu crescimento seria coordenado a partir de determinadas diretrizes. Contudo, a Lei também provocou uma segregação não só territorial como social, já que contribuiu tanto para o afastamento dos “problemas” (prostituição, jogatina, pobreza) para áreas periféricas da cidade, quanto para o surgimento de novas vilas e bairros sem nenhuma infraestrutura.

Todavia, a segregação não passou a ocorrer a partir dos anos 1950. Ela vinha desde o planejamento inicial da cidade, e ganhou força com o tempo. Na década de 1940 tais práticas podiam ser facilmente identificadas:

No aspecto físico-territorial, ganhava maior dimensão, cresciam os vazios urbanos, tornava-se mais acentuada a segregação urbana, maior parcela da população sujeitando-se a conquistar um lugar na periferia. Aquele ‘zoneamento’ até certo ponto espontâneo -pois não era formalizado- esboçado no momento da ocupação inicial da cidade, agora tornava-se mais vigoroso; era perceptível dentro da cidade a configuração de áreas ‘mais nobres’, localizadas em áreas privilegiadas, enquanto outras áreas definiam-se como populares (LINARDI, 1995, p.184).

Com o crescimento londrinense, os limites entre bairros foram se tornando mais tênues. O centro cresceu em direção às áreas periféricas, e as periferias, por sua vez, espalharam-se pela malha urbana, diluindo os limites antes mais expressivos. Tal dinâmica acabou cooperando para que o movimento de sanear a cidade ganhasse força, afastando do centro tudo o que fosse considerado ilícito, e também os aproveitadores que vinham em busca de enriquecimento fácil:

[...] o centro, no processo de crescimento urbano, estendia seus tentáculos às zonas periféricas; em sentido inverso, num movimento de atomização e espalhamento, os territórios marginais pipocavam em vários pontos do tecido urbano [...] A confusão dos espaços derivava, portanto, de um duplo movimento: o crescimento do centro, ou seja, da *urbs* propriamente dita, que engolfava os espaços originalmente periféricos; mas também, no sentido inverso, o *boom* dos territórios marginais que invadiam os espaços das elites e quebravam aquela antiga hierarquização e funcionalidade que definira a

lógica de constituição dos espaços sociais. [...] Conforme o centro urbano se expandia em direção às margens e as margens se ramificavam nos espaços centrais, o acantonamento original tornava-se obsoleto e incapaz de controlar eficientemente as atividades ilícitas. [...] Alocados inicialmente fora do tabuleiro central, os territórios marginais estavam agora em pleno miolo urbano. Não era a toa que os jornalistas passavam a falar, cada dia com mais insistência e empregando metáforas inspiradas na medicina, em quistos, chagas, manchas, purulentas perebas anti-sociais. A cidade era outra. A medida que o crescimento urbano ganhava um ritmo mais frenético e a euforia econômica tomava conta dos espíritos, dois temores se impunham aos cidadãos da nova "capital mundial do café": a geada, capaz de transformar em pouco tempo a "terra da promessa" em "terra da promissória", segundo um trocadilho cunhado pelos próprios habitantes; e a invasão dos marginais que "tomavam a cidade de assalto", atraídos pela fama de cidade rica e boêmia. (BENATTI, 1996, p.117, 172,173).

A ideia que se buscava passar era que os migrantes apenas seriam aceitos se fossem trabalhadores<sup>56</sup>. Londrina era a terra do trabalho. De acordo com Souza, aos olhos da elite os malandros e marginais deveriam ser combatidos, pois o progresso da região se devia aos trabalhadores: “Dessa forma, buscava-se criar um vínculo entre os trabalhadores pobres e a elite, pelo trabalho, ordem, progresso e cafeicultura. O caos urbano, denunciado nos jornais, não era provocado por cidadãos londrinenses, por pioneiros, mas sim por invasores, por pessoas de má índole” (SOUZA, 2008, p.86).

Assim, matérias jornalísticas com caráter de denúncia, constantes em jornais como o Folha de Londrina, buscavam construir um conjunto de normas e valores condizente com os papéis e funções exercidos por cada um dentro da urbe. O trabalho tinha um importante papel nessa forma de interpretar a sociedade local, pois era capaz de inserir moradores mais antigos e recém-chegados no convívio urbano. Os trabalhadores que não “tiveram sorte” eram vinculados às camadas mais pobres, necessitando de proteção e assistência. E aqueles que não trabalhavam, se entregavam à ociosidade, eram tidos como perigosos, portadores de normas e valores inadequados ao convívio em sociedade (BALCÃO, 2000).

Para Raymond Williams (2011), ideais como o “da cidade para um povo trabalhador”, ou “do campo como um espaço bucólico”, são elogios sociais, hipérboles criadas pela elite, e a maneira como são propagados têm origem em uma determinada ordem social e da visão dela decorrente.

Estabelece-se, então, como solução para acabar com os malandros e marginais a intensificação do policiamento em Londrina. Há um fortalecimento da polícia local, que é

---

<sup>56</sup> O referido ideal foi tão difundido que, nas falas de Otacílio Leite sobre seu pai, durante as entrevistas feitas entre 2012 e 2014, é possível percebê-la. Para ele, Oswaldo Leite só conseguiu se estabelecer na cidade porque veio com a disposição de trabalhar, encaixando-se, inconscientemente, nesse ideal traçado pela elite.

equipada e modernizada. Cria-se também um novo departamento, responsável por policiar os costumes e a vadiagem: “O policiamento da cidade tornou-se mais sistemático nos anos cinquentas. A polícia local foi modernizada e equipada para fazer frente ao crescimento da marginália. Em 1953, passou a contar com um departamento especializado no policiamento dos costumes” (BENATTI, 1996, p.192).

Por outro lado, os problemas tanto dos “migrantes oportunistas”, quanto do crescimento desordenado, apenas se acentuaram naquele momento, devido ao crescimento urbano e populacional. Logo, as obras feitas pela cidade, sobretudo as de infraestrutura, como pavimentação e saneamento, além de visarem estabelecer uma suposta ordem encabeçada pela elite local, indicam que a cidade estava em expansão, em um crescimento nunca antes visto. Se tais problemas não começassem a ser reparados, ficariam piores doravante. Portanto, as referidas obras, mais do que mostrar uma cidade em progresso, revelam igualmente uma cidade em mudança, que deixava a cada dia seu aspecto rural para ganhar ares urbanos e atender aos anseios mais básicos da população. Linardi fala sobre essa transição em seu trabalho:

Londrina encontrava-se neste momento vibrante, imersa em um ambiente marcado pela heterogeneidade de pessoas, gostos, necessidades e preferências; o sabor de uma fronteira recém-aberta, convivia com as últimas produções encontradas nos grandes centros urbanos do Brasil, e mesmo do exterior, no compasso das dualidades entre sertão e metrópole [...] Um misto de moderno e pioneiro presente em diferentes níveis de atividade e manifestações, delineava os contornos onde Londrina estava inserida, perceptível em seu dia-a-dia (1995, p. 175).

Sendo assim, as fotografias de Oswaldo Leite apresentadas até o momento permitem dizer que a área central da cidade, alvo da maior parte das obras no período, não era um lugar homogêneo, com infraestrutura completa. Havia ali diversos espaços sem calçamento ou água encanada. O que ocorreu com a cidade como um todo é que ela passou a se constituir como uma zona urbana de fato, que vivia do café, mas tinha outras fontes de renda. Londrina fora planejada pela CTNP para ser um centro de comércio e atividades da região norte paranaense, um polo regional. Quando a cidade se expandiu, nos anos 1950, tais funções ganharam destaque e se tornaram novos atrativos, capazes de trazer uma grande leva de indivíduos para a cidade, enquanto a cultura cafeeira começava a se mostrar vulnerável após as geadas de 1953 e 1955. De acordo com Souza:

Londrina começava, aos poucos, a se transformar em uma cidade auto-suficiente, na qual a relação campo-cidade se modificava gradualmente. Ou seja, a dependência da cidade em relação aos rendimentos da agricultura passou a se amenizar, enquanto que a cidade foi diversificando sua economia e expandindo os setores ligados à questão da infra-estrutura urbana e do abastecimento do seu mercado interno (2008, p.126).

Bortolotti confirma tal visão sobre Londrina. Por meio de seu estudo, é plausível dizer também que a cidade se tornara, nos anos 1950, além de uma central onde se compravam e vendiam terras e café, uma localidade prestadora de serviços, agregando diversas funções, de centro comercial a centro administrativo e de comunicações, e, por isso, atraente aos sujeitos que se mudavam em grande número em busca de uma vida melhor:

A riqueza do café em Londrina chamava a atenção do Brasil e do mundo. Dizia-se que até ouro corria pelas sarjetas. Com essas notícias correndo mundo afora, Londrina logo tornou-se referência como centro de negócios de compra e venda de terras e café. A procura de negócios e trabalho era tanta, que as pensões estavam sempre lotadas. Trabalhadores chegavam de todos os lugares, fosse de trem, ônibus ou caminhão. Inúmeros caminhões de pau de arara vinham do nordeste trazendo trabalhadores para as fazendas de café. [...] Londrina era a porta de entrada da frente agrícola que se formava nesta região. Oferecia condições de grande prestadora de serviços, com boa infra-estrutura hoteleira. (BORTOLOTTI, 2007, p.101)

Portanto, a cidade se transformava não só perceptivelmente, mas também representativamente. Segundo Candotti: “Através destas medidas urbanísticas analisadas, evidenciamos uma cidade em processo de remodelação, onde aspectos estéticos salientam-se constantemente ao lado de princípios higienistas” (1997, p.159).

E é exatamente a infraestrutura em construção, para dar vazão ao turbilhão urbano no centro do norte paranaense, que Leite capturou em suas imagens. Suas fotografias da década de 1950 mostram o olhar de um indivíduo vindo de fora, do interior de São Paulo, que se adapta à cidade com o passar dos anos e mostra a ânsia de registrar o que marcava a transformação da localidade onde vivia e trabalhava. Por outro lado, suas imagens também eram registros das atividades desenvolvidas enquanto trabalhava na divisão administrativa do município, responsável pelo atendimento à demanda de infraestrutura urbana.

Além disso, o trabalho desempenhado por Leite dentro da Prefeitura Municipal não se tratava de algo inédito. Conforme as cidades sofriam transformações urbanas, era comum a

contratação de um fotógrafo para o poder público registrar seus feitos, eventos e obras, em várias partes do mundo<sup>57</sup>.

No caso de Oswaldo Leite, cabe explicar com mais minúcias como os trabalhos no Departamento de Obras e com fotografias vieram a fazer parte de seus afazeres. Seu contrato na Prefeitura Municipal, nos anos 1950, não era como fotógrafo. Algumas vezes ele realizava as imagens que achava necessárias para o seu trabalho de escriturário e oficial administrativo dentro do D.O.P (Depto de Obras e Planejamento), de acordo com sua própria orientação e anseio de registrar os eventos e construções pela cidade. Inclusive, tinha liberdade de levar a câmera para casa e de aprimorar suas fotografias, o que mostra sua curiosidade e interesse em facilitar o trabalho que desenvolvia.

Por outro lado, haviam momentos nos quais Leite fotografava o que era solicitado pela Prefeitura Municipal<sup>58</sup>. Por exemplo, obras que os administradores municipais iriam visitar; eventos pela cidade e também imagens que posteriormente seriam publicadas, sobretudo no jornal Folha de Londrina, em matérias pagas pela Prefeitura, com a função de dar visibilidade aos mandatos dos prefeitos. Tais fotos, normalmente, apareciam na terceira página do jornal, dedicada com exclusividade à administração municipal. Um exemplo dessa utilização é a sessão intitulada “Dois anos de um govêrno que realiza!”, que constava com diversas imagens de Leite e foi veiculada em dezembro de 1957 no referido jornal<sup>59</sup>.

Mesmo quando as matérias não eram pagas, o jornal em questão tinha a tendência de se unir aos interesses da elite local, independentemente do grupo que se encontrava no poder. Segundo Humberto Fernandes Nogueira, a lógica de tal periódico sempre foi empresarial, econômica: “A venda de anúncios sempre foi o principal objetivo do jornal” (1999, p.08). A Folha também se caracterizou por funcionar como um órgão oficial para a administração pública municipal, onde eram publicadas notícias, editais e documentos oficiais: “A distância da capital e a forte economia ajudaram o jornal a conquistar espaço na publicidade. A

---

<sup>57</sup> Sobre esse tema, ver: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e fotografia no século XIX. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia, usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998; ESSUS, Ana Maria Mauad de S. Andrade. O Espelho do Poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *belle époque*. In: SOUZA, C. F.; PESAVENTO, S. J (Orgs.). *Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

<sup>58</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 01 de julho de 2014.

<sup>59</sup> Para mais informações sobre a seção “Dois anos de um govêrno que realiza”, e as imagens de Oswaldo Leite utilizadas no jornal Folha de Londrina, ver o artigo: FROZONI, Fernanda C. “Dois anos de um govêrno que realiza!”: As fotografias de Oswaldo Leite e sua relação com o poder público em Londrina (PR). Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mesthis/XIVSemanaHistoria/AnaisVIIISeminarioPesquisaPPGHS19032014.pdf>>. Acesso em 23 de abril de 2014, às 14h: 15min.

administração municipal, inúmeras vezes, nomeou a Folha como órgão oficial para publicação de editais e demais documentos” (SEVERO e NETO, 2009, p.08).

O referido jornal ainda destacava-se por apresentar uma linha editorial conservadora, empenhando-se em propagar Londrina como a cidade do progresso. Também era porta-voz na reprodução de um discurso hegemônico adequado aos interesses dos governantes do período e da elite local.

[...] a *Folha de Londrina* se apresentava como uma grande empresa jornalística e tratava de se filiar aos interesses dos mais poderosos para obter sucesso em sua empreitada [...] os jornais da época acabavam por reproduzir um discurso de modernidade, que era muito adequado aos interesses da classe dirigente, especialmente no que diz respeito ao enaltecimento da modernização embasada num moralismo conservador da hierarquia social, e ao enfrentamento do comunismo e da marginalidade, peças chave no discurso hegemônico da burguesia cafeeira (SOUZA, 2008, p.20).

Um exemplo desse tipo de matéria pode ser visto na edição do dia 20 de agosto de 1955, que trazia na capa a seguinte notícia: “Classificado o nosso entre os cinco municípios de maior progresso administrativo do Brasil”. Na matéria, salientava-se o concurso do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), ocorrido no Rio de Janeiro, onde, dos diversos municípios inscritos, de todo o país, 70 haviam sido selecionados, e entre os 70, cinco foram escolhidos como os municípios de maior progresso do Brasil. Dentre os cinco, estava a cidade de Londrina. O mais interessante é perceber que, de acordo com o jornal, devido à amplitude do concurso, todo o país conheceria o progresso londrinense:

Londrina acaba de ser classificada entre os cinco municípios de maior progresso administrativo do país. No concurso promovido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal e pelo “O Cruzeiro”. Ontem, em cerimônia levada a efeito no Palácio do Catête, os prefeitos desses municípios receberam das mãos do presidente da República, os diplomas de honra a que fizeram jus pela vitória obtida no concurso. [...] Sôbre o auspicioso fato haverá, ao que estamos informados, intensa publicidade. Vale dizer que o progresso de Londrina será dado a conhecer nos quatro cantos do País, por vários e importantes veículos jornalísticos, principalmente pela revista “O Cruzeiro” (Folha de Londrina, 20 de agosto de 1955, capa).

Após o evento de premiação, quando o prefeito Milton Ribeiro Meneses volta a Londrina e é recebido com festa, Oswaldo Leite encarrega-se da cobertura fotográfica<sup>60</sup>. Uma das imagens feitas é a Imagem 04, na qual se pode ver o prefeito em destaque, circundado por diversos homens e mulheres<sup>61</sup>. Segundo a descrição de Leite, constante na identificação dos negativos, a imagem é de uma “recepção oferecida pelos funcionários da prefeitura, ao exmo. Sr. Milton Ribeiro Meneses, prefeito municipal, em regozijo pela classificação de Londrina entre os cinco mais progressistas municípios do Brasil”. Na legenda, presente no acervo do Museu Histórico, ainda consta que a foto foi tirada no Paço Municipal, no dia 22 de agosto de 1955. Também chama a atenção o tom da recepção, bastante formal, a julgar pelos trajes, e pela posição aprumada dos indivíduos posando para a fotografia.

**Imagem 4** - Recepção a Milton Ribeiro Meneses.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 22 de agosto de 1955.

O trabalho de Leite na Prefeitura Municipal muitas vezes esteve ligado ao jornal Folha de Londrina, um veículo de comunicação importante dentro da cidade naquele período, não só

---

<sup>60</sup> É importante esclarecer que a fotografia aqui discutida (Imagem04) não foi publicada em nenhum jornal, ou na matéria mencionada. Ao longo do trabalho, optou-se por não discutir as imagens publicadas de Oswaldo Leite, pois isso fugiria do tema aqui proposto, bem como do recorte definido para a seleção das fotografias.

<sup>61</sup> Informação cedida pela funcionária Célia Rodrigues de Oliveira, responsável pelo setor de Imagem e Som “Eugênio Brugin”, do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

por divulgar ideais presentes na sociedade, mas também porque era por seu intermédio que a elite local e a administração pública municipal se manifestavam.

No entanto, ao mesmo tempo em que Leite tinha a liberdade de fotografar em alguns momentos, em outros, isso não ocorria. Mesmo não sendo o fotógrafo oficial do município, como aponta sua ficha funcional, ele exercia tal função em certas ocasiões. De acordo com Otacílio, o fotógrafo, então amador, cumpria a função por não existir outro funcionário da Prefeitura que a exercesse na época. Sendo assim, sua liberdade para fotografar não era plena. Ela existia em alguns momentos e em outros, não. O que possibilita afirmar que Leite tinha noção de que as imagens que fazia eram empregadas pelos administradores municipais, e para as mais diferentes finalidades<sup>62</sup>.

A narrativa com base na documentação reitera o valor de fonte documental das imagens produzidas pelo fotógrafo. Dessa maneira, várias leituras sobre as mesmas imagens podem ser feitas, pois cada um que as analisa pode apresentar uma interpretação diferente sobre tal produção. Mais que isso, as fotografias devem ser utilizadas em estudos históricos porque abrem uma nova dimensão para o conhecimento histórico, e permitem, a partir dessa releitura, novas abordagens (KOSSOY, 2001).

Aqui, a abordagem dada foi em relação ao modo como as fotografias de Leite revelam-se capazes de mostrar uma visão do crescimento por que passava a cidade de Londrina durante a década de 1950. Porém, nada impede que outras interpretações sejam realizadas, inclusive com as mesmas imagens, fazendo com que o conhecimento histórico sobre Londrina na década de 1950 se expanda, ou seja, não fique restrito a uma única visão.

É possível ainda entender as fotografias de Oswaldo Leite da maneira como Roland Barthes descreve em seu livro “A Câmara Clara”. Para Barthes, fotografias são retratos da realidade. O que elas registram realmente ocorreu:

A Fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano numa foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir aquilo que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de confirmar que aquilo que vejo existiu realmente. [...] A Fotografia não diz (forçosamente) aquilo que já não é, mas apenas e de certeza aquilo que foi. Esta subtileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não segue necessariamente a via nostálgica da recordação (quantas fotografias estão fora do tempo individual), mas, para toda a fotografia existente no mundo, a via da certeza: a essência da Fotografia é ratificar aquilo que representa (2008, p.92, 95-96).

---

<sup>62</sup> Informações obtidas em entrevista com Otacílio Leite, concedida à autora no dia 05 de julho de 2012.

As fotografias de Oswaldo Leite representam, assim, uma transformação urbana que realmente ocorreu em Londrina. Suas imagens são fragmentos da cidade e das transformações advindas com o crescimento ali ocorrido nos anos 1950. Elas representam, portanto, uma realidade passada.

No entanto Jean-Marie Schaeffer alerta que, antes de ser um espelho da realidade, é preciso entender que a fotografia é o resultado de uma distensão espacial: uma distância entre o fotógrafo e os receptores de sua imagem, além de um distanciamento entre o tempo em que a imagem foi feita e o tempo em que ela é observada por seus receptores. Isso porque uma fotografia em sua forma final, já impressa, é extraída de um espaço físico fonte. É parte do mundo do fotógrafo, antes de se juntar ao mundo do receptor da imagem. E a partir do momento em que ela é feita, não se pode voltar ao seu contexto de extração. Ele é único:

[...] antes de ser eventualmente uma questão de espelho, a imagem fotográfica é sempre uma questão de distância: é o resultado de uma distensão espacial. Os fotógrafos bem o sabem: seu olhar está sempre relacionado com a “boa” distância. Essa lógica do distanciamento é ao mesmo tempo uma lógica da ruptura. A impressão é, no amplo sentido do termo, extraída do espaço físico fonte: antes de se juntar ao mundo do receptor, é retirada do mundo do emissor. Essa extração é da ordem de um fluxo energético irreversível: a impressão não pode jamais retornar ao seu contexto de extração; portanto, a imagem, concebida como uma construção receptiva, é incapaz de restituí-lo “tal como nele mesmo” (1996, p.17).

Portanto, as fotografias não são signos convencionais. Para interpretá-las é preciso ter o que Schaeffer denomina de “*arché*”, ou seja, um conhecimento sobre o funcionamento do dispositivo fotográfico. Interpretar corretamente uma fotografia não é procurar seu significado. É, antes, reconhecer o objeto ou o estado que ela apresenta. Para interpretar as imagens de Leite, é preciso ter familiaridade com a cidade de Londrina fotografada por ele, nos anos 1950. Sem um conhecimento prévio da história local, essa interpretação, em conformidade com esse estudioso da fotografia, não se justificaria. Tal conexão foi o que sustentou a seleção das imagens, com o objetivo de apresentar a cidade nos dois primeiros capítulos do trabalho.

Para Jacques Aumont, a fotografia tem um poder de convicção, dá a certeza de que o que foi fotografado é real, porque seus espectadores possuem o *arché*, ou seja, sabem como a fotografia é constituída. Portanto, só se entende o que é uma imagem quando se consegue compreender como ela é engendrada, qual sua serventia:

[...] o poder de convicção da fotografia, que se costumou considerar como portadora de um pouco da própria realidade, provém do saber implícito ou não que o espectador tem sobre a gênese dessa imagem, sobre o que Schaeffer chama de *arché*. Porque *sabemos* que a imagem fotográfica é uma marca, um traço automaticamente produzido por procedimentos físico-químicos da aparência da luz em determinado instante, *acreditamos* que ela representa de forma adequada essa realidade, e estamos prontos para crer eventualmente que diz a verdade a seu respeito (1993, p.113).

A partir das fotografias também é possível ver o tempo, com a ajuda do *arché*:

O saber sobre a *arché* fotográfica [...] permite ler esse tempo, sentir-lhe as conotações emocionais e até, diante de certas fotos muito expressivas, revivê-lo. A fotografia transmite ao espectador o tempo do acontecimento luminoso de que ela é o traço. O dispositivo procura garantir esta transmissão (AUMONT, 1993, p.167).

Dessa maneira, eleger a fotografia como fonte histórica justifica-se também sobre a premissa de Aumont, para quem as fotografias são a realidade captada pela lente do fotógrafo. E não há como inventar uma fotografia. Para Barthes, elas são a própria autenticação. Só o fato de terem sido feitas, comprova que o objeto fotografado é real. O máximo a ser feito é deixar a imagem tendenciosa, dar a ela outro sentido. Mesmo assim, não é possível afirmar que o objeto fotografado nunca existiu:

[...] a Fotografia [...] ela não inventa, é a própria autenticação. Os raros artifícios que permite não são probatórios. Pelo contrário, são truques: a fotografia só é laboriosa quando se faz batota. É uma profecia ao contrário: tal como Cassandra, mas com os olhos fixos no passado, ela nunca mente. Ou melhor, ela pode mentir sobre o sentido da coisa, sendo por natureza *tendenciosa*, mas nunca sobre a sua existência. Impotente perante as ideias gerais (perante a ficção), a sua força é, todavia, superior a tudo o que pode ou pôde conceber o espírito humano para nos garantir a realidade – mas também essa realidade nunca é mais do que uma contingência (*assim, sem mais*). Toda fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens (BARTHES, 2008, p.96-98).

As imagens de Oswaldo Leite além de mostrarem Londrina em transformação, acabam revelando um pouco da relação existente entre ele, a cidade, e, sobretudo, a Prefeitura Municipal. Mais que funcionário dessa instituição pública, Oswaldo Leite, por meio de suas fotografias, auxiliou, de certa maneira, os prefeitos a fazerem propaganda de si e de seus governos, ao ter algumas de suas imagens publicadas no jornal Folha de Londrina, colaborando para a propagação do ideal de Londrina como progressista.

Sobre a transformação urbana, é possível, ainda, fazer uma comparação entre o fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, que registrou a mudança de paisagem em São Paulo, no final do século XIX, e Oswaldo Leite. Guardadas as devidas diferenças de tempo e espaço, e do modo como trabalhavam, cabe afirmar que tanto um quanto o outro “[...] pareceu disposto a compreender os tempos desacertados que experimentou com todos os meios que tinha. Fundou, com suas imagens, um modo de apreensão das mudanças por ele notadas [...]” (ARAÚJO, 2006, p. 160).

Tal qual Militão, Leite demonstrou, por meio de suas fotos, que a passagem do tempo não é como uma flecha, retilínea, direta, onde não há convivência entre historicidades distintas (ARAÚJO, 2006). Pelo contrário, suas imagens mostram uma cidade em transformação e, ao mesmo tempo, a convivência entre os mundos rural e urbano, no qual as paisagens retratadas foram continuamente resignificadas. Londrina viveu inúmeras modificações em sua paisagem posteriormente, sendo objeto de muitas outras câmeras, de muitos outros fotógrafos. O que Leite fez, conquistando seu espaço na história, foi retratar o momento em que vivia e trabalhava, mas sem deixar de retratar a cidade.

# *Capítulo 3*

## O CRESCIMENTO URBANO CAPTADO PELA LENTE DE OSWALDO LEITE: SANEAMENTO

Até o momento, buscou-se apresentar a cidade de Londrina, durante os anos 1950, a partir da lente de Oswaldo Leite. Ao dar seguimento ao objetivo proposto, visa-se mostrar como era a região central da cidade e como as obras de saneamento e em logradouros, ocorridas naquele momento, foram captadas pelo fotógrafo.

Em função de o acervo do fotógrafo, relativo à década de 1950, ser composto por 2.410 imagens já digitalizadas, foi necessário realizar um recorte temporal e temático. Fez-se a seleção de algumas das imagens relativas aos temas *Logradouros* e *Saneamentos*<sup>63</sup>, propondo-se aqui sua interpretação. Serão tais imagens que apresentarão os registros do passado, ao qual temos nos referido, e cujas mudanças, que marcaram a cidade naquele momento, o fotógrafo conseguiu captar, permitindo verificar, ainda, para onde ele dirigiu o olhar, quando captava o traço da realidade existente.

O tema *Saneamento* conta com um total de 12 imagens a serem interpretadas, e *Logradouros*, com 18. É preciso dizer também que as fotografias em estudo abordam, principalmente, obras de infraestrutura urbana como: calçamento de ruas com paralelepípedos ou asfalto e implantação e ampliação da rede de água e esgoto do município<sup>64</sup>. Foi na região central da cidade que boa parte das obras de infraestrutura mencionadas foram realizadas, sendo, portanto, um espaço que mostrava claramente a transformação vivida pelos habitantes e usuários naquele momento, como se buscou apontar nos capítulos anteriores. Também foi nessa região que Oswaldo Leite fez boa parte de suas imagens.

Para tanto, foi preciso mapear a referida região durante a década de 1950, e pesquisar como eram sua área e suas ruas naquele momento. De modo geral, a área central “corresponde a uma parcela da cidade que concentra a maioria das atividades comerciais, financeiras e prestadoras de serviço” (FRESCA, 2007, p.152). Londrina, na década de 1950, contava com todas essas funções em sua área central, e ainda agregava moradias. Tais moradias pertenciam, em boa parte, à elite local. Devido a essa composição urbana, muitas exigências passaram a ser feitas ao poder público, para que a área recebesse constantes melhorias, e o local se tornasse “digno” da presença e moradia de tal parcela da sociedade local:

---

<sup>63</sup> Ver nota 4 em Introdução.

<sup>64</sup> Para versar sobre tais obras, os artigos e reportagens de jornais, sobretudo os do jornal Folha de Londrina, continuarão a ser trazidos como fonte na compreensão do que era a região central nessa década.

A área central (de Londrina) era a forma através da qual exercia funções de atendimento de demandas diversas, representadas pelo comércio varejista, atacadista, serviços diversos, especialmente o transporte; bancário; religioso; jurídico e político via prefeitura, câmara dos vereadores, fórum; cultural e de lazer com teatro, cinema, dentre outros. Era ainda o local de residência de parcela da elite local que investia seus lucros e rendas na produção de edificações horizontais e verticais de modo a atestar sua ascensão social [...] Ao mesmo tempo, a elite demandava do poder público local as melhorias necessárias para a cidade e sua área central de modo a colocá-la na modernidade (FRESCA, 2007, p.158).

Observa-se, então, que uma infraestrutura modernizadora havia sido reivindicada, como também constata o estudo realizado por Fresca. Assim, a cidade transformou-se rapidamente, e a instalação de melhorias passou a ser intensificada no decorrer da década, iniciando-se pela região central por pressão da elite que ali residia.

Entretanto, as mudanças ocorridas em Londrina nos anos 1950 respondiam às reivindicações, de modo geral, de toda a população. Elas representavam uma superação da época “de sertão” – quando da fundação da cidade, na década de 1930 –, mesmo que fossem ditadas pelos mais ricos, sobretudo os fazendeiros de café. Acerca das transformações e do sentimento que despertavam na população, Benatti argumenta que:

As mutações fisionômicas da cidade - ali, à vista de todos -, assumiam, mesmo para aqueles que não enriqueceram no novo Eldorado, o significado da superação concreta do tempo pioneiro e da vida (sobre) vivida no sertão. Os visitantes não se cansaram de anotar o ufanismo geral e o orgulho desmedido que o londrinense tinha em relação à cidade. Esse ufanismo, contudo, encontrava nas elites sua expressão mais ensandecida (1996, p. 38-39).

Explicam-se, assim, as diversas reformas e construções, sobretudo na região central. Muitas delas, inclusive, adotaram um ar imponente, com estética arquitetônica pautada na modernidade e no progresso. Exemplos são o Cineteatro Ouro Verde e os primeiros edifícios altos, todos bem próximos uns dos outros, como o Santo Antônio, o Autolon, o Sahão e o Centro Comercial. Ademais, amplia-se o número de espaços que contavam com calçamento e saneamento básico. Acrescenta-se ainda a construção de uma nova estação ferroviária e de uma estação rodoviária, com arquiteturas emblemáticas (FRESCA, 2007).

Um bom exemplo das referidas transformações pode ser visto no caso da Avenida Paraná, uma das vias mais importantes e movimentadas da região central:

A Avenida Paraná, na década de 30, era um lamaçal, mas já apresentava características comerciais e foi a primeira via a ser pavimentada com paralelepípedos. Com a urbanização da Praça Marechal Floriano Peixoto, na década de 40, que ganhou jardins aprazíveis e mastros, a paisagem do local alterou-se mais um pouco, tornando-se um lugar de cerimônias cívicas. Também era nessa praça que se realizavam festas, quermesses e comícios. Nos anos 50, a Avenida Paraná já havia sido pavimentada e se apresentava como a principal via da cidade. O trânsito de veículos, ali, era intenso. Era também ali que se faziam os desfiles escolares e os passeios de finais de semana; tratava-se do local mais animado da cidade. O palanque das autoridades era instalado na Praça Marechal Floriano Peixoto, de frente para a avenida (JANUZZI, 2005, p.92).

A narrativa de Januzzi apresenta a transformação ocorrida na Avenida Paraná, e como sua paisagem mudou em um período de apenas vinte anos. Ganhou pavimentação e veículos passaram a circular em número cada vez maior. Mesmo assim, alguns hábitos se mantiveram, como, por exemplo, os passeios de fim de semana na praça, os desfiles escolares, as quermesses, todos eles típicos da Londrina sertaneja, da época de sua fundação. Portanto, se o moderno conduzia a novos hábitos e costumes, estes ainda conviviam com os hábitos e costumes londrinenses de outrora.

Outro ponto importante da região central nos anos 1950 eram as residências ali existentes. Sobre tal aspecto, Casltenou Neto tece um panorama bastante explicativo:

[...] até a década de 50, a paisagem urbana de Londrina era de construções de madeira. A grande quantidade desse material, o grande número de carpinteiros e a pressa dos pioneiros em se instalar na região justificavam esta opção. Até mesmo as primeiras casas construídas em alvenaria de tijolos maciços obedeciam as mesmas tipologias arquitetônicas das casas de madeira, com seus telhados característicos. [...] Conforme Pellegrini (1995), nos anos 40, depois dos ranchos de palmito e das casas de madeira, uma terceira geração de construções começou a surgir: a dos casarões e sobrados de alvenaria. De características ecléticas, estes palacetes dos senhores do café eram rodeados de jardins, inspirados nas mansões da Avenida Paulista, e expressavam o ideal de poder e ostentação da alta burguesia londrinense. Nos anos 30, a Avenida Higienópolis era um projeto de transposição do estilo de vida de São Paulo para o interior do Paraná. Entretanto, foi a partir das décadas de 40 e 50, que se revela o aburguesamento da vida cidadina. As casas de muros baixos com seus jardins bem cuidados criavam um cenário onde as famílias ainda não se escondiam do mundo público. Contudo, era um território exclusivo de moradias de algumas famílias notáveis da cidade. Referências à arquitetura européia eram constantes nas construções londrinenses da década de 40. Os modelos preferidos eram o germânico e o normando, com seus amplos telhados, excessivamente inclinados para o clima da região, entradas em arco e desenhos imitando enxaiméis nas fachadas. Tinham estas características o antigo Banco do Brasil, de 1940; o Ginásio Londrinense, de 1942; a Santa Casa, de 1944; e a Escola Normal e Ginásio Estadual de Londrina, de 1946. Entretanto, o melhor exemplo, sem dúvida, é o da antiga estação ferroviária, concluída no final da década (2000, p.67-68).

Portanto, a mescla de costumes arraigados com as novidades da época, em todos os sentidos, desde automóveis a arquitetura, traz uma ideia sobre o que era Londrina naquela

década: uma cidade em crescimento e que, ao mesmo tempo, era dotada de um ar moderno e progressista, enquanto mantinha costumes de uma cidade do interior.

A fim de melhorar a compreensão sobre as características da região central e sua extensão, um mapa foi elaborado (Imagem 05), expondo as vias e o traçado dessa parte da cidade durante os anos 1950. Há ainda um destaque, em forma de balões coloridos sobre as ruas, referente às obras feitas pela Prefeitura Municipal, e fotografadas por Oswaldo Leite, para melhor localizar o leitor. Com o mapa espera-se dar visibilidade aos pontos<sup>65</sup> da região central em que tais obras foram construídas.

A partir do mapa, também é possível visualizar os limites<sup>66</sup> da região central londrinense naquele momento: o Cemitério Municipal (atual Cemitério São Pedro), ao sul; a Rua Antonina (atual Avenida J.K), a leste; a Rua Curitiba, a oeste; e a via férrea da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC, atual Avenida Leste Oeste), ao norte.

Para elaborá-lo foi preciso recorrer a uma planta datada de 1955 (Imagem 06), mas veiculada entre 1957 e 1958. Nela, especificou-se um recorte de traçado (Imagem 07) e, a partir daí, foram determinadas as principais ruas e avenidas da região central da cidade. Na planta há duas pequenas listas de endereços, com os principais comércios, e serviços de utilidade pública no período. Segundo informações nela constantes, foi organizada por Paulo Novaes Silveira e autorizada, em ofício do dia 16 de junho de 1955, pela Prefeitura Municipal londrinense. Sua escala é de 1:11-000.

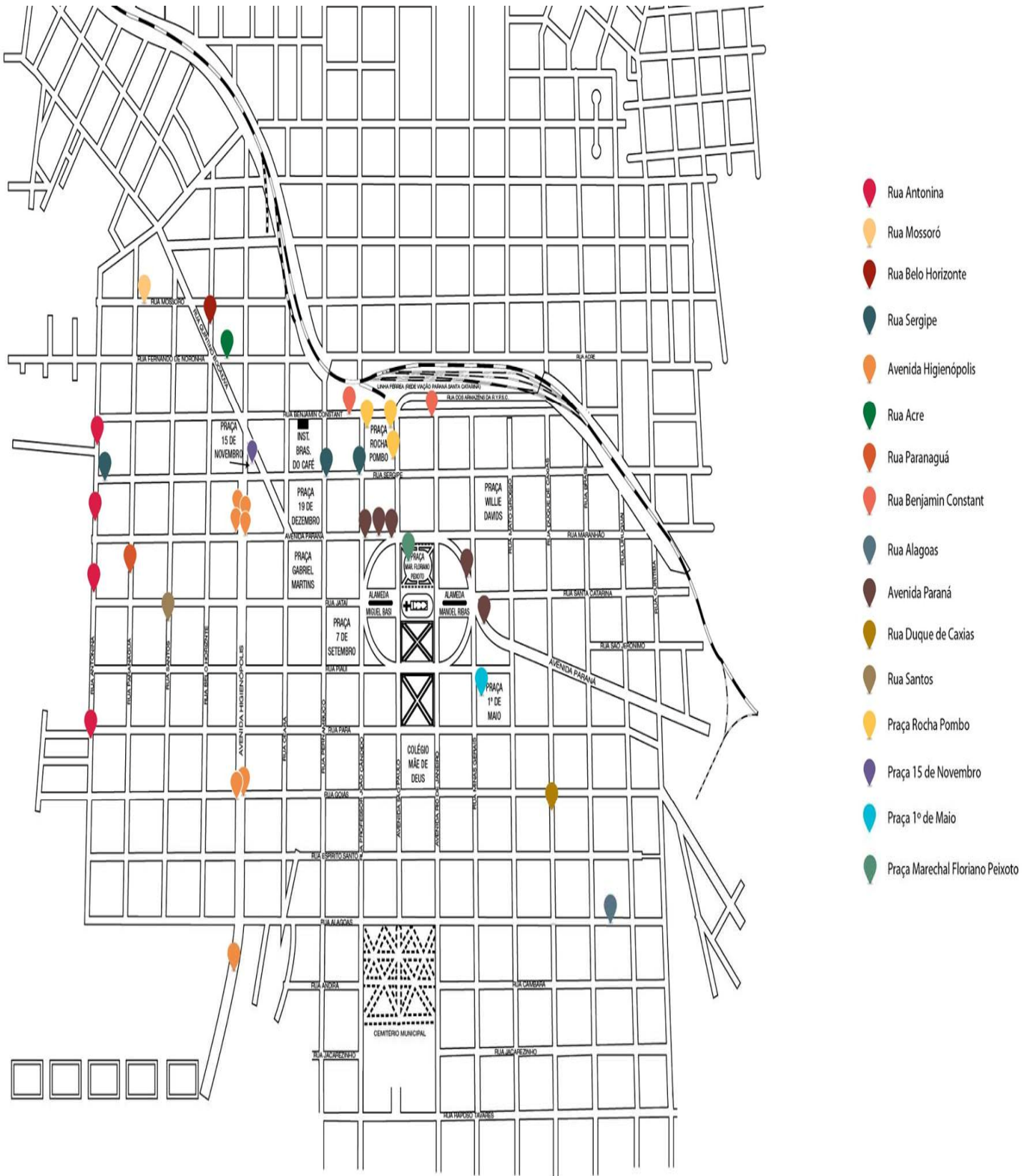
Ainda será apresentado um quarto mapa (Imagem 08), este atual, para que se possa comparar as ruas existentes na década de 1950, e as constantes hoje, bem como sua atual nomenclatura.

---

<sup>65</sup> A respeito dos pontos na paisagem urbana, ver: LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

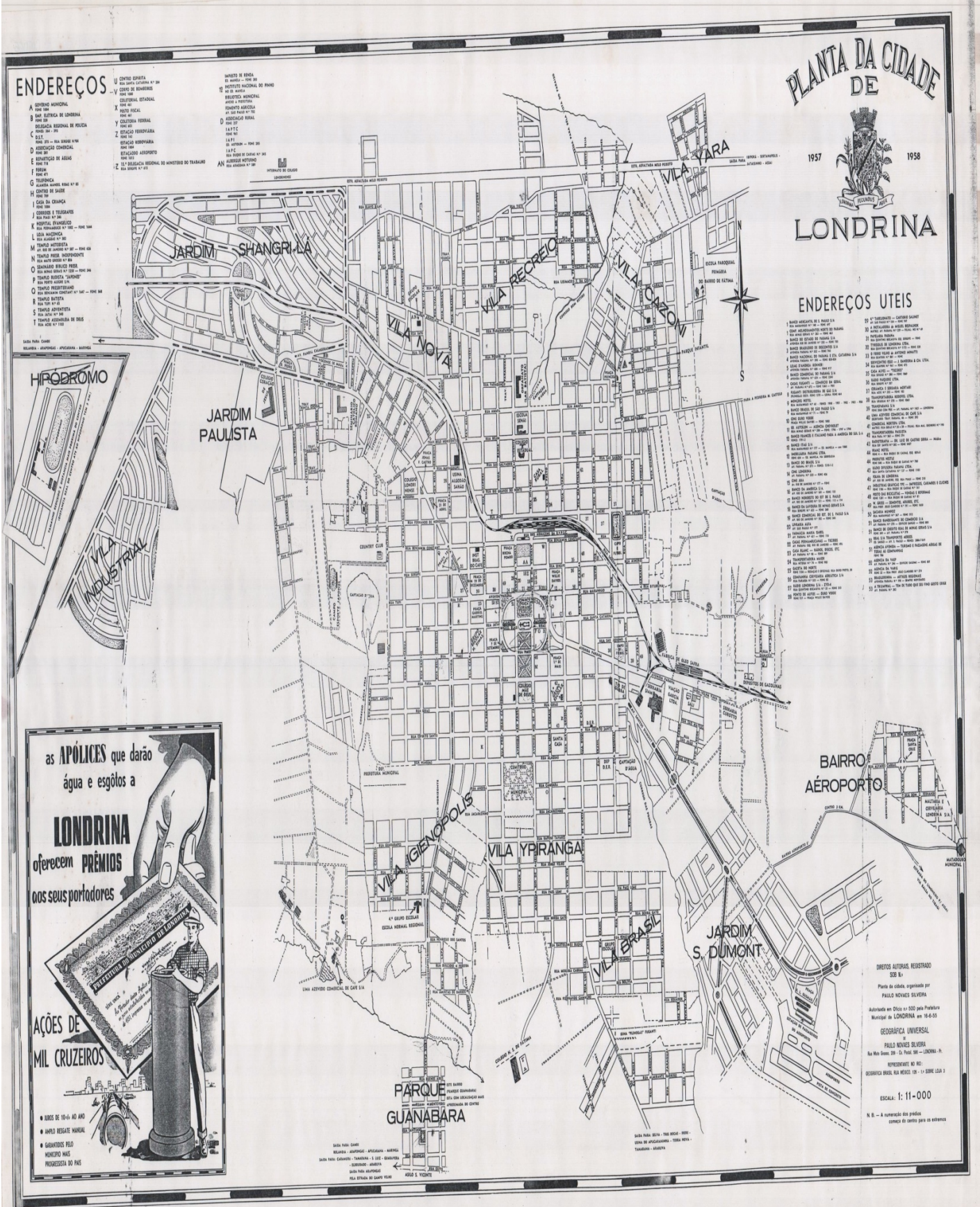
<sup>66</sup> Sobre o que são os limites dentro da cidade, ver: LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Imagem 5 - Mapa da região central da cidade de Londrina na década de 1950.



Desenho de Rafael R. Ferreira, com base em Fresca (2007, p.157) e Planta da cidade de Londrina (ver Imagem 06).

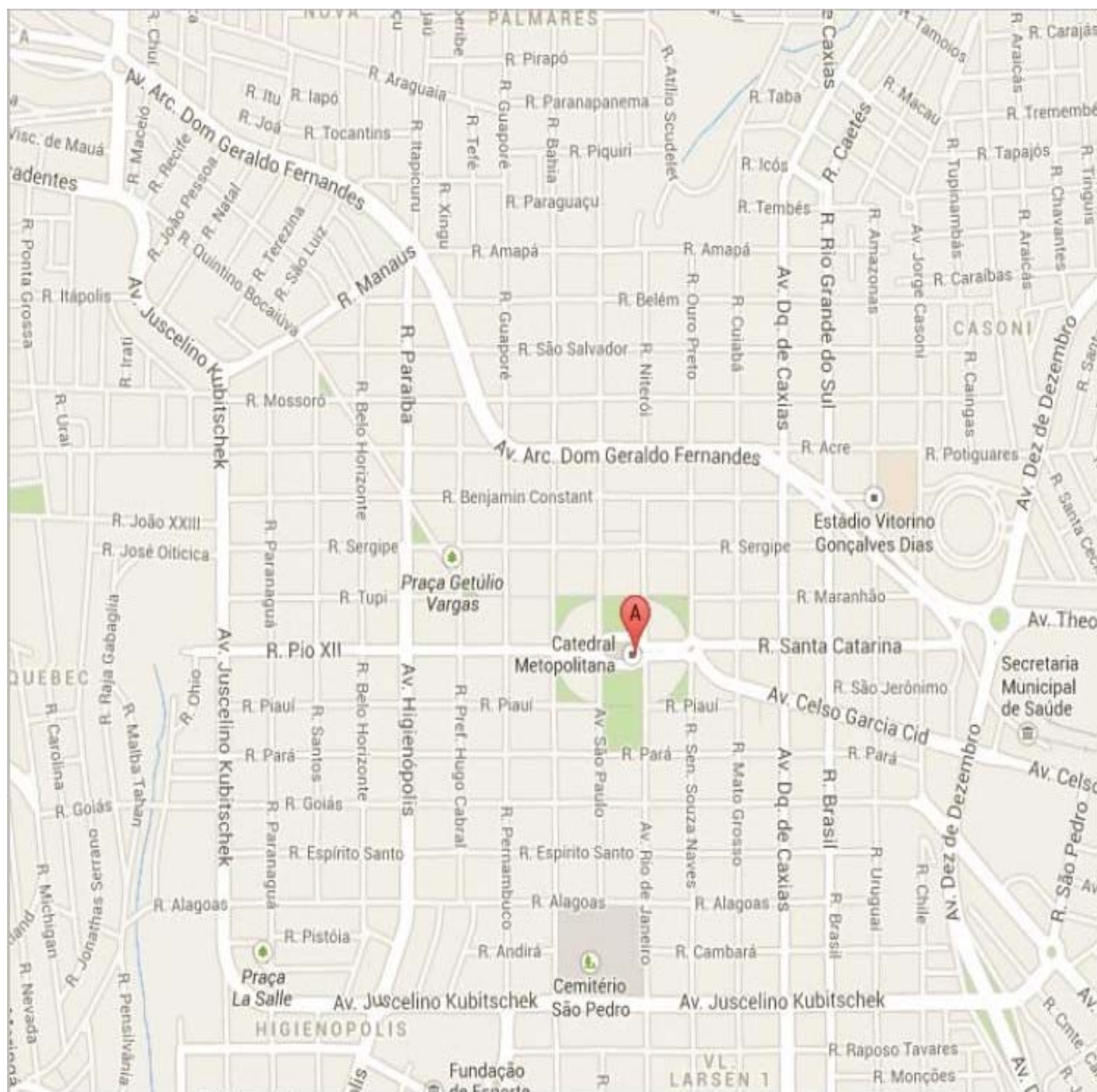
Imagem 6 - Planta da cidade de Londrina



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL. 1955.



**Imagem 8 -** Mapa atual da região central londrinense



Fonte: Google Maps. Acesso em 28 de outubro de 2013, às 11h07min.

## 1 Obras de saneamento retratadas por Oswaldo Leite

Após a breve explanação sobre o que era a região central londrinense nos anos 1950, buscar-se-á, com as fotografias tiradas por Oswaldo Leite no período, pontuar como se encontrava tal região.

Serão utilizadas aqui somente imagens referentes aos subtemas *Abastecimento* (contando com duas imagens), *Bueiro* (duas imagens), *Estação de Tratamento de Água* (quatro imagens) e *Reservatório de Água* (quatro imagens). As duas primeiras fotografias (imagens 09 e 10) são da pasta *Abastecimento* e foram tiradas em agosto de 1953. A primeira (Imagem 09) mostra obras na Rua Acre. Nela, há vários homens trabalhando e casas dos dois lados da rua. Tais casas são, em sua maioria, de madeira, e ficam bem próximas umas das outras, algumas com muretas também de madeira e outras de alvenaria em suas fachadas, indicando que a rua era residencial no ponto captado.

**Imagem 9** - Construção de obras de saneamento na Rua Acre, entre as ruas Quintino Bocaiúva e Ceará.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 20 de agosto de 1953.

Ainda é visível a existência de árvores na calçada, todas enfileiradas, sendo, assim, elementos naturais agregados aos elementos do contexto urbano. Segundo Paula (2008), tal apropriação indica uma paisagem civilizada, em que a natureza foi dominada pelo homem. E as árvores enfileiradas, junto à disposição simétrica das casas, também insinua domesticação.

Portanto, essa era uma maneira de diferenciar a paisagem urbana da rural, e assinalar civilidade, distanciando a representação que se fazia de Londrina como sertão.

Também se observa que a rua, captada na Imagem 09, não conta com calçamento e há, em sua extensão, alguns postes de energia ainda de madeira. De acordo com Sevcenko (1992), os postes produzidos a partir da técnica do concreto armado, com ferro e cimento, eram algo recente no país naquele momento (SEVCENKO, 1992). Ao analisar as imagens de Leite, percebe-se que os postes captados nas fotografias são todos de madeira, o que indica que a técnica de postes de concreto ainda não havia sido adotada, especificamente, no sistema de energia elétrica da região central londrinense.

Ainda segundo Nicolau Sevcenko (1992), a chegada do concreto e do ferro ao Brasil fez parte de um movimento mundial. Com o fim da 1ª Guerra Mundial, passou-se a viver sob um sentimento de velocidade. A produção, os transportes, os movimentos físicos, a diversão e o prazer deveriam ser usufruídos de forma rápida e intensa.

Assim, surgem diversas inovações, como as viagens de carro e avião, e a criação de novos hábitos, como o consumo de bebidas energéticas e a prática de esportes. Tudo demonstrando tal mudança:

Por trás dessa vertigem coletiva da ação e da velocidade, engendrando-a, estimulando-a, sem permitir a reflexão sobre suas consequências nas mentes e na cultura, as inovações tecnológicas invadiam o cotidiano num surto inédito, multiplicando-se mais rapidamente do que as pessoas pudessem se adaptar a elas e corroendo os últimos resquícios de um mundo estável e um curso de vida que as novas gerações pudessem modelar pelas antigas. As novas formas de energia ampliavam o tempo sem parar, na proporção inversa em que encurtavam os espaços. A matéria passava a obedecer cegamente a essas fontes invisíveis de energia, e tudo parecia instável, a se mover, [...] para dar lugar a novas avenidas cheias de veículos velozes e palácios modernos erguidos num piscar de olhos (SEVCENKO, 1992, p.162-163).

Portanto, havia uma mudança de mentalidade em nível mundial. Pela primeira vez, ocorria uma comunicação mais rápida entre os continentes. Assim, o que ocorria nos Estados Unidos e na Europa, com a diferença de alguns anos, espalhava-se e tornava-se uma “mania mundial”. Elementos como o ferro e o cimento foram símbolos desse período, por permitirem construções maiores em um menor espaço de tempo<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> A tecnologia de uso do concreto permitiu a elaboração de construções em um menor período de tempo, mas não se pode esquecer que a disponibilidade de mão de obra também foi fundamental para esse resultado. No caso brasileiro, ela era formada em boa parte por migrantes, saídos do campo e de outras regiões do país, que se dirigiam às cidades em crescimento, em busca oportunidades de emprego e melhores condições de vida (MELLO e NOVAIS, 1998).

Na Imagem 09 ainda é possível ver que vários homens trabalham abrindo uma vala estreita, retangular e profunda, na qual conseguiam entrar totalmente, e por onde passaria a tubulação de água para abastecimento da população. Para realizar o serviço, eles utilizavam ferramentas como pás e picaretas, retirando a terra da rua, e formando montes ao lado das valas, que eram sustentadas por madeiras. Portanto, no momento em que a fotografia foi captada, as obras estavam em estágio inicial, já que o espaço por onde os tubos de concreto passariam ainda estava aberto.

É justamente nesse ponto que reside a principal característica das fotos de Oswaldo Leite: elas são fotografias técnicas, e seu olhar é bastante rígido. Buscando focar sempre as obras e o seu andamento, nota-se que ele as entendia também como um registro e, assim, acabou fornecendo vários detalhes sobre elas, como o tipo de material utilizado, sua dimensão, o número aproximado de operários que ali trabalhavam.

Os operários eram, em sua maioria, contratados das empresas que realizavam os serviços na cidade. Também havia aqueles que vinham para Londrina em busca de trabalho e acabavam empregados no setor. Afinal, muitas construções eram executadas naquele momento, e a necessidade de mão de obra era grande. Oswaldo Leite, inclusive, pode ser considerado um desses migrantes. Afinal, ele saiu de Itu com sua noiva e a família e, ao chegar a Londrina, trabalhou justamente como pedreiro, nas obras do Hospital da Santa Casa<sup>68</sup>.

Com tantos sujeitos dirigindo-se para a cidade, ela acabou se firmando como polo regional, função, aliás, para a qual fora planejada pela CTNP desde sua fundação:

No plano da CTNP, a rede urbana foi projetada para suprir a demanda da população rural por bens e serviços. Essa função foi atribuída principalmente aos núcleos *maiores*, planejados como cidades-pólo, por sua vez hierarquizadas em torno de uma capital regional, que seria a função historicamente desempenhada por Londrina. As cidades nasciam assim com uma espécie de predestinação: fornecer os quadros e equipamentos urbanos de uma região predominantemente agrícola (e virtualmente monocultora), voltada para a economia de exportação. Sem risco de paradoxo, poder-se-ia dizer que são *cidades agrárias*, principalmente nos primeiros anos de sua formação. Mas também foram núcleos urbanos projetados para que se tornassem cidades modelares, isto é, ordenadas e disciplinarizadas. Cidades da ordem e do progresso [...] (BENATTI, 1996, p.17).

---

<sup>68</sup> Sobre a vinda de trabalhadores para a cidade de Londrina nos anos 1950, ver: SOUZA, Éder Cristiano de. *Os excluídos do café: As classes populares e a transformação no espaço urbano de Londrina. 1944-1969*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Logo, a cidade de Londrina, assim como todas as outras empreendidas pela CTNP, foi devidamente planejada. No caso de Londrina, por ser um núcleo maior, a cidade se tornou uma capital regional, capaz de suprir as necessidades de bens e serviços e equipamentos urbanos, tanto da zona rural, quanto das localidades vizinhas. Mas as cidades empreendidas pela CTNP também foram pensadas para serem ordenadas e símbolos do progresso. No caso londrinense, as obras ocorridas, sobretudo em sua região central nos anos 1950, e fotografadas por Leite, refletem tal intenção.

Já na Imagem 10, que mostra um trecho da Rua Paranaguá, muitos pontos ressaltados na Imagem 09 também são aqui perceptíveis. Mas, na fotografia em questão (Imagem 10), chama a atenção a presença de dois carros no plano de fundo.

**Imagem 10** - Trecho da Rua Paranaguá, entre as ruas Sergipe e Jataí.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 03 de agosto de 1953.

A frota de veículos na cidade de Londrina cresceu naquele momento, e ela pode ser vista em diversas outras fotografias de Leite. Mesmo em ruas onde não havia pavimentação, como essa, os veículos transitavam, formando grandes nuvens de poeira quando o tempo estava seco, ou correndo o risco de atolar em dias de chuva.

Segundo Cernev, a terra roxa presente na região Norte do estado do Paraná era uma referência de fertilidade para quem se dedicava à agricultura. No entanto, constituía-se também em sinônimo de muitos problemas:

[...] esse tipo de solo apresenta certas desvantagens frente aos demais, especialmente em relação à sua cor e à própria consistência do solo, com diferente teor de drenagem, produzindo, por outro lado, tanto a poeira como o barro e a lama, constituindo-se num verdadeiro castigo para a população. [...] No tempo em que as ruas e estradas ainda não eram pavimentadas, a terra molhada pela chuva formava o barro e os lamaçais que tornavam impossível o movimento dos veículos automotores [...] Se as chuvas traziam tanto desconforto, a falta delas não era menos incômoda. Faltando a chuva por um certo período, a terra roxa ficava uma poeira fina, avermelhada [...] O vento espalhava a poeira levantada pelos veículos, invadindo as casas, cobrindo de pó todos os móveis e objetos que precisavam receber constantes cuidados de limpeza (1995, p.127,128).

Ainda sobre os automóveis, sua produção no Brasil passa a ser incentivada a partir da implantação do Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek, o que colaborou para que a frota nacional aumentasse. Mesmo assim, um carro ainda era um objeto de luxo, por ser muito caro. Por isso, era um símbolo de status, que passava a ideia de riqueza e poder.

Entretanto, desde sua fundação, Londrina recebeu indivíduos com posses, que compravam os maiores e melhores lotes de terra, e viam na localidade um modo de ampliar suas riquezas. Um dos atrativos foi, inicialmente, a terra roxa, divulgada por agenciadores da própria CTNP, ou em jornais, como o Paraná Norte, que circulavam, sobretudo, no estado de São Paulo, devido à proximidade geográfica, e também por ser um lugar que reunia grande número de sujeitos com condições e recursos suficientes para comprar um lote de terras do empreendimento (BONI e SATO, 2009).

Segundo Lévi-Strauss, em viagem feita à região na década de 1930, a fertilidade desse tipo de solo devia-se à sua localização geográfica, no limite das zonas tropical e temperada. Entretanto, ele também não deixou de notar que, igualmente, por conta da fecundidade da terra, a exploração e o desmatamento da vegetação nativa ocorriam a passos largos: “Quantos anos levaria, dez, vinte ou trinta, até que esta terra de Canaã adquirisse o aspecto de uma paisagem árida e devastada?” (1996, p.113). Na mentalidade da população local, era mais importante dominar a natureza exuberante, fazendo-a trabalhar a favor do homem, que cultivaria o que desejasse, e produziria riquezas.

Já na década de 1950, a ânsia por maior enriquecimento e poder entre os migrantes que vinham para Londrina, continuava<sup>69</sup>. Mas, agora, a cidade já despontava como polo regional e contava com estradas mais acessíveis e um aeroporto bastante movimentado, para

---

<sup>69</sup> Sobre este ideal de enriquecimento nos anos 1950, ver: BENATTI, Antônio Paulo. *O Centro e as Margens. Boemia e prostituição na “capital mundial do café”* (Londrina 1930-1970). 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

chegadas e partidas. As edificações e a infraestrutura implementadas também apontavam a localidade como promissora, e se tornavam novos atrativos:

Ao longo deste período, entre 1950 e 1960, a cidade de Londrina ganha importância como centro de comercialização regional de produção, tendo como impulsionadoras duas razões básicas: a localização na cidade do capital regional e a presença dos meios de transportes. Neste momento, Londrina, no contexto histórico dos anos de 1950, constituía-se no principal centro “do capital comercial e financeiro na medida em que esta fração submetia o capital produtivo agrícola e regional, ao seu domínio” (LOPES, 2010, p.563).

No caso das imagens 09 e 10, para conseguir captar a extensão da obra e os elementos aqui apontados, Oswaldo Leite fez apenas um pequeno recuo e tirou a fotografia em pé, o que permitiu que uma maior amplitude da rua fosse capturada na imagem, mostrando toda a área ocupada pela obra.

Ainda assim, às vezes, alguns detalhes, que mostram o cotidiano da cidade, parecem escapar da lente do fotógrafo. Nas duas imagens, por exemplo, do lado esquerdo, existem crianças. Na Imagem 09 um menino mais velho, atrás da pá segurada por um operário; e, na Imagem 10, uma criança mais nova, sobre um dos montes de terra depositado ao lado das valas. Os dois parecem se divertir no local, com a quantidade de terra retirada para a realização da obra, indicando, igualmente, que, apesar do crescimento da cidade e da maior movimentação de veículos pelas ruas da região central, as crianças ainda tinham a rua como um espaço de lazer.

As duas imagens foram feitas no mesmo ano e mês, com alguns dias de diferença apenas. A Imagem 09 foi produzida por Leite em 20 de agosto de 1953, e consta com a seguinte legenda: “Construção de obras de Saneamento na Rua Acre, entre as ruas Quintino Bocaiúva e Ceará (atual Rua Prefeito Hugo Cabral)”. Já a Imagem 10 data de 03 de agosto de 1953, com a legenda: “Trecho da Rua Paranaguá, entre as ruas Sergipe e Jataí (atual Rua Pio XII)”.

Segundo Candotti, as obras de saneamento foram priorizadas durante toda a década de 1950 pelo poder público londrinense, com uma finalidade bastante clara: “[...] a fim de reestabelecer a ordem e reconstituir a cidade ideal, foram sendo tomadas várias medidas que objetivavam a ordenação dos espaços, assim como da própria sociedade” (1997, p.177). Logo, para que Londrina pudesse se firmar como uma cidade pujante e o progresso não ficasse somente nos discursos, era preciso resolver seus maiores problemas: saneamento básico,

abastecimento de água e energia, pavimentação das ruas, falta de habitações populares e controle do crescimento desordenado da população urbana.

A prioridade dada aos serviços de saneamento também fica evidente na reportagem publicada no jornal Folha de Londrina de 1º de dezembro de 1955. A matéria estampava a capa dizendo: “Cerca de 58 milhões de cruzeiros despendeu o município até agora com saneamento”. A reportagem trazia um resumo de palestra feita pelo prefeito Milton Ribeiro Meneses no Rotary Club londrinense, na qual ele explicava que, ao assumir o cargo em 1951, o problema que mais o preocupava eram as obras de saneamento, necessárias para a cidade. A matéria foi veiculada no final de seu mandato e é inegável seu caráter de prestação de contas à população. Além disso, sua fala naquele momento era dirigida à elite local, uma vez que o Rotary Club da cidade se destinava a esse público:

[...] ao ser eleito prefeito de Londrina o problema que mais me preocupou, como não poderia deixar de preocupar a todo cidadão que tivesse consciência dos problemas do município, foi o de procurar dar solução (ou encaminhamento, pelo menos) à questão do saneamento da cidade (01 de dezembro de 1955, Capa).

Para que as referidas obras ocorressem, contudo, foi necessário mais que empenho por parte da Prefeitura Municipal, na figura do prefeito. Um estudo técnico das obras se fez necessário, já que o existente datava de 1943, e foi preciso angariar recursos com os governos estadual e federal para financiar as obras. Também houve um crescente endividamento do município, inclusive com a venda de apólices para financiar parte das obras, o que acabou não tendo bons resultados, pois gerou uma dívida de 60 milhões de cruzeiros aos cofres públicos:

Estudos a respeito haviam sido feitos em 1943. Eram, portanto, inatuais, o que motivou a necessidade de pô-los em dia. Não só a cidade crescera, como a técnica o exigia. [...] A par daquelas providências [...] outras medidas precisavam ser tomadas. Assim é, que, inicialmente, foi elaborado um plano de financiamento da obra, logo submetido à apreciação da Câmara Municipal. [...] Depois dos estudos preliminares foi lançado o empréstimo de 60 milhões de cruzeiros em apólices da dívida pública, em títulos nominativos de mil cruzeiros. Era esperança de todos que a próspera Londrina e seu povo sempre compreensivo, ajudassem no empreendimento. E acredito que, se não fôsse a geada de 1953 – justamente no mês indicado para o lançamento das apólices – ninguém faltaria ao chamamento. [...] Decorrido o terceiro mês do início das obras [...] fui ao governador do Estado, conseguindo, é verdade, as primeiras parcelas das contribuições prometidas. [...] Em 1954, pôde o Estado ajudar o município nos encargos assumidos, com a parcela de 8 milhões de cruzeiros, dos 10 prometidos (01 de dezembro de 1955, Capa).

As dívidas acabaram ultrapassando a gestão de Milton Ribeiro Meneses, como pode ser notado na matéria publicada em 19 de março de 1957, novamente no jornal Folha de Londrina. Na reportagem consta que durante todo o ano de 1957 foram feitos inúmeros investimentos na rede de água e esgoto da cidade. Porém, haviam dificuldades financeiras herdadas, o que, segundo o então prefeito Fernandes Sobrinho, impediu o andamento das obras:

No decorrer do ano transato, a Municipalidade executou volume bastante expressivo em obras de construção das rêsdes de água e esgôtos da cidade, muito embora enfrentando sérias dificuldades financeiras, decorrentes de encargos assumidos na gestão passada e que tiveram de ser pagos no exercício de 1956. (Jornal Folha de Londrina, 19 de março de 1957, p.03).

A solução encontrada para controlar os gastos da administração municipal e fazer que as dívidas não aumentassem, foi, de acordo com a matéria do jornal, voltar a vender apólices, por meio do Banco Brasileiro de Descontos, no valor de 100 mil cruzeiros. A Prefeitura Municipal utilizou amplamente o jornal Folha de Londrina, durante todo o ano de 1957, para apelar à população que comprasse as apólices, e, assim, praticasse “um ato de civismo”, “marcasse seu nome na história”, permitindo que Londrina ampliasse seu serviço de saneamento. O próprio governo do estado do Paraná previa comprar apólices até a importância de 10 milhões de cruzeiros. As outras apólices seriam vendidas à população em geral, como informa a edição do dia 04 de junho de 1957.

O apelo aos londrinenses ainda era feito em forma de propaganda, como mostra a Imagem 11<sup>70</sup>. Nela, pede-se que os cidadãos comprem as apólices que seriam convertidas no serviço de ampliação de água e esgoto do município. Para dar legitimidade ao pedido, confirmava-se que as apólices eram garantidas pelo “município mais progressista do país”. Além disso, seus compradores ainda poderiam ganhar alguns prêmios. Assim se buscava convencer a população a contribuir, focando na ideia de que Londrina era uma cidade em franco progresso, e, portanto, deveria ter suas obras de saneamento finalizadas.

---

<sup>70</sup> A Imagem 11 foi veiculada na plantada cidade de Londrina de 1955 (Imagem 06), em seu canto inferior esquerdo.

**Imagem 11** - Propaganda constante na planta da cidade de Londrina.



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL. 1955.

Todavia, o grupo com maiores condições para comprar as apólices era a própria elite local. Assim, cabe afirmar que o poder público ofereceu tais apólices também pensando nessa parcela social, que tinha poder de compra e almejava viver em um lugar que contasse com total infraestrutura.

Outro ponto é que, mesmo com tantas dívidas, os administradores municipais se autopropagavam enquanto grandes realizadores, como mostra a fala de Milton Ribeiro Meneses e também a matéria publicada sobre o governo de Fernandes Sobrinho:

Lembro-me que, por ocasião da minha posse, afirmei que Democracia não era, apenas, aquele regime que resultava da livre escôlha dos governantes; nem se entendia por aquele simples instante transitório em que o eleitor depositava nas urnas o seu voto. Mas, para que ela fôsse efetiva, para que ela se distinguisse do regime de exceção e de usurpação, seria necessário que os governantes e administradores não se afastassem, um só momento, dos anseios médios dos governados. O que disse e afirmei naquela ocasião, procurei seguir durante tôda a minha administração, e senti que o maior anseio da população de Londrina era ver saneada a sua cidade. Isso era o que tinha a dizer sôbre a principal realização do meu Gôverno. Não digo bem, afirmando, fôsse a principal realização; entretanto, era a mais essencial, a mais custosa e a mais difícil de se levar a cabo, porque, na verdade, obras principais, empreendimentos indispensáveis são todos os múltiplos problemas que a comuna tem (Jornal Folha de Londrina, 01 de dezembro de 1955, Capa).

A construção das rêdes de água e esgôtos de Londrina, pontificando como o problema maior da administração, tem, por isso mesmo, recebido a melhor das atenções do Executivo. Empenha-se o prefeito Fernandes Sobrinho na conclusão do importantíssimo melhoramento, vital para a nossa cidade, cuja população aumenta de dia para dia. Os esforços que, nesse particular, despense o atual dirigente do Município são visivelmente notados pelo observador mais simples. (Jornal Folha de Londrina, 18 de dezembro de 1957, p.03).

É muito claro que os dois políticos referenciados na matéria do jornal se apropriaram do discurso de que Londrina era uma cidade em progresso e, para que continuasse assim, era preciso que obras de saneamento ocorressem. Sem elas, a cidade não seria mais o lugar onde os sujeitos poderiam viver bem, trabalhar e “vencer na vida”. Tal discurso era muito caro à população brasileira, naquele momento, pois havia um grande contingente de migrantes em busca desse tipo de lugar para se estabelecer.

Logo, os administradores municipais londrinenses se apropriaram de um imaginário social da década de 1950. Segundo Baczko (1985), os imaginários sociais são referências produzidas pela sociedade, e é assim que esta se percebe e elabora seus próprios objetivos. Por meio dos imaginários, uma sociedade, além de se representar, também distribui papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças, constrói um código de bom comportamento. Portanto, eles possuem funções complexas e múltiplas na vida coletiva e no exercício do poder, sobretudo o político, que se reveste de representações coletivas. Por isso, é tão importante, ao poder, dominar o simbólico e o imaginário social.

Mesmo com tantas dificuldades financeiras, as obras de saneamento na cidade continuaram no decorrer de toda a década de 1950. Por essa razão, é possível afirmar que existia, já naquele momento, uma significativa preocupação em fornecer aos londrinenses, sobretudo à elite local, tal infraestrutura. Interessados que vieram para a nova cidade, e que tinham posses, idealizaram seu progresso e modernidade para poder nela viver e também investir <sup>71</sup>. Portanto, a elite, ao se instalar na cidade, traz consigo suas ideologias, que se tornam dominantes na sociedade. Nesse sentido, Baczko, fundamentado em Karl Marx, argumenta que:

---

<sup>71</sup> A idealização, feita pela elite, pode ser notada nas plantas arquitetônicas de suas residências. Elas mostram como tal parcela social buscava se distinguir do restante da população, com casas de amplas fachadas, cômodos diversos, garagens. Tudo isso pode ser visto na coleção de plantas disponível no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Para Marx, a ideologia em sentido lato [...] engloba as representações que uma classe social dá de si própria, das suas relações com as classes suas antagonistas e da estrutura global da sociedade. É através das suas representações ideológicas que uma classe exprime as suas aspirações, justifica moral e juridicamente os seus objetivos, concebe o passado e imagina o futuro. [...] Em cada formação social, as representações ideológicas da classe dominante constituem, também, a ideologia dominante, no sentido em que esta é veiculada e imposta por instituições tais como o Estado, a Igreja, o ensino, etc. (1985, p.304).

Logo, a ideologia da elite se torna dominante porque tal parcela social detém os meios para impô-la à população. No caso da elite londrinense, ela se atrela ao poder público municipal e aos meios de comunicação de massa, como o jornal Folha de Londrina. Com isso, seu ideal acaba se impondo à sociedade.

Mas, naquele momento, afora a questão do tratamento de água, também se investia na rede de esgotos da cidade, como mostram as imagens 12 e 13, que pertencem à pasta **Bueiro**. Ambas retratam a construção de um tanque flexível de esgoto<sup>72</sup>, entre a Avenida Higienópolis e a Rua Goiás.

Na Imagem 12, Oswaldo Leite focalizou o tanque flexível em construção. É possível ver o início da sua estrutura, feita com tijolos e cimento. Também há um trabalhador, vestido com roupas simples e botina, tendo uma colher de pedreiro nas mãos. Ainda há outras ferramentas de pedreiro na imagem, como pincéis do tipo brocha e pás, usados para se trabalhar com cimento. Isso indica que os tijolos do tanque em construção eram assentados unitariamente, e sua linearidade sempre verificada. Se eles não estivessem corretamente alinhados, era preciso corrigir imediatamente, ou a obra teria problemas estruturais.

---

<sup>72</sup> Um tanque flexível é um “dispositivo destinado a dar descargas periódicas de água para limpeza de coletores quando não houver declividade mínima para auto-limpeza. Consiste em câmara de acumulação de água e de um dispositivo de descarga automática sifonado. Antigamente este tipo de tanque era utilizado no início das tubulações, atualmente este tipo de descarga é dada pelas válvulas tipo Hydra das residências”. Informação acessada em: < [http://www.falcetta.eng.br/\\_resumos/eng37.html](http://www.falcetta.eng.br/_resumos/eng37.html) >. Em 31 de dezembro de 2013, às 10h: 15min.

**Imagem 12** - Tanque flexível- cruzamento da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotografia: Oswaldo Leite. 11 de fevereiro de 1954.

Os operários aprendiam seu ofício no cotidiano da obra, sem escolarização. Afinal, ainda não haviam cursos técnicos dedicados à sua formação. Mesmo assim, a hierarquia hoje presente de mestres e operários, dentro do canteiro de obras, já existia naquele momento. Por outro lado, segundo Sérgio Ferro, o saber, adquirido pelos trabalhadores no dia a dia da construção, passava a ser algo constantemente corroído:

[...] no canteiro, são homens que carregam os gestos e procedimentos, gravados por contínuo exercício coletivo, que compõem o núcleo do trabalho. Poderíamos esperar que a prática depositada nestas equipes, nestes operários, fosse cuidadosamente resguardada – mas o que observamos é a sua sistemática corrosão (1982, p. 33).

Tal corrosão ocorre por diversos motivos. Desenhos técnicos, por exemplo, podem gerar confusão de leitura, são de difícil aplicação no canteiro de obras e seu sistema métrico e ortogonal não se adapta aos materiais e formas empregados. Por consequência, nota-se que o desenho ao invés de facilitar o trabalho, acaba segregando os operários dos arquitetos e engenheiros. A única ponte entre eles é o mestre de obras, responsável por levar e decifrar as informações técnicas aos operários. Ao mesmo tempo, tal situação aponta para a dominação e exploração ali existentes, tão características do sistema capitalista. Aliás, o próprio objeto

arquitetônico em construção é fruto da produção capitalista: “[...] o objeto arquitetônico, assim como a pá ou a arma, é fabricado, circula e é consumido, antes de mais nada, como mercadoria. [...] Todo e qualquer objeto arquitetônico, entre nós, é um dos resultados do processo de valorização do capital” (FERRO, 1982, p.09). Portanto, tais objetos são mercadorias, tanto quanto os utensílios e materiais utilizados para criá-los.

Já a Imagem 13 mostra dois homens trabalhando e o que se percebe é que o tanque foi construído na rua, por meio de uma abertura na via, feita pelos trabalhadores. Sobre a abertura há diversas pranchas de madeira e, ao seu lado, montes de terra, com duas picaretas em cima. Também é visível que a rua contava com calçamento de paralelepípedo e meio-fio para os pedestres. Mais uma vez, observa-se a estrutura do tanque retratado, feita de tijolos.

**Imagem 13** - Tanque flexível- cruzamento da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotografia: Oswaldo Leite. 11 de fevereiro de 1954.

Ambas as imagens foram captadas por Oswaldo Leite no dia 11 de fevereiro de 1954, e trazem a seguinte legenda: “Tanque flexível- cruzamento da Avenida Higienópolis. Construção de um tanque flexível de esgoto, no cruzamento da Avenida Higienópolis e Rua Goiás”.

Sobre as obras de esgoto, a mesma matéria do jornal Folha de Londrina do dia 1º de dezembro de 1955, referente à palestra proferida pelo prefeito Milton Meneses no Rotary Club de Londrina, também abordou o tema. Nela, salientou-se o que já havia sido feito até

aquele momento, o quanto havia sido gasto e de onde vieram os recursos para as obras. De acordo com o prefeito:

Foram construídos, até agora, 37 quilômetros da rede de água e 41 quilômetros da de esgotos, o que representa 35% do total da rede de águas e 70% da rede de esgotos. As adutoras já estão compradas e o reservatório, bem como a torre de elevação, em construção e com o material também à mão. Nessas obras a Municipalidade já empregou a importância exata de CR\$ 57.958.827,50 [...] Dessa importância, apenas 10 milhões de cruzeiros foram doados pelo Estado, e 9 milhões de cruzeiros foram conseguidos com a venda de apólices. O mais, foi fruto de economia, com a suspensão das obras de superfície e de ostentação, pois achava que era um dever precípuo enfrentar o problema com decisão e firmeza (01 de dezembro de 1955, Capa).

Conforme a matéria, a rede de esgotos da cidade já estava adiantada, atendendo boa parte da população naquele momento. Já a rede de água ainda não atendia nem a metade dos londrinenses. Para financiar as obras, mais uma vez, foram necessárias doações do Estado e a venda de apólices, sendo que a maior quantia empregada, no entanto, era fruto de economia da própria administração.

Contudo, percebe-se na fala de Meneses a ideia de que os inimigos, os rivais do desenvolvimento londrinense eram tudo aquilo que impedia o desenrolar das obras. Desde as ruas ainda não pavimentadas, que transtornavam os moradores com a poeira e a lama, até as instituições bancárias e os políticos das esferas estadual e federal, que não repassavam o dinheiro prometido para a realização das construções na cidade.

De acordo com Cornelius Castoriadis, quando se constrói uma identidade para a sociedade, como foi o caso de Londrina enquanto “cidade progressista”, a relação com tudo o que não se inclui ali passa a ser limitada, formando-se, então, a imagem do inimigo, do rival:

Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo. Sua própria identidade nada mais é que esse ‘sistema de interpretação’, esse mundo que ela cria. É por isso que (da mesma forma que qualquer indivíduo) ela percebe como um perigo mortal qualquer ataque a esse sistema de interpretação; ela o percebe como um ataque contra sua identidade, contra ela mesma (1987, p.232).

Portanto, uma sociedade seria uma união de indivíduos que têm a mesma crença, as mesmas referências, e acabam criando uma identidade comum. No caso londrinense, tal identidade foi construída a partir de um desejo da elite local, aspiração que se tornou um discurso representativo de toda a população. E quando surge algo diferente, que vai contra a

identidade comum, os cidadãos tendem a encarar a diferença como um ataque, como algo ruim.

O prefeito Milton Ribeiro Meneses também buscou salientar em sua fala a modernidade das obras feitas em Londrina. Foram contratados profissionais experientes, antenados às mais novas técnicas de saneamento:

Por razões de ordem topográfica, Londrina foi dividida em 4 distritos sanitários, dois deles situados na região Sul da cidade e outros na região a que se poderá chamar Norte, servindo de limite entre elas o espigão que vem da Rua Benjamin Constant, acompanhando a Av. Paraná e subindo em direção à Igreja Matriz. Os distritos sanitários da zona Sul e os seus afluentes e emissários, vão ter à estação de tratamento, no córrego Bom Retiro, por gravidade; já nos outros distritos, o material coletado para ser enviado à estação de tratamento, passará, primeiro, por um ciclo de digestões e com a decantação desta matéria se dará a produção de gases de diversas espécies [...]. Tais gases serão aproveitados para gerar energia suficiente à movimentação do conjunto de fôrça. As substâncias mineralizadas serão aproveitadas como adubos, depois tratadas por filtros, num processo aperfeiçoado pelo dr. João Pedro de Jesus Neto. Êsse processo, convém salientar, [...] mereceu a acolhida por parte dos técnicos, sendo, hoje, aplicado não só em Jaçanã, Mandaqui e Ipiranga, no Brasil, mas também nos Estados Unidos, onde tem recebido os melhores encômios dos entendidos no assunto. Por aquele processo, conseguiu-se confinar o ambiente de tratamento dos esgotos, não tendo as moscas, tão comuns a êsses locais, oportunidade de contaminar as regiões adjacentes, pois que morrem ali (01 de dezembro de 1955, Capa).

Almejava-se aproximar Londrina do que de mais inovador existisse no país e, assim, firmar uma identidade da cidade como progressista. É importante lembrar que, naquele momento, o Brasil como um todo havia adotado um discurso de modernização e desenvolvimento, o qual teve seu auge no mandato do Presidente da República Juscelino Kubitscheck.

Segundo Lohn, uma das maneiras de intensificar o desenvolvimento por todo o país, de forma que a população pudesse percebê-lo concretamente, foi por meio das obras de urbanização, assim como ocorreu com Londrina. As cidades tornaram-se, portanto, um espaço de otimismo, sobretudo para as classes média e alta:

[...] o Urbanismo passa a propor medidas que visavam intensificar o desenvolvimento, tomando a cidade como um espaço de produção [...] As cidades refletiriam o engajamento do Brasil nos novos tempos de modernização e o otimismo que empolgavam as camadas médias, através dos sonhos de consumo de bens que exprimissem progresso e de novidades tecnológicas que reinventavam o cotidiano, como modernos automóveis e aparelhos eletrodomésticos de todos os tipos (LOHN, 2007, p.309).

Assim, as cidades foram um dos lugares onde o imaginário social desta década se expressou com maior clareza. De acordo com Baczko, tais imaginários utilizam diversas linguagens, inclusive a arquitetônica para se manifestar. Com isso, os municípios tornaram-se um exemplo de onde os imaginários sociais se projetam claramente, a partir de sua organização espacial:

[...] todas as cidades são, entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço. A sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas [...]. A arquitetura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder, utilizando, para isso a escala monumental, os materiais nobres, etc. (BACZKO, 1985, p.313).

Em Londrina, as obras além de indicarem uma visão idealizada da cidade, corrente em todo o país, também atestavam, naquele momento, o prestígio almejado pelos administradores municipais, que desejavam ser vistos como grandes realizadores. E para a população, como um todo, tais obras representavam a concretização da cidade enquanto símbolo de progresso.

No mandato seguinte, de Fernandes Sobrinho, o investimento nas obras de saneamento continuou. Segundo a prestação de contas feita no jornal Folha de Londrina, na data de 7 de dezembro de 1958, referente aos meses de julho a setembro daquele ano, as obras no setor atingiram a cifra de CR\$ 435.882,70, somente na rede geral de água e esgoto:

No trimestre que ora relatamos, os serviços de saneamento da cidade, desenvolveram-se nos setores da extensão das redes gerais de água e esgoto [...]. Os trabalhos executados são os que se descrevem a seguir:

1 – Rede Geral de Esgoto: Nesta sub-classe, foram assentados 390,40 metros lineares de manilhas, 3 de tubos de ferro fundido, e 2 poços de inspeção completos. Os serviços de escavação de valetas alcançaram a 388,60 metros lineares e os de reposição de calçamento 273,20 metros quadrados.

2 – Rede Geral de Água: Os trabalhos referentes a esta sub-classe constaram de assentamento de 14,80 metros lineares de tubos de ferro fundido, 2 registros completos, 1 hidrante completo, 1 luva e reposição de 19.200 metros quadrados de calçamento. O número de ligações domiciliares da rede geral de água foi de 62

(Jornal Folha de Londrina, 07 de dezembro de 1958, p. 03).

Tais números mostram, mais uma vez, a preocupação existente com o saneamento em Londrina durante toda a década de 1950. Além do fato de a cidade estar crescendo como nunca e de que era preciso dotá-la com infraestrutura básica, o próprio investimento em obras de saneamento demonstrava a preocupação latente em inserir a referida localidade dentro do

que havia de mais moderno no país. Viver em um bairro saneado, como ocorria com a região central, indicava que ele era desenvolvido e a cidade, progressista. Afinal, basta lembrar que até hoje existem muitas cidades que não contam com a infraestrutura de saneamento básico implantada em Londrina nos anos 1950.

Tais construções acabaram colaborando para que a referida urbe tenha, atualmente, uma taxa de saneamento maior que a de muitas cidades brasileiras. Afinal, elas ainda se encontram em operação. Segundo o relatório de diagnóstico da situação do saneamento londrinense, elaborado pela Prefeitura Municipal em 2009, o abastecimento de água atinge 100% da população urbana, e pouco mais de 78% possui o serviço de esgotamento sanitário:

O sistema de abastecimento de água de Londrina é bom e segue o padrão utilizado nas cidades do mesmo porte, disponibilizando água em quantidade adequada para toda a área urbana. O índice de atendimento urbano de água é de 100%, estando incluídos os distritos e patrimônios. [...] De acordo com a população de 2007 de todo o município e a atendida pelo sistema, aproximadamente 3% não são abastecidos pela SANEPAR, correspondendo à população dispersa no meio rural [...] Comparando o percentual de atendimento do serviço de esgotamento sanitário na área urbana de Londrina com as demais regiões do país, média nacional e com o estado do Paraná, constata-se que o Município encontra-se em posição privilegiada, apresentando índices de atendimento maiores que dos demais. O Município não possui Plano Diretor de Esgotamento Sanitário. O planejamento deste setor ocorre através de estudos internos da SANEPAR. Os investimentos em andamento e previstos contemplam ampliações de todo o sistema, envolvendo rede coletora e estação de tratamento de esgoto. Considerando que este serviço atende atualmente (2008) 78.93% da população urbana da sede, este planejamento é bom, pois se refere à ampliação gradativa do esgotamento sanitário no município, atendendo as regiões carentes deste serviço (2009, p.125 e 170).

Somado a isso, as construções estavam antenadas às mais novas técnicas do período e foram conduzidas por renomados profissionais. Assim, foi se concretizando a idealização da cidade em constante progresso, que deixava a cada dia sua época de sertão para trás:

A trepidação urbana, o movimento congestionado do tráfego, a pujança arquitetônica e os melhoramentos urbanísticos eram itens corriqueiramente elencados para assinalar a nova condição da cidade e, indiretamente, a condição daqueles cidadãos privilegiados com o progresso. Pois não se pode esquecer que, como escreveu Pierre Monbeig, na frente pioneira "os sucessos urbanos eram ao mesmo tempo o triunfo dos indivíduos". O progresso da cidade reforçava ideologicamente o individualismo liberal que caracterizara a "marcha dos pioneiros" (BENATTI, 1996, p.32).

De certo modo pode-se dizer que Oswaldo Leite fez sua parte nesse quinhão, ao captar as técnicas empregadas nas construções pela cidade. Dando sequência às representações fotográficas do período, nas imagens 12 e 13 ele optou por um plano médio<sup>73</sup>, destacando o tanque flexível em construção. O espaço onde foi feito, no entanto, acabou ficando em segundo plano, e aparece pouco nas duas imagens.

De acordo com Pereira (2010), o ato de descolar a fotografia da paisagem em que está inserida, sem valorizar o contraste da natureza com a obra em construção, é uma característica que diferenciava, no século XIX, as fotografias de amadores da de profissionais.

Observa-se que a construção do fazer fotográfico já havia sido assimilada na década de 1950, uma vez que, para capturar as imagens 12 e 13, Leite se aproximou do objeto que desejava focar, no caso o tanque flexível, e fez a fotografia em pé. Assim, detalhes como os objetos utilizados e materiais empregados na obra, tanto quanto seu estágio de adiantamento, podem ser vistos com clareza, em detrimento do espaço no qual o tanque era construído.

Há um destaque, por exemplo, para a utilização de materiais como tijolo e cimento na construção da obra, que começaram a ter seu uso disseminado pelo país poucas décadas antes. Tratavam-se, portanto, de materiais novos, originais, indicativos de modernidade.

De acordo com Maria Adélia Aparecida de Souza, foi somente em 1926 que a produção de cimento no Brasil teve início, motivada pela instalação das primeiras firmas especializadas de construção civil, que também surgiam naquele momento, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, onde havia um grande número de obras. Na mesma época, a Nação passou, ainda, a assumir o papel de responsável pelas obras de infraestrutura das cidades.

As décadas iniciais do século XX testemunham um grande surto de construções, do qual advêm as primeiras firmas especializadas no setor de construção civil. [...] As construtoras nacionais eram precárias em matéria de tecnologia. Dominavam o mercado as companhias estrangeiras, tais como a Hugh Cooper e a Cristiani & Nielsen. [...] Em 1926 tem início a produção de cimento no País. O mesmo impulso seria dado à produção de materiais de construção em geral, com a fase de substituição de importações gerada no período da Segunda Guerra Mundial. [...] O Estado passa a assumir neste período (décadas de 30 e 40), o importante papel como responsável pela infra-estrutura e também no subsetor de edificações, mediante legislação urbana e a criação de caixas econômicas e fundos de financiamento (SOUZA, 1994, p.81-82) .

---

<sup>73</sup> De acordo com Araújo, os planos médios são fotografias “que apresentam de modo parcial – e deste modo hierarquizando partes de um lugar em detrimento de outros – o lugar escolhido para compor parte de uma série de imagens” (2006, p.115).

Percebe-se que as medidas tomadas pelo poder público londrinense, nos anos 1950, foram amplamente influenciadas pela elite local e similares às medidas já tomadas anos antes por outras cidades brasileiras, que também enfrentaram problemas de crescimento. Portanto, o que Londrina viveu nos anos 1950 foi um sintoma comum, desde o final do século XIX, a muitas outras localidades brasileiras.

Além de construir obras de esgoto e canalização de água para a população, o poder público também se preocupou em reforçar a estrutura de abastecimento de água, por meio da construção de duas outras importantes obras no período: a Estação de Tratamento de Água, situada na Rua Antonina (atual Avenida J.K); e o Reservatório de Água, situado na Avenida Higienópolis.

Inclusive, na referida matéria do dia 1º de dezembro de 1955, o então prefeito Milton Ribeiro Meneses falou sobre ambas:

Referiu-se também o orador, à estação de tratamento de águas, localizada entre as ruas Tupi e Antonina. “Naquele local [...] as águas do Ribeirão Cafezal sofrerão um tratamento completo, que começará pela flutuação mecânica, quando lhe serão adicionados sulfato de alumínio, cal, etc., o que determinará a precipitação das areias finas, sendo, depois, decantadas, filtradas, coradas, etc. Dali, as águas serão transportadas, afinal, para um reservatório, na Avenida Higienópolis, esquina com Tupi, com capacidade de depósito para 8 milhões de litros e capacidade de elevação de 250 mil litros, se não me engano” (01 de dezembro de 1955, Capa).

Portanto, a Estação e o Reservatório de água em construção estavam interligados e objetivavam minorar o problema da parca infraestrutura básica da cidade, frente a uma população que crescia rapidamente. Acerca dessa precariedade, o memorialista Vicente Barroso, ainda nos anos 1950, lembra que a mesma atingia a região norte paranaense de maneira geral:

Outra conseqüência de tantos lugarejos novos é que apesar de muita gente, muita arrecadação, muito dinheiro que corre... não se nota, nestas ‘cidades’ certas cousas indispensáveis: água canalizada, esgotos, luz, correio, telégrafo, telefone etc. o que ocasiona transtornos gerais (1956, p.145.).

Nota-se, que havia uma disparidade quanto à distribuição socioeconômica na região, como um todo. Apesar do rápido crescimento, do vultoso número de indivíduos que para ali se dirigiam, e da conseqüente arrecadação monetária nas cidades, o dinheiro não circulava, ficando concentrado nas mãos de alguns poucos. Também não havia investimento em

infraestrutura básica para a população, acarretando a falta de recursos indispensáveis, como água, luz e esgoto.

Portanto, obras de saneamento eram fundamentais na região, que recebia constantemente inúmeros migrantes. E, ao mesmo tempo, elas representaram, em Londrina, o progresso e a modernidade.

No caso da Estação de Tratamento de Água londrinense, suas obras tiveram início nos primeiros anos da década de 1950. A Imagem 14, feita em 18 de março de 1952, e legendada por Leite como: “Construção de estação de tratamento”, mostra a estrutura do prédio, com algumas sustentações de madeira. Aliás, a madeira chama muita atenção na imagem, pela quantidade que se encontra depositada no chão; pela pequena casa feita desse mesmo material, que aparece ao lado esquerdo e serviria para guardar os instrumentos e materiais utilizados na construção; e pela passarela montada para os trabalhadores se locomoverem no entorno da obra<sup>74</sup>.

**Imagem 14** - Construção de Estação de Tratamento.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 18 de março de 1952.

<sup>74</sup> A madeira foi um material extremamente importante para a cidade de Londrina, na época de sua fundação, e se constituiu em um de seus principais pilares econômicos. Sobre isso, ver: ZANI, Antônio Carlos. Casas de madeira em Londrina. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). *Patrimônio histórico e cultural da cidade de Londrina – PR*. Londrina: LEDI, 2011.

O ostensivo uso da madeira vem confirmar a estreita relação que se estabelecia com a natureza, à medida que a mesma era fornecida pelas matas da região. A construção sobressai no cenário, dominado por árvores e vegetação rasteira, e há muitos homens trabalhando. Para conseguir captar a obra de uma maneira extensa, em imagem aberta, Oswaldo Leite fez uma fotografia panorâmica<sup>75</sup>, posicionando-se em um local com a mesma altura que o prédio da Estação de Tratamento. Assim, foi possível reunir todos os detalhes e ainda mostrar que a estrutura em construção era de concreto armado. Há, inclusive, diversas vigas de ferro, utilizadas nesse tipo de estrutura, em primeiro plano, no lado esquerdo da imagem.

Segundo Freitas Filho, o concreto armado era uma técnica nova, surgida no final do século XIX, e empregada no Brasil primeiramente na cidade do Rio de Janeiro:

Capital de um país de economia fortemente integrada ao circuito internacional de comércio e finanças, a cidade do Rio de Janeiro esteve, desde o início do século XX, na encruzilhada dos experimentos de novas tecnologias, a exemplo do concreto armado. Tratava-se de um novo material, composto de barras de aço e argamassa de cimento que, introduzido no mercado mundial na virada para o século XX, viria a revolucionar a engenharia civil em todo o mundo. [...] A aplicação desta técnica ocorreu de modo mais sistemático a partir de 1930, com a criação do Instituto Brasileiro de Concreto, passando a ser aplicada na construção de túneis, viadutos, reservatórios, obras hidráulicas, portuárias, edifícios e prédios (2002, p.04).

Portanto, o concreto armado era empregado em obras de grande porte, em todo o país, e se tornou um símbolo de modernidade por ser uma técnica inovadora e recente, que permitia “uma economia em relação à estrutura metálica, anteriormente adotada na construção de edifícios de grande porte, além de liberar as paredes do peso da estrutura, concentrando as cargas no esqueleto estrutural” (FREITAS FILHO, 2002, p.05).

A utilização do concreto armado, segundo Lohn, também é um indicador do discurso nacional de modernização que caracterizou os anos 1950. No início do século XX, a preocupação maior das obras urbanísticas no Brasil era com a higienização. Surtos de doenças contagiosas, como a malária, acometiam todo o país, devido às precárias condições de higiene em que vivia a população. Por essa razão, as obras de saneamento passaram a ser mais difundidas, a fim de minorar o problema. A partir dos anos 1950, entretanto, há uma nova abordagem urbanística dentro das cidades: “as intervenções ocorriam segundo a perspectiva de que o crescimento econômico seria o fator fundamental das transformações” (LOHN,

---

<sup>75</sup> De acordo com Araújo, uma fotografia panorâmica é “[...] aquela fotografia que busca condensar, pela distância do conjunto de elementos que figuram na imagem, uma ‘vista geral’ (conseguida pelo fotógrafo ao se posicionar em um lugar mais alto em relação ao que seria o alvo de sua câmera)” (2006, p.115).

2007). Às medidas de higiene do início do século, somam-se ações nas cidades, com o objetivo de intensificar o desenvolvimento vivido no país:

Em complemento às campanhas de profilaxia médica e social do início do século e do chamado 'padrão higiênico funcional' do Estado Novo, que visava influir nas condições de vida das camadas populares através de discursos filantrópicos e cívicos, o Urbanismo passa a propor medidas que visavam intensificar o desenvolvimento, tomando a cidade como um espaço de produção [...] Às vacinas e à polícia sanitária, deveria somar-se o plano urbano e o concreto armado (LOHN, 2007, p.309).

Dessa maneira, percebe-se que as obras em Londrina estavam atentas às medidas desenvolvimentistas que ocorriam no restante do país. Segundo Candotti, tais obras também refletiam a intenção do poder público e dos empreendedores imobiliários em atender os interesses da elite local, fazendo que a mesma permanecesse na cidade e trouxesse novos investimentos:

As medidas e as obras efetuadas pelo setor imobiliário e pela administração pública ao longo da década de 1950, procuravam ir ao encontro dos interesses dos grandes agropecuários, comerciantes e industriais, contribuindo para a construção de uma cidade moderna, capaz de oferecer uma ampla infraestrutura e os mais variados serviços e opções de lazer. Neste sentido, a elaboração deste conjunto de atrativos propiciaria a fixação destes grupos à cidade e conseqüentemente, possíveis investimentos, além da valorização dos imóveis. Com isto beneficiaram-se os empreendedores imobiliários juntamente com o poder público (este, através do aumento de impostos). Na composição deste quadro, foram somando-se à paisagem londrinense vários estabelecimentos de utilidade pública: a estação de tratamento de água, a Universidade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Londrina, a Faculdade Estadual de Direito, a Concha Acústica, as instalações do novo aeroporto, o lago artificial Igapó, e o Clube Náutico (1997, p.169).

Conforme Londrina se fixava enquanto polo regional, seu crescimento e desenvolvimento rápido passavam a ser um atrativo para que os grupos com posses se estabelecessem definitivamente aqui. Entre tais atrativos incluía-se justamente a Estação de Tratamento de Água. Contudo, mesmo com todos os investimentos destinados à obra, a Estação de Tratamento só fica pronta no final da década de 1950.

Na Imagem 15, também é retratado o trabalho desenvolvido no local da construção, na data de 1º de outubro de 1957. Nela há três homens trabalhando e um quarto, bem no canto esquerdo da imagem, com um objeto nas mãos; além de montes de terra e de pedras, carriolas e parte de uma casa de madeira ao fundo, com uma máquina de fazer concreto ao lado.

Quando pronto, o concreto escorreria pela estrutura de metal até a carruola, do lado de baixo, agilizando o trabalho dos operários.

**Imagem 15** - Serviço de saneamento- Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 01 de outubro de 1957.

Para dar ideia da intensidade dos trabalhos nessa obra, especificamente, sabe-se que foram gastos CR\$1.795.163,40 no ano de 1956, somente com o pagamento de materiais de construção (Jornal Folha de Londrina, 19 de março de 1957, p. 03), e CR\$ 7.969.834,70 para realizar os seguintes trabalhos entre os meses de julho e setembro de 1958:

Nesta importante obra foram concretados os tanques decantadores e filtros, dando-se ainda prosseguimento aos trabalhos de acabamento interno do edifício. Ainda no período em relato, procedeu-se à instalação da linha de alta tensão no trecho compreendido entre a estação de tratamento de água e a estação de captação e recalque de água bruta, situada na chamada Fazenda Palhano (Jornal Folha de Londrina, 07 de dezembro de 1958, p. 03).

Outro ponto importante é que a construtora responsável, tanto pela Estação de Tratamento quanto pelo Reservatório de Água na Avenida Higienópolis, foi a renomada Companhia Construtora Nacional, surgida no começo do século XX, após a fusão com outra construtora: “A Companhia Construtora Nacional [...] é fruto do encampamento, em 1928, da

antiga Cia. Construtora em Cimento Armado pela empresa germânica Wayss & Freytag” (GOUVEIA et al., 2013, p.47).

A partir daí, a Construtora Nacional foi a responsável pela disseminação da técnica do concreto armado no Brasil, trazendo engenheiros alemães que divulgaram a técnica país afora: “A difusão do concreto armado no Rio de Janeiro e no Brasil, deveu-se à presença do engenheiro alemão Redlinger, trazido ao Rio pela Construtora Nacional, também de origem alemã” (FREITAS FILHO, 2002, p.05).

A Prefeitura Municipal de Londrina foi uma das cidades<sup>76</sup> que contrataram os serviços dessa empresa, sinônimo de inovação e modernidade, para resolver seus problemas de saneamento. O que indica, mais uma vez, que as obras em Londrina estavam antenadas com as medidas desenvolvimentistas que marcaram a década de 1950 em todo o país. De acordo com Quinto Jr. (2003), o período compreendido entre 1945 e 1964, no Brasil, foi marcado pela crescente importância das cidades dentro das políticas governamentais, pois eram um dos maiores indicadores do crescimento do país naquele momento e também o local para onde muitos indivíduos se dirigiam em busca de melhores condições de vida. Por isso, tal qual ocorreu com Londrina, elas receberam constantes melhorias, como construções com técnicas inovadoras, além de debates sobre novas políticas urbanas:

O período que se encerrou em 1964 – inserido numa conjuntura de governos democráticos iniciados em 1945 – ficou conhecido como “desenvolvimentista”, tendo sido também uma época altamente marcada por reformas sociais. Durante estes anos, as cidades passaram a ter uma importância fundamental nas políticas de desenvolvimento econômico e social, especialmente com a passagem do suporte rural das atividades econômicas para o suporte urbano. Em função disso, um conjunto de políticas urbanas passou a ocupar o centro dos debates e a fazer parte da pauta das administrações (2003, p.187).

Mais uma vez, Oswaldo Leite faz uma fotografia em plano médio, priorizando o trabalho desenvolvido. Ele fez a imagem em pé, bem próximo aos trabalhadores, e em um horário de sol a pino, pois o mesmo se reflete sobre a máquina de concreto. A legenda dada à fotografia foi: “Serviço de saneamento- Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina”.

Exatamente dois anos mais tarde, em 10 de outubro de 1959, Oswaldo Leite fez mais fotografias da Estação de Tratamento, retratando a ampliação e a finalização da obra, nas

---

<sup>76</sup> Outras cidades que contrataram a empresa com a mesma finalidade foram São Paulo e Rio de Janeiro, de acordo com Gouveia (2013) e Freitas Filho (2002).

imagens 16 e 17. As mesmas foram legendadas como: “Ampliação da Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina”.

Na Imagem 16, há uma estrutura de madeira erguida, montes de terra, e homens trabalhando. Também há dois outros senhores no centro da imagem, que conversam, verificando as obras.

**Imagem 16** - Ampliação da Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 10 de outubro de 1959.

Justamente um dos homens, de camisa branca, parece-se muito com o prefeito da época, Antônio Fernandes Sobrinho. Em diversas imagens do acervo de Oswaldo Leite, o prefeito é fotografado em meio às obras pela cidade, fiscalizando-as e se assegurando de que o momento seria registrado, para que depois se pudesse publicá-las em jornais locais, sobretudo no *Folha de Londrina*<sup>77</sup>. Essa situação acaba por reforçar a ideia das fotografias feitas por Leite como registro das obras em questão.

Quando Fernandes Sobrinho se deixava fotografar e, posteriormente, autorizava a publicação de muitas das imagens no jornal de maior circulação do município, dá a entender que pretendia-se, com isso, construir uma imagem de homem que trabalhava e prezava pelos interesses da população. Ele não era um administrador “de gabinete”. Fiscalizava as obras

---

<sup>77</sup> A Imagem 16 não foi publicada, atendendo, portanto, ao critério aqui estabelecido para a seleção das imagens trabalhadas.

pessoalmente, para ver como tudo estava ocorrendo. Suas atividades administrativas apresentavam, portanto, um duplo caráter: de fiscalização e de promoção pessoal.

Além dos elementos descritos, também é perceptível, no plano de fundo da imagem, certa quantidade de árvores, postes de energia elétrica de madeira, e telhados dos barracões da obra, também feitos de madeira<sup>78</sup>. Para conseguir captar a cena, Oswaldo Leite fez um recuo, afastando-se um pouco, e dando destaque aos dois homens que fiscalizam a obra, em meio à estrutura construtiva.

De acordo com Bertoluci (2005), o saneamento básico em Londrina foi uma questão a ser enfrentada cedo pelos administradores municipais, dado que a cidade, em 1950, tinha pouco mais que duas décadas de existência, mas sofria com o crescimento descontrolado. Afinal “não é fácil planejar o abastecimento a uma população que cresce demograficamente muito mais que o território que ocupa” (BERTOLUCI, 2005, p.1901).

No caso do abastecimento de água, as primeiras obras foram feitas ainda na década de 1930, pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), interessada em dotar a cidade dessa infraestrutura, e, então, atrair mais compradores para a região. Os primeiros habitantes tiveram que, inicialmente, cavar poços a uma fundura de 30 metros, para poder contar com tal benefício. Entretanto, a estrutura rudimentar durou pouco tempo. Ainda em meados da década de 1930 foram realizados estudos objetivando ampliar a captação de água para a população que já crescia (HOFFMANN e PIVETA, 2009).

Logo, nos anos iniciais de fundação da cidade, ocorrida em 1934, o serviço de abastecimento de água já era um problema a ser sanado. Duas décadas mais tarde, quando a cidade se encontrava em um pico de crescimento, não foi mais possível adiar a construção de um sistema de água e esgoto que atendesse a população de maneira abrangente, dadas as medidas precárias instituídas até aquele momento.

Ainda durante os anos 1950, os serviços de água e esgoto foram prestados por uma empresa particular até 1º de janeiro de 1958, quando foi criado o Departamento de Água e Esgoto (DAE). No ano seguinte, em 10 de junho de 1959, os serviços passam a ser realizados pela Prefeitura Municipal:

No dia 1º de janeiro de 1958, é criado o Departamento de Água e Esgoto (DAE) [...] que tinha por finalidade estudar, projetar, executar e fiscalizar, quando contratados, todos os serviços municipais referentes ao abastecimento de água potável e esgotamento de águas servidas. Este serviço

---

<sup>78</sup> Cabe aqui reafirmar que a madeira era muito usada por ser esta uma região rica dessa matéria- prima, e não porque fosse desconhecido o uso do concreto, como já destacado.

pertencia à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, sucessora da Companhia de Terras Norte do Paraná. No dia 10 de junho de 1959, o serviço de água passa a ser explorado pelo Município, através da Lei n.162 na gestão do prefeito Antonio Fernandes Sobrinho (GONÇALVES, 1991, p.119).

O serviço prestado pelo DAE, gerido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), durou pouco mais de um ano. E o fato de apenas um ano depois o setor passar a ser controlado pela administração municipal, mostra a perda de espaço político e econômico dessa empresa em Londrina, que ia deixando de controlá-la<sup>79</sup>.

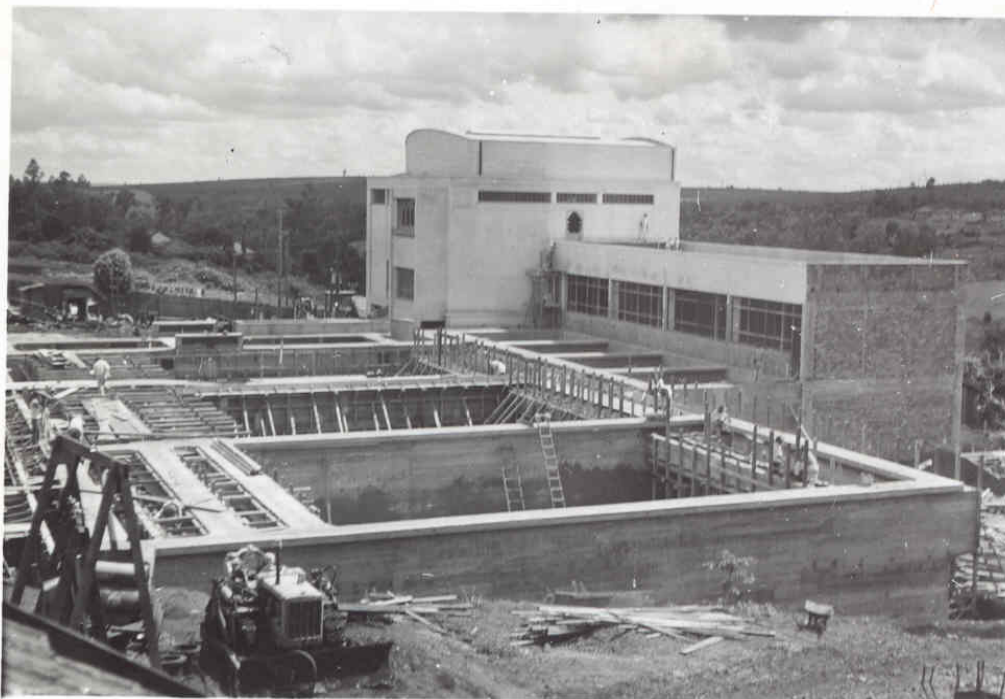
De acordo com Gonçalves (1991), o DAE vigora até 1965, quando é criado o Serviço Autárquico de Saneamento (SAS), uma autarquia do poder público municipal. Seu serviço se estende até 22 de novembro de 1973, quando a Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR) passa a ser a empresa responsável por cuidar do setor na cidade. Naquele momento, foi estabelecido um contrato com a empresa por 30 anos. Desde então, ele vem sendo renovado, ano após ano, de forma emergencial.

Na Imagem 17, Oswaldo Leite capta a Estação de Tratamento de Água de um ângulo semelhante ao da Imagem 14, feita sete anos antes. É visível o crescimento da obra, e seu estágio de finalização. O prédio já está erguido e quase pronto, os tanques de água também estão em uma fase adiantada, mesmo havendo estruturas de madeira ali e operários próximos a eles. A paisagem do entorno não mudou no período de sete anos, e continua dominada por árvores. Leite, inclusive, fez o mesmo tipo de fotografia, uma panorâmica que permitiu captar toda a extensão da obra e sua fase de construção.

---

<sup>79</sup> Sobre a perda de poder político em Londrina pela CTNP nos anos 1950, ver: ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930/1960*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.

**Imagem 17** - Ampliação da Estação de Tratamento de Água, localizada na Rua Antonina.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 10 de outubro de 1959.

A Estação de Tratamento foi finalmente inaugurada em dezembro de 1959 e, no jornal *Folha de Londrina*, destacaram-se seus custos e seu funcionamento, após a conclusão:

Entre as obras que serão inauguradas hoje, destaca-se a Estação de Tratamento de Água de Londrina, que veio resolver grande parte do problema de abastecimento da cidade. O importante melhoramento, executado pela Empresa Construtora Nacional S.A., custou cerca de 49 milhões de cruzeiros à Prefeitura. [...] A capacidade da Estação é de 15 milhões de litros diários. O tratamento da água é feito através de dois dosadores de cal hidratada, dois de sulfato de alumínio e dois de cloro. Está prevista para breve a instalação de um dosador auxiliar. O laboratório é dos mais modernos e completos do gênero. Os decantadores, em número de três, são dotados de sistema de lavagem absolutamente independentes. Para a filtração foram instaladas duas unidades de filtro a gravidade, comandadas à distância através de hidráulico. A Estação está equipada com três grupos de motores de 145hp e dois de 90hp, cada um com capacidade para 90 litros por segundo. Está prevista também a instalação de outro com capacidade de 145hp. A energia elétrica é fornecida pela empresa concessionária, através de uma linha especial de 1000 voltios, recentemente concluída e que partindo da sub-estação transformadora, vai diretamente à sub-estação (10 de dezembro de 1959, p.05).

Portanto, a obra, que começou no início dos anos 1950, foi estendida por toda a década. Ainda assim, pelo tom da reportagem, é possível dizer que restavam melhorias a serem feitas, como a instalação de mais motores. Seu custo de 49 milhões de cruzeiros, com

certeza, seria superado. Inclusive, desse montante, a Prefeitura Municipal havia pago, em setembro de 1958, pouco mais que a metade (exatamente CR\$ 27.925.408,70) à Companhia Construtora Nacional, que executava as obras (Jornal Folha de Londrina, 28 de setembro de 1958, p.06).

O governo de Fernandes Sobrinho terminou sua gestão com um déficit nas contas públicas, que ultrapassou CR\$ 26 milhões. Tal dívida foi gerada, sobretudo, pelos gastos com as obras na cidade (Jornal Folha de Londrina, 22 de outubro de 1959, p.03).

Portanto, mesmo sendo esta uma obra marcada pela demora e onerosidade aos cofres públicos, ela ainda foi entregue sem operar com toda sua capacidade, não atendendo à população da maneira como se previa.

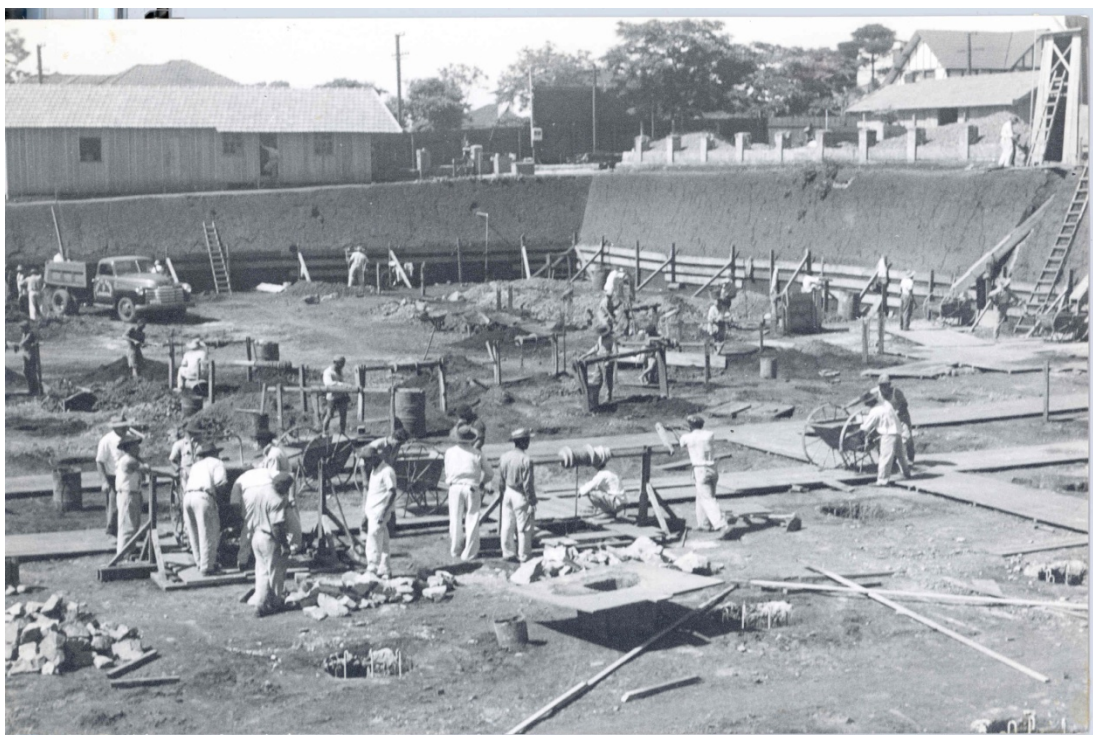
Atualmente, a Estação de Tratamento continua em operação e tem o nome de Estação de Tratamento de Água Cafezal. O nome Cafezal deve-se ao fato de a captação de suas águas ser feita no Ribeirão Cafezal. E este, ainda hoje, é o segundo maior ponto de captação de água do município, com vazão média de 2.592 m<sup>3</sup> por hora (Plano Municipal de Saneamento Básico, 2009).

Em conjunto com a Estação de Tratamento, também foi feito o Reservatório de Água, na Avenida Higienópolis, para onde a água tratada na Estação seguiria, e seria redistribuída à população.

O Reservatório começou a ser construído ainda nos anos 1950, mas sua conclusão só se efetivou em 1962. As imagens 18,19 e 20 mostram o início das obras, e foram captadas por Oswaldo Leite em 21 de novembro de 1955. A legenda das mesmas é: “Reservatório de água da Avenida Higienópolis”.

Na Imagem 18, é possível ter uma ideia do estágio da obra e de sua dimensão. Oswaldo Leite, para isso, fez um recuo e tirou a fotografia em pé, focalizando a construção e os trabalhadores. Também são visíveis um barracão de madeira ao fundo; uma casa no canto direito da imagem, com um telhado bastante inclinado, que lembra a arquitetura eclética europeia; além de várias árvores.

**Imagem 18** - Reservatório de Água da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 21 de novembro de 1955.

Sobre a influência da arquitetura eclética europeia em Londrina, Silva (2012) afirma que a mesma foi adotada pela elite local como um símbolo de status. Afinal, as construções desse estilo são imponentes e, em uma cidade dominada pelas casas de madeira, com certeza chamavam a atenção e se diferenciavam na paisagem. Observa-se a inspiração nos casarões construídos na cidade de São Paulo, que era, naquele momento, um dos maiores símbolos de modernidade e progresso do país.

No espaço onde ocorre a obra, também há um caminhão da Prefeitura Municipal; tábuas circundando todo o barranco e pelo chão; escadas de madeira; carriolas e montes de terra e pedra. No entanto, não se vê nenhuma estrutura erguida. Com isso, é possível afirmar que a obra ainda estava em seu estágio inicial.

Chama a atenção a grande quantidade de trabalhadores presente na imagem. O que, mais uma vez, remete à sua vinda para a cidade em busca de trabalho e de uma vida melhor:

Basicamente, estes migrantes nacionais e alguns estrangeiros chegaram a Londrina com a esperança de uma vida melhor, mas não encontraram facilidades, pois o que se formava naquele momento, era uma cultura dos vencedores, uma sociedade que se organizava a partir do interesse dos mais poderosos, e tentava convencê-los de que esta era a única opção viável para administrar a cidade e organizar a sociedade (SOUZA, 2008, p.18).

A vida para os migrantes pobres foi dificultada pelo excesso populacional urbano e pela escassa infraestrutura para comportar tantos habitantes. Com isso, muitos acabaram se dirigindo às periferias e vivendo em habitações precárias, sem nenhuma infraestrutura. Essa condição levou-os, também, à exclusão social, nesse caso acrescida da ideia desenvolvida na cidade de que quem trabalhasse, teoricamente, seria “recompensado” e teria uma vida melhor. Porém, nem sempre havia tal “recompensa”, e a riqueza almejada não acontecia. Muitos desses sujeitos nunca conseguiram enriquecer e mudar de vida, mesmo com muito trabalho.

Já foi dito isto sob outras palavras. Gente há que afirma o seguinte: aquele que não se fizer no Norte do Paraná, não se arrimará mais em parte alguma. De fato, nadando em dinheiro... pode ser que sim. E mesmo, sem 1 vintém no bolso, talvez se arranje. Não é por caridade ou mera amizade, cousas essas, semelhantes às pedrinhas preciosas... raras... Mas, nos dias de hoje, com a exploração e a vida cara, absurda, impossível, dêsse Norte, nem tudo que brilha é ouro... e muita gente fica desilusionada com o Norte. [...] É diante dêste estado de cousas que o autor vai ouvindo e meditando as queixas dos descontentes da sorte: “Qual o que, ‘seu Home’! O Norte já foi bom. Hoje só pra quem tem!... (BARROSO, 1956, p.138).

De acordo com o memorialista Vicente Barroso, a ideia que se fazia do norte do Paraná, até os anos 1950, era uma ilusão para muitas pessoas. A realidade é que o custo de vida era alto, havia muita exploração, e, por isso, os trabalhadores com menos posses enfrentavam muito mais dificuldades para se estabelecer na região. O processo de crescimento das cidades no norte paranaense e, conseqüentemente, a migração de milhares de indivíduos, ao invés de enriquecer a todos, resultou na formação de uma sociedade de diferentes segmentos sociais e gerou, em muitos casos, um aumento da distinção social dentro do espaço dos municípios, através do surgimento de bairros periféricos, e aumento da população pobre.

Voltando a falar sobre a construção do Reservatório de Água, em 1956 foram gastos CR\$ 1.023.059,70 (Jornal Folha de Londrina, 19 de março de 1957, p.03). Já de abril a junho de 1958, foram gastos CR\$ 270,90 (Jornal Folha de Londrina, 09 de outubro de 1958, p.03) e CR\$ 1.421,80 entre julho e setembro do mesmo ano (Jornal Folha de Londrina, 07 de dezembro de 1958, p.03), referentes aos salários dos guardas que ficavam no local, à aquisição de materiais para a obra, e outros encargos. Nota-se que as cifras são bem menores do que as da Estação de Tratamento, já em uma fase mais adiantada no mesmo período. Além disso, como as duas edificações funcionavam em conjunto, certamente ocorreriam falhas no abastecimento de água à população até que ambas fossem concluídas e operassem da maneira como foram planejadas.

Por sua vez, nas imagens 19 e 20 o estágio inicial das obras se confirma. Oswaldo Leite faz planos médios, buscando retratar alguns detalhes de como era feita a construção. A Imagem 19 mostra vários homens trabalhando, empurrando carruagens, revolvendo montes de terra ao fundo. Também há uma grande escada encostada ao barranco do lado direito; uma cerca de madeira em torno do local da obra; um telhado e algumas árvores. Ainda é perceptível uma estrutura de madeira sobre o chão, em primeiro plano, por onde o operário passa com a carruagem, e também algumas tábuas ao longo de todo o barranco, além de montes de terra.

**Imagem 19** - Reservatório de Água da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 21 de novembro de 1955.

Um ponto importante é que a obra do Reservatório de Água foi um símbolo de modernidade para a cidade, assim como as obras de Artigas e os edifícios verticais da região central, que marcaram a década de 1950 em Londrina. Segundo Castelnou Neto, o diferencial do Reservatório foi a utilização de materiais inovadores em sua construção, como o seu revestimento exterior com pastilhas, um material muito em voga na época:

[...] o Modernismo londrinense expressou-se principalmente através das obras de João B. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, que desenvolveram seis projetos de envergadura para a cidade: a Estação Rodoviária Municipal, o Cine Ouro Verde, o Edifício Autolon, a Casa da Criança, o Estádio Municipal e o Aeroporto, além de uma reforma na Santa Casa e algumas residências. [...] Estas obras têm, como características comuns, o jogo múltiplo de rampas, a oposição sutil entre retas e curvas, o purismo geométrico e a leveza aliada a uma lógica extrema. Além destas obras fundamentais, de Artigas e Cascaldi em Londrina, muitas obras contribuíram para a formação do panorama modernista na cidade [...], como o conjunto de edifícios Centro Comercial e os prédios Bosque, América e Comendador Júlio Fuganti. O quadro modernista na cidade completava-se com algumas residências, inclusive projetadas por Artigas e Cascaldi – das quais destacava-se a residência do então Prefeito Municipal Milton Ribeiro de Meneses, de 1950, que não foi totalmente descaracterizada –, e obras isoladas, como a Caixa d'Água da Avenida Higienópolis e o Grêmio Literário e Recreativo Londrinense, de 1952; estas, caracterizadas pelo uso de materiais novos e revestimento pastilhado, entre outros elementos (2000, p.72).

O revestimento com pastilhas ainda foi amplamente utilizado nas fachadas de casas que adotaram o estilo moderno de arquitetura, tornando-se uma marca do período em todo o país. Esse estilo era divulgado em meios de comunicação popular, como as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, por meio de suas propagandas e matérias. Assim, um estilo adotado inicialmente pela elite também começa a se difundir entre outros estratos sociais em todo o Brasil (LARA, 2005).

Em Londrina, escolheu-se a arquitetura moderna, pois esta era uma maneira de se demonstrar o crescimento e o progresso da cidade. Portanto, além dos melhores profissionais, dos materiais e técnicas mais inovadores, também se buscava a finalização das obras no estilo arquitetônico do momento:

Londrina atendia aos suscetíveis apelos de cidade moderna e fazia das mudanças arquitetônicas uma razão de ser. Desde 1950, a cidade recebia obras nas quais se reconheciam as formas, os volumes e as linhas do modernismo de então, impondo o esquecimento ao gosto pela *artdéco* que dominara até então. As edificações públicas, como a rodoviária projetada por Vilanova Artigas (1951), o Cine Teatro Ouro Verde (1952) e a Casa da Criança (1953/1954) espriavam um ritmo estético que procurava realizar a cara vocação progressista da cidade (IVANO, 2000, p. 93).

Um determinado estilo arquitetônico foi capaz de indicar, então, que a cidade deixava a época de sertão para trás, adentrando em um novo momento, marcado pelo progresso e crescimento local.

Segundo Lara, a associação entre arquitetura moderna e progresso foi bastante comum no Brasil nos anos 50. Inclusive, foi um dos fatores que fizeram que o referido estilo arquitetônico se espalhasse por todo o país. A arquitetura moderna teve apoio governamental e mesclava tradição e modernidade. Entretanto, seu sucesso se deveu igualmente ao rápido crescimento de diversas cidades, como ocorreu com Londrina; ao êxodo rural, que levou muitos indivíduos a esses lugares em busca de melhores condições de vida; às promessas governamentais de crescimento e desenvolvimento, encetadas principalmente no governo J.K; além da estabilidade democrática e econômica vivida pelo país. Tudo isso fez que os brasileiros adotassem a modernidade em suas mais diversas formas.

Sedentos por qualquer forma de modernidade, os lares brasileiros adotaram o modernismo como o estilo dos anos 1950. Após adotada pelo governo como estilo oficial e pelas classes mais favorecidas como signo de *status*, a arquitetura moderna brasileira foi assumida pela classe média como paradigma estético, apesar das diferenças regionais ou discrepâncias sociais (2005, p.178).

Em Londrina não foi diferente. Buscava-se instalar na cidade em crescimento tudo o que fosse indicativo de modernidade, desde o estilo arquitetônico, até os materiais utilizados para a construção das diversas obras. Assim a urbe teria maior imaginabilidade, ou seja: “[...] a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente” (LYNCH, 1997, p.11).

Portanto, no caso das obras em Londrina, criava-se uma imagem forte de um ambiente em expansão, por meio da arquitetura moderna e das técnicas de construção mais recentes, atestando-se, assim, o progresso da cidade.

Já na Imagem 20 foi captado mais um detalhe da obra do Reservatório de Água. Há um caminhão da Prefeitura Municipal de Londrina, ao centro, e mais homens trabalhando, carregando-o com terra, com o auxílio de uma pá. Também se nota parte do mesmo barracão de madeira da Imagem 18, do lado esquerdo, além das tábuas em torno de todo o barranco, e uma cerca de madeira, como na imagem anterior. No plano de fundo, são visíveis apenas algumas árvores e telhados. No espaço da obra ainda há uma escada, que servia de auxílio para os trabalhadores entrarem ou saírem do local onde estavam, e uma carriola, no canto esquerdo da imagem.

**Imagem 20** - Reservatório de Água da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 21 de novembro de 1955.

A Imagem 20 ainda se encontra com a definição comprometida. Ela está clara demais, indicando que Leite teve problemas com o controle do obturador da máquina, além de demonstrar que o filme utilizado por ele precisava de um longo tempo de exposição para registrar a imagem.

Nesse caso, Leite provavelmente não fez a conta correta do tempo que o obturador deveria permanecer aberto, já que as sombras da carriola e do barracão na foto indicam que a mesma foi captada em um dia com luminosidade, não havendo necessidade de deixar o obturador da máquina aberto por muito tempo para captar a imagem. Entretanto, tal cálculo nem sempre é feito de maneira simples, podendo gerar confusão, como ocorreu com Oswaldo Leite.

A respeito dessa imagem, há, na ficha digital do Museu Histórico, um texto explicativo sobre o Reservatório, elaborado por autor não identificado, com o intuito de facilitar a pesquisa de quem possa vir a utilizar o acervo de Oswaldo Leite:

O Serviço Autárquico de Saneamento (SAS), submetido posteriormente em 1973 ao órgão estadual SANEPAR, foi responsável pela construção de um novo Centro de Reservas de Águas Londrinense, conhecido como Caixa d'água da Higienópolis a partir de 1955. Sua execução ficou a cargo da Cia. Construtora Nacional, do Rio de Janeiro, entrando em funcionamento provisório em 18/11/1961, conforme o jornal Newsy desta data. A

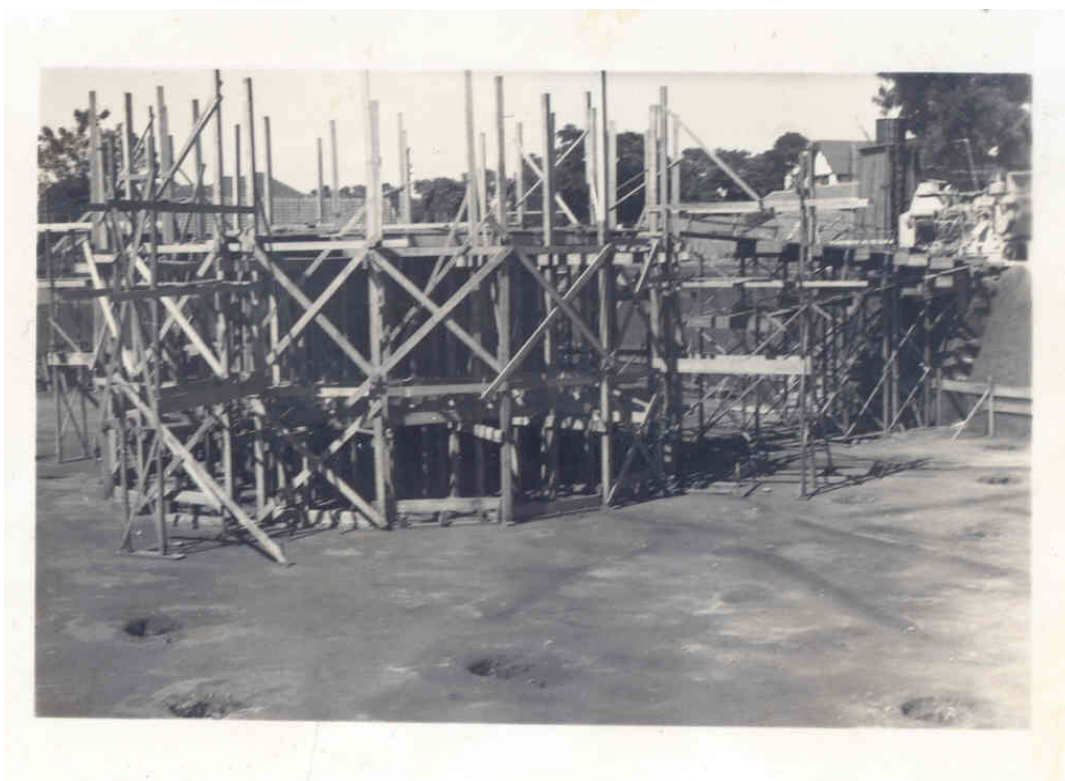
inauguração foi provavelmente em meados de 1962, tornando-se um marco arquitetônico para a cidade, devido a sua localização e concepção formal e cromática, ousada para a época. A obra possui 36 m. de altura, a primeira deste gênero na cidade, atualmente é uma das dez caixas d'água existentes na cidade. É composta por três reservatórios, sendo dois subterrâneos, com cerca de 8.300 m<sup>2</sup> ou 8.3 milhões de litros de capacidade, os quais abastecem toda a parte mais baixa do centro histórico; e um elevado com aproximadamente 232 m<sup>2</sup> ou 232 mil litros responsáveis pelo abastecimento do setor mais alto. Antigamente, seu funcionamento era feito de forma manual, por operários que trabalhavam no local. Hoje em dia, o sistema está todo automatizado, e necessita de uma visita diária rápida por um funcionário capacitado. A estrutura da caixa é constituída de concreto armado e alvenaria, sendo revestida, em sua parte externa, por pastilhas cerâmicas nas cores amarelo, rosa e azul claro. Internamente, está pintada na cor branca, e na parte dos reservatórios subterrâneos, reveste-se de azulejos. Foram empregados os seguintes materiais: Tábuas (42.300 m<sup>2</sup>), Vigotas (300 m<sup>2</sup>), Areia (1900 m<sup>2</sup>), Pedra (2.700 m<sup>2</sup>) (Texto informativo da fotografia 013180, do acervo da década de 1950 de Oswaldo Leite, no Museu Histórico de Londrina).

O que se pode deduzir é que o Reservatório foi construído pela mesma construtora que ampliou a Estação de Tratamento de Água de Londrina, a Companhia Construtora Nacional, e também foi utilizada a mesma técnica de construção, o concreto armado. Logo, afora o uso de pastilhas, a técnica de construção empregada também denotava a modernidade representada na obra. Ele era um grande reservatório para a época e atualmente ainda abastece toda a população da região central.

Entretanto, sua obra, apesar de ter sido iniciada juntamente com a da Estação de Tratamento, ficou pronta somente três anos depois, devido a alguns percalços, como o registrado por Leite, na Imagem 21, em fevereiro de 1956, e legendada como: “Reservatório de Água e torre, obra paralisada”.

Com relação à legenda da fotografia, cabe afirmar que ela reitera a ideia de registro da obra em construção, reafirmando a modernidade que atingia a cidade em sua complexidade, uma vez que, naquele momento, a administração local já fazia registro de suas obras em construção por meio de fotografias.

**Imagem 21** - Reservatório de Água e torre, obra paralisada.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. Fevereiro de 1956.

Nessa imagem em plano médio, Oswaldo Leite buscou focar a estrutura do Reservatório sustentada por tábuas, recuando um pouco para que a mesma pudesse ser captada em sua totalidade. Além da estrutura, não é possível ver muitas coisas, fora algumas copas de árvores e telhados no plano de fundo.

Também é preciso pontuar que a foto não apresenta boa definição, por estar levemente tremida. O longo tempo de exposição que o filme utilizado precisava ter, para que a imagem fosse fixada, pode ter ocasionado a baixa definição observada, assim como ocorreu na Imagem 20. Se houvesse qualquer movimento na máquina, a qualidade ficaria comprometida. Contribuía para tal resultado, igualmente, o fato de que a Prefeitura Municipal não dispunha de equipamentos para otimizar o uso da câmera fotográfica, como, por exemplo, um tripé<sup>80</sup>. Esse acessório ajudaria bastante para que as fotos saíssem com melhor qualidade, afinal, a máquina utilizada por Oswaldo Leite, uma Yashica Mat, precisava ser apoiada no abdômen para a realização das imagens, e ela possuía dois visores, pelos quais o fotógrafo deveria olhar. Tudo isso tornava o processo de captura da imagem mais difícil, o que poderia, em algum momento, ocasionar falhas.

---

<sup>80</sup> Informação obtida em entrevista com Otacilio Leite, concedida à autora no dia 15 de maio de 2014.

No jornal Folha de Londrina, de 19 de março de 1957, há apenas uma menção à paralisação ocorrida em 1956, afirmando que os serviços de conservação do local, bem como seu depósito de materiais, foram mantidos funcionando naquele momento: “Os trabalhos relativos ao reservatório e torre [...] foram interrompidos, nos primeiros meses do exercício, prosseguindo, contudo, os serviços de conservação do local e dos depósitos de materiais” (19 de março de 1957, p.03).

O que se pôde apurar foi que a paralisação se deu face à falta de verbas que acometeu a Prefeitura durante a gestão de Milton Ribeiro Meneses. Mesmo com diversos empréstimos e o lançamento da campanha para compra de apólices, o dinheiro arrecadado não foi suficiente para custear as despesas com as obras. Também houve um problema judicial com o dono das terras onde as águas que abasteceriam a cidade seriam captadas. Sobre isso, explicou o então prefeito Milton Ribeiro Meneses:

Pretendia o proprietário do local [...] que a captação se fizesse adiante do salto que ali está, salto êsse que não poderá proporcionar mais de 90 cavalos. Para que se tenha uma ideia da pretensa preservação de um manancial hidráulico, basta esclarecer que, para acionar o conjunto dos sistemas de água e esgoto da cidade, serão necessário 600kw, que terão de ser fornecidas através de energia elétrica. Por que a construção não foi projetada abaixo do salto, sem prejudicar sua potência? Porque há um desnível, do salto para baixo, de cerca de 19 a 25 metros, dependendo do ponto onde fôsse feita a captação, desnível êsse que importaria na elevação da atmosfera de pressão no recalque. Com isso, teria de ser abandonada grande parte do trecho inicial da adutora, já adquirida [...] E mais, ter-se-ia que fazer uma captação onerosa, uma vez que o terreno já não apresentaria as condições do outro, correndo o rio, aqui, num leito engarrafado [...] E ainda, teria que ser utilizado um número maior de cavalos, para transportar a água até a cidade, o que implicaria, por sua vez, num crescente custo de sua produção. Diante desses fatos, diante da palavra dos técnicos, que naquela ocasião estimavam a captação à jusante do salto numa despesa de mais de 10 milhões de cruzeiros, ante a incompreensão do proprietário do terreno, teve o município que travar uma batalha judiciária [...] (Jornal Folha de Londrina, 01 de dezembro de 1955, capa).

A paralisação da obra implicou, assim, no funcionamento parcial do sistema de saneamento planejado para a cidade. Afinal, a Estação de Tratamento ficou pronta em 1959, mas o Reservatório, para onde a água tratada seria destinada foi concluído somente três anos mais tarde. Mais uma vez, quem sofreu com o atraso foi a população, não atendida de maneira plena em suas necessidades.

Outro ponto importante, é que a Prefeitura Municipal também reduziu os repasses à empresa Construtora Nacional na época, fazendo que as obras tivessem seu ritmo alterado,

como afirma o técnico responsável pelas obras de saneamento em Londrina, Albino Wontroba:

Devido à questão judicial havida com o dono do terreno onde ia ser captado o rio e construída a barragem e a adutora, as obras ficaram paradas dois anos. Agora, resolvida a questão judicial, já estamos trabalhando na adutora e iniciamos a barragem. Materialmente, de nossa parte, estamos preparados para entregar as obras de água e esgotos em dois anos. Entretanto, para isso, mister se faria que dispuséssemos de uma verba mensal de 4 a 5 milhões de cruzeiros mensais, e estamos recebendo apenas cerca de 700 a 800 mil. Dêsse dinheiro, cerca de 450 mil cruzeiros destinam-se ao pagamento de maquinário adquirido [...] e estamos realizando trabalhos dentro do saldo mensal restante. Aliás, devo esclarecer que o sr. prefeito determinou que dedicássemos todos os nossos esforços para a rede de água, mesmo com a suspensão dos serviços de esgoto (Jornal Folha de Londrina, 08 de junho de 1956, capa segundo caderno).

Sendo assim, a construção do Reservatório de Água da cidade, bem como as outras obras de saneamento, foram afetadas após tais percalços. A Prefeitura Municipal assumiu muitos encargos, sem ter fundos suficientes para quitá-los. O resultado foram as dívidas. No caso do mandato de Fernandes Sobrinho, como já afirmado, as dívidas ultrapassaram CR\$26 milhões. Por essa razão, a referida Estação acabou sendo entregue à população somente em 1962. Contudo, ela se encontra em operação até hoje, e sua arquitetura diferenciada ainda é um marco na cidade:

[...] A caixa d'água da Higienópolis é hoje uma senhora de 50 anos que se mantém bela e imponente no alto do espigão que fica muito próximo do primeiro núcleo urbano central de Londrina (imediações da Catedral). Caixa d'água, aliás, é o apelido carinhoso dado pela população. [...] O nome oficial é Centro de Reservação Higienópolis [...]. Começou a funcionar no início da década de 60. Entrou em plena operação em 1962. [...] O complexo é formado pelo elevado e por dois reservatórios subterrâneos. No total, podem reservar até 8.532 metros cúbicos de água; ou seja, 8,5 milhões de litros. A parte elevada comporta apenas 232 mil litros. Mais de oito milhões ficam abaixo do nível da rua. O reservatório elevado tem 36 metros de altura e o papel dele é aumentar a pressão para que a água chegue normalmente aos pontos mais altos da região central. O complexo abastece uma população estimada em 100 mil pessoas, que consomem 515 milhões de litros de água por mês. [...] Segundo a Sanepar, aquela Central de Reservação atende a 11.896 ligações [...]. Cinquentona, a caixa d'água da Higienópolis permanece bonita, sempre vistosa, nas cores amarela e azul. E, para isso, nem carece de pintura: o visual agradável se deve às milhares de pastilhas coloridas que revestem as colunas de sustentação e o corpo do reservatório (FISCHER, 20 de outubro de 2010).

De acordo com Kevin Lynch (1997), “marcos” seriam elementos únicos, que chamam a atenção no lugar onde se inserem. Eles devem estar localizados de maneira que possam ser visto pelos usuários daquele espaço, e se tornam ainda mais fortes quando são associados a fatos históricos, por exemplo. Com o Reservatório de Água da Avenida Higienópolis, todos esses elementos são pertinentes, pois ele se destoa da paisagem da Avenida onde se localiza, atualmente cercada por prédios, comércios, e movimentação constante de veículos e pedestres. Devido à sua altura, é possível avistá-lo de longe, estando o transeunte a pé ou em algum veículo. Não por acaso ele acabou se tornando uma referência fixa para a percepção do usuário urbano, mesmo que, ao longo do tempo, a cidade tenha passado por constantes transformações. Ao mesmo tempo, ele é associado a uma época de grande significado histórico local, os anos 1950.

Assim, o que se percebe é que as obras de saneamento tiveram uma importância muito significativa para a cidade nessa década. Londrina vinha crescendo rapidamente e, se nada fosse realizado para atender à população nesse sentido, certamente se viveria um caos dentro de pouco tempo. Entretanto, tais obras oneraram os cofres públicos, sofreram atrasos, saíram mais caras que o planejado, e ainda não atenderam plenamente à população.

No Guia Globo de Exportação e Importação há menções às obras, que estavam em sua fase inicial de construção quando o mesmo foi escrito. É interessante perceber como o serviço prestado ainda era precário no início dos anos 1950:

A água potável captada de poços artesianos é boa, porém insuficiente e distribuída através de uma rede precária, de empresa particular. As águas servidas são despejadas em fossas dos mais variados tipos e o efluente destas visto amiúde na sarjeta da via pública. Os projetos da nova rede de abastecimento de água, e o da rede nova de esgoto já se acham elaborados. (1953, p. 77-78).

No jornal Folha de Londrina também são constantes as reclamações sobre a falta de água, que transtornava a população, mas já no final da década de 1950:

O problema da falta de água na cidade continua deixando as donas de casa atarantadas. As queixas nesse sentido se multiplicam. Todavia, o problema só será definitivamente solucionado com a conclusão das obras de abastecimento, que, por sinal, foram planejadas e estão sendo executadas sob elevado espírito de previsão. O serviço terá capacidade para atender a uma população de 240 mil habitantes, ao que sabemos (Ronda pela cidade, 12 de setembro de 1958, última página).

A irregularidade que se observa, em vários trechos da cidade, com respeito ao abastecimento de água à população tem deixado as donas de casa em

situação extremamente aflitiva. O fornecimento é falho e há ocasiões em que certas residências ficam 2, 3 e mais dias sem uma gôta d'água (Ronda pela cidade, 02 de dezembro de 1958, última página).

Portanto, o serviço de água não atendeu à população ainda nos anos 1950. A mesma só sentirá, parcialmente, o benefício das obras no decênio seguinte, quando passam a funcionar regularmente. Ainda assim, havia otimismo em relação a elas, que eram vistas como a solução para o maior problema londrinense. Somente a realização de tais empreendimentos poria fim à precariedade e aos transtornos da falta de água, sendo fundamentais para o progresso e o bem-estar dos habitantes, como é notável no excerto do jornal Folha de Londrina:

Londrina apresenta, nos dias atuais, principalmente quando livre do barro e da poeira que sucedem às chuvas, aspecto da cidade perfeitamente urbanizada, com seus bonitos edifícios de vários andares, suas ruas amplas e bem traçadas, e seus logradouros públicos admiravelmente bem ornamentados. Só uma coisa destôa, nisso tudo: a falta de um serviço de água e esgoto moderno. Todavia, mais dia menos dia, ela o terá. As obras de saneamento [...] prosseguem, para satisfação de seus habitantes, em ritmo ininterrupto (Jornal Folha de Londrina, 08 de junho de 1956, capa 2º caderno).

Os maiores problemas londrinenses da década de 1950 ocorreram devido ao seu veloz desenvolvimento. A cidade expandiu-se rapidamente e a infraestrutura local não acompanhou tal crescimento. Pela ótica do periódico Folha de Londrina, uma das principais questões a ser resolvida era justamente a do saneamento. O discurso proferido pelo jornal baseava-se no ideal formado pela elite londrinense, de como uma cidade com ruas planejadas, logradouros públicos bem ornamentados e edifícios altos poderia conviver com a falta de um sistema de saneamento básico à altura do que Londrina representava naquele momento, “um serviço de água e esgoto moderno”? A partir disso, entende-se que o maior inimigo da sociedade londrinense, de acordo com o que se divulgava, era a não realização das obras de saneamento e de modernização da cidade. A ausência de um sistema de saneamento básico eficiente ia contra a identidade comum criada pela elite, e incorporada pelo restante da população, de que Londrina deveria ser um símbolo de modernidade e progresso.

Assim, as obras eram consideradas importantes por atenderem a um dos maiores desejos dos londrinenses: viver em uma cidade progressista. Portanto, atendiam-se os anseios da população saneando a cidade, graças à adoção de modernas técnicas de construção e materiais inovadores nas obras, e à contratação de renomados profissionais para executá-las.

Por isso, elas eram consideradas tão fundamentais, mesmo tendo demorado para serem concluídas e apresentado elevados custos.

Os problemas londrinenses na década de 1950, no entanto, não se limitavam à questão do saneamento, mas este era o que mais afetava a elite. A população que vivia nos bairros, que chegava à cidade em busca de melhores condições de vida e não tinha onde se instalar acabava vivendo em condições precárias, entre as quais o saneamento era só uma das diversas questões a serem resolvidas<sup>81</sup>.

Assim, as obras de saneamento fizeram parte das inúmeras mudanças que a região central londrinense viveu nos anos 1950 e que acabaram por atestar o rápido crescimento e desenvolvimento da cidade. Com pouco mais de duas décadas de fundação, Londrina já possuía um moderno sistema de saneamento, mesmo que funcionando apenas parcialmente. Por outro lado, sua implementação ocasionou o endividamento do poder público, resultante dos altos gastos e da má gestão das administrações municipais, que, ao não conseguir financiamento para as obras, acabaram contraindo grandes dívidas.

Para captar a transformação ocorrida na região central da cidade com a câmera da Prefeitura Municipal, Oswaldo Leite não se utilizou de muitas técnicas, não integrou nenhum “*photo club*”, fez aulas, ou teve acesso a revistas especializadas. Nos anos 1950, ter uma máquina fotográfica não era algo raro. Era muito comum a existência de vários fotógrafos nas cidades, que saíam com equipamentos para fotografar; e as máquinas já eram mais rápidas e menores. De acordo com Monteiro, o campo de trabalho dos fotógrafos na década de 1950 estava assim dividido no Brasil:

O campo fotográfico estava caracterizado pela atuação de batedores de chapas (sujeitos sem formação específica e que fotografavam visando uma circulação doméstica restrita), fotógrafos amadores reunidos no movimento fotoclubista (que realizavam cursos, excursões, exposições, publicavam boletins e estavam comprometidos com uma concepção artística de fotografia) e os profissionais da fotografia (donos de estúdios, funcionários de órgãos públicos e fotógrafos de imprensa) (2007, p.164).

A partir da descrição de Monteiro, nota-se que a função de fotógrafo exercida por Leite para a Prefeitura Municipal, nos anos 1950, já era algo comum no país, tanto quanto a atuação dos amadores.

---

<sup>81</sup> Sobre a formação de bairros sem infraestrutura em Londrina, ver: CANDOTTI, Eliane Aparecida. *Memórias da cidade: Londrina 1930/1960*. 1997. Monografia (Especialização em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

A máquina utilizada por Oswaldo Leite, uma Yashica Mat, media 77x148x101 cm, além de pesar pouco mais de 1 kg. Possuía lentes gêmeas, com um visor no nível da cintura, e ficou conhecida por ser uma espécie de clone da famosa máquina Rolleiflex, com um valor mais acessível. Possuía botões para controlar a abertura do diafragma e a velocidade do obturador, e contava com um botão controlador de focagem (Câmeras e Cia. 24 de outubro de 2011). Esse aparato permitia ao fotógrafo bastante liberdade para criar suas imagens, mas também eram empecilhos se ele não tivesse traquejo para operá-la, como foi visto nas imagens 20 e 21.

No caso de Oswaldo Leite, ele optou por um estilo simples ao fotografar. As posições escolhidas para fazer as imagens, inclusive, também atestam seu autodidatismo. Eram feitas de pé, aproveitando os horários com melhor luminosidade para trabalhar, sem muitas experimentações. Assim, sempre buscando focar as obras, ele conseguiu apresentar as técnicas de construção empregadas ali, as ferramentas utilizadas, o número aproximado de operários, e o estágio em que as mesmas se encontravam.

Por outro lado, suas imagens são igualmente capazes de apresentar o imaginário social local do período, e, como a região central de Londrina se transformava e crescia. Seu trabalho de fotógrafo revela, ainda, os problemas advindos com as construções, sobretudo atrasos e seus altos custos; a reivindicação da população pelo funcionamento dos serviços; os percalços e transtornos. Mas, sobretudo, aponta a importância de tais obras para a cidade no decurso da transição do rural para o urbano, do sertão para a modernidade, indicando que a década de 1950 foi amplamente marcada por tais mudanças.

# *Capítulo 4*

## O CRESCIMENTO URBANO CAPTADO PELA LENTE DE OSWALDO LEITE: LOGRADOUROS

A cidade de Londrina vivia uma fase de transição na década de 1950. Em ritmo veloz tornava-se uma metrópole regional. Deixava a imagem de sertão para se tornar moderna e estabelecer-se enquanto cidade de fato, como se tem procurado demonstrar ao longo deste trabalho.

No conjunto das imagens de *Saneamento*, abordado anteriormente, foi apresentada uma amostra do que era a região central londrinense e da força do imaginário social criado pela elite, cujo foco era formar um espaço moderno, que fizesse jus ao poder econômico e político demarcado por essa parcela social no território, e também representasse as idealizações do restante da população, que buscava em Londrina um espaço onde pudesse ter uma vida melhor.

A partir das fotografias sobre o tema *Logradouros*, procurar-se-á demonstrar como ocorreu tal processo e a ênfase dada por Leite à condição da fotografia como registro da ação do trabalho e da transformação do espaço urbano londrinense.

Para compor o rol das fotografias aqui abordadas, foram selecionadas imagens das Avenidas Higienópolis (uma imagem) e Paraná (três imagens). Em relação às ruas da região central foram selecionadas 11 fotografias e, entre as fotos de praças, foram escolhidas três imagens. Somam-se, portanto, 18 fotografias, pertencentes aos subtemas do acervo: *Avenidas, Ruas e Praças*.

As imagens 22 a 25 pertencem ao subtema *Avenidas*. Na primeira fotografia apresentada, tem-se uma vista da Avenida Higienópolis, feita em 11 de julho de 1953, e legendada por Leite como: “Prolongamento da Avenida Higienópolis”.

Para fazê-la, Leite deu um grande recuo e se posicionou alinhado ao canteiro central da avenida. Assim, foi possível mostrar o maior trecho possível da via e alguns detalhes, como a falta de calçamento e seu caráter residencial, dado que a cena é composta por árvores e edificações que, a julgar pelo período, são totalmente residenciais.

Na imagem as árvores dominam a paisagem do lado esquerdo; na parte central da rua estão os postes de energia elétrica de madeira; ainda do lado esquerdo há um veículo e, no lado direito, uma senhora, cujo movimento do corpo captado na imagem, indica querer atravessar a avenida.

A disposição das árvores sobre o canteiro na avenida e sobre a calçada, de forma alinhada, denota a natureza dominada e domesticada pelo homem, além de representar uma distinção

entre a paisagem da zona urbana e da zona rural, onde as árvores não nascem de maneira alinhada e as casas não são construídas tão próximas umas das outras. Pode-se afirmar, portanto, que essa é uma das representações do crescimento e desenvolvimento da cidade de Londrina no decorrer dos anos 1950.

**Imagem 22** - Prolongamento da Avenida Higienópolis.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 11 de julho de 1953.

A Higienópolis, como é conhecida a referida avenida, sofreu um prolongamento nos anos 1950, obedecendo à previsão do plano diretor municipal, no qual novas vias deveriam ser projetadas e prolongadas:

Em obediência ao plano diretor, novas vias públicas foram projetadas, abrangendo a extensão de pouco menos 10.000 metros lineares, entre as quais citamos o prolongamento da Avenida Higienópolis, abertura da Avenida Santos Dumont, ligando o aeroporto à cidade, prolongamento da Rua Guaporé, entre a Av. Tietê e a Estrada Estadual P.1, ligação da Rua Amapá à Rua Mal. Deodoro e abertura parcial de uma avenida perimetral interligando os bairros e as diversas estradas rurais que demandam à zona urbana (Jornal Folha de Londrina, 11 de dezembro de 1955, p.6).

O cumprimento do plano diretor resultou em obras encetadas em diversas ruas e avenidas, que foram criadas ou sofreram transformações durante a primeira gestão de Milton Ribeiro Meneses, com o intuito de melhorar a mobilidade urbana. De acordo com Boni e Silva

(2014), o trecho, captado por Oswaldo Leite, refere-se à última quadra prolongada da Avenida Higienópolis, entre as atuais ruas Espírito Santo e Alagoas.

Em um panorama mais amplo, boa parte das obras tinha caráter higienista. O próprio nome da avenida traz, em sua construção semântica, o reforço ao higienismo. Não é inocente o nome Higienópolis. A ideia propagada de ruas e avenidas amplas e arborizadas, projetada para que pedestres e veículos pudessem circular sem problemas, trazia tais princípios. Espaços como vielas e becos deveriam ser fechados ou destruídos, pois impediam a circulação do ar e colaboravam para a prática de atos considerados imorais. E, no caso da região norte paranaense, ainda havia mais um agravante à proposta: a mata, que exigia domesticação, controle, o domínio estético da natureza.

Especificamente, a Avenida Higienópolis foi projetada seguindo tais princípios higienistas, como atestam Silva e Boni:

Como Londrina, na época, só possuía avenidas estreitas, a ideia foi projetar uma avenida larga, com alamedas e jardins. O local escolhido não foi por acaso: era o ponto mais alto da cidade, o mais arejado, livre das epidemias que ocorriam no centro do núcleo urbano, portanto o local mais “higiênico” (2009, p.03).

Obras com o mesmo caráter foram correntes em todo o Brasil, entre os séculos XIX e XX. Os princípios higienistas, segundo a arquiteta Claudia P. Damasio, representaram uma forma de manter “a ordem, acima de tudo; a busca pelo progresso se traduzia nos novos espaços organizados e modernos” (2008, p.151). Portanto, a partir da proposta higienista, buscava-se transformar a cidade em um ambiente organizado e com referências modernas. O que permite afirmar que vários pontos da região central londrinense sofreram influência dessa teoria e não só a Avenida Higienópolis.

Ainda de acordo com a referida autora, os ideais higienistas foram aplicados no Brasil quando muitas cidades começaram a crescer, recebendo diversos migrantes e imigrantes em busca de uma vida melhor. Tais ideais foram inspirados no trabalho realizado por Hausmann<sup>82</sup> na capital francesa em meados do século XIX. Cabe aqui lembrar, no entanto, que as medidas em questão também eram, em grande parte, segregacionistas, pois retiraram de regiões, como o centro das cidades, o que se considerava um problema, transferindo-o para a periferia da área urbana:

---

<sup>82</sup> Sobre as influências das obras de Hausmann no Brasil, ver: PAULA, Zueleide Casagrande de. *A cidade e os Jardins*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Além dos problemas de ordem higiênica, falta de luz, ventilação, e infraestrutura, o sistema viário não mais servia ao trânsito dos bondes elétricos e veículos automotores [...] Denominamos de higienista o período caracterizado pelas ações tomadas pelos técnicos governamentais, no início deste século [século XX], no intuito de resolver estes problemas urbanos. Em nome de uma sanidade física, a estrutura colonial, ainda renitente, foi implodida para dar lugar a uma nova, moderna, higiênica ordenada. Os becos, outrora foco das doenças e lócus do crime e da prostituição, assim como seus cortiços, habitação onde reinava a superaglomeração humana, deram lugares a grandes avenidas, ordenadas, iluminadas, calçadas, e ‘limpas’. É importante notar que a importância das ações sobre o urbano que marcaram este período, não está apenas no fato de terem sido obras extremamente grandiosas e renovadoras, mas também por marcarem o início de um novo tipo de olhar sobre a cidade – esta a partir de então passa a ser encarada como um meio de resolver os problemas que afligiam à sociedade [...] o saneamento de seus espaços públicos e a destruição dos becos e dos cortiços, tratava-se, na verdade, de estratégias higienizantes e segregacionistas também da população que nela habitava (DAMASIO, 2008, p.148).

Não era o caso da Avenida Higienópolis, sem asfalto, poeirenta em dias de sol e lamacenta em dias de chuva. Mas, não por acaso, veio abrigar as melhores residências dos habitantes urbanos, e também, não por acaso, recebeu esse nome. Nos anos 1950 já era uma famosa via da cidade, exatamente por ser um reduto da elite londrinense. Nela, começavam a se concentrar construções de alvenaria, em estilo arquitetônico diferenciado daquele que marcava as ruas da parte mais baixa da cidade em direção ao centro, à Avenida Paraná e adjacências. Sua proposição, na cidade de Londrina, foi inspirada nos bairros de classe alta da capital paulista, daí o nome Higienópolis:

O primeiro trecho (da Avenida) surgiu no início da cidade devido à insistência de Eugênio Victor Larionoff, que, acompanhado de George Craig Smith, procurou Arthur Thomas e pediu que fosse aberta uma grande avenida, inspirada no bairro aristocrático de Higienópolis, em São Paulo, onde residia sua família. [...] Como resultado do “boom” cafeeiro, a Higienópolis foi se definindo como uma avenida de residências de alvenaria, distinguindo-se de outras ruas residenciais da cidade, onde predominavam as casas de madeira. Gradativamente, nesta via urbana, as casas de alvenaria e as mansões surgiram, definindo o principal espaço de moradia dos fazendeiros. Nos anos trinta, a Higienópolis era um projeto, uma transposição de um estilo de vida de São Paulo para o hinterland do Paraná. Em quarenta, mas sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta, a Higienópolis revela o “aburguesamento” da vida cidadina. As casas de muros baixos com seus jardins bem cuidados criavam um cenário onde as famílias ainda não se escondiam do mundo público. Contudo, era um território exclusivo de moradias de algumas famílias notáveis da cidade (CERNEV, 1995, p.17).

De acordo com Paula (2008), as residências no bairro de Higienópolis em São Paulo eram casarões, projetados e executados por urbanistas famosos, que serviam, inclusive, como marcos na orientação espacial da cidade. O mesmo padrão pôde ser visto em locais como a Avenida Paulista e o bairro Campos Elíseos, em períodos diferentes, mas todos igualmente funcionando como referências espaciais urbanas.

Com isso, é possível afirmar, novamente, que Londrina atraiu já nos seus primeiros anos de vida, pessoas letradas e com posses, que aqui, além de investir e obter lucros, buscavam residir com o mesmo estilo presente na cidade de São Paulo. Serão justamente tais habitantes e investidores que irão compor a elite local, idealizadora da cidade organizada, higiênica, símbolo do progresso, que se buscava construir nos anos 1950.

Na Imagem 22, ainda é possível ver algumas das residências da Avenida Higienópolis, no lado direito. Feitas em alvenaria, de cores claras e com muros baixos, elas se destacavam na paisagem. Em meio a milhares de casas de madeira, presentes em Londrina, a Avenida Higienópolis diferenciava-se por conta de suas residências, projetadas com estilo arquitetônico eclético, nas quais vivia parte da elite local, sobretudo comerciantes, fazendeiros e profissionais liberais, como médicos, advogados, engenheiros e arquitetos.

A residência que mais se destaca na imagem é a segunda, que ficou conhecida como “Castelinho”, devido a uma espécie de torre construída em sua fachada. Ali residia a família de Jurandyr e Neyde Reichert Moraes Silva (BONI e SILVA, 2014).

Portanto, a Avenida Higienópolis era um espaço onde a referida parcela social expressava de forma bastante clara o que almejava da cidade na qual vivia e também onde poderia atestar seu progresso e enriquecimento pessoal. Enfim, um lugar organizado, com ruas amplas, infraestrutura e residências plasticamente diferentes das demais.

Oswaldo Leite, ao fazer a fotografia (Imagem 22), captou, portanto, a essência da avenida. Mesmo que ainda desprovida de asfalto e calçamento, ele mostrou sua extensão e largura, juntamente com suas casas, sinônimos de riqueza e poder na cidade.

Já nas imagens 23, 24 e 25, Oswaldo Leite retratou a obra de pavimentação que ocorria na Avenida Paraná, em 07 de outubro de 1958, e as legendou como: “Pavimentação da Avenida Paraná”.

Na Imagem 23, Leite fez um plano médio, buscando centralizar os operários e o trabalho realizado por eles. Ainda é possível ver o prédio da Prefeitura Municipal no plano de fundo. Na década de 1950, o Paço Municipal, local em que ficava a sede da Prefeitura, situava-se na esquina das ruas Minas Gerais e Santa Catarina. No mesmo espaço também funcionavam a

Câmara de Vereadores e o Poder Judiciário. Hoje, tais instalações não existem mais, e deram lugar a uma agência bancária (CERNEV, 1995).

**Imagem 23** - Pavimentação da Avenida Paraná.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 07 de outubro de 1958.

Bem próximo ao Paço Municipal, do outro lado da rua, localizava-se mais um emblemático ponto da cidade: a Casas Fuganti. Ela foi uma das primeiras e mais importantes lojas de departamento do país e seu edifício era um cartão-postal da cidade. Também funcionava, no mesmo edifício, uma casa de chá. Inspirada na paulistana Mappin, a loja, bem como a casa de chá, acabaram se tornando um sucesso, sobretudo porque Londrina não contava com muitas opções de lazer para a população naquele momento. E seus mais assíduos frequentadores eram pessoas de posse: senhoras da sociedade, homens de negócio, prestadores de serviço.

Na parte da tarde, entre os frequentadores do salão predominavam as senhoras da sociedade. Elas se vestiam com capricho, para marcar uma boa presença, permanecendo ali até por volta das 17 horas, em bate papos agradáveis com as amigas. A partir das 18 horas, a clientela mudava: gerentes de banco, médicos, homens de negócio ali se reuniam para tomar seu uísque nos dias de semana, quando a casa ficava aberta até as 10 horas da noite. Aos domingos ela não funcionava. Sua fama cruzou fronteiras, a ponto de a revista O Globo, de Porto Alegre, ter mandado um repórter que fez uma reportagem dizendo que “no meio da sujeira e do pó, tinha um salão de chá à altura da capital, que nem Porto Alegre tinha” (CERNEV, 1995, p.237).

Observa-se, na descrição feita por Cernev, que a cidade de Londrina era marcada pelos transtornos causados pelo pó e a lama, como notou o jornalista gaúcho. Contudo, tal imagem, aos poucos, era superada graças às obras de pavimentação, que ganharam ímpeto nos anos 1950. Estudos<sup>83</sup> recentes, realizados sobre o espaço urbano londrinense, também apontam um número significativo de arquitetos e engenheiros, entre outros profissionais liberais, que para cá se dirigiram, atraídos por convites de trabalhos, feitos por quem já aqui se encontrava, ou por informações a respeito da velocidade que marcava a transformação urbana no período. Tais indivíduos, com gostos refinados pela vivência em outras grandes cidades, sobretudo na capital paulista, procuraram trazer para Londrina um pouco do “*modus vivendi*” de cidades mais urbanizadas na época. Cidades nas quais muitos deles haviam nascido e vivido até se dirigirem à região norte paranaense.

A transformação urbana era intensiva e procurava ser veloz, com o intuito de marcar sistematicamente o decurso da modernidade. Não por acaso Leite as registrou. Na Imagem 23, à frente do Paço Municipal, o fotógrafo captou o processo de pavimentação asfáltica sendo realizado. Há diversos indivíduos observando o serviço, e também um trator, que é conduzido por um operário.

O asfalto, como pavimentação, era um processo bastante recente nos anos 1950, dado que surgiu no início do século XX, a partir da evolução e difusão dos automóveis pelo mundo. O que mostra, mais uma vez, a inserção das obras londrinenses no discurso desenvolvimentista dos anos 1950. Além disso, tratava-se de um indicador de modernidade, por ser um processo inovador para a região.

A pavimentação asfáltica é construída em camadas, com materiais de diferentes resistências e deformidades, que, combinados, determinarão sua resistência e durabilidade. O asfalto ainda é considerado um pavimento flexível, que pode ser aplicado sobre uma base de brita ou diretamente sobre o solo. Aqui, Oswaldo Leite captou o processo de imprimação na avenida, que seria a aplicação de um asfalto diluído sobre uma base absorvente, no caso o próprio solo compactado, com a função de garantir coesão superficial, impermeabilização e também ser uma ligação intermediária entre o solo compactado e o revestimento asfáltico a ser aplicado em seguida<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> O trabalho de orientação de monografias e dissertações dos professores Zueleide C. de Paula, Marco Antonio Soares e Rogério Ivano, do grupo de pesquisa “Polifonias urbanas: Memória, arquivo e patrimônio”, a respeito da cidade de Londrina, trazem informações sobre a história e sociabilidade urbana que autoriza fazer tais inferências.

<sup>84</sup> Informação obtida em: <[http://www.det.ufc.br/jsoares/super/1\\_Introducao.pdf](http://www.det.ufc.br/jsoares/super/1_Introducao.pdf)>. Acesso em 30 de outubro de 2014, 09h42min.

Leite, portanto, fotografou uma fase intermediária do processo, que se encaminhava para a finalização. De acordo com o jornal Folha de Londrina, a obra na Avenida Paraná era de grande importância para que o trânsito local melhorasse. Ainda assim, houve alguns atrasos em sua execução:

Demora mais do que se esperava a entrega do Largo da Prefeitura ao tráfego, com as obras de pavimentação asfáltica que se realizam ali. O público, entretanto, com a expectativa e os problemas de trânsito que resultam da coisa, será devidamente recompensado, pois reputa-se obra oportuníssima essa de asfaltar o centro (22 de outubro de 1958, última página).

Somente no mês de novembro de 1958 a obra entra em fase de finalização, para ser entregue novamente à circulação: “Encontra-se agora, em fase final o serviço de pavimentação asfáltica no Largo da Prefeitura. Já amanhã, talvez, o trecho seja entregue ao tráfego” (Jornal Folha de Londrina, 07 de novembro de 1958, última página).

Percebe-se no trecho da matéria do jornal que, assim como as obras de saneamento, a pavimentação da cidade também apresentou problemas. Nesse caso, foi o atraso da obra em uma via de muito movimento e trânsito, o que certamente gerou alguns transtornos.

Mas ainda haviam problemas com a pavimentação ocasionados pelas obras de saneamento. Quando era preciso abrir valas para instalar a tubulação de água e esgoto, muitas vezes, o local não era fechado adequadamente após o término do serviço, causando deformidades e buracos nas vias da cidade:

O serviço de água e esgoto que está sendo executado pela Companhia Construtora Nacional, veio criar novo problema para a cidade, isso porque, as valas abertas para a colocação dos tubos são fechadas de maneira sumária, ficando em mau estado as ruas pavimentadas, ou então, nas não calçadas, os buracos enormes que põem em risco os veículos que por ali transitam, sem falar nos pedestres, que têm que fazer verdadeira ginástica para alcançar seu destino (Jornal Folha de Londrina, 19 de janeiro de 1954, última página).

A Prefeitura interditou mais um trecho da cidade: o da rua Mato Grosso, que vai até as ruas Sergipe e Maranhão, para o trabalho de remoção de paralelepípedos mal colocados. Essas interdições tôdas (veja-se a da Av. Paraná, cujas obras de asfaltamento já começam a incomodar) originam problemas e mais problemas para o tráfego de veículos (Jornal Folha de Londrina, 16 de setembro de 1958, última página).

A partir dos excertos, nota-se que as reformas e construções pela cidade, além de causarem certo transtorno para o trânsito de veículos de todos os tipos, e também para os pedestres, ainda não eram feitas de maneira adequada. As obras de saneamento estragaram a

pavimentação das ruas que contavam com tal benefício, sendo que, em muitos bairros, o mesmo nem existia. Por outro lado, quando a pavimentação era feita, corria-se o risco de ela não ser adequadamente conduzida, como no caso dos paralelepípedos mal colocados, relatados pelo jornal Folha de Londrina.

Mesmo a Prefeitura firmando contrato com empresas especializadas nesse tipo de serviço, alguns problemas ocorreram<sup>85</sup>. Assim, por terem sido onerosas aos cofres públicos, causado endividamentos, inclusive, as referidas obras deveriam ter sido melhor fiscalizadas, para evitar que problemas desse tipo ocorressem e acabassem prejudicando a população.

O fato de que apenas algumas vias da cidade tenham sido asfaltadas ou calçadas com paralelepípedos faz imaginar como seria o trânsito de veículos e pedestres, visto que a cidade, como apontam as imagens, era um canteiro de obras. Havia, inclusive, trechos vizinhos à Avenida Paraná que não foram contemplados com tal infraestrutura, como mostra a seguinte nota no jornal Folha de Londrina: “Não só o trecho de calçamento que fica entre o Correio e o Foro deve ser pavimentado [...]: há também o célebre trechinho que fica entre a Casa da Criança e o Centro de Saúde. Afinal, são pontos centrais da cidade”. (Jornal Folha de Londrina, 12 de fevereiro de 1959, última página).

Dentro da região central, portanto, ainda existiam vias, no final dos anos 1950, que não contavam com o benefício. É interessante, também, perceber que o periódico, para cobrar que o asfalto fosse implementado, alegava tratar-se de um trecho da região central da cidade, dando a entender que a área deveria ser tratada com prioridade. Afinal, como uma cidade em crescimento, difundida como progressista, poderia ter ruas, em sua região mais rica, sem nenhum calçamento?

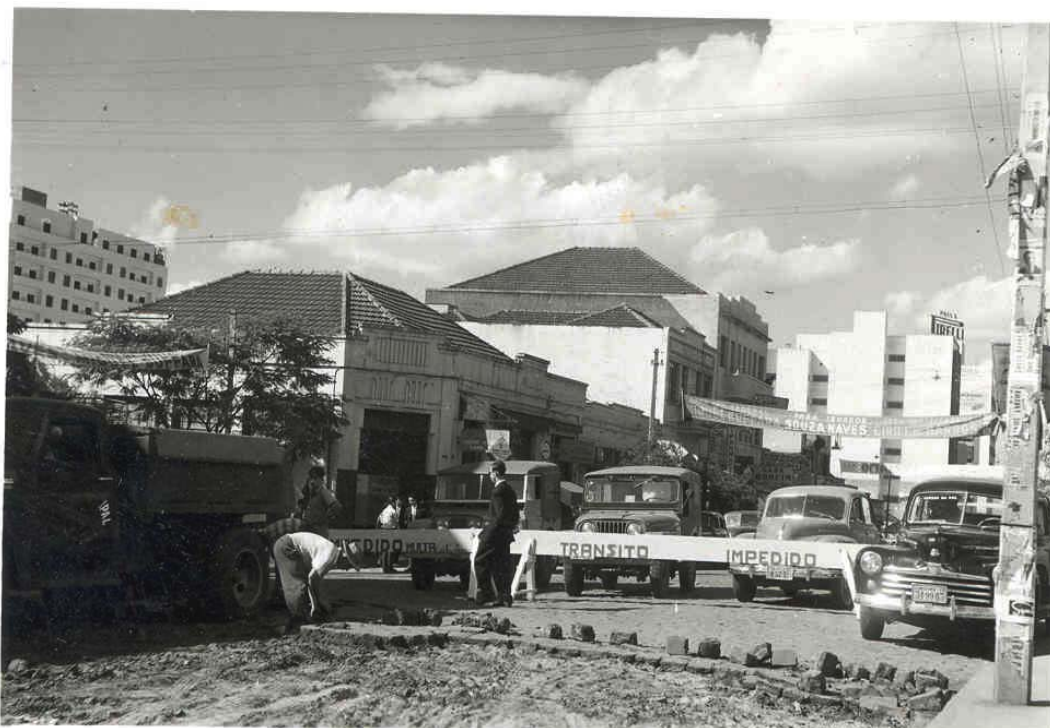
Tais indícios sinalizam que a pavimentação das vias foi realizada apenas em algumas partes da região central, mais movimentadas, e também pela pressão dos usuários ali residentes, que almejavam viver em um espaço que contasse com tal infraestrutura.

Por sua vez, a Imagem 24 mostra outro ponto da Avenida Paraná, no qual é possível constatar a retirada dos paralelepípedos, para o posterior asfaltamento da via, tarefa conduzida por um trabalhador. Atrás dele também é visível um caminhão. Logo, a fase de pavimentação do trecho captado da avenida era inicial.

---

<sup>85</sup> De acordo com os editais de prestação de serviço publicados no jornal Folha de Londrina dos anos 1950, foi possível levantar que uma das firmas selecionadas diversas vezes, por meio de licitação, foi a Rotec S.A., especializada em trabalhos de pavimentação urbana.

**Imagem 24** - Pavimentação da Avenida Paraná.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 07 de outubro de 1958.

Em segundo plano, há outro homem, bem vestido, atravessando a via, além de cavaletes onde se lê “Trânsito Impedido”, e atrás deles, carros e jipes. No plano de fundo, por sua vez, é possível observar a presença de um comércio, tendo à frente dois homens conversando; e dois edifícios, um do lado direito da imagem, com uma placa de propaganda de pneus em sua cobertura, e outro no canto esquerdo.

A placa de propaganda mostra que pneus eram produtos bastante comercializados na cidade. O número de automóveis na fotografia dá uma dimensão do crescimento da frota londrinense na área central da cidade. Desde a fundação, sempre houve veículos como jipes, ônibus e caminhões, além de carroças, mais adequadas para o trânsito em estradas e ruas ainda não pavimentadas. Sua existência tinha nas ruas a simbologia da riqueza de terras novas: a poeira e a lama versus o automóvel e a modernidade.

Como todo culto, a modernidade tem os seus fetiches. É assim que, dentre outros símbolos de opulência e poder, os automóveis de luxo aparecem como a marca registrada do *status* social das elites do lugar. É claro que os automóveis não chegavam a ser uma novidade na região. Mesmo antes de concluída a ponte sobre o rio Tibagi (1935), essas máquinas marcaram presença na frente pioneira, colocadas do lado esquerdo do rio pelo sistema de balsas, como tudo até então. Mas o automóvel não foi o meio de transporte dominante durante a fase de pioneirismo. Em 1940, por exemplo, era impressionante o número de carroças que circulavam no município de

Londrina (1331) em comparação ao número de automóveis (apenas 163). Mesmo o total de caminhões (302) - muito utilizados na exploração madeireira e no transporte da produção agrícola, era quase o dobro do de automóveis; e estes, pelo que mostram as fotos de época, eram em sua maioria jipes e modelos rurais - adequados às estradas de terra da região -, quando não modelos populares (BENATTI, 1996, p.55).

Os carros, considerados de luxo na época, começam a se tornar mais comuns, por assim dizer, na década de 1950. Resultado das políticas nacionais implementadas pelo presidente J.K, mais especificamente do Plano de Metas, pelo qual o comércio de veículos é estimulado e as primeiras fábricas de automóveis interessam-se em se instalar no Brasil. Tais carros eram sinônimo de riqueza e poder, e acabaram se tornando uma marca registrada da elite londrinense.

A Imagem 24 ainda apresenta uma faixa de propaganda eleitoral em que se lê: “Para senador Souza Naves”, donde é possível concluir que a imagem foi tomada em um período próximo às eleições. Para captar tantos elementos, Oswaldo Leite tirou a foto sobre a calçada, em pé, do lado direito da via, em direção ao operário que trabalhava com os paralelepípedos. E a presença de vários carros e usuários na imagem, mostra como a Avenida Paraná era movimentada.

Esta era uma das vias mais importantes da cidade naquela década, onde se localizavam famosos pontos comerciais, prédios do poder público e opções de lazer para a população, como as praças e os cinemas. Também era o local onde se fazia o “footing” aos finais de semana. Ali ainda funcionava a chamada “Pedra do Café”, espaço informal para a comercialização do produto:

Na década de 1950, com a construção do edifício Banco da América (mais conhecido popularmente como edifício do “relojão”), foi para este lugar que convergiram os escritórios dos principais corretores, consolidando a “pedra do café” nas suas imediações. Este passou a ser o território frequentado pelos corretores e produtores de café, que utilizavam o espaço para a comercialização do produto. O comércio do café era informal, pois o produto chegava algumas vezes a ser negociado em transações sucessivas, passando por várias mãos num curto espaço de tempo. Formava-se, na prática, uma autêntica “bolsa do café” improvisada. Esta “pedra” era integrada a uma rede de comércio mais ampla, que incluía atividades de lazer vivenciadas em pontos de atração localizados nas proximidades, como o Bar Líder e o Cineteatro Municipal, ali mesmo na Avenida Rio de Janeiro, o Bar Pinguim, na Rua Maranhão, e o Bar e Restaurante Brasserie, na Av. Paraná (CERNEV, 1995, p.12).

Na descrição de Cernev é perceptível a vitalidade da Avenida Paraná nos anos 1950. Era em seus espaços e imediações que se concentravam alguns dos comércios formais e informais impulsionadores da economia local, juntamente com a cafeicultura. Cabe pontuar, igualmente, que os frequentadores de tais estabelecimentos eram, em grande parte, os empresários que trabalhavam nas redondezas: corretores, bancários, grandes produtores de café. Portanto, de certa maneira, este era também um reduto da elite comercial local.

Outro ponto importante é a presença de edifícios altos nessa parte da região central. De acordo com Casaril (2008), tais construções configuravam-se como um marco da modernidade, atestando a importância regional de Londrina, juntamente com as obras de infraestrutura, como saneamento e pavimentação de ruas. Portanto, os edifícios altos foram planejados não como uma solução para a falta de moradia, tal qual ocorreu em outras partes do mundo, pois não faltavam áreas para as construções horizontais. Em Londrina, eles atestavam a riqueza e o progresso da cidade. Eram empreendimentos destinados a uma parcela social específica, formada por investidores e profissionais liberais, que nascia fortalecida, oriunda de outras regiões do país; além daqueles que já haviam acumulado reservas durante as décadas de 1930 a 1950, desde a fundação da cidade. Eram, enfim, aqueles que tinham poder aquisitivo para adquirir tal bem. E os edifícios em questão foram construídos na área central de maneira estratégica, por ser ali a melhor localização para essa parte da população residir, pois era a região da cidade que contava com mais infraestrutura, comércios e serviços próximos. (CASARIL, 2008).

Assim, a cidade, fundada nos anos 1930, duas décadas mais tarde já apresentava um crescimento significativo, repleto, porém, de contradições. Como se pôde verificar, tais discrepâncias advinham dos problemas de uma cidade com terras ricas e atraentes para investimentos e trabalho, mas também com problemas inerentes ao crescimento.

Já na Imagem 25, Oswaldo Leite posicionou-se no meio da via, tentando captar a maior extensão possível do trecho da Avenida Paraná. Entretanto, o horário em que a fotografia foi tomada fez com que uma grande sombra se projetasse sobre parte da imagem. Ainda assim, percebe-se que ela foi feita de um ponto bem próximo da imagem anterior, já que são visíveis a mesma faixa de propaganda eleitoral e o mesmo prédio com propaganda de pneus em sua cobertura. Ainda foram captados outros elementos: diversos pedestres sobre a calçada do lado direito da imagem, um homem do lado esquerdo atravessando a avenida, além de alguns edifícios de comércio.



ganharia uma feição mais limpa e moderna, com as ruas devidamente pavimentadas, sobretudo na região central:

Quem viu Londrina há alguns anos atrás, certamente concordará em que estamos, pouco a pouco, nos libertando da sujeira natural que nos é imposta pela natureza da terra. É o trabalho racional e inteligente do homem das administrações, que vai nessa luta. A atual administração pública do município deu um impulso tremendo aos trabalhos de calçamento da cidade. O centro de Londrina, por exemplo, já oferece um aspecto mais limpo, mais agradável, mais estético, se bem que os mais ardorosos apologistas da cidade menina vejam beleza e poesia na própria poeira. A continuar assim, muito em breve o londrinense poderá sair de terno branco, sem temer os “estragos” do pó (Jornal Folha de Londrina, 20 de janeiro de 1954, última página).

No excerto do jornal, percebe-se que uma das maiores queixas dos londrinenses era em relação à terra vermelha: a poeira e o barro eram um verdadeiro pesadelo, do qual os habitantes da cidade desejavam se livrar. Uma das saídas para resolver definitivamente o incômodo seria a pavimentação. Ao mesmo tempo, também fica muito claro no texto o ideal da população, que, de maneira geral, almejava ver Londrina como uma urbe progressista.

Nos anos 1930, durante a fundação da cidade, os migrantes tinham em mente que a mata deveria ser desbravada e dominada pelo ser humano, para que a civilização pudesse, então, se desenvolver. Nos anos 1950, tal pensamento ainda permanecia, mas era a terra vermelha que deveria, então, ser dominada pelo homem “racional e inteligente”. Este seria um ato civilizador.

Logo, naquele momento, ainda haviam alguns resquícios da época de sertão, que deveriam ser liquidados por meio das obras encetadas pelo poder público. De acordo com Benatti (1996), o calçamento da região central londrinense era fundamental para se reverter a imagem de cidade sertaneja, refém do pó e da lama. Só assim a cidade poderia se firmar como moderna e progressista, tal qual almejavam seus habitantes.

Na Imagem 26, pertencente ao subtema **Ruas**, é possível ver novamente a Avenida Paraná, capturada por Leite em 10 de março de 1957; um ano antes, portanto, de ter capturado as imagens 23 a 25.

Nela, a via ainda está calçada com paralelepípedos e, bem ao centro da fotografia, há vários operários trabalhando com os blocos de pedra arrancados pelo trator que segue à frente. A obra está cercada por alguns cavaletes e, ao lado do trator, há um homem atravessando a avenida e também um semáforo. Este é mais um indicativo do convívio, e da luta, entre sertão e modernidade. O semáforo representava o que havia de mais avançado a respeito da organização no trânsito, e mesmo que as ruas fossem amplas e a circulação fosse controlada e

segura, ainda assim o semáforo estava presente naquele momento em uma cidade com apenas duas décadas de existência. Os sinais de que havia trânsito na urbe, conforme os diversos veículos captados nas imagens de Leite, indicam que, para o poder público ordenar o tráfego em ruas e avenidas consideradas de fluxo intenso, foi preciso recorrer a novas técnicas, como o semáforo.

**Imagem 26** - Reconstrução do calçamento em frente à Prefeitura.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 10 de março de 1957.

Segundo Faria, os semáforos surgiram durante a segunda metade do século XIX, na Europa, com a intenção de organizar o tráfego de transportes de todo o tipo, que havia aumentado muito naquele momento:

À medida que novos veículos eram introduzidos nas sociedades, o tráfego ficava cada vez mais caótico, ao que parece em razão das ruas não terem sido projetadas para o crescente número de veículo em circulação. Portanto, coube aos administradores das cidades, encontrarem medidas que viabilizassem a continuidade do tráfego, uma vez que pouco a pouco o trânsito se tornava indispensável à vida do homem. [...] Além dos dispositivos legais, as autoridades de trânsito também passaram a utilizar vários meios para sinalizar e disciplinar o uso da via, tais como: placas indicativas, placas proibindo manobras perigosas, e no final do século XIX (1868), surge na Inglaterra um dispositivo para controle de tráfego mediante luzes coloridas – hoje os semáforos –, além dos guardas de trânsito (2003, p.03).

De acordo com a legenda de Oswaldo Leite à imagem: “Reconstrução do calçamento em frente à Prefeitura”, é possível afirmar que o trecho em questão é próximo ao retratado na Imagem 23, e que o mesmo recebia constantes reparos, devido à sua localização central. Por ser uma das principais vias da cidade, em que se concentravam os órgãos públicos e importantes estabelecimentos comerciais, e que também apresentava muito movimento, seu calçamento tinha menor durabilidade. De acordo com o jornal Folha de Londrina, de 20 de junho de 1957, a referida obra era executada pelo Departamento de Obras e Planejamento (D.O.P) da Prefeitura Municipal.

Para captar a imagem, Leite fez um plano médio de um lugar não muito alto. Dali foi possível apreender toda a obra que estava ainda em seu estágio inicial.

Também são perceptíveis na imagem parte do canteiro central da avenida; a parte frontal de um carro; um transeunte em curso na rua; os trabalhadores em serviço sobre o canteiro, e, do outro lado da via, um pedestre esperando a charrete passar para atravessar a avenida. A presença da charrete indica que este era um meio de locomoção popular e, com o rápido crescimento da cidade, passou a conviver com outros veículos, mesmo sendo alvo de reclamações daqueles que as entendiam como superadas. No jornal Folha de Londrina, era constante a reclamação ao uso de charretes como meio de transporte:

Londrina: Meca dos contrastes! Na avenida principal, transita o fantasma da circulação. Uma charrete em marcha regular, com “motor” de um cavalo, detém a flamante cadilque e todos os agapês que a movimentam. Nesta altura, “bronca é ferramenta de otário”. É preciso paciência, mas muita mesmo. Em cinco minutos, atrás de uma charrete, movimentam-se 30 veículos. O plect-plect do pangaré marca o compasso sincopado de um problema de trânsito... (Jornal Folha de Londrina, 02 de setembro de 1959, última página).

De acordo com o periódico, porta-voz da sociedade londrinense na época, e em especial da elite local, as charretes eram consideradas um atraso. Um contraste com a pujança da cidade, onde as vias eram movimentadas e os carros obrigados a disputar espaço com tal meio de locomoção. Entretanto, um veículo era algo ainda muito caro na década de 1950, e a maioria dos habitantes acabava se valendo de transportes como as charretes para se deslocar. Segundo Castelnou Neto (2000), elas também eram um meio de transporte acessível à população por circularem mais facilmente nas ruas que ainda não contavam com nenhuma pavimentação. Afinal, não corriam o risco de atolar na terra vermelha nos dias de chuva, algo que acontecia constantemente com os veículos motorizados.

A presença das charretes nas principais avenidas da cidade, junto com os veículos, também demonstra o crescimento da urbe na época. Seu uso por boa parte dos habitantes dos bairros londrinenses como meio de locomoção até o centro da cidade, aponta para a não existência de comércio nos bairros. Estes eram predominantemente residenciais e as atividades comerciais se concentravam na região central. Além disso, as empresas de prestação de serviço e os locais de lazer não conseguiam atender à demanda da população crescente, que precisava ir até a região central para ter acesso a tudo. Segundo Balcão, tal deslocamento, ainda no início do século XX, passa a ser conhecido como “ir à cidade”:

Para a população, no geral, vir à cidade é o mesmo que vir ao centro. O deslocamento diário para as ruas centrais, trajeto impositivo entre moradia-trabalho para muitos, ocorre por inúmeras outras razões. Vem-se ao centro para tratar de negócios comerciais e burocráticos; frequentar escolas, cinematógrafos, restaurantes e confeitarias; fazer compras e passear pelas principais ruas; participar de manifestações coletivas (2000, p.238).

O autor se referia ao processo ocorrido na cidade de São Paulo, a partir de seu crescimento urbano, mas tal dinâmica também pôde ser notada em outras partes do país, como foi o caso de Londrina.

Para ter acesso à maior parte dos serviços oferecidos pela cidade, os moradores dos bairros precisavam se deslocar à região central, mostrando que não eram atendidos nesse quesito, o que os forçava a procurar locais com infraestrutura de comércio em geral.

Já nas imagens 27 a 29 é possível ver a Rua Sergipe, que recebia melhoramentos em sua pavimentação. Na primeira imagem (Imagem 27), Oswaldo Leite posicionou-se sobre a via, buscando captar o máximo possível de sua extensão para mostrar a dimensão da obra de asfaltamento. A foto foi captada em novembro de 1958, e legendada como: “Rua Sergipe, partindo da Rua Pernambuco, em preparo para o asfaltamento”.

**Imagem 27** - Rua Sergipe, em preparo para asfaltamento.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. Novembro de 1958.

De acordo com o jornal Folha de Londrina, as obras de asfaltamento no trecho captado da Rua Sergipe entraram em fase de finalização no mês seguinte, em dezembro (Jornal Folha de Londrina, 02 de dezembro de 1958, última página). Logo, Leite fotografou a fase intermediária do processo de pavimentação.

No entanto, o que mais chama a atenção na fotografia é a quantidade de edificações de comércio, dos dois lados da rua, de sorveterias a farmácias. A imagem também registra calçada para os pedestres e arborização, o que denota, novamente, a dominação humana sobre a natureza e a urbanização da paisagem.

A Rua Sergipe, de acordo com Cernev (1995), sempre teve vocação comercial. Na década de 1950, o trecho retratado por Oswaldo Leite situava-se bem próximo à Estação Ferroviária e à Estação Rodoviária, as “antigas portas de entrada da cidade”. Assim, em suas redondezas, foram construídos hotéis e pensões que abrigavam viajantes e recém-chegados, além de bazares, lojas de presentes e restaurantes. Portanto, era uma rua de comércio, que visava atender, sobretudo, aos usuários do transporte rodoviário e ferroviário.

A função comercial da Rua Sergipe se mantém ainda hoje, pois esta ainda é uma das vias de maior concentração de comércio da cidade. Contudo, atualmente, é marcada pelo comércio popular, abrigando desde lojas de roupas e calçados, a restaurantes e farmácias:

A Rua Sergipe continua mantendo ainda a mesma vocação comercial. Historicamente, pelo fato de se localizar em território urbano onde se situavam as duas “antigas portas” da cidade (a Ferroviária e a Rodoviária) e os hotéis e pensões, nela surgiram bazares e lojas de souvenirs – com presença marcante de comerciantes japoneses – bem como lojas de vestuário que atendiam tanto no varejo quanto no atacado (CERNEV, 1995, p.33).

Na Imagem 27 também é possível ver certo número de transeuntes, o que denota a movimentação da Rua Sergipe, e ainda o Edifício Tóquio, no plano de fundo da imagem, que data de 1956, e existe até hoje.

O Edifício Tóquio foi projetado para ter função mista, ou seja, abrigar residências e comércios. De acordo com Santos, o edifício possui 13 andares, sendo que, em sua configuração inicial, previa-se que os três primeiros andares seriam comerciais; do quarto ao décimo, residenciais; e os três últimos pavimentos seriam ocupados por um hotel. O mesmo foi nomeado de Hotel Tokio, e entrou em atividade em 1961:

Na planta original, os três primeiros andares seriam– e foram – ocupados por salas comerciais, especialmente projetadas para serem, principalmente, escritórios; do quarto ao décimo andar, a planta previa apartamentos residenciais; e, finalmente, os três últimos andares, ou seja, do 11º ao 13º, foram projetados como quartos de hotel. Em 26 de junho de 1961, o advogado Miguel Buffara e o comerciante Imil Farah adquiriram os três pavimentos correspondentes ao hotel por 268.950,00 cruzeiros. Juntos, esses andares somavam 116,311 m<sup>2</sup> de construção, divididos em 49 quartos com banheiros privativos – 19 ficavam no 11º andar; 19 no 12º; e, por fim, 11 quartos no 13º andar, no qual também funcionava a lavanderia do hotel. (SANTOS, 2013, p.122).

Assim, os frequentadores da parte hoteleira do edifício eram trabalhadores, ou migrantes, que vinham até a cidade e precisavam se acomodar temporariamente. Por isso, ele era classificado como um hotel de viajantes. O mesmo funcionou até a década de 1990, quando fechou as portas.

Tal qual o Edifício Tóquio, durante a década de 1950 foram construídos 15 edifícios altos em Londrina, todos próximos um do outro, no coração da região central. Os primeiros prédios em Londrina tinham função comercial, abrigando bancos, hotéis, escritórios; ou mista, como a do Tóquio. Já os prédios exclusivamente residenciais eram minoria. Era preciso cativar o consumidor de tais empreendimentos, chamar sua atenção. Prédios mistos, com lojas no solo, e residências nos andares superiores, eram algo inovador, sinônimo de luxo e modernidade (CASARIL, 2008). Portanto, para atrair o consumidor, os empreendimentos

precisaram ser planejados de acordo com seu desejo, ou seja, revelando a modernidade e o progresso pessoal que o cliente queria projetar.

A área central da cidade, como já afirmado, foi selecionada para a realização de tais empreendimentos, pois era ali onde se encontrava a maior parte das infraestruturas aplicadas, e também dos serviços disponíveis na cidade. No caso do Edifício Tóquio, ele se encontra na “rua do comércio” local. Ao sair de casa, o morador teria todos os tipos de serviço muito próximos à sua disposição. Além de contar com a infraestrutura da região central, de saneamento e pavimentação das ruas.

O atendimento das reivindicações das populações urbanas explicitava, assim, as ideias do projeto federal de modernização brasileira<sup>86</sup>. Os governos municipais, que se alinhavam com tal pensamento, procuraram replicá-lo em suas administrações. A cidade de Londrina foi atendida em suas reivindicações também por essa razão, além das expostas ao longo deste trabalho. No caso londrinense, os edifícios altos eram feitos para a parcela social que possuía condições financeiras favoráveis para adquiri-los, e em áreas devidamente selecionadas da cidade:

[...] a verticalização urbana em Londrina teve sua gênese no centro da cidade, localização esta que possuía as melhores infraestruturas urbanas alocadas. Com isso, não se foge à regra da verticalização urbana das demais cidades brasileiras [...], como São Paulo, Rio de Janeiro, Presidente Prudente, Uberlândia, Natal, Belém, Maringá, Ponta Grossa, Guarapuava, dentre outras. Essa gênese da verticalização na área central das cidades, é uma espécie de padrão repetitivo em todas as cidades brasileiras, como bem informamos, pois além dessa área alocar as melhores infraestruturas urbanas, a localização privilegiada da cidade e local em que a classe de maior poder aquisitivo tinha como melhor opção de moradias para grande parte das cidades brasileiras, inclusive Londrina (CASARIL, 2008, p.112).

Além disso, a verticalização era um processo moderno, que utilizava a técnica do concreto armado, por meio do qual era possível a construção em vários pavimentos. Para se ter ideia, a cidade de São Paulo teve seu primeiro edifício construído somente em 1912 (SOUZA, 1994). Portanto, os prédios davam a Londrina o ar de progresso e modernidade almejado pela população, além de refletirem o processo de valorização do solo, já presente em uma cidade de apenas duas décadas de existência. Afinal, um empreendimento dessa natureza certamente agregaria valor à área onde a construção era edificada.

---

<sup>86</sup> Ver: LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n.53. 2007.

A cidade, assim, deixava para trás os ares de sertão e seu crescimento tornava-se cada vez mais visível: “[...] cada edifício que subia era uma cunha abrindo brechas no tempo, separando a cidade rústica dos pioneiros, da cidade moderna e civilizada nos moldes burgueses” (BENATTI, 1996, p.48).

Na Imagem 28, por sua vez, Oswaldo Leite captou outro ponto da Rua Sergipe, em dezembro de 1958. Aqui, nota-se que o asfaltamento teve continuidade, e, agora, já se encontra na fase de imprimção, processo que é feito por três trabalhadores, ao centro da fotografia. Sua legenda, inclusive, é: “Asfaltamento na Rua Sergipe”.

**Imagem 28** - Asfaltamento na Rua Sergipe.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. Dezembro de 1958.

Ainda é possível ver, ao fundo, um caminhão e, na calçada, duas mulheres com guarda-chuvas protegendo-se do sol. Também é notável, em segundo plano, um ponto comercial e um transeunte que atravessa a rua empurrando uma bicicleta. Assim como as charretes, as bicicletas eram meios de locomoção bastante utilizados naquele momento na cidade.

Para captar a imagem, Oswaldo Leite posicionou-se sobre a calçada do lado esquerdo, fazendo um plano médio, com foco nos trabalhadores que realizavam o asfaltamento da rua. Mais uma vez, aqui, a vocação comercial da Rua Sergipe pode ser notada, o que mostra a

importância do comércio em Londrina, que registra crescimento exponencial nessa década, e faz com que a cidade se firme enquanto polo regional, função para a qual fora planejada pela CTNP.

Tal função começa a ganhar força após a chegada da ferrovia à cidade, tempos depois de sua fundação na década de 1930. Com isso, seria possível trazer com mais conforto e rapidez os possíveis compradores de lotes, e também transportar produtos que abasteciam o comércio, além de escoar a produção agrícola local:

“A estratégia do planejamento inglês consistia na construção da ferrovia aliada à subdivisão de pequenos lotes rurais e a implantação de núcleos urbanos de apoio equidistantes uns aos outros, para abastecimento e prestação de serviços”, explica Bortolotti (2007, p.61). Londrina era um desses núcleos de apoio. Com a chegada do trem à cidade o comércio pôde ser provido com mais variedade e regularidade. Os seus vagões passaram a trazer novas mercadorias e a levar o excedente da produção dos agricultores que então poderiam dispensar as mulas, burros de sela e carroças no envio das sacas de milho, café, feijão, arroz, a outros mercados (HOFFMANN e PIVETA, 2009, p.28-29).

Portanto, o comércio londrinense se desenvolveu a partir do crescimento urbano. Ou seja, com o grande número de migrantes que chegava à cidade, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1950, o comércio expandiu-se para atender a essas pessoas, e também à população das localidades vizinhas, que se dirigia até Londrina para fazer compras.

Entretanto, a CTNP planejou as funções de cada cidade implantada por ela na região norte paranaense. No caso das cidades polo, como Londrina, além de exercer a função de suprir a demanda por bens e serviços, e equipamentos urbanos, segundo Costa e Boni (2009), elas também foram pensadas para abrigar em torno de 20 mil habitantes, e deveriam ficar distantes aproximadamente 100 km de outra cidade polo. Entre tais localidades, outros povoamentos menores foram planejados, para abrigar até 5 mil habitantes, mantendo 15 km de distância entre si. Logo, tais cidades não nasceram espontaneamente. A função desempenhada por Londrina nos anos 1950, de polo regional, já havia sido planejada desde sua fundação.

Outros fatores corroboraram para o desenvolvimento londrinense, dentre eles sua localização estratégica. Por estar próxima das capitais São Paulo e Curitiba e também das cidades paranaenses que mais cresciam naquele momento (Maringá, Paranavaí, Apucarana), houve um reforço de sua condição de centro regional de compras e serviços, presente até os dias de hoje (JANUZZI, 2005).

Já na Imagem 29, Oswaldo Leite fotografou um trecho residencial da Rua Sergipe, em 24 de fevereiro de 1959. A legenda da imagem é “Pavimentação asfáltica da Rua Sergipe, entre as ruas Antonina e Paranaguá”. A mesma área, atualmente, é ocupada por prédios residenciais e diversos comércios de prestação de serviços, donde se conclui que a função residencial foi preservada, mas, com o passar dos anos, comércios foram agregados à via.

De acordo com o jornal Folha de Londrina, o trecho em questão da Rua Sergipe teve seu asfaltamento iniciado no final do mês de janeiro de 1959, um mês antes, portanto, da tomada feita por Leite (Jornal Folha de Londrina, 24 de janeiro de 1959, última página).

**Imagem 29** - Pavimentação asfáltica da Rua Sergipe.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 24 de fevereiro de 1959.

Para captar a imagem, Leite posicionou-se na parte mais alta da rua, buscando mostrar o máximo possível de sua extensão e do trecho que seria asfaltado. Há dois operários fazendo um serviço de medição e mais outros quatro analisando o espaço onde ocorreriam as obras. Também são visíveis casas dos dois lados da rua, de madeira e de alvenaria, e o trecho em questão é bastante arborizado.

Entretanto, cercas e portões de madeira, presentes em quase todas as casas, chamam a atenção, pois mostram que o material ainda era amplamente utilizado nas residências pela cidade, mesmo na região central, onde começavam a surgir as primeiras moradias de

alvenaria. Como ter uma casa em alvenaria ainda era algo bastante caro e existiam diversas madeiras e serrarias pela cidade, a madeira acabava sendo uma matéria-prima acessível e de baixo custo na região, se comparada ao cimento<sup>87</sup>.

Logo, ao mesmo tempo em que se mostrava progressista e moderna, por conta dos edifícios altos, casarões de alvenaria e obras de infraestrutura, as casas de madeira eram mantidas em Londrina<sup>88</sup>. E a convivência entre casas de madeira e de alvenaria permanece até hoje pela cidade.

Ainda na Imagem 29, também é visível, em primeiro plano, um cavalete no qual se lê: “P.M.L – Trânsito impedido. Serviço de pavimentação asfáltica com pagamento antecipado – D.O.P”. Sobre tal obra de asfaltamento com pagamento antecipado, há maiores explicações no jornal Folha de Londrina, no mês de maio de 1957. No dia 08 de maio de 1957, por exemplo, há uma matéria onde se afirma que o serviço faz parte de um “plano dinâmico” a ser implantado pelo prefeito Fernandes Sobrinho, para que a pavimentação das ruas da cidade pudesse ser ampliada. Em tal plano, ficava por conta dos próprios moradores indicar os trechos a serem atendidos:

Inteligentemente concebido, a excelência deste planejamento reside em que os trechos a receberem os benefícios da pavimentação serão indicados pelos próprios munícipes. [...] Além de dar prosseguimento normal ao plano de pavimentação de ruas e logradouros da cidade, dentro das modalidades costumeiras, a Prefeitura procederá também esses serviços mediante solicitação dos proprietários de imóveis de um determinado trecho, desde que queiram o calçamento, depositando previamente a contribuição arbitrada pelo DOP. Trata-se, como se vê, de um plano cuja execução possibilitará a ampliação da área pavimentada da cidade, resultando em acentuados benefícios para a população. Ressalta também o acerto da orientação que vem a Municipalidade imprimindo em sua administração (Jornal Folha de Londrina, 08 de maio de 1957, p.03).

Portanto, o serviço de asfaltamento feito pela Prefeitura Municipal continuaria a ser executado normalmente. O referido “plano dinâmico” foi uma manobra da administração municipal para atender as áreas onde os moradores almejavam receber tal benefício, mas não

---

<sup>87</sup> Ver nota 23, Capítulo 1.

<sup>88</sup> O CDPH tem sob sua guarda uma coleção de plantas urbanas pertencentes a diferentes regiões da cidade de Londrina cuja complexidade construtiva confirma que o fato de ser a madeira uma matéria-prima de fácil acesso e baixo custo fez que fossem edificadas na cidade residências com o objetivo de atender a proprietários que poderiam construir uma residência de alvenaria, mas não o fizeram em razão das vantagens da madeira. As divisões internas da casa, compostas muitas vezes por quarto de costura, duas salas, quarto de visita e de filhos com quarto de babá, biblioteca, despensa e banheiros sinalizam a preferência pela madeira, quase sempre peroba rosa, de grande durabilidade. Por esse motivo, as plantas apontam a superação da relação madeira/sertão e alvenaria/modernidade.

seriam atendidos naquele momento. Entretanto, chama a atenção o fato de o serviço ser realizado pela Prefeitura Municipal, mas exigir pagamento antecipado por parte dos moradores da rua, com um valor arbitrado pelo Departamento de Obras.

A fotografia feita por Oswaldo Leite foi tirada dois anos após o início do projeto, o que indica que ele funcionou pelo menos por algum tempo. No entanto, é notável a intenção do texto do jornal em promover a administração do prefeito Fernandes Sobrinho, e também mostrar Londrina como uma cidade que crescia e tomava medidas modernas e inovadoras para solucionar seus problemas.

Tal visão mitificada sobre Londrina revela um pouco mais a respeito da época. Segundo Baczko (1985), as produções imaginárias, as visões mitificadas, são respostas dadas pela sociedade aos seus desequilíbrios e tensões. No caso londrinense, ao mesmo tempo em que se divulgava a cidade como moderna e pujante, os bairros periféricos, sem infraestrutura adequada, cresciam concomitantes à riqueza, ameaçando a imagem construída. O ideal criado pela elite sobre o que era Londrina pode ser visto também como uma tentativa de amenizar os problemas reais, cada vez mais afastados e relegados para as zonas periféricas da cidade, uma vez que não só trabalhadores eram atraídos pelas promessas de enriquecimento, mas oportunistas e gatunos, igualmente, vinham em busca do enriquecimento fácil, aumentando a pobreza.

No dia 19 de maio do mesmo ano, há uma nota dando mais detalhes sobre o projeto destinado à pavimentação da cidade. Seu teor dizia que, em poucos dias, os fiscais da Prefeitura Municipal percorreriam as ruas da região central, com o intuito de consultar os proprietários de imóveis do local para saberem se estavam de acordo ou não com a proposta do prefeito. Se estivessem de acordo, preencheriam um requerimento, comprometendo-se a pagar antecipadamente pelo serviço de calçamento, por meio de depósito bancário (Jornal Folha de Londrina, 19 de maio de 1957, p.03).

Assim, percebe-se que a Prefeitura Municipal não podendo arcar com os custos de pavimentar todas as ruas londrinenses - afinal, já estava sobrecarregada com os custos das diversas obras pela cidade -, lança o referido plano, onde os moradores pagariam pelo serviço.

Dessa forma, transferia-se aos londrinenses a responsabilidade de dotar alguns trechos da cidade com a infraestrutura, o que aumentaria o número de ruas asfaltadas, e solucionaria o problema do pó e da lama gerados pela terra vermelha, além de melhorar a mobilidade dos meios de transporte pelo espaço urbano. Entretanto, esse tipo de calçamento, por ser algo ainda inovador, certamente não teria um custo acessível, indicando que, mais uma vez, quem contou com tal benefício foi apenas a parcela mais abastada da população.

Por sua vez, as imagens 30 e 31 mostram outra via bastante movimentada da região central, a Rua Benjamin Constant. A Imagem 30, feita por Leite em 05 de setembro de 1953, foi legendada como: “Reforma do calçamento da Rua Benjamin Constant, entre as ruas Bahia e Pernambuco”.

Aqui, percebe-se que o trecho captado da Rua Benjamin Constant contava com uma casa de madeira e um ponto comercial, com uma propaganda de refrigerante em sua entrada, indicando que o mesmo funcionava como bar, padaria, ou mercearia.

**Imagem 30** - Reforma do calçamento da Rua Benjamin Constant.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 05 de setembro de 1953.

A propaganda de refrigerante ainda remete à expansão do “American Way of Life” na década de 1950, sendo este produto um de seus maiores símbolos. Como explicam Mello e Novais (1998), em um período de cinquenta anos, de 1930 a 1980, o Brasil sofreu uma modernização em sua economia e os brasileiros, uma grande mudança em seus hábitos. Passou-se a produzir aço, automóveis, petróleo. Produtos eletrodomésticos, como geladeiras e aspiradores de pó, chegaram aos consumidores brasileiros. Simultaneamente os gêneros alimentícios sofreram um processo de industrialização: batatas chips, pães de forma, molhos de tomate enlatados, chocolates e refrigerantes eram comercializados e podiam ser consumidos rapidamente. Tudo isso estava disponível nas cidades, que cresciam muito em

todo o país e acabaram se tornando, igualmente, símbolos da modernidade, juntamente com veículos, rádios, consultórios médicos, ruas iluminadas, cinemas, armazéns com maior variedade de alimentos, escolas. Tais atrativos urbanos impulsionaram grupos sociais, dispostos a tentar uma nova vida nas cidades, sobretudo aqueles que não haviam alcançado seus objetivos nos lugares em que residiam. Eles acabaram por engrossar a população de cidades como Londrina, e fazendo com que as mesmas crescessem.

A Imagem 30 traz, ainda, um casarão branco de alvenaria e, ao seu lado, uma residência em construção; além de um poste de iluminação e diversos postes de energia elétrica de madeira; vários pedestres pela rua e paralelepípedos sobre a calçada, apontando o crescimento e a transformação da cidade, semelhante a um verdadeiro canteiro de obras.

Para realizar a imagem, Leite posicionou-se sobre a calçada, próximo aos operários, buscando captar o trabalho que estavam realizando, além da extensão da rua que sofreria a reforma de calçamento. No plano de fundo, ainda é possível observar máquinas que auxiliariam neste trabalho, sendo uma delas uma compactadora utilizada para nivelar o solo antes da aplicação dos paralelepípedos na via, e alguns veículos.

Segundo o jornal Folha de Londrina, durante o primeiro mandato de Milton Ribeiro Meneses, o número de ruas pavimentadas em Londrina subiu de 133.454 metros quadrados para 315.546,10 metros quadrados. Os números englobam tanto as ruas calçadas com paralelepípedo, quanto as que receberam pavimentação asfáltica:

A pavimentação de Londrina, que se inclui entre os mais reclamados serviços públicos locais, prosseguiu dentro do esquema e ritmo de desenvolvimento estabelecidos em plano geral da administração. É interessante registrar que, em apenas quatro anos, com um dispêndio de 20 milhões de cruzeiros, foi ampliada a área de calçamento urbano de 133.454 metros quadrados – realizada no período de 1943-1955 – para 315.546,10 metros quadrados, cabendo, pois, à atual administração a execução de 182.092,10 metros quadrados, ou seja, 58% da pavimentação atualmente existente. Êsse melhoramento beneficiou inúmeras ruas da cidade e das vilas adjacentes. (Jornal Folha de Londrina, 11 de dezembro de 1955, p.05).

Portanto, após 1955, a pavimentação das vias de Londrina foi mais constante, e, de acordo com o periódico, o serviço foi feito sem interrupções. Ainda assim, não se pode esquecer que ocorreram atrasos na realização do serviço em algumas vias, como se viu na Imagem 23.

Além disso, foram gastos 200 milhões de cruzeiros nesse setor, uma cifra bastante expressiva, indicando que as obras de pavimentação colaboraram para a formação de dívidas públicas, herdadas por outros administradores do município, nas sucessivas gestões. Logo,

mesmo com um planejamento financeiro, as obras ocorridas na cidade nos anos 1950 foram onerosas, gerando dívidas e altos gastos, com a finalidade de resolver graves problemas que vinham desde a fundação do município, como a questão do saneamento; mas também com o intuito de dotar Londrina da modernidade, almejada inicialmente pela elite local, e que se transformou, posteriormente, em um imaginário social.

A preocupação dos administradores públicos com o sistema viário das cidades, e, sobretudo com sua pavimentação, é algo recente no Brasil. Trata-se de uma questão normalmente considerada acessória, somente como um suporte para outras atividades urbanas:

A rede de vias urbanas é um dos componentes principais de qualquer sistema de infraestrutura municipal e, ainda assim, é relativamente recente a preocupação dos administradores públicos com a sistematização de procedimentos para a gerência do sistema viário. De uma maneira geral, a questão das vias públicas é abordada de forma acessória, segmentada em diversas áreas de ação municipal, sendo que em todas elas o enfoque é sempre secundário, fazendo com que o espaço da via pública seja visto apenas como suporte a outras atividades urbanas (LIMA, RAMOS, FERNANDES JR. 2006, p.05).

Assim, com apenas duas décadas de fundação, a pavimentação em Londrina já era considerada um dos grandes problemas a serem resolvidos pelos administradores municipais, por dois motivos: primeiramente, pelos transtornos gerados pela terra vermelha a toda a população, com a poeira quando o tempo estava seco, e com a lama nos dias chuvosos. Em segundo lugar, porque ruas asfaltadas e pavimentadas eram sinônimo de progresso e modernidade, atendendo aos anseios da população.

Por sua vez, na Imagem 31, Leite captou outro trecho da mesma via, em julho de 1956. Nela, percebe-se que a rua era calçada por paralelepípedos, que, assim como na imagem anterior, eram repostos. Inclusive, Leite indica o teor da obra ao legendar a imagem como: “Serviço de reconstrução de calçamento. Rua Benjamin Constant, entre as ruas João Cândido e São Paulo”.

Há diversas construções pela rua, de madeira e alvenaria, e, por suas proporções e pela altura considerável, deduz-se que funcionavam como comércios. Uma delas, aliás, era o Hotel Aliança.

**Imagem 31** - Serviço de reconstrução de calçamento. Rua Benjamin Constant.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. Julho de 1956.

A Rua Benjamin Constant era bastante movimentada e conhecida por margear as estações ferroviária e rodoviária da cidade. Assim como a Rua Sergipe, abrigava hotéis, que hospedavam migrantes recém-chegados, viajantes e trabalhadores. No entanto, tais estabelecimentos eram bastante simples, não contavam com nenhum luxo, sendo destinados aos indivíduos menos abastados economicamente.

Segundo Boni (2013), desde a fundação da cidade, os hotéis foram considerados uma infraestrutura de primeira importância, para abrigar tanto os funcionários da CTNP, quanto os migrantes interessados em comprar um lote e se estabelecer na região. Por isso, a maioria dos hotéis populares estava localizada, justamente, nas ruas Sergipe, Benjamin Constant e adjacências, pela proximidade com as “portas de entrada” da cidade: a Estação Ferroviária e a Rodoviária.

Já aqueles que chegavam a Londrina e tinham posses contavam com outras opções de hotel, também na região central, mas bastante luxuosos e requintados. Bons exemplos eram o São Jorge Hotel, o Hotel Londrina e o Monções Hotel<sup>89</sup>.

Ainda são visíveis, na Imagem 31, postes de energia elétrica de madeira, e, do lado esquerdo, diversos pedestres sobre a calçada, o que indica a movimentação dessa rua. Para

<sup>89</sup> Sobre a história de cada um destes hotéis, ver: BONI, Paulo César; TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (orgs). *Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

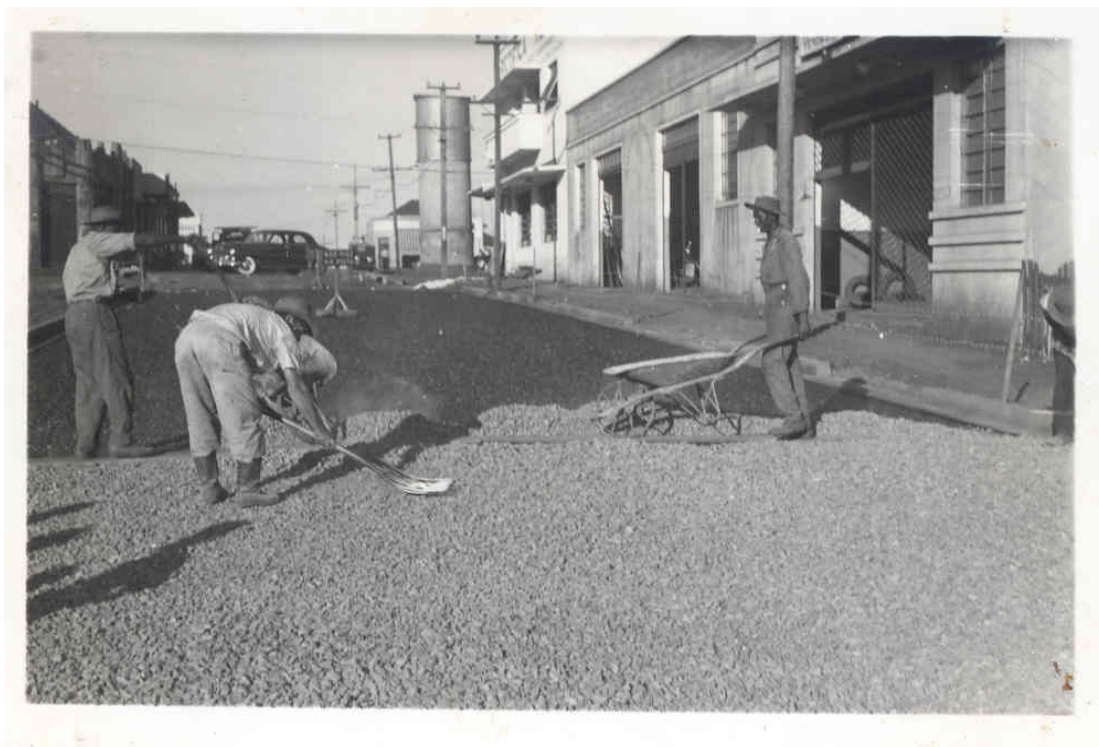
captar a imagem, Leite posicionou-se no meio da via, atrás de um cavalete de madeira, buscando mostrar o máximo possível da extensão das obras em curso. Ela foi registrada em um horário de sol alto, pois o casarão do lado direito da imagem projeta uma sombra que toma parte da fotografia.

No jornal Folha de Londrina de 19 de julho de 1956, há uma nota, afirmando que o reparo no calçamento da Rua Benjamin Constant configurava-se uma excelente medida, adotada pelo Departamento de Obras da Prefeitura. Em outra matéria, publicada em 1957, afirma-se que durante os dois primeiros anos do mandato de Fernandes Sobrinho (1956 e 1957), haviam sido feitos 22.727,47m<sup>2</sup> de pavimentação com paralelepípedo, e 11.729,49 m<sup>2</sup> de pavimentação asfáltica (Jornal Folha de Londrina, 19 de dezembro de 1957, p.03). No mesmo periódico, também se afirma que, durante os anos de 1956 e 1957, a Prefeitura teve um gasto de aproximadamente CR\$ 11.673.000,00 com as obras de pavimentação (Jornal Folha de Londrina, 05 de dezembro de 1957, p.03).

Os números mostram que a maioria das ruas calçadas pela Prefeitura Municipal, portanto, ainda eram feitas com paralelepípedos. De acordo com Benatti (1996), o asfaltamento na região central começou a ganhar impulso a partir de 1954. Até então, as ruas simplesmente não possuíam pavimentação, ou eram revestidas com macadame ou paralelepípedo, porque o asfalto era um procedimento bastante inovador, e ainda muito caro. Assim, era inviável sua aplicação em muitas vias da cidade naquele momento.

A Imagem 32 mostra mais uma via da região central: a Rua Mossoró, na data de 09 de maio de 1955. Para captar a imagem, Leite posicionou-se próximo aos operários, buscando focar no trabalho que realizavam, de asfaltamento da via, o que se confirma pela legenda: “Construção do asfaltamento da Rua Mossoró”.

**Imagem 32** - Construção do asfaltamento da Rua Mossoró.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotografia: Oswaldo Leite. 09 de maio de 1955.

Naquele momento, uma parte da liga asfáltica sobre a brita espalhada pela rua já havia sido aplicada. Um operário nivela o trecho que ainda não recebeu a tintura utilizando uma pá, e é possível ver que há calçadas para os pedestres; postes de energia elétrica de madeira; uma espécie de silo e um carro no plano de fundo da imagem. Também chamam a atenção as construções presentes no trecho em questão, de alvenaria. São barracões e oficinas, indicando o tipo de comércio a que a via se destinava, e também demonstrando que Londrina concentrava todo tipo de atividade relacionada à prestação de serviços, de hotéis e lojas de roupas e presentes até oficinas mecânicas. A imagem reitera os escritos sobre sua condição regional, qual seja, de que na década de 1950 a cidade se consolida como polo regional.

No jornal Folha de Londrina de 15 de maio de 1955, portanto poucos dias após a tomada feita por Oswaldo Leite, há uma nota informando sobre o processo de pavimentação em uma via paralela à Rua Mossoró, que é a Rua Fernando de Noronha:

Há um trecho da Rua Fernando de Noronha que se encontra interrompido faz bastante tempo, com as obras de pavimentação, reclamam moradores dali. Alguns negociantes estão sendo prejudicados por não poderem movimentar seus veículos, em decorrência do fato... (Jornal Folha de Londrina, 15 de maio de 1955, última página).

A partir da fotografia, confrontada com a nota do jornal, é possível afirmar que tanto a Rua Mossoró, quanto as do entorno, eram vias conhecidas por sua atividade comercial, e que o serviço de asfaltamento ocorria de maneira lenta, prejudicando os comerciantes e moradores da área, impedindo sua mobilidade. Portanto, mesmo não tendo sofrido interrupções, nota-se que os serviços de pavimentação muitas vezes deixavam a desejar, ou por terem sido executados de maneira errada, ou por demorarem a ficar prontos, além de terem tido um alto custo.

Reclamações e queixas traduziam o sentimento de parte da população, insatisfeita com a lentidão das obras. Uma seção do periódico Folha de Londrina, intitulada “Ronda pela cidade”, recebia tais reclamações dos moradores e noticiava informações sobre as obras em curso. Assim, o jornal em questão também se revelava um espaço por meio do qual parte da população pressionava o poder público, para cobrar o andamento das obras e a execução das mesmas onde elas não ocorriam como planejado.

De acordo com Balcão (2000), o espaço jornalístico dedicado a queixas e reclamações é um espaço privilegiado para o diálogo com parcelas das populações urbanas. Ele é um meio de comunicação com outras esferas da sociedade e com o poder público, assim como um espaço para a construção de identidades:

A seção de notícias da cidade é um espaço de debate dos problemas urbanos. A sua especificidade e importância são apontadas pela relação estabelecida entre jornal, população e cidade. É um momento privilegiado, onde surpreendemos um movimento articulado no qual o jornal busca aproximar-se do leitor e das questões de seu cotidiano, e a população procura dar publicidade aos seus protestos, anseios e necessidades (BALCÃO, 2000, p.230).

A partir das reclamações, nota-se a maneira como a população lida com os espaços públicos que frequenta diariamente. Elas permitem compreender um pouco mais sobre como é a cidade em diferentes momentos.

No caso da nota publicada pelo jornal Folha de Londrina, mesmo sem identificação de autoria, é possível dizer que foi elaborada por moradores das redondezas, e também por denunciante mais abastados financeiramente, provavelmente comerciantes, que não conseguiam transitar com seus veículos e acabavam perdendo oportunidades de negócio. Além disso, é preciso lembrar que o referido periódico era um porta-voz da elite local.

Por meio da nota ainda é possível compreender o crescimento da cidade e os problemas urbanos dele advindos. Para dar visibilidade a tais problemas, os londrinenses passam, então, a utilizar o jornal, cobrando providências do poder público.

Em outra matéria do jornal Folha de Londrina, é possível notar, igualmente, que não só a Rua Mossoró recebeu asfaltamento, mas também as ruas vizinhas:

Os serviços de pavimentação no Governo de Fernandes Sobrinho, não se restringiram ao calçamento com paralelepípedos. Também o setor de asfaltamento foi atacado com energia. Nesses dois primeiros anos, parte dos serviços foi realizada por contrato e parte pelo próprio Departamento de Obras e Planejamento. [...] Totalizando 12.750,29 metros quadrados, a pavimentação asfáltica estendeu-se às seguintes ruas: Paranaguá, entre as ruas Mossoró e Jataí 6.128,70 m<sup>2</sup>, Fernando de Noronha, Sergipe e Jataí entre as ruas Santos e Paranaguá... 3.598,70 m<sup>2</sup>, Guaporé entre a rua Tietê e a rodovia P-1... 3.022, 80 m<sup>2</sup>. Para pavimentar a Rua Paranaguá e transversais foram concluídas as rês de água e esgotos nessas vias, e retirada a canalização antiga dos serviços de abastecimento de água (Jornal Folha de Londrina, 05 de dezembro de 1957, p.03).

Nesse caso, percebe-se que, entre 1956 e 1957, as obras na Rua Mossoró e próximas a ela continuaram. Assim, a queixa de moradores e comerciantes parece não ter sido ouvida. A demora pode ser justificada pela execução, na mesma oportunidade, de outros serviços igualmente necessários. Como o processo de asfaltamento deixaria a rua, em um primeiro momento, sem calçamento algum, os operários iniciaram seu trabalho instalando as tubulações de água e esgoto que passariam por ali, só depois procedendo à pavimentação.

Além disso, implantar saneamento básico e asfalto era um processo bastante dispendioso, o que certamente colaborou para que, no final do mandato, Fernandes Sobrinho entregasse o caixa público com uma dívida superior a CR\$ 26 milhões.

Já na Imagem 33, feita em 01 de dezembro de 1955, Leite captou um trecho da Rua Alagoas. De acordo com sua legenda: “Rua Alagoas, entre as ruas Brasil e Uruguai. Serviço de galeria”, nota-se que esta é mais uma imagem sobre o serviço de saneamento realizado na região central londrinense.

Fotografada em plano médio, a imagem concentra o foco no trabalho desenvolvido por dois operários, que abrem uma valeta destinada à tubulação de água ou esgoto. O trecho retratado da Rua Alagoas não possuía nenhum calçamento, mesmo que situado na região central, o que confirma a existência de espaços com menos infraestrutura que outros, dentro desta área da cidade.

**Imagem 33** - Rua Alagoas. Serviço de galeria.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 01 de dezembro de 1958.

No plano de fundo da imagem é possível ver o alcance da obra em questão: há algumas manilhas de cimento já instaladas e outras depositadas ao lado da valeta; do lado direito da imagem podem ser observadas duas mulheres caminhando; e, do lado esquerdo, chama a atenção uma cerca de madeira, com vários arbustos e árvores. Tal cerca é bastante semelhante à das residências da Rua Sergipe (Imagem 29), mas a maneira como a vegetação se encontra disposta não. Ela não é ordenada e há um número menor de residências visíveis no trecho da Rua Alagoas. A ruralidade da paisagem, captada na imagem, demonstra o avanço da cidade sobre o campo e reafirma a condição de agreste e sertão ainda impregnada na urbe, por mais que os londrinenses dela quisessem fugir, incentivando a pavimentação e a realização de obras de saneamento.

A convivência entre “rural” e “urbano”, portanto, era visível, mesmo dentro de uma única região. O que denota que a cidade não era homogênea e, mesmo com o anseio da população, de maneira geral, em pôr fim ao que remetesse à época de fundação da cidade, as casas de madeira, a vegetação não ordenada e as ruas não pavimentadas continuavam presentes. Esse contraponto representa a cidade em formação e em crescimento. Um crescimento rápido e desordenado, que gerava confrontos incessantes.

O convívio e os embates entre cidade e campo, ou sertão e modernidade, no caso de Londrina, demonstra que uma cidade nunca pode ser totalmente controlada. Segundo Italo Calvino (2003), cada cidadão tem uma percepção sobre a urbe, vivendo-a e interpretando-a de determinada maneira, o que a torna única e invisível para os outros cidadãos.

Sob tal perspectiva, pode-se entender a cidade como um objeto construído e percebido por milhares de sujeitos, de diferentes classes sociais e com diferentes opiniões e anseios. Em função disso, somente um controle parcial sobre seu crescimento e sua forma podem ser exercidos:

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sua forma. Não há resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 1997, p.2).

No caso londrinense, o que ocorreu foi um controle parcial dos interessados em modernizá-la, em conjunto com o poder público. Controle esse iniciado sobre a região central, por meio das obras que dotaram o referido espaço de infraestrutura, como energia elétrica, ruas asfaltadas, água e esgoto tratados, embora Londrina se localizasse em uma área quase isolada, com difícil acesso aos grandes centros urbanos.

Contudo, os olhos dos que para cá se dirigiram estavam voltados para a cidade de São Paulo, modelo de metrópole naquele momento, e para as inovações que pudessem ser transportadas de lá para essa região. O esforço foi coletivo, mesmo que comandado por uma elite e pelo poder público. Antenados às mais modernas técnicas de construção e estilos arquitetônicos, para que houvesse a possibilidade de ser “criada” uma cidade à altura dos grandes centros nacionais e, assim, também se pudesse atestar o progresso local. Progresso que acabou atraindo milhares de indivíduos à cidade e que colaborou para o seu rápido e desordenado crescimento.

Nesse sentido, a insistência em trazer as imagens de Leite para lembrar como era a cidade no passado se faz necessária. Na Imagem 34, por exemplo, é possível ver um trecho da Rua Santos, captado por Oswaldo Leite em 09 de abril de 1955 e legendado como: “Rua Santos antes do seu asfaltamento”. A legenda justifica o motivo de a rua estar sem nenhum pavimento. Ela não conta nem mesmo com calçada para os pedestres.

**Imagem 34** - Rua Santos antes do seu asfaltamento.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 09 de abril de 1955.

Para realizar a imagem, Oswaldo Leite fez a sua tomada de pé, buscando captar a extensão da via a ser asfaltada. No entanto, aqui, Leite novamente teve problemas com o obturador da máquina fotográfica. A superexposição fez que a imagem saísse muito clara, principalmente no plano de fundo. Como se pode ver, não há sombras projetadas na fotografia. Oswaldo Leite certamente deixou o obturador aberto por mais tempo, como já dito anteriormente, fazendo que mais luminosidade entrasse na hora de captar a imagem almejada. No entanto, o tempo calculado foi excessivo, resultando na grande claridade da fotografia.

Já o grande número de residências de madeira, no lado esquerdo da foto, vem confirmar o uso extensivo dessa matéria-prima na construção de moradias em Londrina. Também é notável a inexistência de calçamento e asfalto, e a arborização do trecho captado.

Repetem-se aqui, ainda, os mesmos elementos apontados ao longo do texto em relação a outras imagens: a presença de cercas de madeira, carro, charrete. O diferencial se encontra na mureta de concreto defronte às residências, no lado esquerdo da imagem.

Além disso, como esta rua fica abaixo da Avenida Higienópolis, rumo ao vale, seu calçamento denota o crescimento da cidade avançando naquela direção.

Segundo o jornal Folha de Londrina, em 06 de abril de 1955, a pavimentação asfáltica na Rua Santos já havia sido iniciada, no cruzamento com a Rua Quintino Bocaiuva, e o

serviço abrangeria todo o decorrer da via (Jornal Folha de Londrina, 06 de abril de 1955, última página).

De acordo com Cernev (1995), a Rua Santos foi a primeira via londrinense a ser asfaltada. Em outras ruas, contudo, o calçamento se dava com paralelepípedos. E após a implementação de tal infraestrutura, os carros que ali trafegavam acabaram se aproveitando das melhores condições da pista, abusando da velocidade: “[...] a primeira rua a ser asfaltada foi a Rua Santos, que logo foi transformada em pista de corrida, quando os jovens promoviam os seus “rachas”, de preferência nas madrugadas, que passaram a ser barulhentas e perigosas” (1995, p.143).

Complementando a descrição de Cernev, o jornal Folha de Londrina traz uma reclamação de moradores da Rua Santos, na edição do dia 27 de janeiro de 1959, indicando que os veículos abusavam da velocidade na referida via durante todo o dia, e não só nas madrugadas. Além disso, tal hábito começava a ser adotado em outras vias pavimentadas da cidade:

Moradores da Rua Santos reclamam urgentes providências do Serviço de Trânsito no sentido de que ponham fim às desesperadas corridas de motoristas em geral naquela artéria. “Quem tem, como nós, filhos menores, vive em permanente sobressalto, com o coração na mão ante a absurda e criminosa mania de velocidade que na Rua Santos se põe em prática”, afirma um leitor residente ali. Verdadeiramente, a queixa é bastante justificada segundo se tem constatado. Mas as correrias se verificam na cidade inteira. Os constantes acidentes que se registram dão bem a idéia da gravidade do problema (Jornal Folha de Londrina, 27 de janeiro de 1959, última página).

As seções de reclamação nos jornais são um meio de tratar as questões da vida urbana, muitas vezes relegadas a segundo plano. A Rua Santos, naquele momento, se encontrava na região intermediária entre a margem e o centro da cidade<sup>90</sup>, e por ser uma área majoritariamente residencial, a alta velocidade dos automóveis perturbava seus moradores. Ao mesmo tempo, os jornais, em busca de um número cada vez maior de leitores, se aproveitam deste setor, para cativar um público, que ali encontrava uma maneira de expressar seus anseios (BALCÃO, 2000).

De acordo com a nota do jornal Folha de Londrina, percebe-se que os moradores da região central receberam a infraestrutura de calçamento nas ruas e avenidas, mas, ao mesmo

---

<sup>90</sup> Sobre a denominação de margem e centro em Londrina, ver: BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens. Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1970)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

tempo, tiveram de lidar com o problema dos automóveis. Os motoristas, para se impor no trânsito da cidade, que ainda contava com outros veículos, charretes e bicicletas, abusavam da velocidade, causando acidentes e, conseqüentemente, temor em parte da população.

O historiador Nicolau Sevcenko afirma que o hábito das corridas de carro em ruas pavimentadas já podia ser observado na cidade de São Paulo nos anos 1920, quando passou a haver um aumento na frota de veículos. O que demonstra que o automóvel, no início do século XX, embora fosse um objeto de prestígio, dando reputação a seus proprietários, também era um instrumento perigoso.

Dada sua forma de introdução súbita e peculiar na cidade, duplamente aureolado pelo prestígio da mais moderna tecnologia européia e do mais vistoso objeto do consumo conspícuo, o automóvel passou a ser usado de forma a acentuar sua mística e se impor como uma moldura mecânica sofisticada do poder, mesmo na mão de choferes e empregados de companhias. O equipamento, indiferente à sua utilidade ou a quem o dirigia, sucumbira ao símbolo. Desde cedo os jovens passaram a dispensar os choferes para porem à prova o desempenho máximo dos veículos. Em qualquer circunstância, em qualquer lugar, o tempo todo, o imperativo era a máxima aceleração e o uso incessante da buzina. Os atropelamentos são diários e múltiplos, especialmente envolvendo anciãos e crianças. [...] O automóvel herdou assim o estigma proveniente do recente passado escravista, que associava necessariamente as posições de poder com o exercício da brutalidade (1992, p.74).

A partir da descrição de Sevcenko, observam-se muitas semelhanças com a cidade de Londrina, quase quarenta anos mais tarde. A população ainda se sentia acuada frente à dominação dos veículos sobre a via pública, o que atesta a continuidade da ideia de dominação e poder que tal meio de transporte impunha. Algo que, segundo Sevcenko, tinha raízes no passado escravista brasileiro, onde poder e violência se associavam.

Outro problema recorrente nas pavimentações asfálticas feitas em Londrina, era sua má conservação, grandemente favorecida pelas obras de saneamento. Ao reparar e instalar novas tubulações pela cidade, as equipes de manutenção muitas vezes comprometiam a qualidade do calçamento, gerando desníveis em diversas ruas e avenidas, como já citado anteriormente. Ademais, também haviam casos em que as tubulações de água eram frágeis, e acabavam se rompendo com a pressão, como ocorreu na Rua Santos e foi notificado no jornal Folha de Londrina, em 18 de dezembro de 1959:

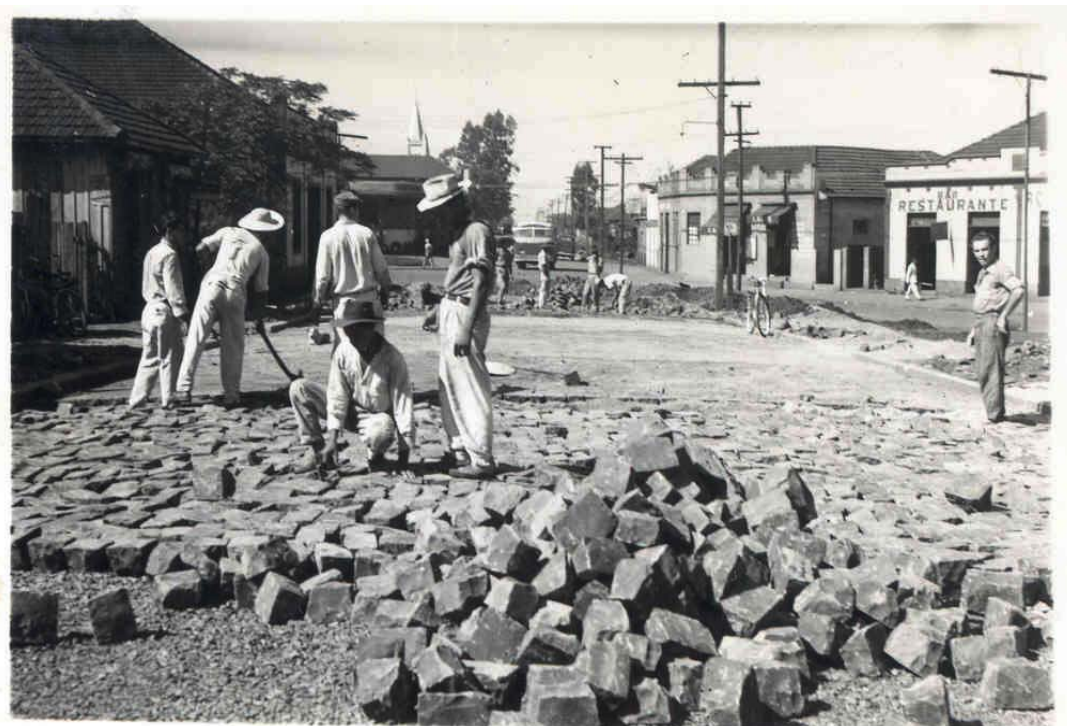
A velha rede de água não tem resistido à pressão. O resultado são os rompimentos de tubulação que se vêm registrando periodicamente. A Prefeitura atende prontamente e supera as anormalidades. O mal é que a pavimentação asfáltica nunca mais volta a ser a mesma. O buraco de rua [...] foi encontrado na Rua Santos, entre a Pará e a Goiás, e ali se encontra há aproximadamente dois meses. Se o leitor considerar que a Rua Santos é o escoadouro natural de veículos de todos os tipos que demandam Cambé, e recebe quase todo o tráfego daquela procedência, pode imaginar os aborrecimentos que êsses desníveis vêm causando (Jornal Folha de Londrina, 18 de dezembro de 1959, última página).

A Rua Santos, além de ter caráter residencial, também era bastante movimentada, por ser uma das principais vias de acesso para os veículos que vinham da cidade vizinha, Cambé. Somente por esse fato, é de se imaginar que a pavimentação ali teria uma vida útil mais curta. Entretanto, o problema com a tubulação de água contribuiu para deteriorar a pavimentação rapidamente. Pelo teor da nota, vê-se que a Prefeitura Municipal se preocupou em normalizar apenas a tubulação rompida. O buraco ocasionado na via, posteriormente, não teve solução, e ali permaneceu por vários meses, gerando transtornos e reclamação por parte dos transeuntes.

Dando sequência, na Imagem 35 Oswaldo Leite fez uma tomada da Rua Belo Horizonte, entre as ruas Rio Grande do Norte e Quintino Bocaiúva, mostrando a implementação da pavimentação na via, com paralelepípedos.

A imagem foi realizada em 20 de março de 1954 e, para captá-la, Leite posicionou-se próximo aos operários, focando no trabalho de assentamento das pedras que era desenvolvido, com o uso de pás e soquetes. A legenda definida foi: “Calçamento com paralelepípedos na Rua Belo Horizonte, entre as ruas Rio Grande do Norte e Quintino Bocaiúva”.

**Imagem 35** - Calçamento com paralelepípedo na Rua Belo Horizonte.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 20 de março de 1954.

Segundo o jornal Folha de Londrina, de 03 de maio de 1955, no ano de 1954 outro trecho da Rua Belo Horizonte teve seu calçamento reconstruído, entre as ruas Sergipe e Tupi:

Durante o exercício passado, a Prefeitura reconstruiu 538,75 metros quadrados de calçamento, como segue: cruzamento das ruas Goiás e Pará com a Av. Higienópolis; trecho da Rua Belo Horizonte, entre Sergipe e Tupi e pátio da Estação Rodoviária, na entrada da Av. Rio de Janeiro. No último triênio, a atual administração ampliou a pavimentação de Londrina de 113.454,82 m<sup>2</sup> para 278.551,30 m<sup>2</sup> (Jornal Folha de Londrina, 03/05/1955, última página).

No período em questão, de acordo com a nota do periódico Folha de Londrina, além da Rua Belo Horizonte, outros locais foram contemplados com pavimentação, totalizando a renovação de mais de 500 metros quadrados de calçamento com paralelepípedo, e a pavimentação de mais de 200 mil metros quadrados de vias que ainda não contavam com a infraestrutura. Tais obras também estão inclusas na cifra de CR\$20 milhões, publicada no mesmo jornal, em 11 de dezembro de 1955, representando, portanto, um alto custo aos cofres públicos.

E a cifra ainda aumenta se forem somados os diversos serviços da mesma natureza que ocorreram até o final da década de 1950. Assim, é possível compreender por que o caixa municipal, em 1959, fecha com um déficit superior a 26 milhões de Cruzeiros.

A partir da Imagem 35, também é possível afirmar que o trecho retratado da Rua Belo Horizonte era comercial. Há um restaurante, na parte direita, e um outro comércio ao seu lado. No plano de fundo, há mais um ponto comercial. Todos eles são de alvenaria. Mais uma vez, percebe-se a vocação comercial e de polo regional da cidade de Londrina, que se exponencia na década de 1950.

Também são visíveis na imagem diversas árvores, distribuídas pela calçada; a torre de uma igreja e bicicletas. Ainda é possível ver, no plano de fundo, um ônibus. Nessa década, já haviam sido construídas em Londrina quatro Estações Rodoviárias. A primeira, da década de 1930, foi erguida em frente à atual Praça Willie Davids. Pouco tempo depois, foi construída a segunda rodoviária, localizada em frente ao atual Cineteatro Ouro Verde. Já a terceira estação rodoviária foi construída onde hoje se localiza a Concha Acústica, na Praça Primeiro de Maio. A estação, no entanto, mostrou-se pequena para atender a demanda de passageiros, que crescia muito. Assim, nos anos 1950, inaugurou-se a quarta estação rodoviária londrinense, na Rua Sergipe, na porção sul da Praça Rocha Pombo:

A primeira rodoviária de Londrina, inaugurada em 1934, ficava localizada em frente à Praça Willie Davids, entre as ruas Minas Gerais e Maranhão. A segunda funcionou durante o ano de 1938, na mesma praça. A terceira foi instalada na Praça Primeiro de Maio, entre os anos 1938 e 1950, onde hoje está a Concha Acústica. Depois disso, mudou-se para o sul da Praça Rocha Pombo, junto à Rua Sergipe, onde hoje funciona o Museu de Artes de Londrina (OSHIRO, 2013, p.91-92).

Naquele momento, haviam linhas de ônibus que iam até cidades próximas (como Cambé, Ibiporã e Rolândia), que circulavam dentro do próprio município, e que ligavam os distritos (como Selva, Irerê e Lerrovile) à cidade. Tal serviço era feito, principalmente, pelas empresas Garcia&Garcia, Fatores Simone e Lira, e Francovig (TEIXEIRA, 1999).

Entretanto, as rodovias ainda não tinham condições adequadas para transportar passageiros a outros estados, ou mesmo para Curitiba. Quem necessitasse fazer esse tipo de viagem, normalmente, recorria aos trens ou aviões.

As estradas existentes ligavam apenas as localidades próximas e foram construídas pela CTNP, no início da fundação do município. A Companhia entendia a melhoria e a

construção de novas rodovias como um diferencial, capaz de atrair novos compradores à região norte paranaense:

A construção de estradas, ruas, a instalação de energia elétrica, as primeiras captações e fornecimento de água encanada para o povoado; todas as obras do início da colonização passaram pela aprovação e foram patrocinadas pela CTNP. Afinal, atrair compradores para povoar o norte do Paraná era o seu negócio e, para ser bem sucedido, eram necessárias estradas mais ágeis (HOFFMANN e PIVETA, 2009, p.28).

Nos anos 1950, o setor de rodovias e transportes recebe incentivos do governo federal, por meio do Plano de Metas, de Juscelino Kubitschek, que buscava estimular as seguintes áreas: energia, transporte, alimentação, indústrias de base e educação. O objetivo era romper os nós que impediam o processo de industrialização brasileiro.

A partir de tal projeto, foram implantadas as primeiras indústrias automobilísticas no país, gerando um grande investimento na construção de rodovias, sobretudo pavimentadas, que atendiam ao setor de transportes:

Os investimentos no setor rodoviário crescem a partir da década de 50 e se intensificaram com o início da produção de veículos no país (1957). Os governos federal e estadual realizaram vultosos investimentos (média de 1,3 % do PIB no período 1950-59) e o resultado foi um incremento significativo nas estradas pavimentadas com um acréscimo de 7900 Km entre as décadas de 50 e 60. Nas décadas de 60 e 70, o aumento nos investimentos gerou um crescimento vertiginoso nas estradas pavimentadas. Isto foi possível devido principalmente aos recursos provenientes de tributos vinculados ao setor (FERREIRA e MALLIAGROS, 1999, p.29).

No caso londrinense, as estradas que sofreram melhorias nos anos 1950 foram, principalmente, as estradas rurais, que ligavam o município aos distritos, ou às cidades vizinhas. No jornal Folha de Londrina, do dia 24 de maio de 1957, foi publicada uma notícia, em que se previa a construção de uma importante rodovia ligando Londrina a Ortigueira. Ela facilitaria a chegada à capital paranaense, Curitiba, representando um grande avanço no setor de transporte e de comunicação entre essas regiões. (Jornal Folha de Londrina, 24 de maio de 1957, p.03).

Já em 19 de dezembro de 1957, no mesmo jornal, cita-se a construção de várias estradas e a retificação de diversos trechos realizados pela Prefeitura Municipal, além do início da construção de outra rodovia que ligaria Londrina à cidade de São Jerônimo, (Jornal Folha de Londrina, 19 de dezembro de 1957, p.03). Entretanto, as referidas rodovias não foram nomeadas na matéria, bem como o que foi retificado em algumas delas.

Ainda assim é importante ressaltar que, mesmo não possuindo boas rodovias, Londrina, com apenas duas décadas de existência, já contava com sua quarta estação rodoviária, além da estação ferroviária e do aeroporto, para receber visitantes e migrantes de todo o país, o que denota seu rápido crescimento e o investimento feito no setor de transportes para atender à população em expansão.

Na Imagem 36, Oswaldo Leite captou um trecho da Rua Duque de Caxias, buscando apresentar uma parte da via que ainda não contava com pavimentação. Na imagem, é possível observar diversas árvores no interior da área cercada por grades de madeira, duas charretes e, do lado esquerdo, um carro. Além de a maior parte do trecho captado por Oswaldo Leite não contar com nenhuma pavimentação, as calçadas também estão descobertas.

**Imagem 36** - Rua Duque de Caxias antes do asfaltamento.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 17 de maio de 1957.

Segundo Cernev (1995), a Rua Duque de Caxias sempre foi conhecida por seus pontos comerciais e de prestação de serviço. Planejada pela CTNP, já no traçado inicial da cidade, tal via tinha uma extensão de aproximadamente 14 quadras, com largura de 12 metros. Por cortar a região central no sentido norte-sul, ela também teve duas denominações. Inicialmente foi chamada de Rua Heimtal, da Avenida Paraná rumo ao norte; e de Rua Cambé, em direção ao sul. Já nos anos 1940, a denominação foi trocada, passando para Rua Duque de Caxias a partir da linha férrea rumo ao sul, e para Rua Marechal Deodoro, do mesmo ponto rumo ao norte.

Foi nessa rua que os primeiros habitantes da cidade instalaram as casas de secos e molhados, selarias, oficinas e pontos de carroça. Posteriormente, o comércio da via se multiplicou e passou a abrigar também bares, hotéis, alfaiatarias:

Como uma extensão de suas moradias, esses pioneiros ali instalaram as primeiras casas comerciais de secos e molhados, nas quais se podia encontrar alimentos, ferragens, roupas, bebidas e toda a sorte de produtos. O meio de transporte mais usado era a charrete ou simplesmente o cavalo, daí a existência de selarias, oficinas e pontos de carroças na rua. No trecho situado entre as Ruas Santa Catarina e Maranhão, pulsou o centro de negócios da cidade, em seus primórdios. Pouco a pouco, o comércio multiplicou-se e uma infinidade de bares, pensões, hotéis, empórios, pequenas fábricas, salões de beleza e alfaiatarias povoaram a Duque, conferindo-lhe, desde o seu nascimento, a marca de rua comercial e prestadora de serviços (CERNEV, 1995, p.39).

Atualmente o teor comercial ainda é presente na Rua Duque de Caxias, que abriga lojas, supermercados e restaurantes.

Na Imagem 36, Leite novamente optou por fazer uma tomada de pé, que buscasse captar a extensão das obras na via. Ela foi tirada em 17 de maio de 1957, e legendada como: “Rua Duque de Caxias antes do asfaltamento”.

Porém, segundo o jornal Folha de Londrina, a Rua Duque de Caxias recebeu não só a pavimentação asfáltica, mas também de moledo<sup>91</sup> em alguns trechos:

Na impossibilidade de se executar pavimentação asfáltica ou a paralelepípedos em ruas onde não foram assentadas as rês de água e esgotos e considerando a necessidade dêsse melhoramento em certas vias em que é intenso o tráfego, o DOP executou serviços de galerias de águas pluviais, guias, movimento de terra e revestimento com molêdo, num total de 9.408,75 metros quadrados, nas seguintes ruas: Marechal Deodoro, Duque de Caxias, Borba Gato (Jornal Folha de Londrina, 05 de dezembro de 1957, p.03).

De acordo com a nota, alguns pontos da cidade, que não foram beneficiados com calçamento, acabaram revestidos com moledo. O mesmo diminuía os contratemplos causados pela poeira e lama da terra vermelha, mas, ainda assim, não era como um calçamento de paralelepípedo ou asfalto. Nesse caso, a matéria é clara ao dizer que os trechos citados, inclusive a Rua Duque de Caxias, estavam temporariamente sem pavimentação, por conta das obras de saneamento, quando a tubulação de água e esgoto era implementada ou reformada. E

---

<sup>91</sup> Moledo é um tipo de cascalho, disposto sobre a via, com a finalidade de melhorar o seu tráfego para veículos e pedestres. O mesmo é simplesmente disposto, e não calçado como as pedras de paralelepípedo.

como tais vias eram muito movimentadas, procedeu-se, provisoriamente, à aplicação de moledo.

Por outro lado, ainda na Rua Duque de Caxias, alguns trechos já adequados às obras de saneamento receberam calçamento de paralelepípedos, como mostra a nota, no mesmo periódico, referente às obras feitas pela Prefeitura Municipal entre julho e setembro de 1958:

Consoante contrato firmado no trimestre anterior com a firma Rotec S/A., Rodovias, Terraplanagens e Construções, deu-se início aos trabalhos de substituição por asfalto da pavimentação a paralelepípedos no centro da cidade e pavimentação, propriamente dita, a paralelepípedos de pedra nas ruas Tremembés e Guaranis (Vila Casoni), e Duque de Caxias, saída para Irerê junto à Vila Brasil (Jornal Folha de Londrina, 07 de dezembro de 1958, p.03).

O fragmento da Rua Duque de Caxias, citado na matéria, entretanto, não se encontrava na região central. Tal via cruzava parte do Centro, e mais dois bairros (Vila Ypiranga e Vila Brasil)<sup>92</sup>. Além disso, era um elo entre Londrina e o distrito de Irerê.

Mas o que chama a atenção é que, dentro de uma única via, existiam trechos calçados com paralelepípedo, trechos que recebiam pavimentação asfáltica e ainda trechos somente revestidos com moledo.

Impossibilitado de calçar todas as vias com um único material, o poder público municipal realizava os serviços de acordo com a disponibilidade de recursos, indicando que o que realmente importava era sanar o problema da terra vermelha. No entanto, não se pode deixar de mencionar que ao mesmo tempo em que tal serviço era realizado em partes da região central e em alguns bairros, outros espaços continuaram por anos sem receber a mesma infraestrutura em suas vias.

Portanto, havia uma diferenciação entre os bairros na cidade de Londrina, inclusive dentro da própria região central. Ao mesmo tempo em que se buscava mostrar o crescimento e a pujança londrinense, por meio das obras de saneamento, pavimentação, construção de edifícios altos em partes da região central, deparava-se, por outro lado, com o revez desse mesmo crescimento. Embora fosse incentivado, não se imaginou um crescimento tão veloz. Essa, contudo, foi a resposta dada às propagandas feitas pela CTNP anos antes; aos projetos de ocupação de zonas não habitadas no país<sup>93</sup>, desenvolvidos pelo governo federal; e às

---

<sup>92</sup> Para visualizar o traçado da Rua Duque de Caxias dentro da região central londrinense, ver Imagens 05 e 07 (Capítulo 03). E para ver a localização dos bairros Vila Ypiranga e Vila Brasil, ver Imagem 06 (Capítulo 03).

<sup>93</sup> Sobre a proposta de ocupação de zonas não habitadas no país, iniciada no primeiro governo de Getúlio Vargas e denominada “Marcha para o Oeste”, ver: ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Entre o mito e a técnica*:

próprias notícias trocadas nas correspondências entre moradores com familiares e amigos sediados em outros locais. Tudo isso promoveu o crescimento e, ao mesmo tempo, por sua grandeza, gerou a impossibilidade de o poder público atender plenamente às necessidades geradas pelo processo.

Por um lado, e principalmente no discurso das elites regionais emergentes, a condição de cidade moderna atestava a vitória definitiva da "civilização" sobre o sertão bruto. Por outro lado, o adensamento da população, a maior visibilidade das diferenças de classe, e o acirramento das fricções sociais evidenciavam a face amarga desse mesmo progresso (BENATTI, 1996, p.03).

A outra face do progresso fica bastante clara por meio do serviço de saneamento nos bairros, ou à sua ausência na periferia da área urbana londrinense. De acordo com Lopes (2010), na década de 1950, surgiram 53 vilas no município, resultantes da venda de terrenos a preços baixos, que se tornaram o refúgio da população empobrecida que para cá migrou, ou se deslocou internamente desde sua fundação.

As “favelas”, como eram chamadas as ocupações de terrenos vazios, começaram a se formar em Londrina nos anos 1950, justamente pelo aumento desenfreado da população na área urbana:

Com o aumento da população urbana, ocasionou-se a falta de habitações. As casas eram poucas, e os aluguéis muito caros, deste modo, muitos dos que chegavam em Londrina nem sempre conseguiam instalações adequadas, restando como abrigo, as ruas da cidade ou algum barraco improvisado. (CANDOTTI, 1997, p.182).

Isso mostra que conforme o município se expandia, o contingente de pobreza em suas áreas periféricas também crescia, indicando uma segregação em seu interior. Inclusive, tal processo foi algo frequente em diversas cidades do mundo que enfrentaram um processo de crescimento rápido e não controlado, como foi o caso de Londrina<sup>94</sup>.

---

*Representações de natureza em fontes fotográficas (Londrina, 1934-1944)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

<sup>94</sup> Especificamente, o caso londrinense se assemelha ao processo de ocupação das chamadas “frentes pioneiras”, cujos problemas iniciais eram a floresta e a falta de infraestrutura, inclusive para deslocamentos, como visto, sobretudo por falta das estradas. Ao contrário de cidades cuja formação de favelas originou-se por conta de vários outros problemas habitacionais. Sobre a frente pioneira no norte paranaense, ver: BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens*. Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1970). 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

A ênfase dada aqui à instalação da infraestrutura urbana em Londrina insiste em apontar o papel de um fotógrafo cujas imagens são um registro do processo de transformação da cidade, reafirmando o objetivo deste trabalho, qual seja apontar a relevância do conhecimento sobre a Londrina dos anos 1950, quando Leite captava o traço da realidade em suas fotografias, tornando aquele presente um documento sobre o passado e que, hoje, interpretamos.

Justifica-se, portanto, a sequência apresentada, e que segue agora com as imagens 37, 38 e 39 no subtema *Praças*. No caso das imagens 37 e 38, Oswaldo Leite fez tomadas da Praça Rocha Pombo.

Para captar a primeira imagem (Imagem 37), Oswaldo Leite se posicionou na parte mais baixa da praça, focando no trabalho desenvolvido pelo operário rente ao muro e também nos homens que fiscalizam o serviço. Um deles, inclusive, segura um papel entre as mãos, olhando-o atentamente. Provavelmente se trate da planta da obra executada. A fotografia em questão data de 09 de junho de 1958, e foi legendada como: “Construção da fonte luminosa da Praça Rocha Pombo”.

**Imagem 37** - Construção da fonte luminosa da Praça Rocha Pombo



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 09 de junho de 1958.

A legenda revela a construção de uma fonte luminosa na praça, que não aparece na Imagem 37. Mas outras obras eram realizadas em conjunto no logradouro, já que é possível

ver pedras, uma tábua, que serviria para facilitar o transporte de ferramentas e produtos utilizados na obra, e também uma máquina de misturar concreto.

Segundo Viani (2002), as delimitações da Praça Rocha Pombo definiram-se ainda na época em que ela não contava com benfeitorias e os transeuntes a atravessavam, formando trilhas em sua extensão. Quando, nos anos 1950, ocorreram as obras de urbanização do logradouro, as trilhas foram mantidas, dando origem ao seu traçado. Na época, a praça era um elo entre a Estação Rodoviária (acima) e a Estação Ferroviária (abaixo), o que indica que sua movimentação era intensa.

Para se ter ideia, somente a Estação Rodoviária, em 1958, registrou um movimento de 996.883 passageiros, que embarcaram, e de outros 816.096, que desembarcaram, passando pela praça, já que, além de ser o elo entre as duas estações (Jornal Folha de Londrina, 21 de janeiro de 1959, última página), o local também dava acesso à cidade.

Ao observar a Imagem 37, é possível ver em seu plano de fundo o Edifício Tóquio, do lado esquerdo, e, à direita, o prédio da Estação Rodoviária, inaugurada em 1952, a partir de um projeto do arquiteto João Batista Vilanova Artigas. A Estação tem, como diferencial, o estilo arquitetônico modernista, e desde 1974, é um bem tombado pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, devido à excepcionalidade da obra (CERNEV, 1995).

O edifício foi projetado com a presença marcante de sete “cascas” de concreto armado em forma de abóbada, com 12 centímetros de espessura. A ideia era dar leveza estrutural e visual à obra, além de consumir pouco material. A última seção de “cascas” era apoiada em pilares inclinados, com pé direito duplo, oferecendo integração à Praça Rocha Pombo e à malha viária ao redor do terreno (PISANI e CORRÊA 2007).

Assim, a Estação Rodoviária tornou-se um símbolo, que representava muito bem a ideia que se desejava passar da cidade de Londrina nos anos 1950, de pujança e modernidade. Ideia que era reforçada pelas construções, com os edifícios altos, por exemplo, e pela infraestrutura instalada nas proximidades, com as obras de saneamento e de pavimentação.

De acordo com Lara (2005), nos anos 1950, a arquitetura moderna foi adotada tanto em construções públicas, caso da Estação Rodoviária londrinense, como em residências. Ela “estava na moda” e também era um símbolo de status. Assim, a aceitação popular e a disseminação desse estilo alcançaram níveis surpreendentes naquele momento em todo o país.

A Estação Rodoviária de Londrina continuou em funcionamento até 1988, quando, pelo constante crescimento da cidade e adensamento do transporte intermunicipal, não foi mais capaz de atender à demanda de passageiros. Atualmente, a interligação entre a Praça

Rocha Pombo e o prédio em questão não existe mais, e o mesmo abriga o Museu de Arte de Londrina.

Entretanto, ainda que seja um espaço tombado, e tão significativo para a história e memória local, o edifício se encontra em esquecimento. A população praticamente não o frequenta e ele necessita de reformas em sua estrutura, danificada pelo tempo.

De acordo com matéria publicada na Revista de História da Biblioteca Nacional, em 1º de agosto de 2014<sup>95</sup>, o Museu sofre atualmente com a falta de manutenção e investimento em infraestrutura. O sistema elétrico é precário; os vitrais, que são um dos símbolos da obra, apresentam rachaduras; e há infiltrações em partes do telhado, comprometendo o acervo e as exposições feitas no local.

A Praça Rocha Pombo, portanto, está no cenário urbano local desde antes do período de construção das estações rodoviária e ferroviária. Mas, somente após a construção da Estação Rodoviária é que foram iniciadas as obras de urbanização aqui retratadas por Oswaldo Leite. E a notícia de que ela receberia melhorias foi motivo de elogios, como se vê na nota divulgada pelo jornal Folha de Londrina em 1954: “A municipalidade tenciona urbanizar este ano esse logradouro público sem dúvida alguma uma iniciativa que virá embelezar e muito aquele trecho da cidade, que já conta com a magnífica estação rodoviária e a bonita “gare” da R.V.P.S.C” (Jornal Folha de Londrina, 13 de janeiro de 1954, última página).

Assim, percebe-se que a Estação Rodoviária era motivo de orgulho, por ser uma obra “magnífica”. Quanto à urbanização da Praça Rocha Pombo, esta embelezaria ainda mais aquele trecho da região central londrinense.

Entretanto, pela data em que a nota foi publicada e pela data em que Oswaldo Leite realizou a Imagem 37, é possível afirmar que as obras na Praça Rocha Pombo prolongaram-se por boa parte da década de 1950, gerando, certamente, altos custos aos cofres públicos.

Tais gastos, inclusive, foram alvo de questionamento por parte de alguns vereadores no final dos anos 1950, quando o prefeito Fernandes Sobrinho termina seu mandato com uma dívida superior a CR\$26 milhões, como mostra a matéria do jornal Folha de Londrina, que reproduz alguns trechos de uma sessão na câmara de vereadores:

Segundo os oradores, o fato se deveu a que o chefe do Executivo empregou mal as verbas orçamentárias, com preferência para as obras de aformoseamento e preterição de obras essenciais. O argumento principal foi

---

<sup>95</sup> Reportagem disponível em: <[www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/patrimonio-em-perigo-14](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/patrimonio-em-perigo-14)>. Acesso em 22 de outubro de 2014, às 14h.

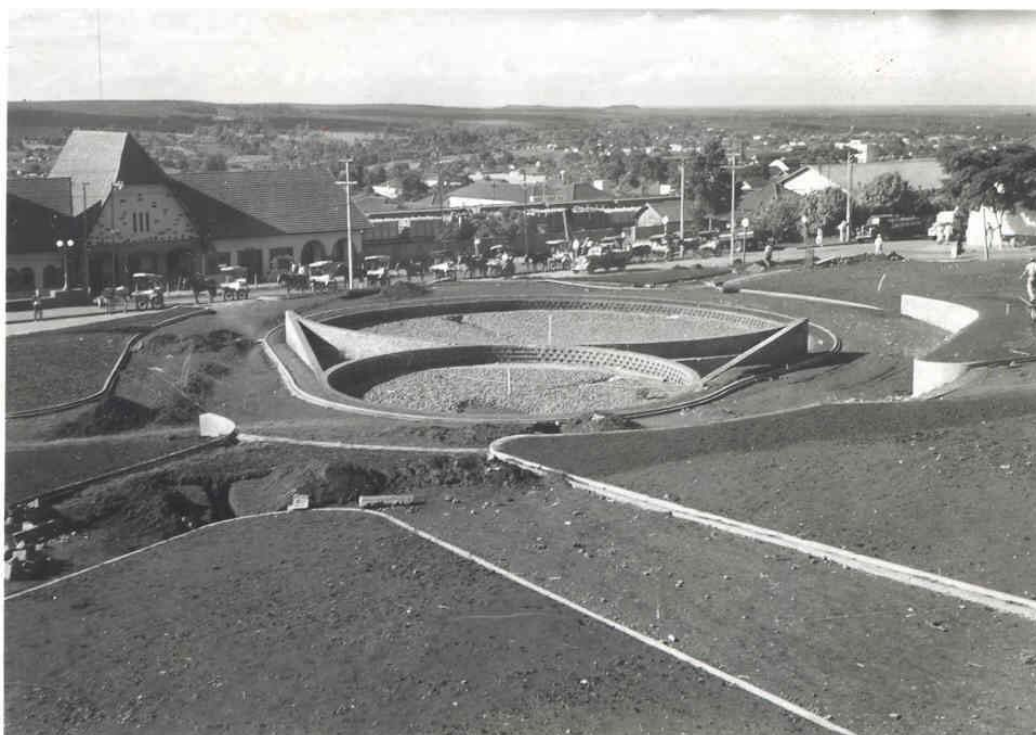
de que se é possível considerar úteis obras como a reprêsa do Igapó, a fonte luminosa da Praça Rocha Pombo, a colônia de férias dos servidores públicos municipais e outras dessa natureza, não tinham elas caráter prioritário suficiente para se lançar sôbre a execução delas todo o pêso dos recursos oriundos do bolso dos contribuintes, a ponto de fechar o exercício passado com semelhante déficit (Jornal Folha de Londrina, 14 de outubro de 1959, p.06).

Portanto, a construção da fonte luminosa na Praça Rocha Pombo, além de outras obras pela cidade, foram consideradas supérfluas e custaram muito aos cofres públicos, sendo as grandes responsáveis pelo endividamento municipal, de acordo com alguns vereadores.

Contudo, estas não foram as únicas obras em que o poder público investiu muito dinheiro. As obras de saneamento e pavimentação asfáltica foram igualmente caras à municipalidade, ou até mais. Apenas somando-se todo o conjunto de obras executadas, desde a gestão anterior, no início dos anos 1950, e os contratemplos ocorridos durante sua realização, é que se pode compreender a origem dessa dívida.

Já na Imagem 38, Oswaldo Leite capta a parte mais baixa da Praça Rocha Pombo, dando destaque para a fonte luminosa em construção. O retrato da praça data de 17 de setembro de 1958, tendo sido registrado, portanto, apenas três meses após a Imagem 37, e legendado como: “Construção da fonte luminosa e passeio da Praça Rocha Pombo”.

**Imagem 38** - Fase de construção da fonte luminosa da Praça Rocha Pombo/ Construção da fonte luminosa e passeio da Praça Rocha Pombo.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 17 de setembro de 1958.

No registro fotográfico, a praça já conta com sua estrutura pronta, faltando basicamente a finalização do revestimento com pastilhas, símbolo da arquitetura moderna.

De acordo com o jornal Folha de Londrina de 07 de dezembro de 1958, entre julho e setembro do referido ano foram executados os seguintes trabalhos na praça: remoção de árvores que não seriam utilizadas, marcação dos canteiros e de passeios para os pedestres, e inúmeros serviços na fonte luminosa. Entre eles, terraplanagem e escavação das fundações para a construção da fonte, construção das paredes laterais, construção do lastro e do piso, e construção do compartimento de bombas e motores para o funcionamento da fonte, pois ela seria dotada de jatos de água de variadas alturas, iluminados por refletores coloridos, que ficariam submersos.

Assim, a fonte seria a atração da praça, e, juntamente com as arquiteturas emblemáticas das Estações Rodoviária e Ferroviária, transmitiria o progresso da cidade àqueles que chegavam.

Ao observar a fotografia, é possível ter uma ideia de como as trilhas feitas pela população que cortava caminho pela praça, foram mantidas, sendo integradas ao seu traçado. Entretanto, a área não estava calçada, já que o chão ainda era de terra em toda a extensão da praça captada pela foto. Como indicou a reportagem do jornal Folha de Londrina, somente a marcação dos canteiros e passeios na praça haviam sido feitos até o mês de setembro, data da fotografia em discussão.

Para captar a imagem, Oswaldo Leite fez a tomada em sentido inverso ao utilizado na Imagem 37. Dirigiu-se à parte mais alta da praça, um pouco antes da Estação Rodoviária, e dali pôde captar de maneira panorâmica a fonte luminosa em construção. Foi possível captar também a Estação Ferroviária e uma parte da paisagem da cidade, no plano de fundo.

De acordo com Silva (2012), a referida estação foi construída ainda em meados dos anos 1940, em função de a antiga Estação Ferroviária da cidade não comportar mais o intenso movimento de passageiros. Chama a atenção a arquitetura eclética europeia, adotada na cidade em algumas residências e também neste prédio público. A mesma era um símbolo de status, como já afirmado anteriormente, por ser bastante diferenciada, e se destacar na paisagem da cidade, composta, majoritariamente, pelas construções de madeira. As técnicas de construção empregadas, e os materiais ali utilizados também atestavam a modernidade da obra, como ocorreu com outras construções em Londrina, a exemplo da Estação de Tratamento de Água e do Reservatório de Água.

Já na década de 1940, devido ao desenvolvimento urbano, se instaura uma demanda que a primeira Estação Ferroviária de Londrina não conseguia comportar de maneira adequada. Por conta de tal contextura, em 1946, se idealiza a proposta de construção de uma nova Estação Ferroviária, que viesse a suprimir estas novas necessidades práticas. Contudo, além desta função prática, ela também deveria exercer uma função de representação, representando a mentalidade da elite londrinense, impressionando seus visitantes como um grande portal de entrada, tornando-se símbolo do status que a cidade reivindicou para si. Para tanto, foi concebido um grande projeto arquitetônico de características monumentais. Os meios de representação se davam inclusive por meio dos materiais de construção empregados, referenciados terminantemente como de alta qualidade, além de suas amplas e inovadoras instalações de serviço (água, esgoto, luz, entre outras). Essa representatividade suplantava o domínio da infraestrutura e adentrava na forma arquitetônica da edificação, na sua plasticidade de caráter eclético, muito apreciado pelas elites locais da época (SILVA, 2012, p.126).

A referida estação funcionou até o início da década de 1980 e, desde 1986, abriga o Museu Histórico de Londrina. Sua estrutura encontra-se mais conservada que a do Museu de Arte, e sua forma arquitetônica ainda é um diferencial na paisagem da região central londrinense, uma vez que o prédio se localiza em meio a uma movimentada avenida e é vizinho ao terminal de ônibus urbano central da cidade. Assim, segundo Silva (2012), o prédio do atual Museu Histórico institui uma linguagem única, por conta não só de sua arquitetura, mas também de sua história, ambas muito representativas para a cidade.

Quanto à Praça Rocha Pombo, pode-se dizer que, atualmente, está em estado de atenção. Sua fonte luminosa, motivo de orgulho quando inaugurada, concentra água parada, acumulando lixo jogado pela população. Outros problemas são a frequência de usuários de drogas, e o fato de ter se tornado um ponto de prostituição há bastante tempo. Repetidamente, há matérias de jornais e programas televisivos locais, que reclamam da situação em que o logradouro se encontra e cobram soluções do poder público. Tais problemas acabaram por afastar o usuário urbano, impedindo-o de usufruir do local, como acontecia nos anos 1950.

Ainda na Imagem 38, é possível ver que, em frente ao prédio da Estação Ferroviária, encontram-se paradas diversas charretes, que faziam o transporte de passageiros e produtos da Estação para a cidade. Segundo Castelnou Neto, o serviço era bastante utilizado pela população devido ao seu custo mais acessível, e pelo fato de as charretes conseguirem transitar com maior facilidade pelas vias ainda não pavimentadas da cidade:

As charretes eram muito utilizadas para o transporte de passageiros, principalmente os que aportavam nas estações ferroviária e rodoviária. Era o meio de transporte mais acessível à população, uma vez que era barato e também por transitar mais facilmente pelas ruas e bairros, onde a pavimentação ainda não havia ocorrido (2000, p.70).

Outro ponto bastante interessante na Imagem 38 é seu plano de fundo, em que é perceptível um pouco da paisagem da cidade na área abaixo da Estação Ferroviária. O que se vê são algumas construções, que marcam os limites da cidade e, sobretudo, onde ela se perde em meio à vegetação rural.

Se esta fotografia for comparada à Imagem 01 do primeiro capítulo, onde Oswaldo Leite fez uma tomada muito similar, mas datada de 22 de julho de 1969, então se nota que a paisagem da Praça Rocha Pombo mudou bastante em uma década, assim como a paisagem da cidade abaixo da Estação Ferroviária. Dez anos depois, mais residências eram visíveis, ao invés da vegetação e das árvores que tomavam conta da paisagem; as charretes em frente à Estação deram lugar aos ônibus; e a rua em frente à Estação também se tornou arborizada, indicando o quanto a paisagem da região mudou, em um curto espaço de tempo.

Além disso, nos anos 1950 a linha férrea ainda funcionava como um divisor entre o que era considerado como a cidade de fato, que ficava acima da linha, e as vilas ou bairros, que ficavam abaixo. De acordo com Souza (2008), tal divisão foi prevista pela CTNP no início da fundação da cidade, ao conceder um espaço maior, mais bem equipado, e consequentemente mais caro, aos lotes que ficavam acima da linha, e um espaço menor e sem infraestrutura, aos lotes que ficavam abaixo. Assim, indivíduos de todos os níveis sociais poderiam adquirir um lote em terras londrinenses, de acordo com o capital que possuíssem:

Pouco tempo depois de a CTNP ter iniciado a venda dos lotes da futura Londrina, em 1929, a empresa resolveu também lotear um espaço externo ao plano inicial, para que trabalhadores mais humildes pudessem ter seu pedaço de terra na cidade. Na demarcação desta área externa, ficou definida uma fronteira física entre os lotes maiores, mais bem equipados, e os terrenos populares. O espaço que seria concedido à construção da linha férrea, que viria a ser instalada poucos anos após a abertura da mata, serviu como a fronteira entre os lotes mais caros e bem equipados, que ficaram do “acima da linha”, e aqueles destinados aos compradores mais pobres, que ficaram “abaixo da linha”. Os diretores da CTNP buscaram constituir um espaço loteado com terrenos menores, quase sem infra-estrutura, que servisse de moradia a trabalhadores urbanos pobres, sem condições de adquirir os lotes maiores da parte de cima da marca divisória (SOUZA, 2008, p.115).

Com o crescimento desordenado da cidade, será justamente o espaço abaixo da linha férrea que sofrerá maior ocupação, abrigando os inúmeros migrantes que vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida. Assim, morar acima ou abaixo da linha, nos anos 1950, era mais que uma separação territorial, constituindo-se, na verdade, em um fator de distinção social.

Ao mesmo tempo em que a cidade era dotada de construções e reformas que buscavam deixá-la com uma aparência moderna e progressista, existiam, por outro lado, as diferenças territoriais e de equipamentos urbanos, destinados às localidades de acordo com o nível econômico do morador. Tais diferenças foram inicialmente fomentadas pelas demandas em torno do poder aquisitivo dos compradores dos terrenos, pois a empresa loteadora, visando obter lucros com a venda das terras, estipulou diferentes preços de acordo com a topografia urbana, o que acabou por promover uma distinção social que atravessou gerações e se mantém no tecido urbano londrinense até hoje, em diferentes bairros.

Para Michel de Certeau (1998), isso se explica por uma cidade planejada, como foi o caso de Londrina, ser definida a partir de algumas possibilidades de operação, dentre elas a produção do próprio espaço, no qual a organização racional reprime todas as poluições físicas, mentais e políticas que possam comprometê-la. As anormalidades e desvios são rejeitados, tornando-se o refugio de uma administração funcionalista. Assim acabam surgindo as exclusões e diferenças, visíveis nas mais variadas formas de miséria e pobreza.

A partir disso, Londrina, nos anos 1950, pode ser vista como uma típica “cidade do capital”, como denominou Benatti (1996), onde a urbanização acelerada e o enriquecimento, trazido pelo cultivo de café, andavam ao lado de um intenso fluxo migratório, da expansão das áreas periféricas, e do aumento da pobreza, da criminalidade e de atividades ilícitas.

Finalmente, na Imagem 39, Oswaldo Leite captou outra obra de urbanização em mais uma praça da região central londrinense, a Praça Marechal Floriano Peixoto, em 17 de abril de 1957.

Aqui, Oswaldo Leite fez um plano médio, buscando focar no serviço executado pelo trator da Prefeitura Municipal. E a partir da legenda fornecida: “Serviços preliminares para asfaltamento, Praça Marechal Floriano Peixoto”, é possível compreender que a obra se encontrava ainda em fase inicial, já que o trator aparece nivelando o solo, para que posteriormente a pavimentação fosse realizada.

**Imagem 39** - Serviços preliminares para asfaltamento, Praça Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina. Fotógrafo: Oswaldo Leite. 17 de abril de 1957.

A partir da imagem, pode-se deduzir que a referida praça era bastante arborizada e, segundo Januzzi (2005), seu espaço também era bastante conhecido e utilizado pelos londrinenses desde os anos 1930, para passeios e práticas culturais e políticas, tendo sofrido algumas modificações em sua paisagem no decorrer dos anos<sup>96</sup>:

Em meados da década de 30, a Praça Marechal Floriano Peixoto era um grande gramado com algumas árvores, bancos de granilite e um coreto de madeira. Uma banda costumava tocar aos domingos naquela que era conhecida como a Praça da Matriz, onde a população realizava passeios e diversas práticas sociais, culturais e políticas. [...] Com a urbanização da Praça [...] na década de 40, que ganhou jardins aprazíveis e mastros, a paisagem do local alterou-se mais um pouco, tornando-se um lugar de cerimônias cívicas. Também era nessa praça que se realizavam festas, quermesses e comícios (2005, p.92).

Entretanto, o planejamento inicial da cidade de Londrina<sup>97</sup>, datado de 1932, não contava com indicações precisas de praças, como já afirmado anteriormente. Seus espaços

<sup>96</sup> Segundo Moraes (2009), a Praça Marechal Floriano passou por uma reforma, finalizada em 07 de setembro de 1943. Para mais informações, ver: MORAES, Daniela Reis de. *Praça Marechal Floriano Peixoto: Espaço de representação da ideologia do Estado Novo em Londrina – PR (1937-1945)*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

<sup>97</sup> O planejamento foi feito pelo geodesta russo Alexandre Razgulaeff. Para mais informações, ver: YAMAKI, Humberto. *Labirintos da Memória: paisagens de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2006.

foram sendo ocupados e utilizados pela população, mas só virão a ser oficialmente identificados enquanto praças a partir de 1953, com a Lei 216/53 (YAMAKI, 2006). Assim, é a partir dos anos 1950 que as obras de urbanização em tais espaços ganharão força. No caso da Praça Marechal Floriano, as obras tinham a finalidade de embelezá-la e deixá-la mais moderna, refletindo, novamente, a representação da mentalidade londrinense de apresentar a cidade como um lugar progressista e moderno. A intenção fica clara na matéria do jornal Folha de Londrina, de 23 de fevereiro de 1957, que anuncia as obras na referida praça:

Pela sua localização, aspecto urbanístico, e ainda pelo seu tamanho, a Praça Marechal Floriano é, sem dúvida, um dos mais importantes e aprazíveis recantos da cidade. [...] Falta-lhe, porém, para que ela se transforme realmente em uma praça moderna e perfeita, o necessário revestimento de suas vias de circulação. Este melhoramento vem, de há muito, sendo reclamado, muito justamente, pela população, mesmo porque sua falta, além de dificultar o trânsito de pedestres ali, constitui a única e mais séria lacuna que se observa na conhecida Praça. [...] O prefeito Fernandes Sobrinho, compreendendo bem a necessidade de dotar a Praça Marechal Floriano de revestimento, acaba de determinar ao Departamento competente da Municipalidade a adoção de providências no sentido de pavimentar as ruas internas daquele logradouro com asfalto. [...] A iniciativa, evidentemente, vem atender aos constantes reclamos que nesse sentido se fazem ouvir. Representa, por outro lado, mais uma confirmação do aspecto que caracteriza o atual governo municipal, qual seja: um GOVERNO REALIZADOR, que pauta suas atividades em base assentada justamente onde ela realmente deveria estar (Jornal Folha de Londrina, 23 de fevereiro de 1957, p.3).

No texto, observa-se que o pedido de calçamento no local era feito há tempos pela população, pois se tratava de um espaço bastante utilizado e que não contava com tal infraestrutura. Além disso, este seria o único e mais sério problema encontrado no logradouro. A matéria ainda destaca que foi o prefeito Fernandes Sobrinho quem, pensando no bem da população, realizou a obra, almejando tornar o espaço “uma praça moderna e perfeita”. Ou seja, além de divulgar o governo como realizador, em letras maiúsculas, o jornal lembrava que, para a referida praça se tornar um espaço perfeito e moderno, precisaria da pavimentação asfáltica de suas vias internas. Assim ela se tornaria ainda mais aprazível, poderia ser melhor desfrutada pela população, e ganharia ares de modernidade.

De acordo com Baczko, os imaginários sociais, como o criado pela elite londrinense, são capazes de revelar muito sobre uma época:

No sistema de representações produzido por cada época e no qual se encontra a sua unidade, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história” (1985, p.303).

Assim, as ilusões criadas em torno de Londrina como sendo uma cidade símbolo do progresso, onde havia muita riqueza, transcendiam o desejo de uma única parcela social para indicar, naquele momento, o anseio de milhares de sujeitos, que migravam em busca de uma vida melhor, mostrando que esse imaginário representava toda uma época.

Em 25 de abril de 1957, é divulgada mais uma nota no jornal Folha de Londrina, informando que as obras de pavimentação na praça, iniciadas naquele mês, seriam concluídas ainda em abril. A expectativa era de que a urbanização “embelezasse e melhorasse as condições da mais central praça pública londrinense” (Jornal Folha de Londrina, 25 de abril de 1957, p.03).

Já em outra reportagem do mesmo jornal, no dia 21 de dezembro de 1957, que fazia um balanço dos dois anos de governo de Fernandes Sobrinho e das obras que haviam sido empreendidas até aquele momento, descreve-se todo o trabalho realizado na Praça Marechal Floriano Peixoto:

Na Praça Marechal Floriano Peixoto, principal logradouro da cidade, procedemos no mês de abril, à pavimentação asfáltica de suas alamedas internas, num total de aproximadamente 2.700 metros quadrados. Os trabalhos constaram de preparo de leito, com pequeno desaterro e pavimentação propriamente dita, realizados pela administração. Foram ainda colocados ali modernos bancos de granito. Com essas obras, o importante logradouro ganhou aspecto inteiramente novo, transformando-se em um dos mais belos e aprazíveis da cidade (Jornal Folha de Londrina, 21 de dezembro de 1957, última página).

Portanto, as obras no referido logradouro não se restringiram à pavimentação de suas alamedas. Bancos também foram trocados. Na fotografia de Oswaldo Leite, é possível ver que os bancos ali existentes eram de concreto, mas, segundo a reportagem, alguns deles foram trocados por “modernos bancos de granito”. Assim, a almejada modernização da praça seria alcançada não só pela pavimentação asfáltica, mas também pela troca de seu equipamento por outros, mais novos e de materiais nobres, símbolos que deveriam atestar o progresso e crescimento local.

Cabe ainda dizer que, na década de 1950, os espaços públicos livres como as praças eram recantos de lazer para a população. Seus usuários dirigiam-se a tais espaços para encontros aos finais de semana, passeios, ou mesmo para uma atividade contemplativa:

A partir da segunda metade do século XX, os núcleos urbanos brasileiros começam a expandir-se muito rapidamente devido à implantação do modelo de produção industrial e à crescente atividade comercial. [...] O crescimento urbano passa a ser uma realidade, que exige adaptações da antiga cidade à nova conjuntura. Com o surgimento da energia elétrica, do automóvel, dos modernos meios de transporte coletivo e a decorrente consolidação de padrões modernos de urbanização, as ruas não podiam mais ser estreitas, tortuosas, e sim largas e arborizadas, para comportar o tráfego crescente. [...]. Seguindo essa expansão, o preço da terra urbana [...] torna-se mais elevado em função da demanda maior que a oferta. Por sua vez, os espaços livres públicos e privados, antes encontrados com facilidade nas cidades, tornam-se cada vez mais escassos. [...] Nessa etapa, o espaço livre público e urbano torna-se uma das opções de área de lazer existentes na cidade. Os parques e praças públicas passam a ser utilizados para tal fim, ainda que dedicados exclusivamente a atividades contemplativas. (ROBBA e MACEDO, 2003, p.32, 33,34).

Com o crescimento das cidades e as melhorias tecnológicas que ali chegaram, as praças e parques passaram a ser utilizados como áreas de lazer, de descanso da rotina diária, por uma população que tinha cada vez menos espaços dedicados a essa finalidade. Assim, tais locais adquirem um novo caráter para a população das cidades em crescimento.

De acordo com Gonçalves e Melo (2009), o contato com a natureza e com espaços ao ar livre passa a ser uma forma de compensar os problemas do mundo denso e poluído das cidades em crescimento. Atento a isso, os governantes em todo o país começaram a propor e implementar ações e intervenções que atendessem tal demanda. Exemplo disso é a urbanização de praças, como a ocorrida na Praça Marechal Floriano, em Londrina.

Assim, o poder público londrinense atenderia à necessidade da população, e também imprimiria ao espaço reformulado ares de progresso e modernização, por meio da escolha de um calçamento inovador e de bancos de material mais nobre. Por outro lado, é imprescindível lembrar que tais escolhas implicaram em um endividamento, herdado pelos administradores seguintes do município.

As fotografias de Oswaldo Leite permitiram, nesse capítulo, tratar, mesmo que às vezes exaustivamente - por repetir informações a respeito das imagens -, da transformação urbana que marcou a cidade na década de 1950. Foi possível perceber, sobretudo, o crescimento da cidade no período, e identificar que ele ocorreu de maneira rápida e

desordenada. O crescimento pôde ser observado a partir de detalhes destacados no texto, tendo sido reiterado pelas reportagens que contribuíram para explicar as imagens.

Tais imagens, inclusive, tiveram o intuito de, a partir do serviço de pavimentação, trazer junto ao debate sobre estrutura urbana, meios de locomoção, construções e propagandas comerciais, o principal mote desse trabalho: as fotografias de Oswaldo Leite como registro documental de uma época.

A documentação, explanada em texto, apontou que, com apenas duas décadas de fundação, o poder público municipal londrinense já tinha como um de seus principais problemas administrativos a questão da pavimentação, um setor considerado muitas vezes secundário em diversas cidades do país. Almejava-se dotar Londrina de símbolos de progresso e modernidade, e a pavimentação foi um deles, sobretudo a pavimentação asfáltica, por ser um processo inovador não só na cidade, mas em todo o país. Ao mesmo tempo, as ruas que não receberam pavimentação asfáltica foram calçadas com paralelepípedos ou moledo.

Pode-se dizer, para concluir, que Oswaldo Leite captou o crescimento da região central londrinense e também a adaptação política necessária para atender os anseios dos vários segmentos sociais, sobretudo a elite local. Em seu trabalho de fotógrafo, ao optar por planos mais abertos, enfatizou focar o trabalho dos operários e as obras que eram construídas. Em imagens quase panorâmicas, captou detalhes das vias nas quais ocorriam as obras, incluindo as edificações residenciais e comerciais do entorno. Explorou também as técnicas utilizadas e os materiais e maquinários empregados para a realização das construções.

Ainda notou-se, a partir das fotografias, a consolidação de Londrina enquanto polo regional, uma função que, com o tempo, se exponencia ainda mais<sup>98</sup>. Aqui, no entanto, o foco foi somente a década de 1950.

Em conjunto com as imagens de *Saneamento*, foi oferecida, assim, uma amostra do que era a região central londrinense e a força do imaginário social para fomentar o moderno e o modernizante.

---

<sup>98</sup> Sobre a importância dada à vocação comercial de Londrina, sobretudo a partir dos anos 1970, ver: CESÁRIO. Ana Cleide Chiarotti. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira*. Um estudo de poder local: Londrina Pr. 1934-1979. 1986. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

*Considerações*

*Finais*

Ao longo deste trabalho, buscou-se apresentar quem foi Oswaldo Leite e parte de seu acervo fotográfico, referente aos anos 1950, sob a guarda do Museu Histórico de Londrina. Espera-se, a partir da discussão feita sobre suas imagens, estimular uma maior compreensão histórica sobre a década de 1950 em Londrina.

Conforme se discutiu, o processo vivido por Londrina no período demarcado no trabalho, compreendido como de crescimento e modernização, especialmente em sua área central, foi uma reverberação do processo que acontecia no restante do Brasil na década de 1950. O momento foi marcado pela mudança nos hábitos de consumo de parte da população, introduzida com a abertura do Brasil ao mercado internacional e à industrialização, incentivadas pelo Plano de Metas de J.K e pelo “*American Way of Life*”, processo esse divulgado e incentivado em todo o território nacional. Tais mudanças impulsionaram grandes levas de migrantes, que saíam de diversas áreas do país, em busca de emprego e de melhores condições de vida, deslocando-se para os grandes centros ou cidades em crescimento, como Londrina.

Contudo, a região norte paranaense tinha suas peculiaridades. Em Londrina, as mensagens da política e do capital foram “abraçadas” por seus administradores e sociedade de modo geral, estimulados, sobretudo, pelo sentimento urgente de vê-la estabelecida como cidade símbolo do progresso, que fora representado nas construções em concreto armado, nos detalhes de acabamento das referidas obras em estilo arquitetônico moderno, e na implementação de infraestrutura urbana de saneamento básico e pavimentação das principais vias da cidade.

O trabalho de Oswaldo Leite na Prefeitura Municipal destaca-se nesse processo, pois como migrante trouxe na mala seu gosto pela fotografia e fez dela um de seus instrumentos de trabalho. Usou-a como registro, modo esse de contribuir para documentar a transformação da cidade sertão em cidade polo regional, nos anos 1950.

Por outro lado, suas fotografias também são um registro do trabalho que desenvolvia na Prefeitura Municipal, dentro da Secretaria de Obras, responsável por autorizar toda a implantação de infraestrutura urbana. Seu olhar técnico; a divulgação de suas imagens pelo poder público municipal em um jornal de grande circulação no município; e a captura da visita dos prefeitos às obras que estavam ocorrendo, atestam o caráter de registro do seu trabalho.

Para dar a dimensão do trabalho desse fotógrafo, suas imagens foram aqui apresentadas como fontes documentais. Elas viabilizaram observar as entranhas da cidade, suas principais vias em construção ou remodelação. Ao mesmo tempo, a cada imagem

discutida no texto, objetivou-se apresentar Oswaldo Leite e seu “*modus operandi*” na fotografia ao fazer tomadas específicas, de acordo com o que pretendia registrar. Se fosse o estágio em que determinada obra se encontrava, optava por planos mais abertos e fotos panorâmicas, dando detalhes da área na qual a construção estava inserida, e das técnicas ali empregadas. Se a opção fosse por retratar um detalhe específico da obra, fazia planos médios ou mais fechados, particularizando o trabalho executado pelos operários e as ferramentas e técnicas utilizadas.

As matérias veiculadas, muitas vezes a mando do poder público no jornal Folha de Londrina, também contribuíram para trazer luz a alguns feitos do processo de transformação urbana ocorridos durante os anos 1950. Através das reportagens, buscou-se compreender um pouco mais sobre a cidade daquela época e também sobre o imaginário social local, que almejava ver Londrina como um modelo de crescimento e progresso. Ao mesmo tempo, buscou-se frisar que tal imaginário foi elaborado pela elite local, e por pressão desta parcela social a região central, onde ela residia, foi o espaço onde as modificações ocorreram de maneira mais intensa nos anos 1950.

As fotografias e as reportagens ofereceram, assim, a possibilidade de se “conhecer” uma cidade que passava, nos anos 1950, por um período de transição, de sertão à estabilização como cidade polo regional, que não vivia exclusivamente do cultivo cafeeiro ou das madeiras.

Assim, é possível afirmar que as imagens feitas por Oswaldo Leite nos anos 1950 são os vestígios captados por ele da realidade vivida e, portanto, ricas fontes históricas para que fosse exequível abordar as transformações ocorridas em Londrina no período. As obras fotografadas por Leite, além de indicarem o crescimento local, também demonstram como tais obras eram importantes para uma cidade que crescia a passos largos e não possuía, até aquele momento, infraestrutura suficiente para atender à população.

Intrínseco à escrita sobre tais questões foram tratados os problemas advindos tanto com a realização das obras, quanto com o rápido crescimento da cidade. Nesse ponto, com destaque para as reclamações de parte da população sobre a demora das obras, resultando em transtorno que dificultava o cotidiano urbano.

O jornal Folha de Londrina, mais uma vez, foi o porta-voz enquanto veículo de imprensa que tudo procurava noticiar, tornando-se um arcabouço documental deste trabalho para abordar os temas pretendidos, pois contribuiu com reportagens sobre o alto custo das obras aos cofres públicos e o crescimento de bairros sem nenhuma infraestrutura nas áreas

periféricas da cidade, que abrigavam migrantes em busca de uma vida melhor na cidade “símbolo do progresso”, informações que ajudaram a melhor interpretar as fotografias.

Reitera-se, portanto, a significação das fotografias de Oswaldo Leite. Seu trabalho tem um valor de fonte documental por representar um meio de se “conhecer” as reformas e construções ocorridas em Londrina na década de 1950, mas também a própria região central da cidade. Suas fotografias oferecem condições para que se entenda melhor o imaginário social elaborado pela elite local, e posteriormente adotado pelo restante da população, que buscava transformar Londrina em um espaço símbolo do progresso.

De maneira geral, portanto, o acervo de Oswaldo Leite representa um registro da história londrinense, que por pouco não se perdeu graças ao ato de Helio Silva, funcionário da Prefeitura Municipal, ao impedir que o mesmo fosse incinerado. Isso acaba suscitando a questão da preservação histórica em cidades novas, como Londrina<sup>99</sup>. É preciso que haja maior esclarecimento por parte dos órgãos de preservação e maior divulgação da importância dos acervos para que importantes documentos não se percam, e junto com eles parte da história e da memória das sociedades.

No caso do acervo de Oswaldo Leite, ainda é preciso que haja maior divulgação de sua obra, para que mais pesquisadores venham a conhecê-la e estudá-la, afinal, muitas fotografias deste conjunto ainda se encontram inéditas, esperando para serem trabalhadas. E as conhecidas podem receber outras interpretações. Tudo isso, certamente, irá auxiliar na produção de conhecimento e na consequente preservação da memória local, permitindo que a cidade de Londrina mantenha e renove seus referenciais históricos.

---

<sup>99</sup> Sobre a preservação de documentos em cidades novas, ver: PAULA, Zueleide Casagrande de; Cardoso, Laureci S.; CARVALHO, Sara V. de. A fotografia e o acervo fotográfico do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH-UEL) na perspectiva patrimonial. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André (Orgs.). *Educação, identidades e patrimônio*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora/Editora Fecilcam, 2012.

# *Referências*

ALMEIDA, Lúcio Flávio de. “Não comprar gato por lebre – para um reexame da relação entre nacionalismo e antiimperalismo nos anos JK”. *Lutas Sociais*, n. 15/16. São Paulo, NEILS, 2006.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Entre o mito e a técnica: Representações de natureza em fontes fotográficas (Londrina, 1934-1944)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

ARAÚJO, Íris Moraes. *Versões do “progresso”*: a modernização como tema e problema do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo (1862-1902). 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: Representações da política em Londrina, 1930-1975*. Londrina: Eduel, 1998.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

BARROSO, Vicente. *O Famoso Norte do Paraná - Terra onde se anda sobre o dinheiro*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1956.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens*. Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1970). 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, Tadeu (Org.). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BERTOLUCI, João Marcelo Lamonato. Nós de estrangulamento dos serviços públicos: o saneamento básico em Londrina. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BONI, Paulo César. Hotéis: infraestrutura imprescindível para alavancar o desenvolvimento do norte do Paraná. In: BONI, Paulo César e TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (Orgs). *Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

\_\_\_\_\_; SILVA, Sara Hermógenes. Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2009. *Anais...* Fortaleza: 2009.

\_\_\_\_\_. Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 1930 a 1960. In: BONI, Paulo César (org). *Retratos da cidade*. Londrina: Midiograf, 2014.

BORTOLOTTI, João Baptista. *Memórias do planejamento urbano de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2007.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha de S. Paulo, 2003.

CANDOTTI, Eliane Aparecida. *Memórias da cidade: Londrina 1930/1960*. 1997. Monografia (Especialização em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e fotografia no século XIX. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia, usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASARIL, Carlos Casemiro. *Meio Século de Verticalização Urbana em Londrina – PR e sua distribuição espacial: 1950-2000*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CASTELNOU NETO, Antonio Manuel Nunes. Arquitetura das primeiras décadas de Londrina. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v.1, n. 1. 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

CERNEV, Jorge (org.). *Memória e Cotidiano: Cenas do Norte do Paraná*. Escritos que se recompõem. Londrina: MEC-SESU, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira*. Um estudo de poder local: Londrina Pr. 1934-1979. 1986. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo.

CLASSIFICADO o nosso entre os cinco municípios de maior progresso administrativo do Brasil. *Folha de Londrina*, Londrina, 20 ago. 1955. Matéria de capa.

COSTA, Helouise. Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O Cruzeiro In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia, usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998.

COSTA, Mônica Patrícia; BONI, Paulo César. Apucarana: Um olhar sobre o passado. In: BONI, Paulo César (org.). *Certidões de nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina-Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

DAMASIO, Cláudia P. A construção e a imagem da cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século. In: SOUZA, C. F.; PESAVENTO, S. J (Orgs.). *Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FARIA, Eloir de Oliveira. *História dos transportes terrestres no mundo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERREIRA, Pedro Cavalcanti; MALLIAGROS, Thomas Georges. *Investimentos, Fontes de Financiamento e Evolução do Setor de Infra-estrutura no Brasil: 1950-1996*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FERRO, Sérgio. *O canteiro e o desenho*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1982.

FISCHER, Rogério. A cinquentenária caixa d'água da Higienópolis. *Planeta Sercomtel*, Londrina, 20 out. 2010. Disponível em: <<http://www.planetasercomtel.com.br/boas-historias/93681/a-cinquentenaria-caixa-dagua-da-higienopolis.html>>. Acesso em 11 set. 2014.

FREITAS FILHO, Almir Pita. O desenvolvimento industrial no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX: transformações urbanas e a indústria da construção civil. In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH RJ, 2002. *Anais História e Biografias*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

FRESCA, Tânia M. A área central de Londrina: uma análise geográfica. *Geografia*, Londrina, v. 16, n. 02, jul./dez. 2007.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. *Agonia de morar: urbanização e habitação na cidade do Rio de Janeiro (DF) - 1945/50*. Londrina: Eduel, 2012.

GONÇALVES, Cleber Augusto; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n03. 2009.

GONÇALVES, Nilva G. T. *Serviço de abastecimento de água em Londrina*. 1991. Trabalho acadêmico (curso de História) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GOUVEIA, Ana Paula Silva et al. Epígrafes arquitetônicas: Assinaturas dos arquitetos e construtores da cidade de São Paulo. *Oculum Ensaíos*, n. 07- 08. 2013.

GUIA Globo Paraná de Importação e Exportação (1953-1954). Porto Alegre: Clarim, 1953.

HARDING, Colin. Fotografia Popular. In: HACKING, Juliet (editora geral). *Tudo sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HOFFMANN, Maria Luisa; PIVETA, Patrícia. O nascimento de Londrina deu início ao processo de colonização do Norte do Paraná. In: BONI, Paulo César (org.). *Certidões de nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina-Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

IVANO, Rogério. *Crônicas de Fronteira: Imagem e Imaginário de uma Terra Conquistada*. 2000. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual Paulista, Assis.

JANUZZI, Denise de Cássia Rossetto. O desenvolvimento de Londrina e as transformações nos espaços públicos da região central. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v.26. 2005.

Jornal *Folha de Londrina*, Londrina, 13 jan. 1954. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 19 jan. 1954. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 20 jan. 1954. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 06 abr. 1955. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 03 mai. 1955. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 15 mai. 1955. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 01 dez. 1955. Matéria de capa.

\_\_\_\_\_, 11 dez. 1955. P.05 e 06.

\_\_\_\_\_, 08 jun. 1956. Capa segundo caderno.

\_\_\_\_\_, 19 jul. 1956. Sessão Ronda pela cidade. Última página.

\_\_\_\_\_, 18 jan. 1957. Matéria de capa.

\_\_\_\_\_, 23 fev. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 19 mar. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 25 abr. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 08 mai. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 19 mai. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 24 mai. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 04 jun. 1957. Matéria de capa.

\_\_\_\_\_, 20 jun. 1957. P.03.

\_\_\_\_\_, 05 dez. 1957. P.03

\_\_\_\_\_, 18 dez. 1957. P. 03. Sessão “Dois anos de um govêrno que realiza!”.

\_\_\_\_\_, 19 dez. 1957. P.03.

- \_\_\_\_\_, 21 dez. 1957. Última página.
- \_\_\_\_\_, 24 jun. 1958. P.03.
- \_\_\_\_\_, 12 set. 1958. Sessão “Ronda pela cidade”. Última página.
- \_\_\_\_\_, 16 set. 1958. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 28 set. 1958. P. 06.
- \_\_\_\_\_, 09 out. 1958. P.03
- \_\_\_\_\_, 22 out. 1958. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 07 nov. 1958. Última página.
- \_\_\_\_\_, 02 dez. 1958. Sessão “Ronda pela cidade”. Última página.
- \_\_\_\_\_, 07 dez. 1958. P.03
- \_\_\_\_\_, 21 jan. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 24 jan. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 27 jan. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 12 fev. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 02 set. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 14 out. 1959. P.06.
- \_\_\_\_\_, 22 out. 1959. P. 03
- \_\_\_\_\_, 10 dez. 1959. P.05
- \_\_\_\_\_, 18 dez. 1959. Sessão Ronda pela cidade. Última página.
- \_\_\_\_\_, 28 jul. 1991. P.16.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LARA, Fernando Luiz Camargos. Modernismo popular: Elogio ou imitação? *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 12, n.13. 2005.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIMA, Fausto C. de. *Prestes Maia em Londrina: Moderno em que Sentido?* 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura/Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LIMA, J.P et al. A prática de gestão de pavimentos em cidades médias brasileiras. In: 2º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEAMENTO URBANO REGIONAL INTEGRADO E SUSTENTÁVEL, 2006. Portugal. *Anais...* Portugal: Universidade do Minho, 2006.
- LIMA, Leilane Patrícia de; ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. O café em Londrina e no Paraná: Abordagens para exploração do tema em sala de aula. In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs). *Temas e questões para o ensino de história do Paraná*. Londrina: Eduel, 2013.
- LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: Estudo de Caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia, usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- LINARDI, Maria Cecília Nogueira. *Pioneirismo e Modernidade: A urbanização de Londrina*. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.27, n.53. 2007.
- LONDRINA. Lei Municipal n. 133, de 27 de dezembro de 1951. Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15568&Itemid=1627](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15568&Itemid=1627)>. Acesso em 01 dez. 2013.
- LOPES, André Camargo. As margens do progresso: A expansão urbana de Londrina nas representações de moradores de um bairro popular às margens da cidade. *Antíteses*, Londrina, v. 03, n.º.05, p. 553-585, janeiro-junho. 2010.
- LORD, Russel. Retratando o mundo. In: HACKING, Juliet (editora geral). *Tudo sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MELO, Alice. Patrimônio em perigo. *Revista de História*, 01 ago. 2014. Disponível em: <[www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/patrimonio-em-perigo-14](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/patrimonio-em-perigo-14)>. Acesso em 22/10/2014.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. et al (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53. 2007.

NOGUEIRA, Humberto Fernandes. Imprensa e Ideologia: o jornal Folha de Londrina e os conflitos entre proprietários e trabalhadores rurais em Londrina e região na década de 50. *Mediações*, Londrina, v.4, n.2, jul.-dez. 1999.

OSHIRO, Vitor Hiromitsu Ferreira. Hotel dos viajantes: uma mina de ouro para a história londrinense. In: BONI, Paulo César e TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (Orgs.). *Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

PAULA, Zueleide Casagrande de. *A cidade e os jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

PEREIRA, Adriana Maria Pinheiro Martins. *A cultura amadora na virada do século XIX: a fotografia de Alberto Sampaio (Petrópolis/ Rio de Janeiro, 1888-1914)*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIRES, Lucas Rodrigues da Motta. *O Brasil de Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Landy, 2006.

PISANI, Maria Augusta Justi; CORRÊA, Paulo Roberto. Rodoviária de Londrina: tempo, transformação e outros usos. In: *III Fórum de Pesquisa Mackenzie*. São Paulo, 2007.

PREFEITURA do município de Londrina. *Plano Municipal de Saneamento Básico*. Relatório de diagnóstico da situação do saneamento. 2009.

QUINTO JR, Luiz de Pinedo. Nova legislação urbana e os velhos fantasmas. *Estudos Avançados*, n. 17. 2003.

ROBBA, Fabio e MACEDO, Silvio Soares. *Praças Brasileiras*. São Paulo: Editora da USP - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

ROEPER, Sandro Joel Roecker. Estratégias de desenvolvimento no 2º governo Vargas (1951 – 1954) sob a ótica EPSM (Economia Política dos Sistemas Mundo). In: IV COLÓQUIO BRASILEIRO DE ECONOMIA POLÍTICA DE SISTEMAS-MUNDO, 2010. *Anais...* Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTOS, Rosane Mioto. Hotel Tóquio: a simplicidade se hospeda na capital mundial do café. In: BONI, Paulo César e TEIXEIRA, Juliana de Oliveira (Orgs.). *Hotéis históricos do Norte do Paraná*. Londrina: Midiograf, 2013.

SANTOS, Rubens Rodrigues dos (Coord.). *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*. Publicação comemorativa do Cinquentenário da Cia. Melhoramentos Norte do Paraná. 1975.

SATO, Larissa Ayumi; BONI, Paulo César. Cidade dos passarinhos – a história de Arapongas (décadas de 30 e 40). In: BONI, Paulo César (org.). *Certidões de nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina-Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária*. Campinas: Papyrus, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVERO, Ana Karla da Silveira; NETO, Antônio Fausto. Um olhar sobre três jornais paranaenses e suas relações de comunicação, consumo e práticas sociais. *Revista Anagramas*, São Paulo, Ano 03, Edição 02, p.1-19, dezembro-fevereiro. 2009/2010.

SILVA, Priscilla Perrud. O portal de ferro da modernidade: a segunda estação de ferro de Londrina - PR (1946-1986). *Revista Trilhas da História*, Três Lagoas, v.1, n.2. 2012.

SITE Câmaras & Cia. Disponível em: <<http://camarasecompanhia.blogspot.com.br/2011/10/n-10-yashica-mat-124.html>>. Acesso em 13/06/2014.

SOUZA, Éder Cristiano de. *Os excluídos do café: As classes populares e a transformação no espaço urbano de Londrina. 1944-1969*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A identidade da metrópole*. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1994.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

TEIXEIRA, Adão Francisco. *História dos transportes coletivos em Londrina*. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

UNFRIED, Rosana Reineri; BONI, Paulo César. Para evitar que o Leite fosse derramado: a história da recuperação de um dos mais importantes acervos fotográficos de Londrina. In: BONI, Paulo César (org). *Retratos da cidade*. Londrina: Midiograf, 2014.

VIANI, Renato Mateus Gorne. *Praças de Londrina*. Londrina, 2002. CD-ROM.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

YAMAKI, Humberto. *Labirintos da Memória: paisagens de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2006.

ZANI, Antônio Carlos. Casas de madeira em Londrina. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). *Patrimônio histórico e cultural da cidade de Londrina – PR*. Londrina: LEDI, 2011.

ZÓRTEA, Alberto João. *Londrina através dos tempos e crônicas da vida*. Edição comemorativa ao 40º aniversário. São Paulo: Juriscredi, 1975.